



"Miller junta-se a Stieg Larsson,
Henning Mankell e Jo Nesbø,
a santíssima trindade dos autores
de policiais escandinavos."

BOOKLIST

**Um
estranho lugar
para morrer**
**DEREK
B. MILLER**



Ficha Técnica

Titulo original: Norwegian by Night
Autor: Derek B. Miller
Edição: José Prata
Revisão: Rita Marques/Paulo Sampaio
Capa: Neusa Dias
Fotografia da capa: © Sandra Cunningham / Trevillion Images
ISBN: 9789892328607

LUA DE PAPEL
[Uma chancela do grupo Leya]
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2013, Derek B. Miller
Derek B. Miller assegurou o direito de ser identificado como autor desta obra ao abrigo da Secção 77 da legislação Copyright,
Designs and Patents Act 1988.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

luadepapel@leva.pt
<http://editorialuadepapel.blogs.sapo.pt>
www.leva.pt

Para o meu filho

PRIMEIRA PARTE

O Paralelo 59

Capítulo 1

É um dia de verão resplandecente. Sheldon Horowitz está sentado numa cadeira de realizador, num recanto sombrio do parque Frogner, em Oslo, numa posição sobranceira ao piquenique e longe da comida. Tem uma sanduíche de *karbonade* no prato de papel pousado no colo, meio comida porque não lhe agrada. Com o indicador direito, brinca com a condensação que se formou na garrafa de cerveja que começou a beber, mas da qual se desinteressou há um bom bocado. Mexe os pés para trás e para a frente como um menino pequeno, mas agora, aos oitenta e dois anos, eles movem-se mais devagar, descrevem um arco mais modesto. Sheldon nunca o diria a Rhea e a Lars – nunca, claro que não –, mas não pode deixar de se perguntar o que está ali a fazer e que medidas vai tomar antes que lhe passe a perplexidade.

Sheldon encontra-se a um metro de distância da neta, Rhea, e de Lars, o marido dela, que está nesse momento a beber um longo trago de cerveja, exibindo um ar tão alegre, tão simpático, tão enérgico, que Sheldon tem vontade de lhe arrancar o cachorro quente da mão e lho enfiar pelo nariz acima. Rhea, que está estranhamente pálida, não reagiria bem a isso e o gesto de Sheldon poderia condená-lo a mais *excursões de socialização* (“para o avô se adaptar”), e Sheldon não as merecia, não num mundo onde houvesse justiça, tal como Lars também não merecia a manobra do cachorro quente. Mas fora ideia de Rhea mudarem-se de Nova Iorque para a Noruega e Sheldon – viúvo, impaciente, impertinente – via na atitude de Lars um desejo reprimido de se vangloriar.

E nada disso era justo.

– Sabem porque é que os cachorros quentes se chamam cachorros quentes? – pergunta Sheldon, da sua posição altaneira. Se tivesse uma bengala, agité-la-ia no ar, mas ainda não precisa de usar bengala.

Lars levanta os olhos, atento. Rhea, porém, suspira baixinho.

– Vem da Primeira Guerra Mundial. Estávamos irritados com os alemães, por isso castigámo-los, dando nomes novos à comida deles. Sempre foi melhor do que a guerra contra o terrorismo: como estamos irritados com os terroristas, castigamos os franceses dando nomes novos à nossa própria comida.

– O que é que quer dizer com isso? – pergunta Lars.

Sheldon vê Rhea dar um toque na perna de Lars e arquear as sobrancelhas, insinuando – com a intensidade de um ferro em brasa – que ele não deve incentivar Sheldon a esse tipo de tirada tresloucada, esses acessos de disparate, esses desvios ao aqui e ao agora. Tudo o que contribua para a demência tão acesamente debatida.

Sheldon não devia ter visto essa ferroada, mas viu, e redobra de convicção.

– *Freedom fries!* Estou a falar de *Freedom fries*. Adeus *French fries*, olá *Freedom fries*. Foi o Congresso que engendrou esta ideia desmiolada.¹ E a minha neta acha que *eu* é que estou a perder o juízo. Deixa-me que te diga uma coisa, minha menina. Não estou a passar-me para o lado de lá da sanidade mental. O lado de cá é que me está a fazer passar da cabeça.

Sheldon olha à sua volta. Não se vê a maré de desconhecidos aleatórios que se vê em qualquer metrópole americana, o tipo de desconhecidos que não só *nós* não conhecemos, mas que também não se conhecem entre si. Encontra-se entre pessoas altas, homogêneas, conhecidas umas das outras, bem-intencionadas e sorridentes, todas vestidas com o mesmo tipo de roupa transgeracional e, por mais que tente, não consegue discerni-las.

Rhea. Reia, o nome de uma titânide. Filha de Úrano e Geia, céu e terra, mulher de Crono, mãe dos deuses. O próprio Zeus mamou no seu seio e do seu corpo nasceu o mundo conhecido. O filho de Sheldon – Saul, já falecido – deu-lhe esse nome para a elevar acima da banalidade no meio da qual trabalhou no Vietname, na Força Ribeirinha da Marinha, em 1973-74. Voltou para casa durante um mês para descansar e se descontraír antes de partir numa segunda comissão. Foi em setembro. As árvores estavam verdejantes à beira do Hudson e nos Berkshires. Segundo a sua mulher, Mabel – que também já falecera, mas que, no seu tempo, estivera a par dessas coisas –, Saul e a namorada só fizeram amor uma vez durante essa estadia e Rhea foi concebida nessa altura. Na manhã seguinte, Saul teve uma conversa com Sheldon que os transformou a ambos e, depois, voltou para o Vietname onde, passados dois meses, ficou sem as pernas na explosão de uma mina vietcongue, enquanto procurava o piloto de um avião que fora abatido. Era uma missão rotineira de busca e salvamento. Saul esvaiu-se em sangue no barco antes de chegar ao hospital.

“Dá-lhe o nome *Rhea*”, escreveu Saul na última carta que enviou de Saigão, quando Saigão ainda era Saigão e Saul ainda era Saul. Talvez se lembrasse da mitologia que aprendera no liceu e tenha escolhido o nome pelos motivos certos. Ou talvez se tenha simplesmente apaixonado por aquela malfadada personagem do livro de Stanislaw Lem², que lia debaixo do cobertor de lã depois de os outros soldados se terem deixado levar pelo sono.

Foi preciso um autor polaco para inspirar aquele judeu americano, que deu à filha o nome de uma titânide grega antes de ser morto por uma mina vietnamita, num esforço para agradar ao pai fuzileiro, que em tempos fora franco-atirador na Coreia... e que de certeza ainda era perseguido pelos norte-coreanos através das terras ermas da Escandinávia. Sim, inclusive ali, entre o verde do parque Frogner, num dia soalheiro de julho, com tão pouco tempo pela frente para expiar todos os seus erros.

“Rhea”. Não significa nada ali. *Rea* significa “saldos” em sueco. E assim, de uma

maneira tão fácil, tudo se desfaz.

::::

– Vô? – diz Rhea.

– Sim?

– Então, o que é que acha?

– De quê?

– Da zona. Do parque. Do bairro. É para aqui que nos vamos mudar, quando vendermos a casa de Tøyen. Sei que não é propriamente o luxo de Gramercy Park.

Como Sheldon não responde, ela arqueia as sobrancelhas e abre as palmas das mãos como que para instigar uma resposta.

– Oslo – resume ela. – A Noruega. A luz. Esta vida.

– Esta vida? Queres saber a minha opinião sobre esta vida?

Lars mantém-se em silêncio. Sheldon olha para ele em busca de solidariedade masculina, mas Lars está longe dali. Retribui o olhar, sem envolver, no entanto, as suas faculdades mentais. Lars está cativo de uma *performance* cultural que lhe é estrangeira, uma *performance* entre avô e neta, um duelo verbal para o qual a vida não o preparou e que ele sabe que seria falta de educação interromper.

E, contudo, há um sentimento de compaixão. O rosto de Lars exhibe uma das poucas expressões universais partilhadas pelos homens do mundo inteiro. Diz: *Acabei de me casar e esta conversa é nova para mim, por isso não olhes para mim*. Nisso, Sheldon encontra qualquer coisa de familiar nele, mas pressente também algo de profundamente norueguês. Algo tão *acrítico* que lhe bole imediatamente com os nervos.

Sheldon olha novamente para Rhea, aquela mulher com quem Lars conseguiu casar-se. Tem o cabelo preto retinto apanhado num rabo de cavalo sedoso. Os seus olhos azuis cintilam como o mar do Japão antes da batalha.

Sheldon tem a impressão de que o olhar dela se tornou mais profundo por causa da gravidez.

Esta vida? Se esticasse o braço para lhe tocar no rosto, naquele instante, para deslizar os dedos pelas maçãs do rosto e esfregar o polegar no lábio inferior da sua neta para lhe limpar uma lágrima errante causada por uma brisa forte, de certeza que se desmancharia em soluços e a agarraria, a abraçaria de encontro ao peito e lhe encostaria a cabeça ao ombro. Há vida *a caminho*. É só isso que importa.

Ela está à espera de uma resposta para a sua pergunta e a resposta não vem. Ele está especado a olhar para ela. Talvez se tenha esquecido da pergunta. Ela fica desiludida.

O sol só se põe depois das dez. Há crianças em toda a parte e as pessoas saíram do trabalho mais cedo, para desfrutarem do verão que se estende diante delas como a recompensa pela escuridão dos meses de inverno. As mães encomendam sanduíches e dão bocadinhos aos filhos, enquanto os pais arrumam biberões de plástico em

berços caros com nomes exóticos.

Quinny. Stokke. Bugaboo. Peg Perego. Maxi-Cosi.

Esta vida? Ela tinha obrigação de saber que aquela vida era o produto de muitas mortes. Mario. Bill. Mabel, a avó de Rhea, que morrera há oito meses, levando à mudança de Sheldon para ali.

É impossível calcular a trajetória causada pela morte de Saul.

:::::

O funeral de Mabel realizou-se em Nova Iorque, embora ela e Sheldon fossem oriundos de diferentes partes do país. Ele nasceu na Nova Inglaterra e ela em Chicago. Acabaram ambos por se instalar em Nova Iorque, primeiro como visitantes, depois como residentes e, passados muitos anos, possivelmente como nova-iorquinos.

Depois do serviço fúnebre e da recepção, Sheldon foi sozinho para um café em Gramercy, perto de casa. A tarde ia a meio, a hora do almoço já tinha acabado. Os convidados do funeral já se tinham ido embora. Sheldon devia estar a cumprir o *shiva*, a deixar a comunidade cuidar dele, alimentá-lo e fazer-lhe companhia durante sete dias, como mandava a tradição. Em vez disso, sentou-se no café e salão de chá do número 71 de Irving Place, perto da Rua 19, a comer um queque de mirtilos e a bebericar um café. Rhea tinha vindo de avião para a cerimónia, sem Lars, e apercebeu-se da fuga de Sheldon da recepção. Encontrou-o a uns quarteirões de distância e instalou-se na cadeira à frente dele.

Vestia um belo fato preto e levava o cabelo caído pelos ombros. Tinha trinta e dois anos e uma expressão determinada no rosto. Sheldon interpretou mal o motivo dessa expressão, pensando que ela o ia repreender por ter desrespeitado o *shiva*. Quando Rhea disse o que lhe ia na mente, ele quase cuspiu um mirtilo de um lado ao outro da mesa.

– Venha connosco para a Noruega – disse ela.

– Não digas disparates – retorquiu Sheldon.

– Estou a falar a sério.

– Eu também.

– A zona chama-se Frogner. É maravilhosa. O edifício tem uma entrada à parte para o apartamento da cave. O avô seria completamente independente. Ainda não estamos lá a viver, mas, até ao inverno, mudamo-nos.

– Aluguem-no a *trolls*. Há *trolls* na Noruega, não há? Ou é na Islândia?

– Não queremos alugá-lo. Seria uma sensação estranha saber que tínhamos desconhecidos debaixo dos nossos pés a tempo inteiro.

– Isso é por não teres filhos. Quem os tem, habitua-se a essa sensação.

– Acho que devia vir. O que é que o prende aqui?

– Além dos queques de mirtilos?

– Por exemplo.

– Pergunto-me se, na minha idade, será preciso mais do que isso.
– Não ponha a ideia de parte.
– E faço o quê, lá? Sou americano. Sou judeu. Tenho oitenta e dois anos. Sou um viúvo aposentado. Um fuzileiro. Um relojoeiro. Demoro uma hora a fazer chichi. Há lá algum clube especial para mim de que não me tenha apercebido?
– Não quero que morra sozinho.
– Pelo amor de Deus, Rhea.
– Estou grávida. A gravidez ainda vai no início, mas está confirmada.
Perante isso, e sendo aquele dia o que era, Sheldon pegou-lhe na mão e encostou-a aos lábios, fechou os olhos e tentou sentir uma vida nova no pulso dela.

:::::

Rhea e Lars viviam em Oslo há quase um ano, quando Mabel morreu e Sheldon decidiu partir. Lars tinha um bom emprego como criador de videojogos e Rhea estava a começar carreira como arquiteta. O diploma da Cooper Union de Nova Iorque já estava a dar frutos e, enquanto a população de Oslo fazia questão de partir e se instalar em chalés nas montanhas, ela decidiu ficar na cidade.

Lars, ao bom estilo de Lars, ficou feliz da vida e mostrou-se encorajador e otimista perante a capacidade de Rhea para se adaptar e juntar ao cardume. Os noruegueses, fiéis à sua natureza, preferem desovar nas suas águas originárias. Consequentemente, Oslo é povoado por noruegueses casados com uma população-sombra de almas deslocadas que exibem, todas elas, o ar de turistas, levados, como crianças, a visitar o Museu de Cera.

Com a ajuda dos pais, Lars comprara um apartamento T3 com diferentes níveis, em Tøyen, em 1992, que agora valia quase três milhões e meio de coroas, o que era muito para uma parte da cidade que Sheldon equiparava ao Bronx. Juntos, ele e Rhea tinham poupado quinhentos mil em dinheiro vivo e com um empréstimo – que era puxado, mas não horripelantemente puxado –, tinham um T3 debaixo de olho em Frogner, que para Sheldon era o equivalente a Central Park West. Era um bairro ligeiramente sufocante, mas Lars e Rhea estavam cansados de esperar que Tøyen se aburguesasse e o influxo de imigrantes estava a empurrar as famílias com dinheiro para outras zonas e a afetar a qualidade das escolas. Havia uma população crescente oriunda do Paquistão e dos Balcãs. O parque local tinha sido invadido por somalis que se entretinham a mascar *khat*, a junta de freguesia (na sua suprema sabedoria) instalara um centro de tratamento de metadona no centro comercial do outro lado da rua – centro esse que atraía heroinómanos – e, perante tudo isso, Rhea e Lars continuavam a teimar que a zona tinha “personalidade”. Mas a única coisa que Sheldon via era um ambiente ameaçador.

:::::

Felizmente, não havia norte-coreanos, aqueles sacaninhas de olhos em bico. E se

houvesse, dariam nas vistas. Esconder um norte-coreano na Noruega é difícil. Esconder um em Nova Iorque é como esconder uma árvore numa floresta. Estão em todas as esquinas de rua, a vender flores e a gerir mercearias, os seus olhinhos como contas observando, carrancudos, as pessoas que passam na rua e enviando mensagens codificadas para Pyongyang por telégrafo, informando do paradeiro de cada uma delas.

Andavam a segui-lo desde 1951. Sheldon tinha a certeza disso. Não se pode matar doze homens chamados Kim no cimo de um paredão em Inchon e esperar que eles perdoem e esqueçam. Não os coreanos. Têm paciência de chinês, mas com uma faceta vingativa ao estilo italiano. E fundem-se na multidão. Oh, Sheldon demorou anos a conseguir identificá-los, a sentir a presença deles, a fugir deles, a enganá-los.

Mas, ali, não. Ali, os malvados destacavam-se na multidão, todos eles, sem exceção. Cada louco maníaco de cérebro lavado, sob a vigilância de outro louco maníaco de cérebro lavado, não fosse o primeiro começar a sofrer de livre pensamento.

Apetece-lhe gritar: “Tenho uma notícia para vocês, sacanas! Foram vocês que começaram a guerra! E quando perceberem isso, devem-me um pedido de desculpas.”

Mas Sheldon, ainda hoje, acredita que os tolos não são responsáveis pelos seus atos.

Mabel nunca percebeu a aversão dele aos coreanos. Dizia-lhe que ele estava a descambar, que o médico também era dessa opinião, e que estava na hora de ouvir a voz da razão e aceitar que nunca fora um franco-atirador romantizado e, sim, um mero funcionário de escritório em Busan, e que os norte-coreanos não andavam atrás dele. Que ele nunca matara ninguém. Nunca disparara uma arma num acesso de raiva.

Tiveram essa conversa uns meses antes de ela morrer.

– Estás a ficar senil, Donny.

– Não estou nada.

– Estás a mudar, eu vejo que estás.

– Estás doente, Mabel. Como é que isso não havia de me afetar? Além do mais, andas a dizer isso desde 1976. E talvez não seja eu que estou a mudar e sim tu. Às tantas, estás a ficar imune aos meus encantos.

– Não é uma acusação. Já passaste dos oitenta. A Rhea disse-me que, aos oitenta e cinco anos, mais de vinte por cento das pessoas sofre de Alzheimer. Temos de falar sobre isso.

– Não temos nada!

– Devias comer mais peixe.

– Não devia nada!

Em retrospectiva, foi uma reação particularmente infantil, mas, ao mesmo tempo, era uma resposta mais do que usada e testada.

As suas recordações estavam simplesmente a tornar-se mais vívidas com a idade. O tempo desenrolava-se de uma maneira nova. Sem um futuro, a mente virava-se para dentro de si própria. Isso não é demência. Até se poderia dizer que é a única resposta racional ao inevitável.

Além disso, como explicar essas recordações senão assim?

Perdera-se na Coreia, no início de setembro de 1950. Através de uma série de acontecimentos que só na altura fizeram sentido, foi apanhado na costa pelo navio australiano HMAS *Bataan*, que pertencia à Task Force 91, cuja missão era criar e manter um bloqueio e proteger as tropas americanas que desembarcavam na praia, das quais Sheldon deveria fazer parte, mas não fazia, porque estava a bordo do *Bataan*. Sheldon, que na época dava pelo nome de Donny, deveria estar no grupo de intervenção do 5.º Regimento dos Fuzileiros que ia desembarcar na praia Vermelha, mas perdeu-se durante a redistribuição de missões, porque os exércitos perdem coisas.

Era demasiado novo para combater, quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial. A única coisa que lhe passou pela cabeça, quando a Coreia rebentou, cinco anos depois, foi que não ia perder aquela guerra também, por isso alistou-se de imediato, mas mal ele sabia que, na hora da verdade, ia dar por si rodeado por um bando de pacóvios do interior profundo da Austrália, que se recusaram a emprestar-lhe um barco a remos para ele ir a terra matar uns quantos, como era sua missão.

– Desculpa lá, pá, mas podemos precisar dele. Só temos quatro. Navio pequeno, armas grandes, balas a voar por todos os lados. Entendes, não entendes?

Por isso, ele decidiu levar sem autorização – recusava-se a usar a expressão “roubar” – um barco a remos dos seus anfitriões australianos. Percebeu que não era nada descabido eles quererem manter o material de emergência à mão, durante uma enorme investida anfíbia, mas, às vezes, as pessoas têm necessidades diferentes e é preciso fazer escolhas.

Donny Horowitz tinha vinte e dois anos, na época. Tinha uma mente lúcida, uma mão firme e carregava uma raiva nas suas costas judias com o tamanho e a forma da Alemanha. Para o exército, era só uma questão de lhe dar a função adequada e depois de lhe atribuir a missão certa. A função era a de batedor/franco-atirador. A missão: Inchon.

Do ponto de vista tático, Inchon era um desafio. Havia quase um mês e meio que os norte-coreanos se batiam no perímetro de Busan e o General MacArthur decidiu que estava na hora de os atacar pelo flanco, invadindo a cidade portuária ocidental de Inchon. Mas a zona tinha praias pequenas e águas pouco profundas, e restringia as hipóteses de invasão ao ritmo das marés.

O bombardeamento naval durava há dois dias, enfraquecendo as defesas de Inchon. Não havia um único homem lá que não estivesse a pensar no Dia D. Não havia um único homem que não estivesse a pensar no que acontecera na praia de Omaha quando os bombardeiros americanos erraram os alvos e os tanques anfíbios

afundaram durante a sua abordagem, deixando os americanos sem proteção em terra e sem capacidade de ripostar. Não havia crateras de bomba para servir de abrigo subterrâneo.

Que fossem todos para o diabo, mas Donny ia fazer de tudo para estar na frente daquela invasão.

Nesse dia de manhã, por entre o fumo e o fogo de artilharia, com pássaros a voarem como loucos por entre o barulho, o 3.º e o 5.º Regimentos de Fuzileiros estavam a avançar em direção à praia Verde, em navios de desembarque, com tanques Pershings a bordo. Donny baixou o barco a remos ao longo do costado do *Bataan*, enfiou-se dentro dele com a sua espingarda e remou, de frente, para o meio do fogo de artilharia apontado à embarcação naval.

Na praia Vermelha, os norte-coreanos defendiam um paredão alto que os fuzileiros sul-coreanos estavam a escalar com escadotes. Uma fila de atiradores no cimo do paredão estava a tentar atingir americanos, sul-coreanos e qualquer outra pessoa que lutasse sob a égide da ONU. Mísseis riscavam o céu. Os norte-coreanos disparavam balas tracejantes verdes fornecidas pelos aliados chineses, que se cruzavam com as vermelhas dos Aliados.

Começaram a disparar diretamente contra Donny. As balas chegavam devagar, a princípio, e depois passavam por ele a voar, aterrando na água ou furando o barco a remos.

Sheldon muitas vezes se perguntou o que teriam pensado os coreanos, um povo supersticioso, quando viram um soldado solitário de frente para eles, iluminado pelos vermelhos, verdes, laranjas e amarelos da batalha que se refletiam na água e nas nuvens do céu matutino. Um diminuto demónio de olhos azuis, imune às defesas deles.

Uma rajada atingiu duramente o barco de Donny. Quatro balas perfuraram a proa e depois o convés. Começou a entrar água, que rodopiava em redor das botas dele. Os fuzileiros já tinham desembarcado na praia e avançavam em direção ao paredão. As balas tracejantes verdes estavam a ser disparadas baixinho na direção do seu regimento.

Tendo chegado tão longe e sendo um mau nadador, Sheldon – a quatrocentos metros da costa e com os dois pés na sua sepultura aquática – decidiu usar as suas munições, *caraças*, em vez de se afogar com elas.

Tinha umas mãos tão macias para um rapaz. Com um metro e setenta de altura, nunca fizera trabalhos árduos nem pegara em coisas pesadas. Fazia as contas de somar da oficina de sapateiro do pai e sonhava em lançar uma bolada dos diabos contra o Green Monster³, para os Red Sox. A primeira vez que os seus dedos tocaram na base dos seios de Mabel – por baixo do aro do sutiã, durante um filme do Bogart com a Bacall –, ela disse que ele tinha uns dedos tão macios que pareciam o toque dos de uma rapariga. Essa confissão deixara-o com uma avidez sexual maior do que qualquer filme que já vira na vida.

Quando se alistara, escolheram-no para franco-atirador. Perceberam que era uma pessoa de temperamento calmo. Sossegado. Esperto. Franzino mas forte. Tinha muita raiva, mas uma capacidade de a canalizar através da razão.

Pensamos em armas como coisas brutais usadas por homens corpulentos, mas a arte da espingarda exige um toque subtil: o toque de um amante ou de um relojoeiro. Há um entendimento entre o dedo e o gatilho. A respiração requer uma disciplina férrea. Todos os músculos são usados unicamente para manter a imobilidade. A direção do vento na face traduz-se na posição do cano, ligeiramente elevado como que por uma lufada de calor de uma tarte de mirtilos quente, numa tarde de inverno.

E, com os pés dentro de água, Donny concentrou-se nos objetos distantes por cima do paredão, a piscarem no nevoeiro. O fogo de artilharia não o deixou nervoso. A água dentro das botas era só uma sensação sem importância. O pássaro que o atingiu no cimo da coxa, na confusão de barulho e fumo, não passava de uma sensação. Ele estava virado para dentro e, até hoje, recorda o momento ao som de música. O que ouviu, e ouve ainda hoje, na sua memória, foi a Suite número 1 para violoncelo de Bach, em sol maior.

Naquele momento de profunda serenidade, de paz absoluta, perdeu a sua raiva de juventude. Das suas veias esvaiu-se o veneno contra os nazis, à conta da música, do nevoeiro, da água.

E nesse momento de graça, Donny matou.

Pelo cano de uma M-1 Garand de calibre .30 invulgarmente afinada, Donny esvaziou três carregadores de balas perfurantes de cento e sessenta e oito grãos em menos de trinta segundos. Matou doze homens, derrubando-os do paredão a uma distância de quatrocentos metros, permitindo que os primeiros fuzileiros norte-americanos atacassem o topo sem haver baixas, enquanto ele sangrava de um ferimento superficial causado por uma bala na perna esquerda.

::::

O seu ato foi um ínfimo gesto, como atirar uma pedra para um charco de água parada e perturbar a imagem do céu noturno.

::::

Não contou nada disto a Mabel, claro, a não ser muito mais tarde. Tão tarde que ela acabou por nunca acreditar. Tinham um filho com que se preocupar e o heroísmo era um assunto privado para Sheldon. Disse que tinha sido oficial de logística, a sul, em terreno muito mais seguro. O ferimento? O ferimento fora trapalhice sua, entrara de rompante numa arrecadação de ferramentas e um ancinho espetara-se-lhe na perna. Transformou-o numa piada.

Comparada comigo, era a coisa mais acutilante da arrecadação.

Sheldon recebeu, recorda ele, a Medalha de Louvor da Marinha e o Coração Púrpura pela sua participação na invasão. A questão, porém, é: onde é que os

guardara? Geria uma loja de antiguidades e oficina de relógios. Podiam estar enfiados em qualquer lugar, num burquinho qualquer. Eram a única prova tangível de que não perdera o juízo. E agora a loja já não existia e o seu recheio fora vendido. Tudo o que outrora fora reunido e montado com tanto cuidado encontrava-se agora espalhado ao deus-dará. De regresso ao mundo, os objetos serão reunidos em novas coleções por novos colecionadores e, depois, espalhados novamente quando os colecionadores regressarem às brumas.

:::::

Esta vida. Que pergunta! Ninguém quer realmente saber a resposta.

Nesta vida, o meu corpo tornou-se um graveto mirrado, enquanto, antes, eu me erguia bem alto. Lembro-me vagamente da terra luxuriante e das florestas de faias da Nova Inglaterra – do lado de fora da janela do meu quarto, em menino – crescendo em reinos. Lembro-me dos meus pais perto de mim.

Nesta vida, coxeio como um velho, quando, antes, conseguia voar por cima de dúvidas e contradições.

Nesta vida, as minhas recordações são o fumo que me asfixia, que me faz arder os olhos.

Nesta vida, lembro-me de desejos vorazes que nunca mais sentirei. Do tempo em que fui um amante com os olhos mais azuis que ela já tinha visto na vida... mais profundos do que os do Paul Newman, mais escuros do que os do Frank Sinatra.

Esta vida! Esta vida está a chegar ao fim sem explicações nem desculpas, e toda e qualquer noção da minha alma ou raio de luz por entre uma nuvem promete ser o meu fim.

Esta vida foi um sonho abrupto e trágico que me assolou numa madrugada de sábado, quando o sol nascente incidiu no espelho da cómoda dela, deixando-me sem palavras enquanto o mundo se esbatia em brancura.

E mesmo que eles quisessem saber, restou alguém para escutar?

¹ Durante a Primeira Guerra Mundial, num gesto contra os alemães, os norte-americanos passaram a chamar “couve da liberdade” ao *sauerkraut* (chucrute) e “cachorros quentes” às *frankfurters* (salsichas alemãs). Num gesto semelhante de protesto, mas contra os franceses, por se terem oposto à invasão do Iraque, na sequência do 11 de Setembro e da declaração de guerra ao terrorismo, dois políticos republicanos decidiram rebatizar as *French fries* (batatas fritas) chamando-lhes *Freedom fries* (batatas da liberdade). (N. da T.)

² *Solaris*, livro de ficção científica publicado em 1961 e adaptado várias vezes ao cinema. (N. da T.)

³ O “Monstro Verde”, alcunha do muro de onze metros de altura do campo esquerdo de Fenway Park, o estádio da equipa de basebol Red Sox, de Boston. (N. da T.)

Capítulo 2

É uma hora qualquer absurda da madrugada e Sheldon está parado, nu, na casa de banho do apartamento em Tøyen. Rhea e Lars saíram há horas, a meio da noite, sem dizer água-vai.

Como não acendeu a luz, está escuro. Tem uma mão encostada aos azulejos frios da parede acima da sanita e, com a outra mão, faz pontaria, dentro dos possíveis. Está à espera de que a próstata se deixe de coisas para poder fazer uma mijadela merecida e voltar para a cama onde devia estar, para, na eventualidade de o seu coração parar naquele preciso instante, não ser encontrado no chão – de pila na mão e morto – por um grupo de paramédicos de vinte anos, que ficarão especados a contemplar a sua circuncisão e o seu azar.

Não é só a velhice que está a tornar tudo mais lento. Um homem e uma mulher estão a discutir no andar de cima numa língua qualquer balcânica, com toda a sua causticidade e mau humor. Talvez seja albanês. Ou não. Não sabe. Soa mal aos ouvidos, vil, antissemita, comunista, grosseira, rude, fascista e corrupta, tudo ao mesmo tempo. Todos os fonemas, articulações e entoações parecem amargos. A discussão é ruidosa e as suas qualidades inatas fazem com que as entranhas de Sheldon se contraíam numa espécie qualquer de mecanismo primordial de autodefesa.

Sheldon bate na parede umas poucas de vezes, mas as suas pancadas carecem de força.

Lembra-se dos *graffiti* nas latrinas dos homens durante a recruta: “Os velhos franco-atiradores nunca morrem, limitam-se a ficar sobrecarregados.”

Sheldon volta para a cama a arrastar os pés, puxa o edredão para os ombros e ouve os gritos da mulher transformarem-se em soluços. Acaba por mergulhar num sono pouco profundo e sem vozes.

::::

Quando acorda, é – como se esperava – domingo. A luz inunda o quarto. Junto da porta, está um homem grande que obviamente não tem nada de coreano.

– *Yah?* Sheldon? *Yah!* É o Lars. Bom dia.

Sheldon esfrega o rosto e olha para o relógio. Passam uns minutos das sete.

– Olá, Lars.

– Dormiu bem?

– Onde é que vocês os dois se meteram?

– Nós explicamos-lhe ao pequeno-almoço.

- O vosso vizinho é um fascista dos Balcãs.
 - Ah, sim?
- Sheldon faz um ar carrancudo.
- Os ovos estão quase prontos. Vem comer connosco?
 - Também ouviram, não ouviram? Não foi uma alucinação?
 - Venha tomar o pequeno-almoço.

.....

O apartamento fica numa ruazinha junto de Sars' Gate, perto de Tøyenparken. O edifício é de tijolos e o soalho de tábuas largas e em bruto. Aos olhos de Sheldon, tem qualquer coisa de *loft* nova-iorquino, porque o pai de Lars deitara abaixo as paredes entre a cozinha e a sala de estar, e entre a sala de estar e a sala de jantar, para criar um espaço amplo e aberto, com soalhos e tetos brancos. As assoalhadas agora unidas dão para dois quartos e, ao fundo de um curto lanço de escadas, há um terceiro quartinho, que agora alberga Sheldon.

Como não pode continuar a esquivar-se ao dia, Sheldon levanta-se, veste um roupão e, calçando uns chinelos, arrasta-se até à sala de estar, que resplandece de luz matinal como se fosse iluminada pela lâmpada de um inquisidor. O problema não lhe é desconhecido, portanto não o apanha desprevenido. É provocado pela luz norueguesa de verão e a solução é um par de óculos de aviador de aros dourados, que ele tira do bolso e coloca no rosto.

Agora que já consegue ver, dirige-se para a mesa do pequeno-almoço, que exhibe queijo de cabra, uma série de produtos feitos à base de carne de porco seca, sumo de laranja, fígado picado, salmão, manteiga e um pão escuro acabado de sair do forno, comprado na loja de conveniência do bairro.

Rhea veste umas Levi's desbotadas com uma blusa azul-clara acetinada da H&M e tem o cabelo apanhado. Está descalça e de rosto deslavado, e segura numa chávena de café com leite, encostada ao lava-louça da cozinha.

– Bom dia, vô – diz ela.

Rhea conhece bem o ar matinal de Sheldon e está preparada para o cumprimento tradicional dele.

– Café!

Pronta, ela dá-lhe a chávena.

Rhea vê que, por baixo do roupão de flanela *bordeaux* de Sheldon, ele tem as pernas imberbes e pálidas, mas ainda com uma certa tonicidade e músculo. Está claramente a encolher, mas é magro e tem uma boa postura, que o faz parecer mais alto do que é. Arrasta-se e queixa-se e rezinga, mas mantém os ombros bem direitos e as mãos não tremem quando pega na sua caneca da *Penthouse*, que deve ter sido encomendada pela revista nos anos 70, a avaliar pelo ar da rapariga.

Rhea já lhe suplicou para que reformasse a caneca, mas nada feito.

Em qualquer outro espaço que não aquele apartamento, Sheldon teria sido preso

se saísse naqueles trajes. A verdadeira questão, porém, é porque é que Lars aceitou alojar aquela criatura desamparada que Rhea tanto ama.

Bom, provavelmente, é precisamente essa a resposta. Ela adora Lars – em especial por causa da sua afetuosidade discreta, do seu humor seco, do seu feitio calmo – e sabe que ele sente o mesmo por ela. Tem uma masculinidade proteiforme, que se esconde do olhar público, mas ganha vida em privado, da mesma maneira que um urso pardo muito fofo se transforma num predador.

Rhea atribui isso à educação dele e não apenas ao seu feitio. É como se a nação norueguesa tivesse aprendido a domar o poder masculino desenfreado e a equilibrá-lo em sociedade, escondendo as suas arestas toscas do olhar público, mas permitindo momentos expansivos e abrangentes de intimidade e, ao mesmo tempo, de força. É um homem tão meigo, mas é também um caçador. Lars e o pai matam veados desde que Lars era pequeno. Rhea tem carne correspondente a um ano de caça na arca congeladora. Por mais que tente, não consegue imaginá-lo a premir o gatilho, a esfolar a presa e a estripá-la. E, no entanto, ele fá-lo.

Lars é, todavia, mais do que mero fruto do seu mundo. Tem uma generosidade profunda que Rhea sente que lhe falta a si própria. Não tem a capacidade dele para perdoar. As emoções, a mente e o eu de Rhea estão mais enredados, mais entrelaçados num eterno diálogo em busca de significado, objetivo e expressão. Ela tem uma compulsão para articular e expor, para tornar o mundo explicável, nem que seja só para si própria.

Deixar as coisas estar, atravessá-las, submeter-se ao silêncio... nada disso faz parte da sua maneira de ser.

Mas de Lars, sim. Ele aceita a humanidade como ela é. Exprime-se, não numa torrente de palavras e ideias e interrupções, revelações e reveses, mas através de uma capacidade em constante expansão para enfrentar o que se segue. Para ver com clareza. Para dizer o que tem de ser dito e depois parar. O que para ela é um ato de vontade é, para Lars, uma maneira de estar na vida.

:::::

Queriam ter filhos, embora a decisão fosse recente. Rhea precisara de tempo para se encaixar, para ver se conseguia enxertar a sua alma americana na matriz norueguesa. E, portanto, quando a plaqueta de pílula contraceptiva acabou, ela deixou simplesmente de ir à farmácia renovar a receita. Lembra-se do dia. Foi num sábado em dezembro, pouco antes do Natal, mas depois do Chanucá. Deve ter sido um dos dias mais escuros do ano, mas a casa reluzia, aconchegante, com uma árvore de Natal e uma menorá. Sob o pretexto de um jogo, enumeraram os acompanhamentos sensuais de festividades passadas.

Cravo-da-índia. Canela. Pinho. Maçapão.

– Não, maçapão, não.

– Maçapão é importantíssimo, cá – disse Lars. – Coberto de chocolate.

– Quem é agora?

– Tu.

Sinos. Velas. Tarte. Maçãs. Cera para esquis...

– A sério? Cera para esquis? Aqui também. Que giro.

– Estava a gozar contigo, Lars.

– Ah.

Três palavras de seguida. Às vezes quatro. Eis o quanto tinham em comum. Bela base para criarem uma criança...

:::::

Rhea beberica o café com leite e olha para Lars, que lê a primeira página do *Aftenposten*. O jornal traz uma fotografia da independência do Kosovo. Qualquer coisa sobre o Brad Pitt. Algo sobre dietas com consumo reduzido de hidratos de carbono.

Não, ela não tinha dito a Lars que andava a tentar engravidar. De certo modo, era desnecessário. Como se ele já soubesse. Ou como se não tivesse de saber, uma vez que eram casados. O que na cultura nova-iorquina dela se poderia ter desenrolado como uma ópera, ali passava com um abraço e os dedos dele acariciando-lhe o cabelo e, depois, agarrando-o todo com a mão fechada.

Lars está a ler o jornal como qualquer pessoa normal, enquanto Sheldon segura num pedaço do jornal a contraluz, como que à procura de marcas de água. Como sempre, Rhea não percebe o significado dos gestos dele: se está a querer chamar a atenção como uma criança, se é simplesmente uma coisa da idade, ou se estará envolvido numa qualquer atividade que, averiguada, pareceria disparatada, demente e lógica, tudo ao mesmo tempo. Quando as três vertentes se associam daquela maneira – a personalidade, a doença e a razão –, é impossível distingui-las umas das outras.

É a terceira semana de Sheldon no país. Queriam que ele se encaixasse, que se acomodasse à sua nova vida. Todos eles sabiam que, agora, não havia volta atrás. Sheldon estava demasiado velho e, como tinham vendido o apartamento de Gramercy, não tinha sítio onde ficar.

– Nessa não caio – diz ela.

– Hã?

Lars e Sheldon erguem ambos os respetivos jornais um nadinha mais, um para se esconder, o outro para provocar.

– Eu disse, seu maluco, que nessa não caio. Não estou minimamente interessada em saber porque é que está à procura do código Da Vinci no papel de jornal.

– O norueguês parece inglês falado de trás para a frente. Estou a tentar ver se escrito também parece. Pondo o jornal a contraluz, posso ler o artigo do outro lado da página e ver se assim é, só que as palavras deste lado do jornal estão a tapar as do outro lado, por isso ainda não consigo perceber.

Lars diz:

- Vai estar bom tempo outra vez.
- Acho que devíamos sair. Vê, que tal um passeio?
- Ah, sim, claro, eles iam adorar isso, não iam?
- Os coreanos?
- Disseste isso com um tom irónico. Eu captei o tom irónico.

Rhea pousa a caneca vazia no lava-louça, passa os dedos por água fria e limpa-os nas calças de ganga.

- Temos uma coisa para lhe contar.
- Contem-me aqui.
- Eu preferia sair.
- Eu, não. Gosto de aqui estar. Perto da comida. Tanta carne de porco a olhar para mim.

– Podemos esgueirar-nos pelas traseiras.

Perante isto, ambos os jornais baixam.

- Há uma porta dos fundos? – pergunta Sheldon.
- A entrada das bicicletas. Pouca gente sabe que existe. É um *segredo*.
- É bom saber.
- Pequenas coisas como essa podem salvar a vida a uma pessoa.
- Estás a fazer troça de mim. Eu sei que estás, mas estou-me nas tintas. Eu sei como as coisas são. Ainda tenho o juízo todo, os ditos cujos e uns cobres que ganhei com o meu livro. E já passei dos oitenta. Nada mau.

– Então, saímos ou não?

– O que é que se passa com os vossos vizinhos? – pergunta Sheldon, mudando de assunto.

– Em que sentido?

– Diria que o fascista dá pancada na mulher.

– Já chegámos a chamar a polícia.

– Ah, então já o ouviram!

– Já.

– Têm uma arma? Lars, tens uma arma?

– Aqui em casa, não.

– Mas tens uma arma, não tens? Não andas pela floresta nu, com o cabelo louro a adejar na brisa e atacas os veados com o teu peito viril a descoberto, pois não? Não os matas com os dentes? Não ficas com a penugem do queixo manchada de sangue? Um grande sorriso na cara? Há uma arma algures pelo meio, não há?

– Estão na casa de campo. Moisés e Aarão. Estão num estojo trancado, junto da sauna. Uma delas está estragada.

– Tens espingardas judias?

Lars sorri.

– Não. Uma Winchester e uma Remington. Receberam o nome dos dois canhões

em Drøbak que afundaram o navio alemão durante a guerra. No fiorde.

– A Noruega tem canhões judeus assassinos de nazis?

– Nunca tinha visto as coisas por essa perspectiva.

Sheldon arqueia as sobancelhas e abre as palmas das mãos, como que para perguntar se era possível ter uma perspectiva diferente sobre dois canhões chamados Moisés e Aarão que afundaram um navio nazi, na Noruega.

Lars cede.

– Sim, a Noruega tem canhões judeus assassinos de nazis.

– Mas as armas não estão aqui em casa. Moisés e Aarão erram por aí.

– Estão na casa de campo, sim.

– Não tem mal. Tenho a certeza de que conseguimos ganhar uma luta de facas. O que é que a máfia dos Balcãs sabe sobre lutas de facas comparada com nós os três?

– A casa de campo fica perto da fronteira com a Suécia. A resistência norueguesa costumava atuar aí. Chamávamos-lhes os Rapazes dos Bosques. O meu pai diz que o meu avô os costumava esconder na sauna das traseiras. Eles costumavam usar *clips* nas lapelas. Muitas pessoas o faziam. Era um ato de rebeldia contra a ocupação.

Sheldon faz um aceno de cabeça.

– Quer dizer que a Operação *Clip* foi eficaz, foi? Deve ter sido isso que os vergou. Quem aguentaria tamanha impertinência?

– Vê – diz Rhea –, acho que devia ir tomar banho, vestir umas roupas a condizer, até quem sabe uma roupita interior e, em troca, podemos esgueirar-nos pela porta dos fundos.

Sheldon muda de assunto.

– Sabes porque é que uso este relógio?

– Para ver as horas? – responde Rhea, submetendo-se à manobra de diversão.

– Não. Para isso uso *um* relógio. A pergunta é porque é que uso *este* relógio. Costumava usar um com o coração do teu pai dentro dele. Um dia, explico-te. Mas decidi, perante a tua notícia e a minha vinda para a terra do azul e do gelo, esbanjar dinheiro e comprar um novo. E sabes qual foi? Não foi um Omega. Não foi um Rolex. Eu digo-te o que comprei. Um J. S. Watch and Company.

Nunca ouviste falar? Eu também nunca tinha ouvido. Soube deles por acaso. Ficam na Islândia. Entre o Velho Mundo e o Novo. Quatro tipos na base de um vulcão, no meio do Atlântico, que querem ganhar uns cobres criando relógios belíssimos e requintados, porque os adoram. Porque compreendem que um relógio é um ato afirmativo e criativo de engenharia e beleza, em resposta a uma estrutura impiedosa de funcionalidade e forma. Como a própria vida em resposta à morte. Além disso, o meu é lindo! Ora olha.

– Lá para fora. Nós vamos lá para fora.

– Não tenho chaves de casa. Não sou autónomo.

– Fazemos-lhe uma cópia das chaves. Qual é o problema?

– Quando o teu pai era pequeno, deixou propositadamente de usar roupas a

condizer. Foi um ato de rebeldia contra o pai opressivo. Por isso, passámos a comprar-lhe só Levi's, as calças de ganga que levam o nome de uma tribo de Israel e que, como que por magia, dão com tudo: camisolas tingidas às manchas, de xadrez, às riscas, com padrão camuflagem. Pode-se vestir seja o que for com umas calças Levi's. Com esta estratégia, derrotei o teu pai. Em compensação, criámos um filho sem noção nenhuma do que é a moda.

– Acho que o pequeno-almoço acabou.

– Ele vem no livro, sabias?

– Eu sei, vô.

– E a tua avó também.

– Eu sei.

– E uma série de europeus irados.

– Sim.

– E um cão.

– Pois.

O livro. “O livro” era a única reivindicação comprovável de Sheldon à fama. Em 1955, ainda um pouco perdido depois da guerra e sem grande vontade de que o encontrassem, enfiou na cabeça a ideia de se tornar fotógrafo e, surpreendentemente, acabou por ser um fotógrafo muito popular. Muito antes de surgir a moda dos livros temáticos a enfeitar mesinhas de apoio, Sheldon decidiu viajar e fazer retratos. Infelizmente, apesar do seu dom para usar a máquina, carecia de determinadas capacidades sociais, o que era um problema, uma vez que tirar retratos exigia sujeitos predispostos a deixarem-se fotografar.

Justiça seja feita a Sheldon: conseguiu transformar até isso numa vantagem, mudando o tema dos seus retratos para sujeitos *indispostos*. Nisso, demonstrou ter um certo *penchant*. E, assim sendo, “Fotografias de Sujeitos Indispostos” tornou-se o nome do projeto.

Em 1956, já Sheldon tinha colecionado exatamente seiscentas e treze fotografias, tiradas em doze cidades de cinco países, de pessoas apoplecticamente irritadas com ele. Mais de duzentas foram incluídas no livro. O resto ficou guardado em caixas de arrumação que ele protegeu, escondeu e nunca deixou ninguém ver. Foi só quando Saul trouxe o assunto à baila, uma vez, que passou pela cabeça das pessoas a possibilidade de existirem mais fotos. Ainda assim, Sheldon manteve-as sempre bem escondidas.

O livro tinha mulheres aos gritos, homens a brandirem os punhos cerrados, crianças histéricas e inclusive cães a lançarem-se pelos ares, de dentes arreganhados. Com o seu desajeitado sarcasmo, o livro – que foi publicado por um editor conceituado e encontrou um público nada singelo – intitulava-se *Que foi?*

Numa breve entrevista que deu à *Harper's Magazine*, perguntaram-lhe o que fazia para pôr toda a gente tão furiosa.

“Tudo o que me passasse pela cabeça”, respondera ele. “Puxava cabelos, fazia

troça dos miúdos, irritava os cães, deitava gelados ao chão, enervava os velhotes, saía de restaurantes sem pagar a conta, roubava táxis a outras pessoas, armava-me em esperto, ia-me embora com as malas de outras pessoas, insultava mulheres casadas, protestava com empregados de mesa, desrespeitava filas, tirava o chapéu às pessoas e não segurava na porta do elevador para ninguém. Foi o melhor ano da minha vida.”

Saul vinha logo na primeira página. Sheldon roubara os rebuçados ao menino de colo e, depois, tirara-lhe fotografias com um *flash* que o enfurecera de sobremaneira. Mabel ficou lívida e, assim, ganhou também um lugar na segunda página.

Rhea tem um exemplar do livro na sala de estar. Mostrou-o a Lars. A fotografia preferida deles tivera como modelo *Beijo junto da Câmara Municipal*, de Robert Doisneau, que, na época, acabara de sair na revista *Life*. Sheldon captara o poder icónico da foto enquanto momento roubado ao tempo, num período de mudança. Na versão de Sheldon, dois amantes foram interrompidos durante um beijo. Estão agarrados ao corrimão de ferro de uma ponte e a mulher atira uma garrafa de vinho contra a objetiva (ou melhor, contra Sheldon). Estava um dia radioso, por isso Sheldon usara uma pequena abertura para captar uma grande profundidade de campo, mantendo quase toda a cena focada. A fotografia a preto-e-branco – com um enquadramento soberbo – captava não só o rosto irado da mulher – a mão ainda esticada do lançamento da garrafa, o rosto deformado, o corpo ligeiramente debruçado sobre o corrimão, como se quisesse lançar-se ela própria contra a máquina fotográfica –, mas também o rótulo da garrafa em pleno voo (1948 Château Beychevelle, St. Julien, Bordeaux). Era uma fotografia verdadeiramente genial. E, em 1994, quando Doisneau confessou que a sua fotografia tinha sido encenada (porque a rapariga da foto quis ganhar uns tostões, passados quarenta anos, e o processou, obrigando, por conseguinte, o fotógrafo a admitir que ela tinha sido contratada, quebrando assim o feitiço da foto original), Sheldon enlouqueceu e autoproclamou-se o mestre.

“O original era uma farsa e a farsa era um original!” Em 1995, a sua própria fotografia foi republicada, dando-lhe mais uma semana de fama e uma oportunidade para se mostrar insuportável em reuniões de família. Isto, para Sheldon, era uma alegria indescritível.

– Vista-se. Vamos dar uma volta – diz Rhea.

– Vão andando que eu já vos apanho.

Lars levanta os olhos para Rhea, que o fita com ar cúmplice.

– Vô, queremos contar-lhe uma coisa sobre ontem à noite. Venha connosco.

Sheldon olha para Lars, que está inocentemente a pôr um pedaço de arenque num pão escuro.

– Não querem que eu ande por aí sozinho, querem-me vigiado. Por isso é que me querem amarrar um telemóvel, mas eu recuso-me.

– Nós gostamos da sua companhia.

– A tua avó tinha mais jeito para me manipular do que vocês os dois. Só cedo quando estiverem à altura do jogo.

– Bom, eu vou sair. Quem vem comigo?

Lars levanta o braço.

– O Lars! Ótimo! Mais alguém? – Rhea olha em redor da sala. – Mais ninguém?

– Tenho coisas para fazer – diz Sheldon.

– Tais como?

– Coisas pessoais.

– Não acredito.

– E eu com isso?

– Está um dia bonito e eu quero que saia de casa.

– Sabias que gastei oito máquinas a fazer aquele livro? Seis foram brutalmente espatifadas pelos sujeitos das fotos. A do Mario foi a primeira a ir para o galheiro, deixei cair outra ao rio Hudson e uma foi comida por um cão. O que eu adorei foi o facto de o cão se ter virado contra a máquina e não contra mim. A foto do interior da boca dele está na página trinta e sete. E, claro, como foi o cão que carregou no obturador, os créditos da foto são dele.

– Aonde é que quer chegar?

– É giro achares que quero chegar a algum lado.

Ela faz uma careta. Sheldon sorri. Lars anuncia que se vai vestir. O pequeno-almoço acabou.

Rhea fica sozinha com Sheldon.

– O que é que se passa consigo? Eu disse que tinha uma coisa para lhe contar.

– Vai dar uma volta com o teu marido. Vão para o chalé. Façam amor em cima de um cobertor felpudo. Comam carne de alce curada. Bebam *akevitt* que tenha atravessado o equador várias vezes. Há duzentos anos, nós, judeus, não tínhamos autorização para entrar neste país. Agora, arranjaste um rapaz simpático que te ama e vão ter bebés bonitos. Eu aqui estarei quando vocês voltarem.

– Às vezes, acho que existe uma pessoa de verdade dentro de si, mas, outras... acho que não há ninguém a não ser o vô.

– Vai-te vestir e vão-se embora. Eu lavo a minha caneca.

Rhea, de braços cruzados, olha para Sheldon como se estivesse a ponderar uma decisão. E depois, numa voz baixa raiada de raiva, diz:

– Perdi o bebé.

O avô remete-se a um longo silêncio e o seu rosto fica sério. Os músculos soltam-se e, por um instante, ela vê-o em toda a sua pujança. Os anos inundam-no. Um cansaço assustador invade-lhe a boca e o sobrolho. Ela arrepende-se imediatamente de ter falado. Devia ter cumprido o combinado com Lars. Dar a notícia devagar. Preparar o terreno primeiro.

Sheldon fica parado, em silêncio, e embrulha-se melhor no roupão. E depois, como se as lágrimas ali estivessem desde o início, volta para o quarto e chora

abertamente sozinho.

::::

Horas depois, às duas da tarde, está sozinho em casa. A sua insistência para que Rhea e Lars saíssem assumira um tom bastante diferente quando a repetira, mais tarde. Deixara bem claro que precisava de ficar sozinho e, assim sendo, eles saíram.

De calças de ganga, camisa branca e botifarras, já recuperou a postura e está confortavelmente estendido no sofá com um livro de Danielle Steel, quando recomeça a gritaria.

Não é a primeira vez que ouve brigas domésticas: os concursos de gritos, a violência que sobe de tom, portas a bater, inclusive sovas e soluços. Mas isto é diferente. A cadência da discussão não bate certo. Não há uma alternância entre os participantes irados. O homem desatou aos gritos e não parou. A mulher, desta vez, não emitiu um único som.

Ela deve estar lá com ele, pensa Sheldon.

A diatribe não tem as pausas de uma conversa telefónica. É demasiado linear, demasiado íntima. A voz aos berros é demasiado presente.

Não faz diferença nenhuma o facto de Sheldon não conseguir perceber uma só palavra, porque a mensagem é clara. Tem suficiente experiência a lidar com a humanidade e com toda a sua gama de sentimentos de raiva para perceber o que está a acontecer. Há crueldade e maldade naquela voz. É mais do que uma briga. É uma batalha.

Depois, ouve-se um estrondo forte.

Sheldon pousa o livro e senta-se direito no sofá. Fica atento, de sobrolho franzido.

Não, não foi um tiro. Não foi suficientemente cortante. Conhece o som de tiros, da sua vida e dos seus sonhos. Provavelmente foi uma porta a bater. E depois, ouve passos a aproximar-se, rápidos e regulares. Talvez seja a mulher. Uma mulher pesada, ou de botas, ou uma mulher carregada com algo pesado. Está a descer as escadas. Primeiro um lanço, depois uma breve pausa no patamar e, a seguir, outro lanço.

Ela demora o mesmo tempo a descer as escadas que Sheldon a chegar à porta da rua e a espiá-la pelo óculo.

E ali está ela, a fonte, ou o foco, ou inclusive a origem de tudo. Pela lente olho de peixe, Sheldon vê uma rapariga, com cerca de trinta anos, parada à frente da sua porta. Está tão perto que ele só a consegue ver da cintura para cima, mas chega para a identificar. Veste uma *T-shirt* escura por baixo de um casaco barato de cabedal castanho. Usa bijuteria berrante e tem o cabelo penteado com espuma ou gel, que o impede de reagir às forças normais da gravidade.

Tudo nela diz *Balcãs*. Sheldon apenas pode adivinhar a vida dela e, no entanto, tudo parece obedecer a um guião, exceto a sua presença incongruente em Oslo. Mas

isso facilmente se explica através das políticas de asilo. Talvez seja sérvia ou kosovar ou albanesa. Ou talvez romena, sabe-se lá.

A sua primeira reação é de pena. Não pela pessoa que ela é, mas pelas circunstâncias que enfrenta.

O sentimento dura até que uma recordação o transforma.

Eles também fizeram isto conosco, pensa, espreitando pelo óculo. E a pena desaparece e é substituída pela indignação que vive mesmo por baixo da superfície das suas rotinas diárias e respostas rápidas.

Os europeus. Quase todos eles, numa altura ou noutra. Espreitaram pelos óculos das suas portas – os seus olhinhos de peixe a olharem fixamente pelas lentes grande angulares, a assistirem à fuga de alguém –, enquanto os vizinhos abraçavam os filhos pequenos de encontro ao peito, fugindo de patifes armados dentro de prédios, como se a própria humanidade estivesse a ser exterminada. Por detrás do vidro, alguns sentiam medo, alguns sentiam pena, outros ainda sentiam um prazer assassino.

Todos estavam a salvo por causa do que não eram. Não eram, por exemplo, judeus.

A mulher dá meia volta. À procura de qualquer coisa.

De quê? O que é que procura?

A luta teve lugar apenas um andar acima dele. O monstro lá em cima pode descer num abrir e fechar de olhos. Porque é que ela não se despacha? Porque é que hesita? Qual é a demora?

Sheldon ouve movimentos frenéticos no andar de cima. O monstro está a empurrar e a levantar coisas, à procura de algo. Está a mover mundos e fundos. Está a arrancar a escuridão da própria luz para o encontrar. A qualquer instante, vai parar e virar-se contra ela e exigí-lo.

Sheldon murmura entre dentes.

– Corre, sua tola. Vai-te embora, vai à polícia e não olhes para trás. Ele vai-te matar.

Um *pam* ecoa no andar de cima. O mesmo de antes. É a porta da rua a bater na parede atrás.

Em voz alta, Sheldon diz:

– Corre, sua tola. Porque é que estás para aí parada?

Seguindo um palpite, Sheldon vira-se e olha pela janela da frente. E ali está a resposta. Um Mercedes branco está estacionado na rua. Dentro do carro, homens de casacos pretos de cabedal fumam cigarros, impedindo a fuga da rapariga.

E isso basta.

Devagar, sem fazer barulho, mas sem hesitar, Sheldon abre a porta.

O que vê não é o que esperava.

A mulher está agarrada a uma horrível caixa cor-de-rosa que daria para guardar um par de sapatos adultos. E não está sozinha. Agarrado à barriga dela, está um

menino de uns sete ou oito anos. Está visivelmente apavorado. Tem umas botas de borracha azuis com ursinhos Paddington amarelos, pintados à mão, dos lados. Leva umas calças de bombazina bege cuidadosamente metidas para dentro das galochas e um casaco verde de algodão impermeabilizado.

Os passos no andar de cima martelam nos soalhos. Uma voz grita um nome. Laura? Clara? Vera, talvez? Enfim, duas sílabas. Rosnadas. Cuspidas.

Sheldon manda-os entrar com o dedo encostado aos lábios.

Vera olha para as escadas e depois para a porta do prédio. Não olha para Sheldon. Não se interroga sobre as intenções dele, nem lhe dá hipótese de reconsiderar, fitando-o nos olhos para obter esclarecimentos. Empurra o menino silencioso à sua frente para dentro do apartamento.

Sheldon fecha a porta com todo o cuidado para não fazer barulho. A mulher, com o seu rosto largo, tipicamente eslavo, olha para ele com uma expressão conspiradora de terror. Agacham-se todos com as costas encostadas à porta, à espera de que o monstro passe.

Sheldon leva novamente o dedo aos lábios.

– Chhh – diz.

É escusado olhar pelo óculo, agora. Já não é uma das pessoas que detestava. Sentado ao lado dos vizinhos, apetece-lhe postar-se a meio de um campo de futebol com um megafone, rodeado pela geração mais velha da Europa, e gritar: “Era assim tão difícil fazer isto?”

Mas, por fora, está calado. Disciplinado. Calmo. Um velho soldado.

:::::

Quando te aproximares à socapa de um homem para o matar com uma faca, explicou o sargento da recruta, há sessenta anos, não olhes fixamente para ele. As pessoas sentem quando alguém está a olhar fixamente para a nuca delas. Não sei como, não sei porquê. Simplesmente não olhes para a cabeça. Olha para os pés, aproxima-te, enterra a faca. A cabeça para a frente e não para trás. Não o deixes aperceber-se da tua presença, nunca. Se o queres morto, mata-o. Não negoceies com ele. O mais provável é ele discordar de ti.

Sheldon nunca teve problemas com essas coisas. Nunca ponderou os imponderáveis, questionou a sua missão, duvidou da sua função. Antes de se ter perdido e ido parar ao HMAS *Bataan*, acordou uma noite com Mario de Luca a abaná-lo. Mario era de São Francisco. Os pais tinham emigrado da Toscana, com a intenção de comprar terras vinícolas a norte de São Francisco, mas o pai acabara por nunca sair da cidade e Mario foi recrutado pelo exército. Enquanto Donny tinha uns olhos azuis intensos e o cabelo louro cor de areia, Mario era moreno como um pescador siciliano. E falava como se lhe tivessem injetado uma espécie de soro da verdade.

– Donny? Donny, estás acordado?

Donny não respondeu.

– Donny. Donny, estás acordado?

Isto repetiu-se durante vários minutos.

– Donny? Donny, estás acordado?

– É contraproducente responder-te – retorquiu Donny.

– Não entendo esta invasão, Donny. Não entendo esta guerra. Não percebo o que é que esperam de nós. O que é que estamos aqui a fazer?

Donny envergava um pijama de flanela seu e não do exército. Respondeu:

– Sais do barco. Matas coreanos. Voltas para o barco. Qual é a confusão?

– A parte do meio – explicou Mario. – Mas, pensando melhor, a primeira também.

– E a terceira?

– Não, essa é claríssima.

– O que é que têm as duas primeiras?

– A motivação. Qual é a minha motivação?

– Eles vão estar a disparar contra ti.

– Então e qual é a motivação deles?

– Vais estar a disparar contra eles.

– E se eu não disparar?

– Eles vão continuar a disparar contra ti, porque haverá outras pessoas a disparar contra eles e os gajos não farão a distinção. E como vais querer que eles parem, vais ripostar.

– E se eu lhes pedir para não dispararem?

– Estão demasiado longe e falam coreano.

– Quer dizer que tenho de me aproximar e preciso de um intérprete?

– Sim. Mas não podes.

– Porque eles estão a disparar contra mim.

– Eis o problema.

– Mas é absurdo!

– Pois é.

– Não pode ser verdade!

– Quase todas as coisas são verdade e são absurdas.

– Isso também é absurdo.

– E no entanto...?

– Também pode ser verdade. Meu Deus, Donny. Vou passar a noite em branco.

Depois, Donny sussurrou:

– Se não fores para a cama, não haverá amanhã. E a culpa será toda tua.

.....

Os pés do monstro detêm-se do lado de fora da porta. O que antes eram os passos pesados e martelados de um atacante são agora passinhos suaves. Quem quer que

seja que os persegue está a dar voltas, procurando-os como se estivessem escondidos numa sombra ou sob um raio de luz. Lá fora, a porta de um automóvel bate com estrondo. Seguida de outros estrondos. Ouve-se uma troca de palavras acelerada em sérvio ou albanês ou o que quer que seja. É fácil imaginar o teor da conversa.

– Onde é que eles se meteram?

– Pensava que estavam contigo.

– Devem ter saído pela porta da frente.

– Eu não vi nada.

E depois, como são amadores, como são uns tolos, viram-se uns contra os outros e esquecem a missão que têm em mãos.

– Não viste nada, porque estavas a fumar e a falar sobre aquela puta outra vez.

– A tua missão era trazê-los cá para fora. Eu só tinha de esperar.

E por aí adiante.

Um som bastaria para os trair. Um guincho de alegria da criança escondida que acha que é tudo uma brincadeira, ou um queixume por causa da imobilidade forçada. Ou simplesmente um grito de medo... algo de tão humano como um grito de medo.

Sheldon olha para o menino. Tem as costas encostadas à porta, como o próprio Sheldon, e os joelhos dobrados. Envolveu-os com os braços e olha para o chão, num gesto de derrota e isolamento. Sheldon percebe de imediato que aquela posição é familiar ao garoto. Ficarão calado. No seu mundo de terror, o silêncio é uma aptidão que se adquire.

E, depois, a conversa, a discussão, acaba. As portas do Mercedes abrem-se e fecham-se de novo e o possante motor arranca. Passados instantes, o carro afasta-se.

Sheldon suspira. Esfrega a mão no rosto para estimular a circulação e, depois, massaja o escalpe vigorosamente. Sempre imaginou o seu cérebro como o âmago de ferro líquido da terra: cinzento e pesado, em constante movimento, criando a sua própria gravidade, e cuidadosamente equilibrado nas vértebras do pescoço da mesma maneira que a terra se equilibra sobre o dorso de tartarugas no cosmos.

Acontecimentos como este tendem a fazer com que o fluxo de ferro abrande ou inclusive se inverta, o que pode resultar nos períodos glaciares. Uma pequena massagem, porém, costuma resolver a questão da matéria cinzenta.

Desta vez, tem frio no corpo todo.

Olha fixamente para os seus companheiros, que continuam sentados na entrada. A rapariga tem um ar mais pálido, mais rechonchudo, do que quando a vira pela lente olho de peixe. O casaco de cabedal é mais fino do que parecia. A camisa de rameira é ainda mais de rameira. Tudo grita imigrante balcânica de classe baixa. Ele não chegou a ver o homem que estava do lado de fora da porta. Imagina-o gordo e suado, com um fato de treino Adidas feito na China, com riscas brancas nos braços e nas pernas. Os colegas dele, de hálito repugnante, provavelmente vestem camisas escuras abertas no peito por baixo de casacos a imitar os de marca, com uma textura de vinil e um mau corte.

É tudo tão terrivelmente previsível. Tudo, exceto os ursinhos Paddington estampados nas galochas azul-garridas do menino. Os ursos foram pintados por alguém dotado de amor e imaginação. Sheldon sente-se, nesse momento, inexplicavelmente inclinado a atribuir a sua autoria à prostituta pálida que está sentada no chão.

O automóvel foi-se embora, por isso Sheldon diz ao menino:

– Tens umas belas botas.

O menino levanta os olhos da dobra do cotovelo. Não compreende. Sheldon não percebe se é o comentário em si que ele não compreende, se é o *timing* do comentário ou se é a língua. No fim de contas, não há razão nenhuma para pensar que o menino fala inglês, a não ser o facto de hoje em dia toda a gente falar inglês.

A sério. Porque é que alguém haveria de falar outra língua qualquer? Por casmurrice, eis porquê.

Também lhe ocorre que talvez seja o tom reconfortante e incentivador da voz masculina aquilo que parece tão raro e desconhecido aos ouvidos do menino. Vive num mundo de homens violentos, como acontece a tantos rapazes. Posto isso, Sheldon não pode deixar de tentar novamente.

– Belos ursos – diz, apontando para os ursos e espetando os polegares.

O menino baixa os olhos para as botas e vira uma perna para dentro para as observar. Não entende o que Sheldon diz, mas percebe a que se refere. Olha para Sheldon sem sorrir e vira outra vez o rosto para a dobra do cotovelo.

A rapariga levanta-se e começa a falar muito depressa. O tom dela é de gratidão e aparentemente apologético, o que parece lógico, dadas as circunstâncias. As palavras em si são uma algaravia, mas felizmente Sheldon fala inglês, que é uma linguagem universal.

– De nada. Sim. Sim... sim. Ouça, eu já sou velho, por isso aceite o meu conselho. Deixe o seu marido. Ele é um nazi.

O papagueado dela continua. O simples facto de olhar para ela é exasperante. Tem o sotaque de uma prostituta russa. O mesmo tom autoconfiante e nasalado. O mesmo fluxo de palavras arrastadas. O não parar um instante sequer para organizar as ideias ou procurar uma expressão. Só as pessoas cultas é que se detêm para escolher as palavras, uma vez que as possuem em quantidade suficiente para, de vez em quando, as colocarem no sítio errado.

Sheldon põe-se penosamente de pé e limpa as calças. Levanta os braços.

– Não percebo. Não percebo. Nem sei se me interessa perceber. Vá simplesmente à polícia e veja se dá um batido ao seu filho.

Ela não abranda.

– Batido – diz Sheldon. – Polícia.

Sheldon decide que ela se chama Vera. Sheldon vê Vera apontar para o menino e fazer que sim com a cabeça. Ela aponta e faz que sim. Aponta e faz que sim. Une as mãos como que numa prece. Benze-se, o que faz com que Sheldon arqueie as

sobrançelas pela primeira vez.

– Nesse caso, porque é que não ficam um pouco? Tome uma chávena de chá e espere uma horinha. Esperar é sensato. Ele pode voltar. A senhora não quer voltar para casa, vá por mim.

Ele pensa um instante. Há uma palavra que usavam na parte ucraniana de Brooklyn. Sim. *Chai*. Que significa “chá” em russo. Faz um som como se estivesse a bebericar e repete a palavra. Para ter a certeza absoluta de que se está a fazer entender, espeta o dedo mindinho e emite uns barulhinhos como se estivesse a beber uma bebida deliciosa.

– Chá. Nazi. Batido. Polícia. Percebeu?

Vera não reage à pantomima de Sheldon. Exasperado, Sheldon ergue os braços para o céu. É como convencer uma planta a andar.

Enquanto Vera fala e o menino continua sentado, Sheldon ouve um ruído surdo e prolongado, o som familiar, ainda que distante, de um motor alemão a gasóleo a descrever lentamente uma curva não muito longe.

– Eles estão a voltar para cá. Temos de ir embora. Já. Podem não ser tão estúpidos como parecem ser. Vamos. Vamos vamos vamos vamos vamos. – Gesticula e, quando o carro para e a porta se abre, decide que se acabaram os punhinhos de renda.

Com um esforço extraordinário, Sheldon baixa-se e pega no menino ao colo, segurando nele por baixo do traseiro como se fosse uma criança de colo. Não tem força suficiente para, com o outro braço, agarrar na manga de Vera e a puxar. Precisa de toda a sua energia para o menino. Não tem maneira de a fazer mexer-se, a não ser com os seus dotes de persuasão. E sabe que esses dotes são limitados.

– *Puzhaltzda* – diz. *Por favor.*

É a única palavra que sabe dizer em russo.

Avança com o menino para os três degraus que conduzem ao seu apartamento.

Ouve-se uma pancada na porta.

– *Puzhaltzda* – repete.

Ela fala outra vez. Está a explicar qualquer coisa crucial. Ele não entende nada e acaba por tomar o tipo de decisão que um soldado toma, com uma lógica simples e irrepreensível.

– Não consigo perceber nada e nem vou tentar. Está um homem violento na porta da entrada. Portanto, eu vou sair pela porta das traseiras. Vou levar o menino. Se vier connosco, melhor para si. Se não vier, vou tirá-la do baralho. Vamos lá.

Sheldon desce os degraus para o seu quarto e passa pela casa de banho e o armário à sua direita. Para lá da estante, está um tapete persa pendurado a tapar a entrada das bicicletas, que Sheldon conhece há três semanas – e não desde esse dia de manhã –, mas não quis admitir que a tinha descoberto no dia em que se mudou para o apartamento.

Podem dizer o que quiserem, mas é importante conhecer as entradas e saídas de

lugares e problemas.

Com o cotovelo, empurra o tapete para o lado e vê a porta.

– Muito bem. Vamos. Agora.

As pancadas passaram de um bater firme na porta para um ataque frontal. O monstro está aos pontapés com a bota. A martelar no sítio onde o trinco frágil prende a porta de madeira seca, instalada há cinquenta anos, à parede.

É uma mera questão de tempo.

O problema é que a porta diante de Sheldon também está trancada e ele não a consegue abrir com o menino ao colo.

– Vem cá, sua maluca – ordena ele a Vera. – Abre a porta. Abre-a, caneco!

Mas ela não a abre. Ela enfiou-se debaixo da cama.

Escondeu-se? Isso seria um disparate pegado. Porquê esconder-se quando há uma hipótese de fuga?

Sheldon não tem alternativa. Vê-se obrigado a pousar o menino para se debater com a fechadura. E quando o faz, o menino corre para a mãe.

Nesse instante, a porta da entrada cede aos pontapés e embate com força na parede.

Embora não consiga ver a porta da rua daquele ângulo, Sheldon ouve a madeira rachar e uma coisa metálica cair no chão.

O que Sheldon faz a seguir é concentrar-se.

:::::

– O pânico é o inimigo – explicou o sargento-chefe O’Callahan, em 1950. – Pânico não é o mesmo que medo. Toda a gente tem medo. É um mecanismo de sobrevivência. Indica-te que se passa alguma coisa de errado e que requer a tua atenção. O pânico é quando o medo se apodera do teu cérebro, tornando-te completamente inútil. Se entrares em pânico na água, afogas-te. Se entrares em pânico no campo de batalha, levas um tiro. Se entrares em pânico como atirador, revelas a tua presença, erras o alvo e falhas a tua missão. O teu pai vai-te detestar, a tua mãe vai-te ignorar e as mulheres de uma ponta à outra do planeta vão sentir o cheiro a fracasso que emana dos teus poros. Portanto, soldado raso Horowitz! Qual é a lição a aprender?

– Espere. Tenho-a na ponta da língua.

:::::

Sheldon concentra-se na fechadura. Tira a corrente. Corre o fecho. Empurra o trinco para dentro, fazendo força com o peso do seu corpo, na esperança de que as dobradiças não ranjam.

Os degraus que descem para o apartamento de Sheldon não são imediatamente visíveis da cozinha. A seguir à sala, ainda há mais dois quartos para o monstro revistar antes de chegar às escadas.

Agora é uma questão de escassos segundos.

Sheldon agarra no menino pelos ombros, enquanto a mãe sai de debaixo da cama. Por um instante, ficam os três parados, em silêncio. A olhar uns para os outros. Fazendo uma pausa antes do ataque final.

Instala-se uma quietude.

Vera é emoldurada pela esquadria da porta que dá para o andar de cima. A luz estival norueguesa jorra à volta dela e, nesse instante de beatitude, parece uma santa de um quadro renascentista. Eterna e amada.

E, então, os passos pesados aproximam-se.

Vera ouve-os. Arregala os olhos e, depois, devagar, sem fazer barulho, empurra o filho para Sheldon, murmura qualquer coisa que Sheldon não compreende, e vira-se. Antes que as pernas do monstro desçam os três degraus, Vera, determinada, precipita-se escada acima e atira o seu corpo todo contra ele.

O menino tenta dar um passo em frente, mas Sheldon agarra-o. Com a mão livre, experimenta abrir a porta das traseiras uma vez mais. Continua presa. Estão encurralados.

Soltando o tapete e deixando-o cair para a posição habitual, Sheldon abre a porta do armário e faz o menino entrar. Leva os dedos à boca para pedir silêncio. Os seus olhos exibem uma expressão tão severa e o menino está tão apavorado que nenhum dos dois faz um único barulho.

Ouvem-se gritos, respirações ofegantes, estrondos e crueldade no andar de cima.

Sheldon devia lá ir. Devia pegar no atizador que está ao lado da lareira, tomar balanço com toda a força da justiça poderosa e enterrar o espigão no cerebelo do monstro, erguendo-se bem hirto, enquanto o corpo sem vida do invasor aterrasse no chão.

Mas não o faz.

Pondo os dedos por baixo da porta, fecha-a o mais que pode.

Quando ouve o som de uma pessoa a asfixiar, um cheiro a urina enche o armário. Sheldon puxa o menino para o peito, encosta os lábios à cabeça dele e tapa-lhe os ouvidos com as mãos.

– Tenho tanta pena, tanta, tanta pena. Isto é o melhor que posso fazer. Lamento muito.

Capítulo 3

Sigrid Ødegård é polícia no *Politidistrikt* de Oslo há cerca de dezoito anos. Entrou para as forças policiais depois de terminar os estudos em criminologia na Universidade de Oslo. O pai convenceu-a a candidatar-se a essa universidade em vez de ir estudar mais para norte, porque, na opinião dele, “terás mais pretendentes como deve ser na cidade grande”.

Como tantas vezes acontece no trabalho policial e na vida, a teoria do pai acabou por se confirmar como verdadeira e, ao mesmo tempo, irrelevante.

– A questão, *pappa*, é a proporção de homens disponíveis em relação aos que estão interessados em mim e não só o número de homens disponíveis. – Sigrid fizera este comentário ao pai viúvo, em 1989, antes de ir para Oslo.

O pai era agricultor. Embora não fosse um homem com estudos, entendia de números, uma vez que eram úteis para gerir a vida na quinta. E lia livros de história. Não se autoapelidava de estudante, dado que não tinha professor, mas gostava de ler, interessava-se pelos mundos que existiram antes deste e era dotado de uma boa memória. Tudo isso era bastante positivo para ele, Sigrid e os animais. Tinha também uma boa cabeça para raciocinar, e ele e Sigrid reconfortavam-se com a razão, quando as emoções estavam em carne viva.

– Se o teu argumento estiver certo – respondera ele, durante um jantar sossegado de salmão, batata cozida e cerveja –, então não é uma questão de proporções e sim de probabilidades. Qual é a probabilidade de haver um homem suficientemente perspicaz para reparar que és desejável e estás disponível? E volto a dizer que esse tipo de rapaz se encontra com mais facilidade na cidade grande.

– Não é assim tão grande – disse Sigrid.

O pai separou as lascas de salmão rosado uma a uma, para ver se estava bem cozido. Separavam-se facilmente, por isso não disse nada.

– É a maior que temos à mão – retorquiu.

– Sim, pois – murmurou ela, esticando o braço para a manteiga.

O irmão mais velho de Sigrid tinha-se mudado para os Estados Unidos, quando lhe ofereceram um cargo como vendedor de maquinaria agrícola. Era uma boa proposta e o pai insistira para que a aceitasse. Embora se mantivesse em contacto, o irmão de Sigrid quase nunca voltava à terra natal. A família, agora, reduzia-se a eles os dois. Eles os dois e os animais.

– Tens razão no que toca ao tamanho da cidade, mas ainda assim restam dois problemas – disse ela.

– Ah, sim? – O pai elevou o tom de voz apenas o suficiente para sugerir que se

tratava de uma pergunta.

– O primeiro é que não sou bonita. Sou banal. O segundo é que é quase impossível perceber quando é que um homem norueguês está interessado.

Ela chegara a essa conclusão através de observação e comparação empíricas.

Por exemplo: uma vez, conhecera um tipo britânico chamado Miles. Miles engatou-a de uma maneira tão direta que o álcool apenas lhe afetou a pontaria e não o comportamento.

Também conheceu um rapaz alemão que era querido e carinhoso e esperto, e cujo único defeito era ser alemão... o que era injusto, ela sabia que sim, e sentia-se mal por causa disso, mas ainda assim Sigrid não queria passar Natais alternados em Hanover. Diga-se de passagem que o rapaz também não.

Os homens noruegueses, comparados com os outros, eram problemáticos, inclusive para as mulheres norueguesas, que presumivelmente tinham mais motivos para conseguirem decifrar o código do comportamento deles, nem que fosse por proximidade.

Ela explicou:

– São educados. De vez em quando, são espirituosos. Vestem-se como adolescentes, independentemente da idade que têm, e nunca dizem nada de romântico, a menos que seja durante uma confissão alcoolizada.

– Então, embriaga-os.

– Não me parece que esse seja o primeiro passo para uma relação duradoura, *pappa*.

– Nada pode durar sem começar primeiro. Preocupa-te com a duração depois do começo.

Sigrid amuou e o pai deixou cair os ombros.

– Filha, isto não tem nada de difícil. Procura o homem que, na tua presença, olhe com mais intensidade para os seus próprios sapatos. O tipo de homem demasiado atado para tentar falar contigo. É desse que andas à procura. E vai por mim, não só terás o amor dele como ganharás mais discussões. A longo prazo, é esse o segredo da longevidade, que aparentemente é o teu objetivo.

Sigrid sorriu.

– Sabes que, em Oslo, *pappa*, eles tendem a ser mais loquazes.

– Sim, pois – disse ele –, o mundo é complicado.

O pai terminou a segunda cerveja e recostou-se com um pesado cachimbo de urze-molar, que acendeu com uma mão experiente e um comprido fósforo.

– E então – perguntou ele –, o que é que vais fazer quando acabares o curso?

Ela sorriu de uma orelha à outra.

– Vou combater o crime.

O pai de Sigrid Ødegård fez um sinal de aprovação com a cabeça.

– É esse o espírito que se quer.

Os interesses de Sigrid tinham-na levado a especializar-se em crime organizado.

Tradicionalmente isso significava drogas, armas, tráfico de seres humanos e uma série de crimes económicos e empresariais, embora a polícia de Oslo tivesse uma deplorável falta de pessoal para lidar com delitos de colarinho branco. Quando ela iniciara carreira, o crime organizado era mais oportunista e desorganizado do que atualmente; regra geral, os criminosos não estavam ligados a redes globais e terroristas. Só nos últimos anos, à medida que as fronteiras da Europa se foram tornando cada vez mais lassas e as guerras assolaram os Balcãs, o Médio Oriente e o Afeganistão, é que o crime organizado passou a assemelhar-se ao das séries norte-americanas que ela muitas vezes via na televisão, quando chegava a casa do trabalho, ao final da tarde.

Sigrid, que acabara de fazer quarenta anos, fora recentemente promovida a *Politiførstebetjent* ou inspetora-chefe da polícia do seu distrito, depois de ter trabalhado diligentemente para passar de agente a sargento, depois a inspetor e agora isto. Como não era dada à política, tinha pouco interesse no cargo, mas era uma oportunidade para ficar com um panorama mais lato do crime na cidade e para observar o movimento dos tempos a partir de uma perspetiva mais alta e ampla. Estava convencida de que aquele emprego era o seu destino final e sentia-se grata por ter realizado o seu potencial, sem grandes esforços nem frustrações.

A partir de agora, pensou Sigrid, vou trabalhar, testemunhar e ajudar sempre que possível.

Enquanto testemunha profissional, contava com a ajuda de um corpo de homens capazes e respeitosos que percebiam que ela tirava prazer de estranhos acontecimentos. Todos eles faziam um esforço concertado para lhe apresentar os casos mais dignos de nota e ninguém era tão diligente como Petter Hansen. Petter, de trinta e seis anos e tão imberbe que não precisava de se barbear todos os dias, conseguia detetar estranhezas com o olhar treinado de um colecionador de antiguidades.

O seu trabalho tornara-se mais fácil nos últimos anos, porque Oslo já não era a cidade silenciosa e parada que fora em tempos. Agora, havia violações, roubos, assaltos à mão armada, violência doméstica e uma maré crescente de jovens que não respeitava a polícia. A imigração recente de África e da Europa de leste – e de países muçulmanos mais a leste – criava uma nova tensão social na cidade, que ainda não tinha maturidade política suficiente para lidar com essas questões. Os liberais pregavam uma tolerância sem limites, os conservadores eram racistas ou xenófobos, e toda a gente debatia o assunto a partir de posições filosóficas e nunca com base em provas concretas e, por conseguinte, não havia um debate sério sobre a verdadeira questão que assombrava toda a civilização ocidental, isto é: até que ponto devemos tolerar a intolerância?

.....

Sigrid pousa a sanduíche – meio tocada – em cima do saco de papel pardo onde

estivera guardada durante a noite e levanta os olhos, quando Petter se aproxima da sua secretária com um sorriso, que só pode querer dizer que desenterrou mais um tesouro escondido.

– Olá – diz ela.

– Olá.

– Novidades?

– Sim – responde ele.

– Olha que bom.

– Uma coisa horrível – acrescenta Petter.

– OK.

– Mas diferente.

– Começa pelo horrível.

– Houve um assassinio. Uma mulher de trinta e poucos anos, em Tøyen. Foi estrangulada e depois apunhalada. Já isolámos o local do crime. Estamos a dar início ao processo.

– Quando é que isso aconteceu?

– Recebi a chamada há vinte minutos. Estamos no local há cinco. Uma pessoa do prédio ouviu uma discussão e chamou-nos.

– Estou a ver. E o que é que tem de diferente?

– Isto – diz Petter, entregando um bilhete a Sigrid. Foi escrito em inglês. Ou, pelo menos, numa espécie de inglês. Ela lê-o atentamente. E depois relê-o.

– Percebes o que isto quer dizer?

– Não – diz Petter. – Mas tem erros de ortografia.

– Pois tem.

– Telefonámos ao proprietário do apartamento. A rapariga que foi morta não vivia lá. Vivia no andar de cima com o filho. O filho desapareceu. O proprietário chama-se Lars Bjørnsson.

– Sabemos quem é?

– Faz videojogos. É muito bom.

– Tens trinta e seis anos, Petter.

– São videojogos muito sofisticados.

– Ah.

– Ele está na sala quatro. Vieram logo para cá. A mulher do Lars diz que o avô dela desapareceu de casa.

– Ele vive lá?

– Sim. É americano. Reformado.

– Muito bem. Eles são suspeitos?

– Bom, sabes como é, temos de averiguar onde estavam à hora do crime, mas acho que não. Tu o dirás. – Petter estala os lábios e diz: – Então, vamos lá.

Sigrid baixa os olhos para a sua camisa azul-bebé e para a gravata preta, para ver se ficou com bocados do recheio da sanduíche agarrados à roupa. Aliviada, levanta-

se e segue Petter pelo corredor fora, passapelo Sistema de Informação Geográfica que indica o paradeiro de todos os agentes e veículos policiais na cidade, e pela máquina de café que está avariada há tanto tempo que alguém (provavelmente Stina) pôs flores na cafeteira. A cafeteira é agora regularmente regada.

A sala número quatro tem uma mesa redonda de madeira e cinco cadeiras de escritório. Não há nenhum espelho unidirecional e as cadeiras não rangem no chão durante um interrogatório. Em vez disso, há uma caixa de lenços de papel e umas quantas garrafas de água *Farris*. Na parede ao fundo há uma janela, que está trancada, mas não tem grades nem grelhas a cobrir o vidro. Na parede oposta à da janela está um cartaz de divulgação da polícia de caça norueguesa, com uma mulher fardada numa moto de neve a falar com dois pastores sami. Sigrid imagina no seu íntimo que a agente está a pedir direções.

À mesa está sentado um casal. O homem é norueguês e a mulher, não. Ele é alto e louro, com uma expressão infantil. Ela tem o cabelo preto e uns olhos azuis invulgarmente escuros. Ambos estão muito sérios.

Levantam os olhos quando Sigrid entra na sala, com Petter atrás.

Os dois agentes sentam-se à mesa. Em inglês, Petter diz:

– Esta é a inspetora-chefe Ødegård.

Rhea fala em inglês.

– Disseram-nos que está uma mulher morta em nossa casa.

– Sim, sim – confirma Sigrid. – Também estamos curiosos em relação a isso.

– Esse tipo de coisa costuma acontecer por aqui?

– Não, não é muito frequente.

– Não parece particularmente surpreendida – comenta Rhea.

– Pois, não me serviria de muito, nesta altura do campeonato, pois não? Portanto, o Petter informou-os do que se passa. Conheciam-na?

Lars e Rhea fazem ambos que sim com a cabeça.

Sigrid repara que só a mulher é que fala.

– Vivia com o filho no andar de cima. Não era pessoa de muitas falas. Penso que é da Europa de leste. Costumava ter montes de discussões com um homem.

– Que homem?

– Não sei. Mas, nos últimos tempos, ele estava lá sempre caído. Falavam a mesma língua. Ele era muito violento.

Sigrid tira apontamentos e Petter também. A conversa está igualmente a ser gravada.

– O que é que ela estava a fazer em vossa casa?

– Não faço a mínima ideia.

– A porta foi arrombada – diz Petter.

– Isso é interessante – comenta Sigrid. – Uma mulher franzina como ela. Provavelmente não foi ela quem arrombou a porta, certo?

Petter abana a cabeça.

- A porta tem uma marca de uma bota grande de homem.
- Portanto, ela estava em vossa casa com a porta trancada. Ela tinha uma chave?
- Não – diz Rhea.
- Costumam trancar a porta quando saem?
- Sim, mas o meu avô estava em casa. Sheldon Horowitz.
- *Ya* – diz Sigrid. – Quer-me falar sobre ele?

E, assim, Rhea fala e conta-lhe uma história que Sigrid nunca tinha ouvido. Fala sobre o avô que desapareceu. Fala sobre Nova Iorque nos anos 30, quando Sheldon era menino. Menciona o livro de E. B. White sobre a cidade. Sobre a guerra e Sheldon, que viu os rapazes mais velhos partirem para combater os nazis, enquanto ele ficou para trás por ser demasiado jovem. A quantidade deles que não regressou. Fala sobre Mabel e o namoro dos avós. Que Sheldon se alistou nos fuzileiros e trabalhou como funcionário de escritório em Busan, na Coreia, embora ultimamente tenha começado a contar uma versão diferente.

Que Sheldon e Mabel tiveram um filho, Saul, e que Saul passava horas e horas na loja de antiguidades e oficina de relógios, a aprender a desmontar com uma chave de parafusos tudo o que tivesse sido criado entre 1810 e 1940, e depois fugia a sete pés.

Conta que Saul morreu no Vietname. Que todos os amigos de Sheldon morreram de velhice, que Mabel morreu, que as pressões do mundo estavam a deitar o avô abaixo e que a mudança para a fronteira norte da civilização ocidental foi a sua própria tentativa falhada para partilhar os últimos anos de vida dele antes de chegar o fim. Explica os medos de Sheldon. E, agora, aconteceu o inimaginável dentro de sua casa e o avô desapareceu.

Rhea falou com amor e cuidado. Falou, atemorizada, sobre o que está a sentir. Falou com perspicácia e humanidade.

Falou durante muito tempo. Quando termina, tem uma pergunta para fazer a Sigrid:

- Então, compreende?

Sigrid escutou-a efetivamente com atenção, por isso a sua resposta é muito exata:

– Um franco-atirador americano, de oitenta e dois anos e demente, está alegadamente a ser perseguido por assassinos coreanos em plena Noruega, depois de ter fugido do local de um crime. Ou antes ou depois.

Rhea franze o sobrolho.

- Acho que não poria as coisas propriamente nesses termos – diz.

– O que é que me escapou? – pergunta Sigrid, olhando para os seus apontamentos.

- Bom... que ele é judeu.

Sigrid acena com a cabeça e escreve mais qualquer coisa. Depois, levanta os olhos.

- Essa parte – diz Rhea – é importante. É como se emoldurasse tudo o resto. Não

é um mero facto. Não é como dizer que ele vestia um casaco azul e não castanho. É importante.

– Em que sentido?

– Bom – repete Rhea, tentando encontrar as palavras certas para exprimir a essência da coisa. – Significa que, bom... ele é judeu. Não é o tipo de louco banal. O nome dele é Sheldon Horowitz. Percebe? É como se toda a história dele estivesse integrada no próprio nome. É um velhote desaparecido num país estrangeiro. Ele sofre de demência. Deve ter visto alguma coisa. Aconteceu alguma coisa.

Nada do que Rhea disse faz sentido para Sigrid, que está cada vez mais desconcertada com aquele tópico que é novo e claramente delicado. Pouco sabe sobre judeus. Em toda a Noruega, existem apenas mil judeus. O nome de Sheldon soa-lhe simplesmente estrangeiro, mais nada.

Não obstante, Sigrid aprecia o facto de Rhea estar a tentar partilhar algo que considera tão óbvio que nem precisava de explicação. É por isso que, ao tentar explicá-lo pela primeira vez, se sente frustrada e hesitante. Embora Sigrid ainda precise de conversar com Petter, já percebeu porque é que aquela mulher e o marido não são suspeitos.

Rhea, sentada à frente da inspetora, vê no rosto dela o quanto ser judeu é uma vivência desconhecida na Noruega e é inundada por um tremendo sentimento de culpa por ter levado o avô para aquele país.

Ainda por cima, o próprio Sheldon atacara o assunto de frente, um dia ao pequeno-almoço, num dos seus devaneios de caneca de café em punho, associando para sempre, na mente de Rhea, a história judia norueguesa a imagens de nus retocados da *Penthouse*.

O que teria deliciado Sheldon, se ele soubesse.

– Mil judeus! – exclamara ele. – Li isso no guia *Lonely Planet*! Cinco milhões de pessoas, mil judeus. Os noruegueses não sabem o que é um judeu. Sabem só o que um judeu *não* é.

O que Sheldon disse a seguir aborreceu-a, porque o disse à frente de Lars, que é casado com uma mulher judia e que tem um grande carinho por Sheldon. Quando Lars olhou para ela, depois, Rhea baixou os olhos para o chão.

– Os noruegueses aprenderam que os judeus não são gananciosos, falsos, fracos, pálidos, matreiros, conspiradores, impotentes, devassos nem mentirosos. Não têm o nariz torto, nem dedos ossudos, nem apetites perversos. Não são intriguistas, nem evolutivamente inferiores aos louros nórdicos, nem fazem planos secretos para tomar posse do mundo – disse Sheldon. – Aprenderam isto na escola, para poderem crescer e transformar-se em liberais simpáticos, com os ouvidos libertos da velha e má propaganda nazi. A verdade é que este tipo de descrição não dá vontade a ninguém de sair com um judeu, pois não?

Portanto, apesar de os judeus existirem aqui – ou algures – há três mil anos, a única coisa que vem à cabeça dos noruegueses quando ouvem a palavra “judeu” é o

Holocausto e o fiasco israelo-palestiniano. O problema é que, nessa história deturpada e limitada, não há lugar para um Sheldon Horowitz nem para uma sereiazinha introspetiva como tu. Não há lugar para três mil anos de história, filosofia, teatro, artes, artesanato, erudição, escrita, pontificação, fornicção, nem sentido de humor oportuno e aperfeiçoado, ora bolas!

– Não te preocupes – acrescentou, em prol de Lars. – Foi o que as pessoas todas aprenderam no resto da Europa, não foram só vocês.

E eis o que ele disse a seguir, para si próprio, baixando a caneca: *Olha para os cemitérios na costa norte da França. Olha, Europa. Olha e vê os túmulos dos judeus que desembarcaram nas tuas praias. Aqui. Aqui no silêncio opressivo da Europa que malbaratou a música das ideias judias. Onde fomos tuas vítimas. Olha com atenção, porque viemos da América, onde fomos quinhentos mil Filhos de David a lutar sob a bandeira americana contra o apocalipse da civilização ocidental.*

Inspira fundo esta lição, Europa: enquanto tu nos mataste, nós libertámos-te.

Mas Sheldon, não. Sheldon não participou nessa guerra. Era demasiado jovem.

– O que eu quero dizer – explica Rhea a Sigrid – é que ele é um velho notável, que está a perder o juízo no final de uma vida longa e dura, e está desaparecido.

Sigrid faz um gesto de assentimento com a cabeça. Lars e Petter permanecem calados. Sigrid olha novamente para os apontamentos e diz:

– Gostava de voltar à questão da demência.

– Sim, está bem.

Sigrid deteta uma alteração no rosto de Lars, mas não consegue interpretá-la.

Rhea explica.

– A minha avó morreu há relativamente pouco tempo. O Sheldon anda perdido desde essa altura. Eles eram invulgarmente chegados um ao outro. Antes de ela morrer, disse-me que ele sofria de demência. Aconselhou-me a estar atenta e a informar-me sobre a doença.

– Isso foi em Nova Iorque.

– Sim. Informei-me sobre os sintomas junto das instituições nacionais de saúde do país.

Ao ouvir isto, e pela primeira vez, Lars solta um riso de troça.

– O que foi? – diz Rhea.

– Tens de explicar que o teu avô tinha uma resposta para cada um dos sintomas.

A conversa a que Lars se refere teve lugar três semanas antes, à frente de Vestbanen, perto de Aker Brygge, no porto de Oslo. Toda a zona estava em obras. O posto de turismo tinha sido retirado da antiga estação de comboios e substituído pelo Centro do Prémio Nobel da Paz. Sentaram-se no Pascal, que tinha bolos excelentes e gelados a preços exorbitantes, servidos em ridículos copos de plástico. Um enorme transatlântico estava ancorado junto da fortaleza de Akershus e aproximava-se uma torrente de seres humanos de grande porte, munidos de máquinas fotográficas e cheios de fome.

Ao ver os turistas esfomeados, Sheldon puxou o seu gelado a doze dólares o copo mais para junto de si.

– A única coisa que eu estou a dizer, vô, é que há cinco sintomas e devíamos analisá-los. – Guiando-se por um papel, Rhea disse, numa voz o mais solidária e compreensiva de que foi capaz: – Um: repetir várias vezes as mesmas perguntas. Dois: perder-se em espaços familiares. Três: ser incapaz de seguir direções. Quatro: ficar desorientado em relação ao tempo, pessoas e lugares. E cinco: negligenciar a segurança pessoal, a higiene e a alimentação.

Era sábado de manhã e o final da primavera estava a ceder lugar aos longos dias exuberantes do eterno verão norueguês.

Sheldon ouviu e fez que sim com a cabeça. Depois, passou dois dedos pelo copo de cerveja, recolhendo a condensação. Fechou os olhos e esfregou as pálpebras com as gotas de água fresca.

– Já alguma vez fizeste isto? É uma sensação ótima.

– Vô.

– O que foi?

– Porque é que teima em pedir cerveja se nunca a bebe?

– Gosto da cor – disse ele, de olhos fechados.

– Tem algum comentário a fazer sobre o que acabei de dizer?

– Sim.

– Lembra-se de qual foi a pergunta?

Sheldon sentiu-se picado. Virou-se para Lars, que estava a prestar atenção.

– Observa bem. Ponto um: fazer com que as pessoas repitam as suas perguntas obriga-as a pensar bem no que estão a perguntar. Se não estiveres disposto a repetir a mesma pergunta três vezes, então é porque não queres realmente saber a resposta. Ponto dois: trouxeste-me para a Noruega. Nada me é familiar, portanto não me posso perder em espaços familiares. Perco-me simplesmente. Ponto três: não falo norueguês, por isso não posso seguir direções nenhuma que me deem. Se as percebesse... isso, sim, é que seria demente. Ponto quatro: não conheço nenhuma pessoa com um pinga de inteligência e perspicácia que, se parar para pensar, não ache o tempo, as pessoas e os lugares completamente desorientadores. Aliás, que mais existe no mundo para nos desorientar *senão* o tempo, as pessoas e os lugares? E quanto ao final tripartido, deixa-me que te diga o seguinte. Não faço a mínima ideia do que significa negligenciar a segurança pessoal. Comparado com o quê? Em que circunstâncias? Aos olhos de quem? Enfrentei de caras uma chuvada de balas tracejantes, no mar Amarelo, em plena madrugada. Fui negligente? Casei-me com uma mulher e fiquei com ela até ao fim dos seus dias. Chamas a isso segurança? Quanto à higiene, lavo os dentes e tomo banho todos os dias. A única pessoa que pode achar que sou sujo é alguém que considera que não me encaixo e, portanto, provavelmente é antissemita e podes dizer-lhe que é essa a opinião do Sheldon Horowitz. E a alimentação? Tenho oitenta e dois anos e estou *vivo*.

Que tal me saí, Lars?

– Melhor do que eu me teria safado, Sheldon.

Rhea lembra-se da conversa. Mas, à frente de Sigrid, diz a Lars:

– Ele estava lúcido. Tem uma enorme capacidade de argumentação. Estava a exhibir-se.

Lars encolhe os ombros.

– Para mim, resultou.

– Está bem, talvez não seja demência propriamente dita. Mas ele é estranho. Muito estranho. E anda a falar cada vez mais com os mortos.

Ainda nem terminou a frase e já está, ela própria, a aceitar as dúvidas. Seja o que for que se passa na mente sobrecarregada de Sheldon é complicado. Vem e vai. Rhea tem a certeza de que Sheldon não está bem. Que a morte de Mabel alterou de uma maneira crucial o lugar dele no mundo. Que ele ficou à deriva. Para lá disso, não sabe mais nada.

Sigrid ouve-a e depois, em inglês, diz a Lars:

– Acha que não é demência?

Lars tamborila os dedos na mesa. Não quer discordar de Rhea. Não em público. Não sobre a família dela. Mas sente uma obrigação. Antes de abrir a boca, porém, pergunta-se se conseguirá dizer as coisas de maneira a que a própria Rhea chegue à mesma verdade. Para que a conclusão seja dela.

– A Rhea contou-lhe uma coisa, hoje de manhã. Uma coisa que o perturbou.

Sigrid vira-se para Rhea e espera.

– Sofri um aborto espontâneo, esta noite. O hospital deu-me alta. Ainda estava no primeiro trimestre. Dei a notícia ao meu avô hoje de manhã.

É Petter quem responde.

– Lamento muito – diz.

Rhea faz um aceno de cabeça. Não quer ser o centro das atenções.

– Já tínhamos antecipado que uma coisa destas pudesse acontecer – diz Lars. – Mas penso que o Sheldon foi apanhado completamente de surpresa.

Rhea fica calada, por isso ele continua.

– Não acho que seja demência. O Sheldon sobreviveu a todas as pessoas que conheceu na vida, incluindo ao próprio filho e à mulher. Penso que ele veio para a Noruega por causa do bebé. Para ter uma oportunidade de ver a vida continuar para lá dele. Mas o bebé morreu.

– O que é que acha que se passa na cabeça dele? – pergunta Sigrid a Lars.

– Penso que é uma espécie de culpa. Penso que ele se sente consumido pela culpa de sobreviver. Ao filho, o Saul, o pai da Rhea, para começar. Talvez também aos amigos mais antigos, que morreram na Segunda Guerra Mundial. Ao primo Abe. Ao Holocausto. Às pessoas na Coreia. À mulher. A este bebé. Acho que ele não aguenta mais culpas. Mesmo em relação aos coreanos. Eu sei que há dúvidas sobre se ele realmente participou nos combates, mas eu acho que sim, porque ele vê-os

escondidos nas árvores. Não me parece que sejam quaisquer coreanos em geral. Penso que ele vê as pessoas que matou e se sente mal por causa disso. Embora se tratasse de uma guerra.

Rhea não concorda.

– O meu avô não se sente culpado por ter sobrevivido ao Holocausto. A sério. Se se sente culpado é por não ter mentido sobre a idade que tinha e não ter ido lutar contra os nazis.

– Ele tinha catorze anos quando os Estados Unidos entraram na guerra. Era um miúdo.

– Até parece que não o conheces!

Sigrid aponta tudo no seu caderno, juntamente com outros comentários sobre Rhea e Lars e o momento do desaparecimento.

Resta apenas mais uma questão na ordem de trabalhos.

– O que me diz disto? – pergunta Sigrid, entregando o bilhete do local do crime a Rhea.

O bilhete assenta ao de leve na mão de Rhea, enquanto ela o lê e relê.

– É do meu avô.

– E o que é que acha que diz?

– Bom – responde ela –, não é uma questão do que diz e sim do que significa.

– *Ya*. Sim.

– É por isto que o Lars e eu não estamos de acordo em relação ao diagnóstico do Sheldon.

Sigrid pega no bilhete e lê-o em voz alta o melhor que pode, sem saber que sotaque é que o texto imita:

Acho que tenho de ir a correr para o Território, porqu’eles me vão adotar e sivilizar e eu não aguento. Já lá ‘tive antes.

– Ratos do Rio do Paralelo 59

– E pronto – diz Sigrid –, é isto que diz. O que é que significa?

– Pois – responde Rhea. – Não sei.

Capítulo 4

Sheldon não assistiu ao ataque contra o filho, no Vietname, mas imaginou-o vezes sem conta. Surgia-lhe zelosamente em sonhos, noite após noite. Mabel tinha de o sacudir para o acordar.

- Estás a sonhar – dizia ela.
- Não. Não é um sonho.
- Então, um pesadelo. Estás a ter um pesadelo.
- Não, nem sequer é isso. É como se eu lá estivesse. No barco com ele. A patrulhar o Mekong. A subir um afluente à noite. Consigo sentir o sabor do café. Tenho comichões nos pés.

Mabel tinha quarenta e cinco anos. Dormia nua, só com a aliança e um fino colar de ouro branco ornado com um pendente com um pequenino diamante. Tinha mandado fazer o pendente a partir do anel de noivado que Sheldon lhe oferecera, em 1951, e nunca o tirava.

Mabel não tinha problema nenhum em acordar a meio da noite, fora de horas. Os ataques de medo do marido não a perturbavam. Vinte e três anos antes, Saul costumava dar-lhe noites brancas, porque tinha muitas cólicas em bebé. Desde então, ela deixara de precisar de muitas horas de sono. Depois da morte de Saul, deixou de ter importância.

O sonho de Sheldon começou numa noite de verão, em Nova Iorque, em 1975. Saul já estava morto e enterrado. Mabel estava deitada em cima do lençol branco. Era pequenina e curvilínea, e gostava de esticar o corpo desde a ponta dos pés até às pontinhas dos dedos das mãos, arqueando as costas, até sentir um formigueiro de cima a baixo. Mantinha a posição até ficar com dores e depois descontraía-se...

Donny também estava deitado, nu, no lençol branco. Estava um calor abrasador, nesse verão. Não tinham ar condicionado. Uma ventoinha de teto antiquíssima, que parecia ter sido importada do Quénia colonial, girava lentamente, mas empurrava o ar quente para baixo.

Mabel acendeu a luz da mesinha de cabeceira.

Ainda não tinham tido a conversa. Donny ainda não tinha feito a pergunta que o incomodava. Estava preparado, pelo menos até essa noite, para continuar assim. Para acordar de manhã, ir para a oficina de relógios, colocar o óculo e mudar uma espiral, olear uma rodagem, trocar o pivô partido de um balanço ou fixar uma nova coroa. Comer uma sanduíche. Voltar para casa. Fazer conversa de chacha. Ler um jornal. Fumar uma cachimbada. Tomar um copo. Dormir. Dia após dia, deixando calmamente o tempo passar, consertando os instrumentos que o mediam.

Mas essa noite de verão, em 1975, foi diferente. Não dava para perceber o que é que a tornava diferente. Talvez fosse a temperatura, o modo como o calor do seu Vietname imaginário o seguira até ao Lower East Side de Nova Iorque e o suor da selva encharcara os lençóis.

Talvez já não houvesse mais espaço dentro dele para conter o seu mundo interior e, independentemente das eventuais consequências, esse mundo tivesse de ser libertado.

Quando ela pegou na mão dele entre as suas e suspirou, Donny fez a pergunta.

– Porque é que ainda estás comigo? Porque é que não me deixaste?

Falou numa voz calma, ou pelo menos foi assim que a sua memória a registou. Uma voz sincera, que surgiu de um reservatório subterrâneo de humanidade, mudo e quedo nas nossas almas coletivas.

Mabel fez uma longa pausa antes de responder. Ele olhou-lhe para os pés de unhas pintadas, enquanto ela fletia os dedos. Tinha uns pés com uma curvatura linda.

– Sabes no que tenho andado a pensar? – disse ela.

– Em quê?

– Tenho andado a pensar naquelas duas naves espaciais que se encontraram no meio daquele vazio imenso.

– Não sei de que é que estás a falar.

Ela virou a cabeça e franziu o sobrolho.

– Não vês as notícias?

– Tenho andado arredado de tudo.

– A *Apollo* e uma nave espacial russa. A *Soyuz*. Encontraram-se há dois dias. Lá em cima, na escuridão. No meio daquele silêncio enorme, elas ligaram-se uma à outra. Pergunto-me qual terá sido a sensação de ouvir esse som. Estás a flutuar. Sem gravidade. E, de repente, ouves o estrépito de metal contra o casco da tua nave. O inimigo estende-te a mão. Aperta-la com a tua luva. Superior a tudo, finalmente. Lembrou-me uma sensação que eu costumava ter. Não me recordo do nome que se dá a isso. Foi como... como uma espécie de cheiro que sentimos uma vez ao passar e, de repente, somos assolados por um mundo e o tempo desaparece, e somos transportados para esse espaço outra vez. Como é que isso se chama?

– Esperança.

– Devias ter visto as notícias.

– Não consigo perceber se isso é uma resposta ou não.

– Ainda aqui estou, Sheldon. Importa porquê?

– Sim.

– Porquê?

– Preciso de saber até que ponto é frágil.

– Não é uma ciência, Donny.

– Estou a consertar um relógio na oficina. É um Omega Speedmaster. Tem um

parafuso partido mesmo por baixo da mola principal. Tenho de o desmontar todo para conseguir chegar a ele e não sei muito bem como voltar a montar tudo, depois de arranjado. Estes calibres internos são um nadinha peculiares. Seja como for, é o mesmo relógio que os teus astronautas usam no espaço.

– Isto é uma coincidência?

– É um relógio que se vende muito. Eu próprio tive um, mas o Saul ficou com ele. Não sei que fim levou.

– Que pena. Adoro coincidências.

– Achas que a culpa é minha?

– Tu achas que a culpa é tua?

– Sim, completamente. Enchi-lhe a cabeça desde pequenino com histórias de guerra. Disse-lhe que um homem luta pelo seu país. Incentivei-o a alistar-se. “Os judeus não conseguem sair da Rússia. Preenchem os papéis para emigrar e vão parar a uma lista negra... chamam-lhes *refuzniks*. Vivem como ratazanas nervosas. Nós vivemos como homens. Porque somos americanos. E a América está em guerra. Por isso, Johnny, vai buscar a tua arma”, disse eu.

– Já disseste isso antes.

– “Os jovens fumam erva e ouvem música. Hoje em dia, somos todos uma cambada de liberais que querem mudar o mundo”, disse eu.

– Já disseste isso tudo. Não precisamos de voltar a falar disso.

– Eu tinha de encher a cabeça do meu filho com ideias.

– Eu sei.

– Lembro-me de quando o trompetista Harry James atingiu aquele dó no topo da oitava, no Carnegie Hall, em 1938. Era a orquestra do Benny Goodman. As pessoas estavam na dúvida se o *jazz* mereceria aquelas honras, se aqueles músicos seriam suficientemente sérios para merecerem tocar no Carnegie Hall. E, de repente, aquele nota. A cidade toda enlouqueceu. Imaginas uma simples nota a ser falada de uma ponta à outra do país, nos tempos que correm? Hoje, eles espatifam guitarras em palco. O meu filho podia ter sido músico. Eu mandei-o para a guerra.

– Ele não era dado à música – comentou Mabel.

Sheldon abanou a cabeça e disse:

– Costumávamos ter medo de que, se lhe pegássemos ao colo sempre que chorava, ele nunca ganhasse autoconfiança. Que raio de ideia nos passou pela cabeça?

– Não te vou abandonar, Sheldon. Acho que, agora, chega. Está bem?

– Sim, está bem.

E assunto encerrado, foi a última vez que falaram nisso. Se havia mais alguma coisa a acrescentar, Mabel levou-a para o túmulo.

.....

Conseguem fugir momentos antes de a polícia chegar.

Sheldon entreabre a porta do armário muito devagar e fica à escuta, em silêncio, durante vários minutos. Fica à escuta do som de vidros esmagados nos degraus, do barulho de portas a abrir, a fechar. Sabe que não há defesa possível se os encontrarem, mas pode tentar impedir que isso aconteça.

A luta fora horrível e longa. O menino enterrara o rosto no peito de Sheldon. E, no fim, Sheldon sentira uma onda de vergonha e remorsos tão intensa e inevitável como lhe acontecera durante anos, depois da morte de Saul. Na sua mente, qualquer outra sequência de acontecimentos – não ter aberto a porta à rapariga, não os ter retido durante tanto tempo, ter chamado a polícia, fosse o que fosse – teria tido como consequência ela não ter morrido e ter podido criar o seu filho dócil. Era como se a tivesse assassinado com as suas próprias mãos.

Abre a porta toda do armário e olha em redor do quarto. Está tudo no mesmo sítio. O monstro não entrou ali.

Sheldon arranca com um puxão o tapete que cobre a porta das traseiras e mexe na fechadura. Abana-a, empurra a porta, puxa-a para cima e, por fim, consegue abri-la o suficiente para saírem. A porta é ruidosa e custa a abrir. Alguma coisa pesada está encostada a ela. Sheldon não a poderia ter aberto sem fazer barulho, o que pouco lhe serve de consolo.

Falando para dentro do armário escuro, Sheldon sussurra, para não assustar o menino:

– Fica aqui um minuto. Vou ver se o caminho está livre e depois vamos. Porque não podemos passar pela sala.

Sheldon esgueira-se para um pequeno beco atrás do edifício. Vê que alguém encostara um caixote do lixo à porta e que as dobradiças desta estavam ferrugentas, de falta de uso. Esses dois pormenores podiam tê-los matado.

Avança uns metros para a esquerda e desemboca numa rua lateral onde o sol brilha e passeiam alguns casais. É sossegada e segura. O que aconteceu no apartamento não transbordou para o mundo exterior, afetando-o. *Estamos todos, de facto, desligados uns dos outros.*

Antes de Sheldon voltar atrás para ir buscar o menino a casa, passa um Mercedes branco na rua, devagar. É o mesmo Mercedes que viu da janela. No banco do condutor, de olhos postos em frente, vai um homem de casaco de cabedal preto com correntes de ouro. Ao seu lado vai outro homem.

Esse outro homem e Sheldon entreolham-se quando o carro passa. O rosto do homem não denota qualquer sinal de reconhecimento. Nunca viu Sheldon antes. Não tem motivos para suspeitar de que o velhote seja algo mais do que um mero transeunte fortuito perto do local de um crime.

Mas há uma ligação qualquer. Entre eles passou uma mensagem. Sheldon sente-a de imediato.

Quando o carro passa, Sheldon murmura baixinho para que as palavras sejam proferidas, mesmo não havendo ninguém para as ouvir:

– Vocês não o terão. Com Deus como minha testemunha, digo-vos que não o terão.

De volta a casa, escreve o bilhete. As palavras vêm-lhe à mente como se fossem proféticas. Rhea vai perceber, não vai? Vai compreender a referência. Saberá para onde ele vai. Saberá o que aquilo tudo significa.

Deixa-o em cima da cómoda, junto das fotografias e por baixo da insígnia do casaco dos fuzileiros. Embora a ideia lhe venha à cabeça, opta por não escrever a hora.

Ao sair do apartamento pela porta das traseiras, Sheldon e o menino não precisam de se afastar muito para encontrarem um lugar público e seguro onde é pouco provável que os encontrem. Tal como tantos outros noruegueses, dirigem-se para o Jardim Botânico e escondem-se na beleza do dia. Só que não são como os outros noruegueses.

Sentado num banco de jardim, depois de comprar um gelado ao menino, Sheldon consulta o relógio para saber precisamente que horas eram quando se lhe acabaram as ideias.

14h42. Uma hora tão boa como qualquer outra.

Um carro da polícia passa por trás deles com as luzes e a sirene ligadas. Pouco depois, segue-se outro. Sheldon percebe imediatamente que a devem ter encontrado. E daí a pouco, encontrarão o bilhete.

– O que temos de fazer, rapaz, é esconder-nos numa gruta como o Huckleberry Finn, durante uns tempos. Conheces a história do Huck Finn? Ele subiu o rio depois de ter enfrentado o pai mau. Fingiu a sua própria morte. Encontrou um escravo fugitivo chamado Jim. Um pouco como tu e eu, se um velho judeu e um pequeno albanês vestido de Ursinho Paddington podem ser substitutos razoáveis do elenco original. A questão é que temos de nos esconder nalgum lugar. Na nossa própria versão da ilha Jackson. Também temos de subir o rio. Procurar a liberdade a norte. E tenho uma ideia de como fazer isso. A questão é que, aqui, estou fora do meu elemento natural. Não sei o que posso fazer por ti. Não te posso abandonar. Não te posso levar à polícia e rezar para que os noruegueses não te entreguem àquele monstro do andar de cima. Eu sei lá quem ele é! O que, sim, sei é que não tens culpa de nada e, para mim, isso chega por agora. Por isso, estou do teu lado. Percebeste?

O rapaz mastiga o que resta do gelado, em silêncio, de olhos postos nas galochas.

– Vais precisar de um nome. Como é que te chamas?

As galochas balouçam.

– Eu chamo-me Donny. – Aponta para si próprio. – Donny. Podes tentar dizer Sr. Horowitz, mas parece-me uma missão impossível. Donny. Sou o Donny.

Espera por uma reação.

– Se olhasses para mim, ajudava.

Espera novamente. Passa mais um carro da polícia com as sirenes em altos berros.

Estão sentados num banco perto do Museu de Zoologia. Uma relva luxuriante rodeia as árvores frondosas e a base dos arbustos é ornada por lírios. Crianças – muitas da idade do menino – deslizam pelo caminho fora com uns estranhos ténis que parecem ter rodas nos calcanhares.

Passa uma nuvem escura no céu, arrefecendo o ar e trazendo com ela mil sombras.

Sheldon continua a falar por ambos. O silêncio não é uma arte que domine.

– O meu filho chamava-se Saul, como o primeiro rei de Israel. Há três mil anos. Saul teve uma vida dura. E eram tempos duros. Os filisteus tinham-se apoderado da Arca da Aliança, o povo estava infeliz e Saul tinha de resolver a situação. O que fez. Mas não foi capaz de manter a paz. Era um homem com muitos defeitos numas coisas, mas não noutras. Um dos pormenores que mais aprecio em Saul é o facto de ter poupado a vida de Agague, rei dos amalequitas. O exército de Saul derrotou-os e, segundo Samuel – de quem não gosto –, Saul devia condenar Agague à morte, porque era a vontade de Deus. Mas Saul poupou-o.

Olho para esses homens, homens como Saul, homens como Abraão... Ouvem a voz vingativa de Deus a mandá-los destruir Sodoma e Gomorra, a tirar a vida ao rei derrotado. Mas esses homens interpõem-se entre Deus e o que Ele destruiria, e recusam-se a obedecer. E, por isso, pergunto-me: de onde vêm estas ideias sobre o certo e o errado, o bem e o mal, se não do próprio Deus? É como se, em tempos, o rio do universo corresse nas veias desses homens e nos ligasse a verdades eternas, verdades mais profundas do que Deus conseguia lembrar, cegado pela Sua raiva. Verdades sobre as quais os homens judeus se erguiam como sobre terra firme e fitavam o céu, e teimavam para que se mantivessem. Que verdades são essas? Quem são esses homens?

Imagino Abraão parado no cimo de um monte, um monte rochoso e avermelhado, acima de Gomorra, enquanto as nuvens se amontoam para o seu ataque, e estica um braço para o céu e diz: “Destruirás a cidade, se ainda houver cem pessoas boas?” E nesse momento, por mais infeliz que esteja, parado diante das forças do Eterno, Abraão ergue-se bem alto como o potencial humano. Abraão por si só. Ali sozinho, com os pés sujos, um manto imundo sob o vento quente que sopra. Confuso. Só. Triste. Traído por Deus. Torna-se a voz para lá da voz. A voz que reúne. Estará Deus a ser justo?, pergunta-se. Nesse instante, a humanidade transforma-se numa raça dotada de consciência.

Deus pode ter-nos dado vida, mas foi só quando a usámos para corrigir Deus que nos tornámos homens. Tornámo-nos, ainda que brevemente, o que podemos ser. Assumimos o nosso lugar no universo. Tornámo-nos os filhos da noite.

E depois Saul, o meu Saul, decidiu ir para o Vietname, porque o pai tinha estado na Coreia, e o pai foi para a Coreia por não ter ido para a Alemanha. E o Saul morreu lá. A culpa é minha. Eu incentivei-o. Acho que tirei a vida ao meu filho em nome de uma causa moral. Mas, no fim, eu não tinha nada de Abraão. Eu não era

nada como Saul. E Deus não me firmou a mão.

Sheldon tem a sensação de que, pela primeira vez, o menino o fita. Por isso, sorri. Sorri o tipo de sorriso de que só os velhos são capazes. O sorriso que dá mais valor à importância do momento do que à sua realidade.

O menino não retribui o sorriso, por isso Sheldon sorri por ambos.

– E depois houve outro Saul... o rabino Saulo de Tarso. Um romano. Gostava de cair de cavalos. Segundo vocês, gentios, perseguiu os primeiros cristãos até que teve uma revelação, uma visão, na estrada para Damasco. E assim Saulo tornou-se Paulo. E Paulo tornou-se um santo da Igreja. E era um homem bom.

Não fazias ideia de que eu sabia tanta coisa, pois não? Mas sei. Nunca ninguém me pergunta nada. Por sorte, tenho uma vida interior rica. E, agora, tenho-te a ti.

E se eu te chamar Paul como Paulo? Um menino transformado? O que caiu e se voltou a levantar? O cristão que nasceu do judeu caído? Importavas-te? Será uma piada só minha. São as melhores. Muito bem, vamo-nos esconder no cinema.

Sheldon tem dificuldade em lembrar-se quando foi a última vez que segurou na mão pegajosa de um menino. Os dedos gorduchos e leves, mas com um aperto convicto. A confiança e a responsabilidade. O passo moderado e o seu ombro ligeiramente puxado para baixo. Será que a última vez foi mesmo com Saul? Isso significa que foi há mais de cinquenta anos. A sensação é demasiado familiar, demasiado *imediate*, para que consiga assimilar essa resposta, mesmo que seja verdade. A ideia de existir meio século entre aquela sensação e a última vez que a sentiu enche-o de remorsos.

Houve Rhea, claro. Um amor que ele nunca esperara que fosse assim. Mas aquela era uma mão de menino.

....

Rhea e Lars estão parados à frente da esquadra da polícia, em silêncio. Deixaram-nos ir embora, mas deram-lhes ordens para permanecerem contactáveis dia e noite. Lars observa os carros que passam. Rhea morde um pedaço do lábio, retira-o com a mão e atira-o da ponta de um dedo para a brisa ligeira. Ficam ali parados uns minutos. Por fim, Lars fala.

– E agora, o que fazemos?

– Não sei – diz ela.

– Podíamos dar uma volta de bicicleta pela cidade e procurá-lo – sugere ele.

– Eu nem acredito que ele não tem telemóvel.

– Não quis. Disse que íamos usá-lo para o localizar.

– E nós cedemos.

– Porque ele nunca saía de casa.

– Pois agora saiu – remata Rhea.

Passam mais uns quantos automóveis e uma nuvem espessa desliza no céu, trazendo com ela um friozinho imediato. É um lembrete da distância que todos

percorreram. Do quão longe estão de casa.

– Pois saiu – diz Lars. – Lá isso saiu.

Capítulo 5

Uma coisa que irrita Sheldon sobejamente é o facto de, em Oslo, os cinemas terem lugares marcados.

– Acham que não sabemos onde nos sentar sozinhos? Que precisamos de supervisão? De orientação?

Diz isto à rapariga inocente por detrás do balcão da bilheteira.

Ela franze o rosto borbulhento.

– É diferente na sua terra?

– É. As pessoas sentam-se por ordem de chegada. É a lei do mais forte. A lei da selva. Onde a competição gera criatividade e do conflito nasce o génio. Na Terra da Liberdade, sentamo-nos onde queremos. Sentamo-nos onde *podemos*.

Sheldon agarra no seu bilhete e protesta baixinho. Protesta por causa do preço dos cachorros quentes na banca. Protesta por causa da temperatura das pipocas, da distância entre a casa de banho e a sala, da inclinação da sala e da altura média dos noruegueses, que é muito acima da média.

É quando para de protestar – por um brevíssimo instante, para recuperar o fôlego – que o assassinio o assola de novo e se instala. Ocupa o espaço.

Está familiarizado com este problema a uma escala maior. Isto é apenas um exemplo. A própria história ameaça constantemente apoderar-se dele e deixá-lo indefeso sob o seu peso. Não é demência. É *mortalidade*.

O silêncio é o inimigo. Quebra o muro da distração, se o deixarmos.

Nós, judeus, sabemos-lo. É por isso que não paramos de falar, custe o que custar. Com tudo aquilo por que passámos, se pararmos um segundo, estamos feitos.

Virando-se para Paul, diz:

– Não sei nada sobre este filme, a não ser que dura duas horas e, nessa altura, vamos comprar-te a *pizza* mais cara do mundo no Pepe's e, depois, vamo-nos descontrair à grande e com estilo, no Hotel Continental. Fica perto do Teatro Nacional. O Grand Hotel de certeza que está cheio. É o último sítio onde se lembrariam de nos procurar, porque não é o tipo de espaço que costumo frequentar. Mas, pessoalmente, acho que merecemos um bocadinho de calma, esta noite.

As apresentações acabam e começa o filme. O enredo envolve uma nave a caminho do sol para salvar o mundo. O filme começa com assombro, mas degenera em horror e morte.

Sheldon fecha os olhos.

Jimmy Carter não permaneceu na presidência o tempo suficiente para ver os reféns regressarem do Irão, em 1980. No dia da tomada de posse de Ronald Reagan, os aviões partiram de Teerão levando a bordo os americanos que passaram quatrocentos e quarenta e quatro dias em cativeiro. As câmaras filmaram Reagan a prestar juramento sob uma chuva ligeira. A mulher dele vestiu-se de vermelho sob um céu cinzento.

Mas o drama estava dentro do avião, onde aquelas pessoas choravam e conversavam e temiam que tudo fosse mentira e que estivessem a voar às voltas, num adicional ato de crueldade. O que Sheldon percebeu, vendo as imagens pela televisão, foi que o grande sopro de grandiosidade da história americana não se manifestou no discurso ponderado de Reagan e sim na expressão pensativa do rosto de Jimmy Carter, que já não era presidente e se erguia, solitário, na pista de alcatrão. E por baixo do sopro grandioso da história estavam as vidas de pessoas como ele e Mabel e Bill Harmon, o seu colega da loja de penhores ao fundo do quarteirão, em Nova Iorque.

Mabel lia o jornal, naqueles tempos. Formava as suas opiniões no fim de cada artigo e, depois, deixava que se evaporassem como água de um lago morto. Não permitia que Sheldon discutisse política em casa e, de qualquer maneira, ele também não tinha vontade de o fazer. Em 1980, fazia seis anos que Saul morrera, o que, à luz do tempo, não era tempo nenhum.

A cidade tornara-se parada para eles, sem sentido. Era uma sucessão de faixas amarelas de táxis a passar. Lençóis negros de chuva. Uma paleta de verdes de um mercado. Um bife vermelho para o jantar. Dormir outra vez. O único movimento provinha dos relógios da loja de Sheldon.

A loja de antiguidades e oficina de relógios ficava em Gramercy, junto de Park Avenue South. Era discreta, mas as pessoas do bairro sabiam que ela ali estava. Os transeuntes é que podiam facilmente não ver a porta de ferro com grades grossas, que abria para a pequena oficina na entrada e uma sala de exposições maior nos fundos.

Em 1980, já o negócio de Sheldon se ressentia de uma invenção chamada relógio digital. Tinha poucas partes móveis, indicava as horas com uma precisão notável, excitava inexplicavelmente a imaginação das pessoas e era barato. Pior ainda, era descartável. E, assim sendo, a indústria relojoeira suíça estava em alvoroço e quem dependia dela para o seu sustento, também. A oficina de Sheldon já não era frequentada por homens e mulheres de todos os estratos económicos para fazer um pequeno conserto, ou para limpar e olear o mecanismo, ou para montar uma nova junta. Agora só os velhos e os *habitués* lá iam. A qualidade dos relógios suíços era cada vez melhor, as pessoas substituíam os baratos e só mandavam consertar os bons. Sheldon tinha cada vez menos clientes, o trabalho era mais complicado e as receitas não aumentavam. A década passou silenciosa e discretamente.

A loja de penhores de Bill Harmon ficava três portas mais abaixo, à direita. Bill

também estava na casa dos cinquenta, era americano de ascendência irlandesa e tinha uma melena de cabelo branco-alvo sobre o rosto encarniçado. Ele e Sheldon mandavam clientes um ao outro como se fossem bolas de pingue-pongue.

– Isto não é para mim. Experimente a loja do Bill. Ele compra ferramentas elétricas.

– Não, não. Leve o seu sofisticado relógio de ouro à oficina do Donny. Eu não entendo nada de relógios.

– Isto é uma Nikon. O que é que eu faço com uma Nikon? Vá à loja do Bill.

– Vá falar com o Donny.

– Vá falar com o Bill.

– Olha, Donny, dá uma vista de olhos a isto – disse Bill, um dia. Entregou a Sheldon um relógio fino de ouro com a pulseira original de cabedal, um Patek Philip. – O tipo diz que o comprou em Havana antes de virar comunista. Queria vender-mo. Mandeí-o vir ter contigo, mas...

– Vim mais tarde, hoje.

– Vieste mais tarde. Por isso, comprei-o.

Sheldon envergava um avental de cabedal e uma camisa branca, e tinha puxado os óculos de ver ao perto para o cocuruto. Estava com um ar um nadinha mal-amanhado e os olhos azuis captavam o brilho da tarde. Não que Bill tivesse reparado. Bill não tinha queda nenhuma para o dramático, o fugaz, o sublime. Nada de mágico existia para Bill. O que era uma pena, porque, aos olhos de Sheldon, Bill tinha uma das lojas mais mágicas de Nova Iorque – tirando a sua – e ninguém sabia isso melhor do que o seu filho.

Para deleite de Saul, ainda menino, a loja de Bill tinha exatamente o mesmo tamanho e forma do que a de Sheldon. Havia qualquer coisa nessa semelhança que dava a Saul um sentimento de posse sempre que ia à loja de penhores. Bill, divorciado e sem filhos, gostou que o menino o adotasse.

Para entrar na oficina do pai, Saul tinha de descer uns degraus e transpor a porta de ferro. À esquerda, ficava a zona de trabalho, onde Sheldon tinha uma grande bancada de madeira e, atrás dele, ao longo da parede, alinhavam-se centenas de prateleirazinhas, todas mais pequenas do que as gavetas de um arquivador de biblioteca, com números em cada uma. A luz era boa e Saul observava as pessoas que entravam, todas elas simpáticas para o seu pai.

Na loja de Bill, havia um grande expositor para as pessoas poderem espreitar e ver todas as estranhas coisas que ele tinha para venda. Uma vez, teve um escudo viking com pelo na face. Noutra altura, teve robôs pugilistas, uma velha pistola do Faroeste, uma máquina de escrever avariada, um abre-cartas de França, uma jarra com pegas em forma de peixe e um espelho rodeado de folhas douradas.

Bill não usava um avental de cabedal como Sheldon, nem uma lupa de relojoeiro, por isso ainda havia qualquer coisa de especial na oficina do pai de Saul. O avental de Sheldon estava desbotado e tinha várias dobras, e fora usado por cavaleiros

quando lutavam contra dragões. Saul sabia isso, porque Sheldon lhe contara. Na verdade, Sheldon não tinha qualquer interesse em parecer um *horloger* do Velho Mundo, mas não podia negar que o avental de cabedal era muito prático, quando deixava cair pecinhas de relógio. Com ele posto, ouvia uma peça bater no cabedal e assim percebia que tinha deixado cair qualquer coisa. Igualmente prático era o facto de poder apanhar facilmente as componentes minúsculas nas dobras do avental. Portanto, embora na realidade fosse um avental de sapateiro e não de relojoeiro, possuía qualidades quer utilitárias, quer mágicas de luta contra dragões, o que o tornava fácil de envergar e difícil de retirar.

Quando Bill entrou na oficina, naquela manhã, Sheldon tinha um termos de café na bancada e estava cuidadosamente a montar uma mola espiral, já usada, num relógio de mergulhador novo da Ollech & Wajs.

– Parabéns – disse Sheldon. – Agora tens um relógio.

– O que é que estás a fazer? – perguntou Bill.

– Uma coisa que tinha na cabeça há já uns tempos.

– O quê?

– Não entenderias.

– É complicado, é? Técnico? Pois, eu não entenderia. – Bill abanou a cabeça e soltou um assobio. – Vocês, judeus. São tão espertos. Não há nada que não saibam fazer.

Sheldon não mordeu o isco.

– Parece que não temos jeito para nos mantermos longe do perigo.

– Vá, diz-me lá o que estás a fazer, ó Einstein.

Sheldon tirou a lupa do olho e pousou-a em cima da bancada, à direita. Apontou para a moldura do relógio, à esquerda.

– Era do Saul. Mandaram-nos o relógio para casa juntamente com os outros objetos pessoais. Ele tinha-o no pulso quando morreu.

– Então, estás a consertá-lo.

– Não, não quero consertá-lo. Estou a fazer outra coisa. Já ouviste falar em *elinvar*?

– Não.

– É uma liga de metal resistente a mudanças de temperatura. A palavra vem do francês *élasticité invariable*, que abreviaram para *elinvar*. É usada para fazer a mola espiral de relógios mecânicos como estes dois.

– É valiosa?

– Não. É só aço, crómio e níquel, mas é útil para muitas coisas. A mola espiral é uma peça muito delicada. Enrola e enrola. Quando damos corda a um relógio, estamos a enrolar essa mola. Quando ela se desenrola, a tensão faz com que as peças do relógio se movam e o mecanismo funcione. A mola espiral é o coração do relógio.

Como são muito poucas as fundições que fazem esta liga, a maior parte das molas

vem das mesmas fundições. É como se os corações viessem todos do mesmo lugar. Como se todos os relógios tivessem uma alma e estivessem todos ligados uns aos outros por virem da mesma casa.

Comprei o relógio através de uma revista. Nada de conhecido, de que tivesses ouvido falar. As pessoas sofisticadas não os compram, só as pessoas da classe trabalhadora. Soldados. E estes relógios valem bem o preço. Gosto deles. Por isso comprei um novo, recentemente, e estou a tirar a mola espiral do relógio do Saul e a colocar o coração antigo no relógio novo. Assim, sempre que vir as horas durante o dia, sempre que tomar uma decisão ou outra, estamos ligados. Faz-me sentir um nadinha mais perto dele.

– É uma ótima ideia, Donny.

– Enfim, é o que estou a fazer.

– Em que sentido é que isso é diferente de tirar uma pilha de um relógio e a pôr noutra?

Sheldon esfregou o rosto.

– E ainda tu te admiras que ninguém queira ir para a cama contigo!

– Não percebi.

– Não percebes mesmo, pois não?

– Quanto custa o novo?

– Uns trinta e cinco dólares. Costumavam custar à volta de dezassete.

– Então vá, adivinha quanto é que eu paguei pelo relógio de ouro.

– Quanto?

– Oh, anda lá, Donny, pergunta como se quisesses mesmo saber.

Sheldon abriu ligeiramente as mãos e perguntou no mesmo tom de voz entediado:

– Quanto?

– Assim, sim. Oitocentos.

– Oitocentos quê? Dólares? Meu Deus, Bill. Por um relógio? Nunca vais conseguir vendê-lo!

– Não tenciono vendê-lo. É um investimento. Vou comprar uma dúzia destas coisas, enfiá-las num cofre e, daqui a vinte anos, quando vendermos as lojas, os relógios vão valer milhares! Reformamo-nos. Compramos uma casa em Long Island. Enchemo-la de coelhinhos da *Playboy* e bebemos champanhe.

A cadeira de Sheldon rangeu, quando ele começou a balouçar-se nela.

– O que é que nós fazemos com coelhinhos da *Playboy* quando tivermos setenta anos? Admiramos a maneira como elas transportam as bebidas?

– Escreve o que eu te digo, Donny. Por essa altura, e pela maneira como a ciência está a evoluir, inventam um comprimido ou uma injeção ou outra coisa qualquer que nos põe um foguetão dentro da braguilha. Aterrámos na Lua há dez anos. Isso é o sonho de um jovem. Quando esses mesmos cientistas tiverem a nossa idade, vão fixar como objetivo qualquer coisa de mais acessível. Não vão querer ir aonde nenhum homem foi antes. Vão querer ir aonde *todos* os homens já foram. E sabes

porquê? Porque se está bem lá!

– E as nossas mulheres?

– As nossas mulheres... – disse Bill, levando a pergunta a sério. – Eu não serei casado e... por essa altura... a Mabel vai ficar contente por teres arranjado um passatempo.

Sheldon inclinou-se para a frente e abriu uma gaveta por baixo da bancada.

– És um visionário, Bill. Tiro-te o chapéu. Um visionário lascivo e esbanjador.

Sheldon tirou uma caixinha e deu-a a Bill.

– O que é? – perguntou Bill.

– Quero que guardes isto na tua loja. Enfia-as em qualquer lugar. Não as vendas.

– O que é?

– Umas medalhas que me deram, quando voltei da Coreia.

Bill aceitou a caixa sem a abrir.

– Porque é que queres que eu as leve?

– Não quero que a minha mulher as encontre. Nem a Rhea. Está a crescer e a começar a fazer perguntas a torto e a direito.

– Foste tu quem a ensinou a falar.

– Se tivesse adivinhado as consequências...

Bill olhou em redor da oficina de antiguidades.

– Não as podes esconder aqui? Até o Jimmy Hoffa dava para esconder aqui.

– Faz qualquer coisa de útil.

– Quando é que as queres de volta?

– Veremos se as quero de volta.

– Isto tem mesmo que ver com as tuas meninas?

– Em parte, sim. Mas a verdade é que não me quero lembrar de que deixei o Saul vê-las. E como estou a fazer esta coisa com os relógios, não suporto tê-las tão perto de mim. Ouve, não precisas de compreender. Basta fazeres o que te peço porque to peço. Isso não basta?

– Basta.

– Ótimo.

Bill guardou a caixa, mas deixou-se ficar na oficina enquanto Sheldon trabalhava. Passados uns minutos, Sheldon olhou para ele.

– O que é que tens hoje?

– Estou morto.

– O que é que fizeste desta vez?

– Estou morto. Morto de verdade. Não te lembras? Foi em novembro, durante as eleições. Um condutor embriagado. Tu tiveste dificuldade em aceitar. Pelos vistos, continuas a ter muita dificuldade em aceitar. Fui a primeira pessoa que te morreu depois do Saul. É por isso que estás a fazer essa coisa ao relógio.

– Estou a fazê-la por causa do meu filho.

– Sim, mas é por causa da minha morte que o estás a fazer agora.

– Então, isto não é só uma recordação.
– Claro que é.
– Esta parte, não. Não posso estar a lembrar-me de uma conversa com um fantasma. Tenho de estar a inventar.
– Bom, não. Acho que não é uma recordação em si. É uma espécie de visão. Nenhum de nós está aqui. Tu estás no cinema com o miúdo estrangeiro que recolheste na Islândia.

– Noruega.
– Vai dar ao mesmo.
– Não pareces propriamente o Bill a falar.
– Quem é que achas que posso ser?
– Não gosto dessa pergunta.
Uma pequena campainha por cima da porta anunciou que um cliente tinha entrado na loja.
– Acho melhor ficarmos por aqui.
– O que é que aconteceu, hoje de manhã? – perguntou Bill.
– De que manhã estamos a falar?
– A manhã do miúdo balcânico. Porque é que te escondeste no armário? Porque é que não salvaste a mulher?
– Tenho oitenta e dois anos. O que é que eu podia ter feito?
– Estou só a perguntar.
– Fiz uma escolha. Decidi usar a força que me restava para salvar o menino. A vida é feita de escolhas. Eu sei como fazer uma escolha.
– E agora?
– Todos os caminhos apontam rio acima. Pergunta-me quando lá chegar.

::::

Um jovem arrumador com uma etiqueta a dizer “Jonas” debruça-se sobre Sheldon, no cinema, com uma expressão amável. Diz qualquer coisa em norueguês.

– O quê?
Em inglês, Jonas diz:
– Acho que o senhor adormeceu. O filme já acabou.
– Onde está o menino?
As luzes estão acesas e os créditos chegaram ao fim.
Com dores nas costas, Sheldon sai da sala e vai ao átrio, onde encontra Paul agarrado a um gelado, provavelmente oferta do cinema.
– Estava à tua procura – diz Sheldon.
Paul não sorri quando vê Sheldon. Não se descontraiu minimamente desde que se conheceram.
Sheldon estica a mão.
Paul não reage.

Sheldon pousa calmamente a mão no ombro do menino.

– Vamos embora. Tens de mudar de roupa. Não podes continuar a usar essas calças. Eu devia ter-tas mudado antes. Ainda não tinha as ideias claras. Agora tenho.

:::::

Petter dá um toque ao de leve no ombro de Sigrid para lhe desviar a atenção do ecrã de computador.

– Encontrámos urina dentro do armário.

São quase oito horas da noite e o sol ainda está alto. A temperatura no escritório ronda os vinte e sete graus centígrados. O edifício foi construído sem ar condicionado central. Era desnecessário, naquela época, mas agora o aquecimento global está a dar cabo deles.

Ao contrário de alguns dos homens do escritório – a vibrarem de energia –, Sigrid não desapertou o primeiro botão da farda. Tem o direito de o fazer e o departamento não é demasiado dado a formalismos, mas, por motivos que nem ela própria sabe explicar, prefere não ceder.

– Urina recente, sem qualquer dúvida. Ainda estava húmida, há umas horas.

– Tens a certeza de que não foi um dos polícias? – pergunta ela sarcasticamente.

– Estamos a fazer testes de ADN e a compará-los com o da mulher morta. A urina não é dela, porque não tinha as calças molhadas. Pergunto-me se será do menino desaparecido.

– Escondido no armário, a ouvir a mãe ser assassinada? Que ideia horrorosa.

Petter não diz nada.

– Quanto tempo demoram os resultados do teste?

– Normalmente? Seis meses.

– E neste caso específico?

– Amanhã de manhã. A Inga vai ficar no laboratório até tarde. Acabou o namoro há pouco tempo. Acho que ela gosta de estar ocupada e eu infringi seis leis ao pedir-lhe para pôr este trabalho à frente de todos.

– Ela não tem um cão?

– Um gato.

– Victor?

– Caesar.

– Ah. Ainda bem para nós, então.

– Vais ao local do crime? – pergunta Petter.

– Não estás a fazer um bom trabalho?

Petter crispou os lábios.

– Sim, hei de acabar por ir – responde Sigrid. – Estou a tentar saber o nome da mulher através do senhorio, bem como o do filho e o do homem que provavelmente fez isto. A minha ideia é apanhar o mau primeiro e depois preocupar-me com o

resto.

- Vamos ao Pepe's a seguir, comer uma *pizza*.
- A seguir a quê? – pergunta Sigrid.
- Está uma noite agradável. Vem beber um copo.
- Não me apetece.
- Nunca tinha visto uma mulher assassinada – diz Petter.

Sigrid não desvia os olhos do ecrã de computador. Num tom severo, diz:

- E continuas sem ver.

:::::

Sheldon faz o *check-in* na receção.

- O seu nome, por favor – pede a rececionista.

Num sotaque que nem Sheldon nem a sueca atrás da receção conseguem identificar ao certo, diz:

- C. K. Dexter Haven.
- C. K. Dexter Haven – repete ela.
- Doutor – acrescenta ele. Olhando para baixo, Sheldon diz: – E neto. Paul. Paul Haven.

- Vou precisar dos passaportes, por favor.

Sheldon vira-se para Paul e diz:

- A menina quer os nossos passaportes. Aqueles documentos que têm o nosso nome.

Vira-se novamente para a rececionista:

- Na verdade, minha querida menina, temos boas e más notícias. A má é que nos roubaram os sacos, com os passaportes, há uma hora, quando vínhamos para cá do aeroporto, naquele comboio sofisticado que vocês têm. A experiência foi tão traumatizante que o meu menino até fez chichi nas calças. Mas isto não é para repetir, não quero envergonhar o rapaz, mesmo sendo tão pequeno. A boa notícia é que o meu escritório vos enviou um fax antes de partirmos, por isso, felizmente, vocês têm as cópias dos nossos passaportes. E, já agora, se não se importa, fazia-me uma fotocópia? Vou precisar amanhã, para apresentar queixa na polícia e ir à embaixada, para eles poderem emitir novos passaportes para a nossa triste viagem de regresso.

Durante um momento, ninguém diz nada.

Quando a rapariga esguia, acolhedora e sofisticada abre a boca para falar, C. K. Dexter Haven ergue a mão e diz:

- Mas não é preciso tratar disso agora, obrigado. Tivemos um dia tão longo, tão cansativo, que, dada a minha idade, oitenta e dois anos, me parece melhor resolvermos o assunto amanhã de manhã. O que eu gostava de fazer era pagar-lhe o quarto em dinheiro agora, para podermos deixar a questão da conta resolvida. E, depois, gostava que um dos vossos paquetes fosse a uma loja aqui próximo comprar

umas roupas para o meu neto. Meias, sapatilhas, calças, cuecas, uma camisa e um casaco bom para passear na floresta. Ponha na conta e mande-nos a roupa ao quarto o mais depressa possível.

A rapariga está a tentar falar. Faz o tipo de gestos de uma pessoa que quer participar numa conversa. Movimentos com as mãos. Um abrir de boca ocasional. Olhos que se semicerram e arregalam, com a inclinação de cabeça treinada para dar ênfase. Mas esse tipo de subtileza é, em relação a Sheldon, como sussurrar com um elefante: giro e completamente inútil.

– Dr. Haven, lamento muito...

– Claro, eu também. E como fiquei sem os medicamentos que tomo para contrabalançar os efeitos secundários do cancro, estou tão aliviado por ter sido roubado num país cheio de gente boa. É isso que dizem na América, que os noruegueses são excelente pessoas. Se voltar para casa com vida, confirmarei essa ideia. E se morrer antes de regressar à minha terra natal, o rapaz fá-lo-á por mim.

O quarto era simpático.

Sheldon encontrou um canal que estava a dar desenhos animados em norueguês. Paul sentou-se sossegadamente na cama, com uma garrafa de Coca-Cola, a ver o Tom perseguir o Jerry. Sheldon sentou-se ao lado dele, fazendo o mesmo.

– Uma vez, tive uma ideia para um anúncio de televisão – diz Sheldon. – Imagina. Primeira imagem: um campo de trigo e flores selvagens, todas em tons de dourado. O som de insetos a zumbir. Sente-se o calor. Próxima imagem: uma ondulação suave num lago. Uma pátina onírica na água. Depois, *splash!* Um cão salta para a água. A câmara segue-o, enquanto ele nada obstinadamente da esquerda para a direita. De seguida, no lado direito do plano, surge uma garrafa de Coca-Cola a flutuar no lago. O cão, um *golden retriever*, pega na garrafa com os dentes e volta para trás a arquejar. Salta para fora da água, sacode-se, corre com a garrafa para um molhe, onde está um menino deitado de barriga para cima, a preguiçar sob as nuvens. O menino, sem olhar, pega na garrafa e lança-a para dentro do lago. Depois, quando o cão volta a saltar para a água, aparecem no ecrã as palavras: “Coca-Cola. Verão.”

A ideia fica a roer-te por dentro e não podes fazer nada! Enfia-se-te nas entranhas e arranca-te as tripas! Mas o que é que fazes com uma ideia dessas? Nada. Manda-la para lá e eles roubam-na. E eu não tenho a minha própria empresa de refrigerantes.

Paul não diz nada. Não proferiu uma única palavra desde que se conheceram. Nem sequer um sorriso ele esboçou.

Mas uma criança não sabe gerir o silêncio. Não sabe que é necessário manter a comédia e a tragédia o mais próximas uma da outra quanto for humanamente possível – o mais próximo que o *pathos* e as palavras permitirem – para tentar calar as vozes dos mortos. Ele não passa de um menino. Está envolto no silêncio do terror, onde as palavras falham e todas as frases escorregam da realidade como os pingos de chuva deslizam de uma folha. Não tem idade suficiente para se distrair com jogos, ainda não é perito em encontrar refúgio no diálogo e no drama. Está indefeso. A mãe

dele morreu. E é por isto que Sheldon nunca o abandonará.

– Deus fez o mundo e disse que estava ótimo assim – diz Sheldon em voz alta. – Tudo bem. Mas quando é que voltou a avaliá-lo? – pergunta, enquanto o Tom persegue o Jerry na televisão.

OK, eu sei o que estás a pensar. Estás a pensar: bom, Ele reavaliou-o antes do Dilúvio. Antes de Noé fazer a arca arquinha com casca casquinha de noqueira. Mas onde isso já vai! E Ele não voltou propriamente a examinar o projeto. Limitou-se a apagar tudo, exceto a arca. Acho que está na hora de reconsiderar. E não necessariamente dando-nos a mesma resposta infantil, como um miúdo que amarrota um desenho mau e finge que nada aconteceu, deixando Noé com uma pergunta. A pergunta foi: “Porquê eu?” Incapaz de responder, deu em beber. Pessoalmente, gostava de ver Deus dar sinais de ter crescido. Sinais de maturidade. De responsabilidade. Uma admissão de culpa. Um testemunho público acerca da Sua negligência. O problema é que Deus está sozinho. Não tem ninguém em quem descarregar. Ninguém que o ponha na ordem. Nenhuma Sr.^a Deus. E desconfio de que não sou o primeiro a pensar assim.

Agora, tu podes dizer, uma vez que és São Paulo e, por conseguinte, teólogo e filósofo, e possivelmente a pessoa mais interessante da história, que é impossível Deus reparar os seus erros, porque como é que Ele sabe quando errou? Ser onisciente inclui o autoconhecimento? Como Ele é a origem de tudo, pode Ele negar os seus próprios atos e condená-los? Em relação a quê? Qual é a bitola além d’Ele próprio?

Portanto, eu tenho uma resposta e obrigado por perguntares. A resposta reside na história bíblica da masturbação. Eu não falaria nisto, tendo em conta a tua idade, mas uma vez que não falas inglês e passaste por um trauma horrível, hoje, penso que causará poucos estragos.

Onã. Recordamo-lo como aquele que derramou a sua semente. O primeiro masturbador da história. Mas o que é que aconteceu ao certo? Onã tinha um irmão, e o irmão e a mulher não conseguiam ter filhos. Por uma razão qualquer, Deus decidiu que a família precisava de uma criança, portanto, como era hábito naqueles tempos em que as pessoas pareciam ser substituíveis, Deus mandou Onã ir à tenda do irmão e saltar para cima da cunhada. Mas Onã achou que isso estava errado. Entrou na tenda e, pensando que Deus não conseguia ver para dentro de tendas, e não me puxes pela língua, começou a masturbar-se. Ou seja, desperdiçou a semente. Saiu da tenda, disse a Deus que a coisa estava feita e foi-se embora. Deus, sendo Deus, ficou furioso com Onã. A lição que todos ouvimos dos nossos clérigos judaico-cristãos é que Deus odiava a masturbação e devemos manter as nossas mãos longe das nossas pilinhas. Mas a minha pergunta é esta: Aonde é que Onã foi buscar a ideia de que as ordens de Deus podiam ser imorais? À ideia de que havia uma moral, um código que provinha de um lugar mais profundo na alma humana – da nossa unicidade e mortalidade –, que já sabia o que era certo e errado com tanta clareza que conseguia

negar a autoridade mais poderosa e seguir o seu próprio rumo?

E, portanto, afinal, a verdadeira pergunta é: Porque é que não consegui infundir um pouco disso no meu próprio filho, para que ele tivesse tido a coragem de me fazer frente, de me lembrar os meus próprios fracassos, e se tivesse recusado a ir para uma guerra fútil que o matou? Para que me tivesse sobrevivido. Porque é que não consegui dar mais disso... o que quer que seja... ao meu filho?

Sheldon olha para Paul, que está vidrado no ecrã.

– Vá, anda cá, vamos descalçar as galochas.

Capítulo 6

Quando Rhea e Lars saíram da esquadra da polícia, andaram horas à procura de Sheldon. A sua busca foi aleatória, a princípio. Atravessaram bairros perto do centro da cidade e subiram e desceram as ruas mais concorridas. Karl Johans gate. Kristian IV's gate. Wergelandsveien, perto da nova Casa da Literatura. Subiram Hegdehaugsveien até Bogstadveien e deram a volta a Majorstuen. Voltaram para o parque Frogner, desceram até Frogner, Vika e o porto.

Depois, escolheram locais específicos. Foram a uma sinagoga, mas nem sinais de Sheldon. Foram a um bar de *topless* aberto todo o dia, mas nem sinais de Sheldon. Foram a algumas livrarias, mas nem sinais de Sheldon.

Lars sugeriu que passassem a noite na cidade. Num sítio qualquer bonito. Um sítio caro. Talvez no Grand Hotel?

Mas o Grand Hotel não tinha quartos, por isso ficaram no vizinho Continental.

Lars dormiu profundamente. Estava exausto.

Rhea ficou acordada, de olhos cravados no teto, revendo a sua vida de trás para a frente e de frente para trás.

O pequeno-almoço no Continental é bom, mas Rhea não tem fome. Mergulha o dedo no chá quente e pousa-o na beira do copo de água. Segurando na base do copo com a outra mão, desliza o dedo ao longo do bordo até um som grave se desprender do vidro como o lamento de uma baleia bebé perdida.

– Se eu fizesse isso, ralhavas comigo – comenta Lars.

– Desculpa.

– Dormiste bem? – pergunta ele.

– Preferia estar em casa.

– Não, não preferias.

– Como é que vamos voltar para lá, sabendo que uma mulher foi assassinada dentro de nossa casa? Até quando podemos viver num hotel?

– Há quem tenha problemas piores do que nós.

– Tens razão. E seria falta de educação da minha parte, se essas pessoas aqui estivessem, mas não estão, por isso vamos falar sobre nós.

Lars sorri e, pela primeira vez desde que chegaram ao hotel, Rhea sorri também.

– Às vezes, pareces o teu avô a falar. Sobretudo quando ele não está.

– Fui criada por ele.

– Estás preocupada com ele?

– Estou demasiado chocada para sentir preocupação.

– Não temos de ficar no hotel. Podemos ir para a casa de campo. Posso tirar uns

dias de folga.

– Não tenho nada comigo a não ser uma escova de dentes.

– Temos algumas coisas lá em casa. Podemos ir buscar o que for preciso antes de irmos embora.

– E podemos ir embora?

– Eu ligo à Sigrid Ødegård a avisar para onde vamos. A menos que eles queiram pagar as contas de hotel...

– A notícia saiu no jornal, hoje. Vi uma fotografia do nosso prédio na primeira página.

Lars está a beber café e a comer torradas com um ovo. Veste uma camisa branca de manga curta, para fora de umas calças de ganga à moda, e calça uns sapatos de couro.

– Como é que consegues comer? – pergunta ela.

– É o pequeno-almoço.

– Nada disto te invade? Te perturba? Te deixa vazio?

Lars pousa a chávena de café e tamborila na mesa umas poucas de vezes.

– Estou a tentar não pensar no que aconteceu. A tentar só pensar no que fazer agora.

– Como um videojogo.

– Isso não é justo, nem simpático.

– Falas como se fosse uma escolha. Isto não te afeta? Não te assusta? Eu estou apavorada. O meu avô tem um monte de imagens hostis dentro dele. Um monte de raiva reprimida. Lembro-me dele, quando era pequenina, a olhar para mim com tanto amor e carinho e, de repente, num abrir e fechar de olhos, ficava irritado. Não comigo. Nunca se irritava comigo. Exasperava-se. Estava constantemente exasperado. Atirava as mãos para o céu e perguntava-me que ideia era a minha. “O que é que te passou pela cabeça?”, dizia ele.

Era contra o mundo em si que ele protestava. Quando eu já era mais crescida, ele dizia que, ao olhar para a minha cara, via uma humanidade infinita e profunda, e a perda irreparável que representa a morte de um ser humano. E que isso mostra bem o tipo de pessoa que é capaz de olhar para o rosto de uma criança e lhe fazer mal, e o que todos nós devíamos fazer em relação a isso.

E, depois, falava sobre o Holocausto. Os nazis que davam um tiro na cabeça de crianças à frente dos pais, para provarem a si próprios que estavam acima da bondade humana, tacanha, e que eram os super-homens que Hitler dizia que eram. Amarravam famílias inteiras com arame de piano ao logo do Danúbio e matavam só uma pessoa a tiro, para que as outras morressem afogadas. Gazeavam-nas. Atiravam-nas para valas e cobriam-nas, ainda vivas, com cal...

– Para – sussurra Lars.

– *Eu* é que devo parar? – diz ela, dando uma pancada na mesa.

Sheldon acorda e não faz a barba nem toma banho. Em vez disso, abre a porta e vê um exemplar do jornal *Aftenposten* no chão. Não consegue perceber nada, mas o que procura é uma coisa específica e encontra-a.

A palavra para assassinio em norueguês é *mord*. Vê uma fotografia do prédio, um título e fita de polícia a vedar a entrada. Há um grupo de pessoas à volta. Ela está mesmo morta. É como se a realidade da experiência se tornasse duplamente real por o mundo a confirmar. Talvez seja só uma característica da demência de que Mabel insistia que ele sofria.

Precisas de provas.

Tudo bem. Provas. Eu arranjo provas. Já posso ir?

– Nem sequer chamei uma ambulância – diz ele, para o vazio. – Que raio de animal é que eu sou? Como é que me pude esquecer disso? Será que ela tinha sobrevivido, se eu tivesse lutado? Se eu tivesse pelo menos gritado?

E ali está o menino. A urinar na casa de banho. A tentar fazer pontaria por cima da beira da sanita para não sujar tudo. A puxar o autoclismo e a ligar a torneira. A lavar as mãozinhas debaixo da água a correr como a mãe lhe ensinou e a desligar a torneira muito bem, com força, e a secar as mãos numa toalha lavada, antes de sair da casa de banho a tentar apertar o cinto das calças.

Sheldon descobre que ela se chamava Senka e não Vera. Do pouco que percebe, não há qualquer referência a um menino. Se de facto assim for, alguém está a ter muito cuidado com a maneira como a história sai cá para fora.

Sheldon toma banho, faz a barba, e veste-se a si e ao menino com as roupas novas que o pacote lhes levou ao quarto. Espreita para debaixo da cama, para dentro da casa de banho, das gavetas e das dobras da cama e das cadeiras para se certificar duplamente de que nada no quarto os pode identificar. Desde 1955 que não foge sem pagar uma conta e há toda uma arte nisso. Não quer falhar, quando as consequências são tão invulgarmente graves.

Assim que termina os preparativos para se ir embora, senta-se na beira da cama a pensar. Pensa lentamente e com concentração.

Se a polícia sabe da mulher morta, sabe da existência do menino. E ao ver que Sheldon não voltou para casa na véspera, Rhea deve estar à beira da loucura, naquele preciso instante.

Sheldon pensa, de repente, que Rhea pode ter chegado a casa e encontrado o corpo da mulher morta. Que Rhea pode ter pensado que ele também foi assassinado. Um dia depois de ter perdido o bebé.

Esta vida? Queres saber a minha opinião sobre esta vida?

Segura no jornal e olha para o prédio. Vão procurar o assassino e possivelmente também o menino. Andarão à sua procura por um motivo ou outro. E se o assassino andar atrás do menino, a polícia verificará todos os aviões, comboios e autocarros

para vedar a cidade.

– É como na marinha – diz, em voz alta. – Controlas os pontos mais estreitos, como Gibraltar ou o Bósforo ou o Panamá ou Suez. Controlas isso e depois esperas que o inimigo venha até ti. Nas tuas condições. É o que eles vão fazer. É o que eu faria. Os noruegueses podem ter uma certa falta de assertividade, mas não são tolos. Vão esperar que todos nós caiamos na ratoeira.

Sheldon olha para Paul, que está a ver uns desenhos animados em norueguês.

– Eu sei o que estás a pensar... que eu te devia entregar às autoridades, deixar-te nalgum lado. Mas e se eles não suspeitarem do monstro? E se eles te entregarem ao homem? E se acharem que sou um velho louco e que o meu testemunho não vale nada? E, seja como for, eu não lhe vi a cara. Aposto que a Rhea já lhes disse que estou xexé. E o que é que acontece depois? Olha, não te vou entregar enquanto não o apanharem, está bem? E então, como é que saímos daqui?

Sheldon imagina a cidade como a conhece. Imagina-a como um cristal a meio de uma floresta selvagem, verde-esmeralda, com regatos em azul. Visualiza aviões e comboios e táxis e automóveis. Imagina a polícia e o monstro sentados em pontas opostas da cidade de cristal, espreitando para dentro dela. À procura do velho e do menino.

– O rio – diz, finalmente, referindo-se ao fiorde de Oslo.

Sheldon pousa o jornal e esfrega o rosto.

– Não quero ir para o rio.

:::::

Ao pequeno-almoço, Lars tira o guardanapo do colo e pousa-o em cima da mesa, ao lado do prato. Recosta-se na cadeira. Rhea apoia o queixo nas mãos abertas e verga as costas. Não dizem nada durante um longo instante.

– O que é que teríamos feito hoje? – pergunta Rhea, por fim.

– Se nada disto estivesse a acontecer?

– Conta-me uma história.

Quando era pequenina e vivia em Manhattan com os avós, ela sonhava com a Nova Inglaterra como Sheldon lha descrevera. As colinas dos Berkshires formavam cristas e depressões como ondas cobertas de folhas de outono molhadas. Uma casa de bonecas gigantesca flutuava nesse mar de folhas. No interior, panquecas de mirtilos deslizavam de um lado para o outro sobre a mesa do pequeno-almoço. Quando as panquecas chegavam junto de Sheldon, ele dava uma dentada e depois empurrava-as para o lado de Rhea e, por sua vez, ela dava uma dentada. Mabel sentava-se a meio, tentando verter cidra acabada de fazer para dentro de uma chávena sem derramar.

O ursinho atrás dela na coelheira também balouçava e rolava, com o laço azul a adejar como uma borboleta.

Ao pequeno-almoço, na casa de bonecas, contavam histórias.

A casa de campo era a casa de bonecas dela, agora, e Hedmark, os seus Berkshires. E assim se desenrola a vida e os nossos sonhos se tornam verdade de formas que nunca imaginámos.

Lars é a imaginação dela. Ele conta-lhe histórias na sua casa de bonecas. Deitam-se na relva, no verão, e debaixo do edredão, no inverno, e voam juntos em mundos maravilhosos e tristes.

Nesse dia de manhã – a manhã do segundo dia –, Lars gostaria de estar noutra qualquer. Por isso, fala. Descreve um dia agradável na livraria com esplanada em Aker Brygge e os saldos de verão em Bogstadveien, e gelados num canto qualquer de Grünerløkka, e pãezinhos de canela da Åpent Bakeri à frente da nova Casa da Literatura, perto do Palácio Real. Rhea segue mentalmente o percurso sinuoso e imagina-se a empurrar um berço.

Dentro do berço vai o seu bebé, que tem entre três e quatro meses de idade. Ela espreita para o berço. É um menino e está a dormir. Balouça ao sabor do berço pelas ruas da cidade. Não acorda quando as rodas passam por cima dos sulcos frequentes de escoamento nos passeios. Faz parte do ritmo da cidade e o menino nasceu ali. Nasceu ali, tão longe da terra dela. Ele é, e simultaneamente nunca será, dali.

Enquanto Rhea escuta Lars, povoa a cidade de rostos conhecidos e desconhecidos. Faz os estilos de indumentária corresponderem aos bairros. Lembra-se de Sheldon a mapear a cidade em comparação com Nova Iorque.

– Frogner é Central Park – dissera ele. – Grünerløkka é Brooklyn. Tøyen é o Bronx. Gamlebyen é Queens. E a península... como é que se chama?

– Bygdøy.

– Isso é Long Island.

– Então é Staten Island?

– O que é que tem Staten Island?

O bebé chama-se Daniel. Passam por uma loja de brinquedos e ela espreita pela janela. De repente, imagina Sheldon parado lá dentro, com uma faca ensanguentada na mão.

– Acho que devíamos pagar a conta e ir para a casa de campo – diz Rhea abruptamente.

:::::

À frente da janela do hotel, num Mercedes branco parado do outro lado da rua, Enver desliza os dedos ao longo do vinil preto do volante a um ritmo que mais ninguém ouve. O seu dedo do gatilho está permanentemente manchado de amarelo por causa de velhos cigarros jugoslavos. Um CD toca a música de um cantor moreno e rouco, dedilhando uma guitarra cigana.

O motor do carro está desligado. O capô estala ao sol.

A mulher que ele está a observar dentro do edifício encontra-se de tronco caído sobre as mãos e o homem está todo esticado na cadeira. Estão ali há mais de uma

hora, enquanto o sol quente da manhã incide no rosto curtido de Enver. O sol não se limita a pôr-se tarde ali; também se levanta cedo.

Põe uns óculos dourados de aviador e puxa uma longa baforada.

Em breve, terminará o seu exílio. Depois da guerra, quando o Kosovo ainda era sérvio, Enver fugiu. Foi procurado e acossado. Mas, agora, as coisas eram diferentes. O Kosovo declarou a independência. Foi reconhecido por estados do mundo inteiro. E lá, Enver não é um criminoso de guerra procurado. Regressará como um herói discreto a esse novo estado, com novas leis, novas regras e uma nova memória. Sim, o novo estado tem todo o aparato de um governo moderno. Será bom, claro. Agirá em consonância com todas as leis e tratados internacionais. Ficarà grato pelo apoio das nações benevolentes que reconheceram o seu direito de existir. Mas também será astucioso e sensato. Pensará primeiro nos seus. Protegerá Enver e os seus camaradas. Acolhê-lo-á no seu abraço quente. Aprenderá a justificar as suas ações passadas da maneira como todos os estados celebram os seus soldados.

Antes de tudo isso, porém, há algo que precisa de ser feito aqui, nesta terra nórdica. Antes de tudo isso, Enver precisa de encontrar o menino.

A independência kosovar devia ter sido uma época de júbilo – de dança, álcool e sexo –, uma década de luta no ELK contra a escumalha sérvia finalmente justificada. Os seus camaradas de armas têm estado a viver em toda e qualquer terra perdida no fim do mundo, furtivamente, como ratazanas escondendo-se da luz. Quando se luta por uma terra que não tem um governo próprio não há nada para nos proteger. Mas, agora, o Kosovo é livre. E o governo sabe quem o ajudou a conquistar a liberdade. E será generoso para os seus filhos que regressam a casa.

Enver estava lá em março de 1998, quando a polícia fez uma rusga pela segunda vez à casa de Adem Jashari. Enterrou com as suas próprias mãos uma faca no espaço mole entre as costelas de um polícia corpulento que envergava um colete à prova de bala e fitou-o olhos nos olhos, enquanto a vida se esvaía dele, vendo a última emoção estampar-se no rosto da sua vítima.

Ódio. É sempre o ódio. Nunca remorsos. Nunca pena por a vida estar a acabar ou pela beleza que finda.

Talvez se visse tristeza – a tristeza da tomada final de consciência de tudo o que fica por fazer, viver, amar –, pudesse procurar algo de novo na luz daquele santuário estival. Mas esse sentimento nunca surge. Esventra-se um homem e a única coisa que sai cá para fora é o ódio que está dentro dele. Pinga da faca e sanciona a matança.

Enxuga a testa com um lenço branco. *Ninguém me avisou de que fazia tanto calor aqui.*

Durante a guerra, os sérvios tentaram afastá-lo do país, a si, à sua família, ao seu clã, aos seus pares kosovares albaneses, naquilo a que o Ocidente chamou “limpeza étnica”. Mas quando a NATO começou a lançar bombas e os soldados da KFOR chegaram, a maré mudou. Enver e os seus homens formaram rapidamente uma

milícia. A sua vingança não foi aleatória. Enver e os seus homens tomaram como alvos os familiares dos homens que aterrorizaram as suas famílias e o seu povo. Quando a guerra acabou, ainda havia justiça por fazer.

O dia que estava na origem da sua vinda para Oslo começou em Gracko. Os rapazes e os homens sérvios estavam a trabalhar nos campos. Fazia um calor de rachar. Enver estava deitado ao lado de um regato cinzento e sujo, de espingarda em punho, olhando pela mira de ferro do comprido cano. As moscas nos seus cabelos e no rosto faziam-no estremecer. Dificultavam-lhe a tarefa de manter o agricultor na sua linha de mira.

Ele e os seus homens, doze ao todo, estavam na floresta na orla do terreno. Enver escolhera o alvo. Era a sua missão. A matança começaria assim que premisse o gatilho.

E fê-lo. Mas o agricultor não caiu. Em vez disso, o homem virou-se para a esquerda, procurando a origem da pequena explosão. Talvez tivesse sido o escape de um automóvel? Uma pedra a bater noutra pedra? Um machado a tocar num tijolo enterrado? Tudo, menos uma arma. A guerra já tinha acabado, não já?

Depois, o agricultor caiu, atingido pela espingarda de outra pessoa qualquer, morto na sua confusão e tranquilidade. Talvez o seu último pensamento tenha sido sobre a paz em que vivia e a segurança da sua família. Enver esperava que sim. Porque, no além, ele sentiria vergonha dos seus derradeiros momentos. E talvez aquela fosse a primeira vergonha de sempre que ele sentiria. E através desse sentimento, talvez compreendesse finalmente o que ele e o povo dele tinham feito a outras pessoas nesta vida.

Enver tinha má pontaria. Os seus alvos eram abatidos, um a um, às mãos de outros homens da equipa e a sua raiva avolumava-se. Parecia incapaz de enfiar uma bala no alvo. Os seus compatriotas queixavam-se de que ele não fazia a sua quota-parte, que ele não tinha direito ao seu quinhão de honra. Em segredo, troçavam da virilidade dele, da sua incapacidade para vingar o seu povo dos saqueadores.

Por causa das moscas. A distração que eram as malditas moscas.

Sem mais nenhuma bala, deixou cair a espingarda e correu para o campo, à procura de alguém para matar com as suas próprias mãos e dentes.

O campo estava seco. Os seus pés martelavam a terra estalada, ao mesmo tempo que o coração lhe batia no peito. Um rapaz, de uns catorze anos, agarrado a um ancinho, ficou petrificado como um veado em pânico, quando Enver se precipitou contra ele. O rapaz urinou-se pela perna esquerda abaixo como uma criança. Mas antes de Enver se atirar a ele, antes de o conseguir degolar, uma bala atingiu o menino no pescoço, espirrando sangue sobre o campo dourado.

O rapaz contorceu-se convulsivamente no chão, gritando pela mãe, enquanto Enver pegava no ancinho e corria para a quinta.

Que direito tinham eles, aqueles sérvios? Tinham-lhe feito o mesmo em Vushtrri. Foram eles que criaram aquele momento. A ira não se inventa a si própria; é o

produto do comportamento dos outros. Todos temos de nos preparar para o impacto do que fazemos nesta vida. Aqueles agricultores – aqueles assassinos – foram tolos em não o fazer. E agora, Deus, o misericordioso, na sua infinita sabedoria, vai levá-los.

Vushtrri. A família de Enver estava a trabalhar arduamente nas terras. Era um dia igual aos outros todos. A vida quotidiana era feita de pormenores: um pouco de sede, uma bolha, uma piada má ouvida pela metade, uma raiz teimosa. Os sérvios chegaram fardados, caminhando devagar. Não tinham pressa nenhuma. Vinham tratar de assuntos do estado. Aterrorizá-los. Expulsá-los como roedores do Jardim do Paraíso.

A família de Enver foi cercada.

A irmã dele foi violada. Cortaram-lhe as orelhas. Arrancaram-lhe um olho. Deixaram-na viva, naquele estado. Enver era menino, escondeu-se sozinho no armário, enquanto ouvia os gritos da irmã lá fora, demasiado assustado para tentar pôr fim àquilo. Ouviu tudo. Quando entrou na cozinha para ver o que acontecera, ouviu alguém rir. Até hoje, tem a certeza de que era o diabo.

E agora, passados anos, ali estavam eles, os assassinos. Os torturadores. As famílias daquelas pessoas tinham estado a bebericar água de garrafinhas e as suas mulheres estavam a servir-lhes cerveja gelada no calor do meio-dia, para as saciar. Aqueles assassinos. Aqueles parasitas. A agirem como se também eles conhecessem emoções humanas. Mas estavam vazios. Sem alma. Sem remorsos nem fé.

Passando pelo rapaz ferido, Enver desatou a correr e entrou na quinta. A água ainda estava a correr da torneira. Lá fora, ouviu o *pop-pop-pop* de espingardas de baixo calibre e uns quantos gritos abafados. Mas, ali dentro, estava tudo tão sossegado.

Estão escondidos.

Até uma casa vazia falava mais do que aquela. Consegue-se ouvir uma casa vazia a respirar. Aquela estava a conter a respiração.

Enver pousou o ancinho e tirou uma faca grande da pia. Tentou controlar o bater do coração.

– Apareçam. Enfrentem o destino – gritou.

Entrou na sala. A televisão estava ligada, a dar um filme americano dobrado em sérvio. Um polícia negro com uma arma corria rua abaixo atrás de um ladrão. A cidade era Nova Iorque. O ladrão levava uma carteira vermelho-vivo na mão e corria desenfreadamente por entre uma fila de carros.

– Apareçam! – berrou Enver. Talvez a sua voz fosse suficientemente assustadora, porque ouviu um grito abafado no armário.

Se tiverem uma arma e uma bala me matar neste momento, que assim seja. Pelo menos morri honrando os meus mortos.

Preparado para o seu último sopro, abriu a porta do armário e espreitou para a escuridão.

Lá fora, a matança era contínua e sem piedade. O círculo de ferro fechava-se em redor da quinta, como os outros tinham feito na sua aldeia. Franco-atiradores cobriam três direções, assegurando que ninguém escapava do perímetro cada vez mais reduzido.

Os seus olhos demoraram a adaptar-se ao cinza-pardo e às manchas de dourado no armário. Mas quando o fizeram, teve a sensação de que o próprio Deus as tinha ali colocado especialmente para si.

Era uma mulher de vinte e poucos anos, descalça, com uma saia florida. E ao lado dela, aconchegada no pescoço da irmã, estava uma mais tenrinha. Devia ter uns doze anos.

Era claramente uma dádiva. Uma oportunidade para se vingar e afirmar a sua superioridade moral de uma só cajadada. Havia tanta pureza naquela oferenda que o equilíbrio cósmico quase o fez chorar.

Dirigiu-se à mais velha.

– Sai. Põe-te de gatas e prepara-te para mim, senão corto-lhe a garganta e possuo-te à mesma.

Lembra-se da sensação das ancas dela nas suas mãos, o movimento da saia florida sobre as costas, os gemidos de medo, dor e prazer confundindo-a. E quando o momento chegou, ele ergueu o rosto para os céus e, na dúvida se o seu ato seria profano, gritou que Deus é verdadeiramente maravilhoso.

Acabou. E, no entanto, momentos como aquele não acabam simplesmente. Não passam sem deixar marcas e deslizam ao de leve para os confins da memória, para serem eclipsados – como tantas outras coisas – pelo presente e pelas suas seduições de futuros imaginados. Por vezes, sobrevivem. E crescem. E o passado amadurece até se apoderar do mundo e dar à luz uma nova realidade que nos comanda e subjuga, fazendo-nos enfrentar quem somos e tudo o que fizemos. E assim, quando Enver soube que aquela rapariga, Senka, engravidara e fugira para os países nórdicos para esconder a sua vergonha, foi apanhado de surpresa pelos sentimentos que o invadiram. Não estava preparado para a luz intensa que incidiu sobre tudo – em cheio lá do alto –, sem lançar sombras onde se pudesse esconder desse novo mundo criado por si próprio.

Agora, Enver era pai.

::::

Abre os olhos no carro, percebendo que passou pelas brasas como um velhote. Procura novamente, em vão, um cigarro para pôr entre os dedos e ao canto dos lábios, como deve ser. Limpa o rosto com um lenço de papel, que lhe deixa pedaços brancos nas têmporas e se prende nos óculos.

O casal dentro do hotel assina um papel qualquer e levanta-se para sair. Enver abana a cabeça, desconcertado. A caixa do correio do apartamento onde ele e Senka discutiram, na véspera, mostrou-lhe que aquelas duas pessoas viviam juntas. Se

estavam juntas há tempo suficiente para partilharem uma caixa do correio – deviam ser casadas – como é que tinham tanto para dizer uma à outra? Será que aquele homem não tinha amigos com quem se abrir e por isso é que conversava durante horas com a rapariga?

Que lugar tão estranho, a Noruega. Que povo tão estranho.

O CD do carro termina e ele liga o rádio. Verifica se tem mensagens no telemóvel, mas não. O rádio começa a tocar *rock-and-roll* dos anos 50 e ele deixa-o ligado. Mexerica no espelho retrovisor e pergunta-se quando é que terá tempo para comer. Esqueceu-se de tomar o pequeno-almoço e agora que está a seguir aqueles dois para encontrar o velhote – o que Kadri viu no beco –, não vê quando é que terá tempo para se alimentar.

Talvez consiga comprar um gelado. Seria delicioso. Talvez de morango. Ou menta. Fazem bons gelados de menta em Oslo. Num cone. Ou num copo.

Não, num cone.

Vê uma loja de conveniência, mas não têm gelados particularmente bons. Têm, no entanto, o Lollipop, que é um sorvete e sabe a fruta. Se a fila for curta, consegue entrar e sair da loja em quatro minutos.

O que é de mais. E nem de propósito, eles saem do hotel nesse preciso instante, carregados com duas invulgares malas rígidas. Levam casacos de cabedal e capacetes nas mãos. Dobram a esquina, sem desaparecerem de vista, e sobem para uma grande moto de todo-o-terreno que deixa Enver imediatamente preocupado. É difícil seguir motos. Mesmo quando não sabem que estão a ser seguidas, podem serpentear por entre o trânsito, meter-se à frente das filas nos semáforos vermelhos e fazer viragens súbitas para estradas que desaparecem no interior de florestas.

O norueguês faz uma chamada com o telemóvel, diz meia dúzia de coisas e guarda o telefone no bolso.

O Mercedes branco dará nas vistas. Ninguém conduz Mercedes brancos por aquelas bandas. Foram os amigos que lho compraram. Que estupidez. Deixa-se as coisas nas mãos de estrangeiros e inevitavelmente eles transportam as suas ideias para lugares novos nos quais não se encaixam.

O automóvel adequado teria sido uma carrinha Audi A6, prateada. Teria sido o carro mais discreto em Oslo. A cidade está cheia de cardumes de Audis a vogarem pelas ruas. Em vez disso, Enver está ao volante de um Mercedes branco de *gangster*, sem ar condicionado e só com um CD, a seguir uma moto BMW que acaba de se meter à estrada, rumando para leste.

Põe o CD a tocar outra vez. Sem querer, sorri.

Pelo menos, a caça começou.

Capítulo 7

A BMW GS 1200 corre veloz pela estrada fora e o motor Boxer emite uma batida suave. Rhea olha por cima do ombro direito de Lars, enquanto a moto desliza sem sobressaltos a sessenta e cinco quilómetros por hora diante da nova Ópera, branca-reluzente e angulosa contra o fiorde azul, à medida que o centro de Oslo desaparece atrás deles.

Rhea abre o fecho das aberturas de ar do casaco de cabedal para deixar entrar mais ar quente.

Ratos do Rio do Paralelo 59.

Não era loucura. Só podia significar uma coisa: que Sheldon se dirigia para norte e leste ao longo do rio Glomma, em direção ao interior, onde a casa de campo, sem água quente, escondia duas espingardas cuja existência ele descobrira na véspera.

Lars deixara as coisas bem claras no Continental.

– Se estivermos enganados, voltamos daqui a umas quatro ou cinco horas e continuamos a procurá-lo, mas não sei muito bem de que é que isso nos serve e provavelmente devíamos lá ficar, já que não conseguimos ir para casa. Se tivermos razão e chegarmos lá antes dele, eu posso trancar melhor as espingardas e esperamos por ele. Depois, consoante o que nos parecer melhor, levamo-lo para o hospital ou eventualmente para a polícia.

Rhea tinha estado a torcer as suas luvas de *motard* como se fossem panos da louça.

– As armas não estão trancadas?

– Sim, claro que estão, mas ele pode chegar a elas.

– Como?

– Ele foi relojoeiro – disse Lars, encolhendo os ombros. – De certeza que sabe arrombar uma fechadura, não achas?

– Essa ideia não é particularmente reconfortante.

– Pois não. – Depois, Lars perguntou: – Ele foi mesmo franco-atirador na Coreia?

Rhea abanou a cabeça.

– Acho que não. A minha avó contou-me que ele começou a dizer isso depois de o meu pai morrer. Achava que era uma espécie de fantasia.

– Ele queria vingança?

– Não. Ele sempre se culpou pela morte do filho. Não havia ninguém de quem se vingar.

Depois disso, meteram-se na moto e foram-se embora.

Demoraram mais de duas horas a chegar a Konsvinger e à povoaçãozinha a

seguir, no meio da floresta junto da fronteira sueca, muito para lá da orla do universo que Sheldon conhecia.

::::

– Tudo começou quando vieste viver connosco – dissera a avó de Rhea. – Primeiro, ele perdeu um parafuso e depois outro. Passado um pouco, já não tinha parafusos nenhuns naquela cabeça. Mas continuou a funcionar como se nada fosse. – Mabel nunca dissera que Sheldon piorara por causa de Rhea, mas de facto referira que isso começara por volta da mesma altura.

Ela tinha apenas dois anos em julho de 1976, no auge do bicentenário da América. De olhos arregalados e assustada, sem nada a não ser um coelhinho azul só com uma orelha, foi entregue aos avós. Praticamente não se conheciam.

A mãe dela? Foi-se. Um dia não voltou para casa. Saul tinha morrido há mais de um ano. Ela bebia, gritava e, depois, desapareceu quando as bandeiras começaram a aparecer em toda a parte. Foi de mais para ela.

Sheldon e Mabel tinham ambos tentado dar-lhe apoio durante a gravidez. Os pais da própria rapariga estavam revoltados com ela, que precisava claramente de ajuda. Infelizmente – para ela, para a criança, para todos – estava para lá de ajudas. Os Horowitzes não a conheciam o suficiente para saber porquê. Havia uma raiva dentro dela que eles estavam convencidos de que precedia Saul e toda aquela situação complicada. Porque é que ele se sentira atraído por ela era algo que nunca tinham percebido. Tirando as curvas óbvias e os convites sexuais da rapariga, Mabel sempre achara que Saul quisera desaparecer e que a maneira de o fazer sem ficar sozinho fora arranjando uma mulher incapaz de o ver.

No fim, tudo isso se tornou irrelevante. Só a criança tinha importância.

Rhea perguntou ao avô para onde é que a mãe tinha ido. Era um pouco mais crescida, nessa altura. Cinco anos. Estavam na oficina e ela segurava num sextante de latão que encontrara numa caixa roxa. Sheldon estava a trabalhar intensivamente numa coisa pequena e complicada.

Quando ela fez a pergunta, ele ficou momentaneamente desconcertado.

Pousou o que tinha nas mãos, fosse o que fosse, e disse:

– A tua mãe. A tua mãe, a tua mãe. A tua mãe... ganhou asas, um dia, e voou para longe, para se tornar a princesa do povo do dragão.

Dada a resposta, pôs os óculos e recomeçou a trabalhar.

Rhea deu-lhe um puxão ao avental de cabedal.

– O que foi?

– Podemos ir procurá-la?

– Não.

– Porquê?

– Não estás feliz connosco?

Rhea não soube o que responder. Não percebeu bem se aquilo estava relacionado

com a sua pergunta ou não.

Sheldon aceitou com tristeza que Rhea não ia desistir do assunto.

– Tens asas? – perguntou ele.

Rhea franziu o sobrolho e tentou olhar para as suas costas, mas não conseguiu.

– Vira-te.

Rhea virou-se. Sheldon puxou-lhe o vestido para cima, atrás, deixando à mostra as cuequinhas vermelhas e as costas pálidas e, depois, deixou-o cair.

– Não tens asas. Não podes ir. Desculpa. Talvez um dia.

– Achas que vou ganhar asas, um dia?

– Olha, não sei. Não sei porque é que as pessoas de repente largam a voar e não voltam. Mas fazem-no. Um dia, umas pessoas ganham asas e vão-se embora. – Ao ver a expressão dela, ele acrescentou: – Não te preocupes. Eu não vou ganhar asas. Sou um pássaro que não voa.

Ela tinha recordações desde os cinco anos, mas 1976, o ano em que chegara a casa dos avós, era demasiado distante. Era demasiado pequena. Não se conseguia lembrar das bandeiras em toda a parte. Das faixas. Das bandas a tocar nas ruas. Dos discursos dos políticos. Das moedas acabadinhas de cunhar e dos tambores de brinquedo. Tinham passado dois anos da quase impugnação de um presidente, um ano do fracasso de uma guerra que durara vinte e cinco e, pelo meio, os tumultos por causa dos direitos civis, uma União Soviética cheia de força, uma economia em declínio, uma crise do petróleo, a camada intelectual desconcertada e um filme sobre um tubarão gigante que comia pessoas. A América celebrava a sua existência, enquanto aquela menina era transportada para uma nova vida, posta num novo caminho, e haveria de viver para sempre nas sombras dos mortos e dos desaparecidos.

Sob fogo de artifício e um desfile de caças aéreos, os serviços sociais entregaram Rhea – de dedo na boca e coelhinho a reboque – aos avós, num parque de estacionamento junto de uns armazéns Sears, muito para lá da sua hora de se deitar. A menina estava há dois dias sozinha em casa, quando finalmente os vizinhos perceberam que não havia ninguém para lhe apaziguar o choro e chamaram as autoridades.

Mabel pô-la no banco de trás de uma carrinha Chevrolet emprestada e apertou o grosso cinto de segurança preto com um clique. Rhea observou as explosões no céu, viu as nuvens tornarem-se verdes, depois vermelhas, depois laranja.

Mas não se lembrava de nada. Mabel é que lhe contou. Da mesma maneira que lhe contou que Sheldon tinha começado a resvalar e se tornou franco-atirador.

– Lembro-me da conversa. Levámos-te para casa, vestimos-te umas antigas roupas de bebé do Saul, porque eram as únicas que tínhamos, e o teu avô disse: “Bom. Matámos o primeiro, mas Deus está a dar-nos uma segunda oportunidade de fazer bem as coisas. Será que recebemos um prémio se esta chegar à idade adulta?” Foi uma coisa horrível de se dizer. Só um louco podia ter dito uma frase destas. Foi

pouco depois que ele começou a inventar histórias sobre a guerra.

::::

Rhea vai sentada na moto, à pendura, a pensar numa série de questões. Quando é que a personalidade se transforma em excentricidade? Quando é que o génio se funde com a loucura? Quando é que a sanidade cede lugar a... a quê? A insanidade é simplesmente a ausência de sanidade. Não é uma coisa em si. É tudo, menos são. E não sabemos mais nada a não ser isso. Nem sequer temos uma palavra de verdade para a descrever.

Rhea sabe o que Sheldon diria e não pode deixar de sorrir. “Sanidade? Queres saber o que é a sanidade? A sanidade é a sopa grossa de distração em que mergulhamos para não nos lembrarmos de que vamos morrer. Todas as opiniões, gostos e vezes em que pedimos mostarda em grão em vez de mostarda amarela são apenas uma maneira de evitarmos pensar nisso. E chamam sanidade à nossa capacidade de nos distrairmos. Por isso, quando chegamos ao fim e nos esquecemos se preferimos mostarda em grão ou amarela, dizem que estamos a perder a bola. Mas não é isso. O que realmente se passa é o seguinte. Nesses pequenos momentos de lucidez sénior, em que temos a cabeça a fazer um vaivém entre a mostarda em grão e a amarela, como um jogo de ténis acelerado, e de repente fazemos pausa, damos por nós incapazes de nos distrairmos. E acontece. Olhamos em cheio por cima da rede para as outras pessoas a tentarem escolher entre mostarda em grão e amarela e... ali está ela! No banco a meio do campo! A morte! Estava ali desde o início! Mostarda à esquerda e à direita, distrações em toda a parte, e a Morte mesmo em frente. É como se levássemos com uma cuba de sopa de cebola na cara.”

A paisagem torna-se mais selvagem. As árvores são mais densas, quando eles deixam para trás a água parada e azul do fiorde, por entre ventos com perfume a pinheiro, bordo e vidoeiro. Lars mete por uma estrada secundária para evitar os camiões e os condutores nervosos da cidade. Sobem os montes ondulantes, inclinam-se nas curvas dos vales. A moto-cross de 1200 cc abranda e depois reparte com a potência de cavalos Clydesdale.

É uma coisa horrível o que lhes está a acontecer. É mesmo. Lars deixa que as circunstâncias o assolem, enquanto muda para quarta. Sheldon desapareceu e uma mulher foi assassinada dentro de casa deles. Mas Lars acredita que vão encontrar o assassino, que vão encontrar Sheldon e que não há realmente perigo. Sigrid Ødegård explicara a situação. As disputas domésticas muitas vezes têm um fim trágico e violento. E, por terrível que fosse, Rhea teria de perceber que não se tratara de um ato aleatório de violência. Não tem de evocar ideias sobre a guerra ou o genocídio, nem todo o peso histórico que ela carrega em si tão intimamente que, por vezes, ele se pergunta se, noutra vida, ela não terá sofrido isso em primeira mão. Rhea parece capaz de descrever esses mundos de uma forma tão vívida!

Há qualquer coisa na maneira como os judeus encaram a história que Lars sempre

achou inquietante. Falam como testemunhas. Desde o Egito. Desde o dealbar da civilização ocidental, quando a sua luz brilhou para oeste, de Jerusalém e Atenas, e cobriu Roma e tudo o que deixaria para trás. Viram as tribos e impérios ocidentais erguer-se e cair – dos babilónios aos gauleses, dos mouros aos Habsburgos e aos otomanos – e só eles permaneceram. Já viram de tudo. E os restantes de nós esperam pelo veredicto que ainda hoje está por vir.

As estradas estreitam novamente e Lars mete segunda, passando para as quatro mil rotações por minuto e segurando a moto com firmeza – mãos leves, peso inclinado para trás – por cima da areia junto da berma da estrada.

Foi horrível, sim, o aborto espontâneo. Mas ninguém fez nada de mal. Rhea estava em excelente forma. Alimentava-se bem, não tocava numa gota de álcool e evitava tudo o que era atum e queijos não pasteurizados. Pura e simplesmente não era para acontecer. Ela aceitou melhor do que ele pensava. Mas, verdade seja dita, houve uma série de distrações. Talvez Lars não conheça a mente dela tão bem como julga.

Mas será errado ele estar a desfrutar do momento? A sentir as coxas dela, quentes e envoltas em cabedal, encostadas às suas? Não andavam de moto desde que souberam que ela estava grávida. Lars precisou de todos os seus poderes de persuasão para que ela o deixasse continuar a andar de moto. Não, de noite, não. Nunca, se bebesse uma cerveja. Eu tento não andar à chuva. Não gritar com os camionistas, para não os incentivar a esmagar-me com as rodas dos camiões.

Nem sequer me vou irritar com suecos.

Sabe-lhe bem tê-la ali, apesar de tudo. No meio do caos inesperado. Não é precisamente isso que define um bom casamento? Não é isto a vida, enquanto a temos?

Agora, não há nada a não ser floresta. Na viragem do século, aquela estrada era um caminho de terra que atravessava um vale denso e desembocava numa região selvagem do extremo norte, habitada apenas pelos vagabundos da espécie. Só foi asfaltada depois da Segunda Guerra Mundial. A partir dali, a Noruega estende-se sem fim pelo norte dentro. Ali, longe da cidade, a totalidade da Escandinávia é uma criação do vento. Os finlandeses desceram por ali e alguns deles instalaram-se. A população derrama-se da Suécia. As tribos nórdicas desfilam umas pelas outras como nómadas e a vastidão dos postos avançados setentrionais da humanidade estende-se, aberta e selvagem.

Lars abranda ainda mais e sai da estrada para um denso carreiro de terra que, no inverno, ele atravessa de esquis: deixa o carro na berma da estrada, com um carregador de bateria, um cobertor elétrico e um bidão de gasolina na mala, e as portas destrancadas para o caso de uma pobre alma, incluindo ele próprio, precisar de abrigo. Já teve pesadelos em que fica com os dedos tão congelados que não consegue entrar no carro e ligar o cobertor.

A moto rola sobre o cascalho e sobe o caminho serpenteante, que em breve abre

para prados amplos que se elevam gradualmente até ao horizonte, onde se ergue a casa vermelha, baixinha, limpa e fresca contra o céu azul.

Quando Lars dá um pouco de acelerador para atravessar o troço coberto de erva, ele e Rhea têm a mesma sensação. Ele ouve-a através da fibra de carbono do capacete.

– Ele não está – diz ela.

É impossível terem a certeza, mas são ambos assolados por essa convicção. Param do lado esquerdo da casa, perto de um retalho de erva alta e uma cisterna, e Lars desliga a moto.

A ventoinha do motor geme e, depois, detém-se.

Tirando o capacete, Lars dirige-se para a porta da entrada e leva a mão à maçaneta. A porta está trancada. Encosta o rosto ao vidro e espreita para dentro da cozinha rústica e arrumada. Não há nada fora do lugar. O moinho de café está onde o deixou. A botija de gás continua desligada. A tábua de cortar não foi usada. As quatro cadeiras à volta da mesinha de madeira estão empurradas para dentro. O transístor repousa, mudo, em cima do armário.

Quando volta para junto da moto, repara que a cisterna tem pouca água. Não chove há uns tempos. A relva dos prados tornou-se amarelo-mostarda sob o sol quente. Lars avança para as traseiras da casa, passando por machados, enxadas e ancinhos, e encosta as mãos à janela e espreita. Nada: livros e revistas, *puzzles* e jogos, candeeiros a óleo e cobertores, um feixe de lenha seca para a lareira. Ninguém mexeu nos pratos e chávenas azuis e brancos que estão no armário da parede ao fundo, nem nas almofadas do banco da janela.

Pouco mudou no chalé ao longo do último século, tirando o gerador e o equipamento de telecomunicações. É assim que ele e o pai gostam da casa. Embora a sensibilidade nova-iorquina de Rhea a tenha achado, a princípio, tão pitoresca ao ponto de parecer artificial, acabou por descobrir os sons que emanam sem interrupção. E isso salvou o chalé de ser um despojo sentimental. Para ela, a casa tornou-se um refúgio num universo cada vez mais opressivo.

Podiam pernoitar ali. Já passa das quatro horas e o sol está alto no céu. É possível que Sheldon esteja a caminho. Talvez até faça sentido. Há um comboio e uma camioneta de Oslo até Glåmlia; como ele é um homem cheio de expedientes, provavelmente apanharia boleia até ao ponto onde termina a estrada e começa o carreiro. Ele não sabe a morada, mas sabe que é a casa vermelha na colina ao fundo do prado. É a única. E toda a gente sabe quem é o dono. Chegar ali não seria difícil.

A menos que Rhea tenha razão. A menos que ele se desoriente e vá parar a Trondheim ou a outro lugar qualquer. Ou a polícia o apanhe. Ou a menos que já lhe tenha acontecido qualquer coisa.

Lars volta para a frente da casa e vê Rhea parada a uns metros da moto, a olhar para o prado e a floresta. Ainda não desapertou o fato e enfiou o capacete debaixo do braço. Tem o cabelo apanhado em baixo e está imóvel como uma estátua.

Quando Lars se aproxima por trás, Rhea afasta a mão silenciosamente da coxa, de palma aberta em direção a ele, fazendo-lhe sinal para não se mexer.

Depois, ergue a mesma mão e aponta para a floresta, virando-se para ele. Fala baixinho.

– Acho que está alguém lá em baixo.

Capítulo 8

– Primeiro observamos – diz Sheldon baixinho. – Estudamos os hábitos deles. Como se movem. O que vestem. Imitamos o seu comportamento para podermos passar despercebidos e nos tornarmos um deles. Para podermos mergulhar na sua cultura e nos tornarmos iguais. Depois, e só depois – explica ele a Paul, levando os binóculos aos olhos –, é que fazemos a nossa jogada.

Da fortaleza Akershus que domina o fiorde, Sheldon e Paul, agachados na relva junto de uma rua empedrada, observam várias pessoas extraordinariamente gordas a saírem de um navio de cruzeiro Carnival. Escorrem pela prancha de desembarque abaixo, como banha espessa de uma baleia branca ferida, desaguando na rua e derramando-se depois na cidade, perto da câmara municipal e de Aker Brygge.

– Ali, olha para ali. Junto daquele grande veleiro, o *Christian Radich*. Olha para eles. Aqueles barquinhos. Talvez um de quatro metros com motor. Aquele tem ar de estar ali há anos.

Sheldon pousa os binóculos e folheia o seu guia *Lonely Planet*, que se tornou extremamente útil para se orientar na cidade e decifrar as coisas que vai vendo.

Se tivesse tido um guia daqueles para a Coreia do Norte, as suas missões de reconhecimento teriam sido bem mais fáceis.

– Vamo-nos misturar com os cus gordos, vamos buscar um daqueles barcos e depois rumamos para sul. Eu iria para norte, mas precisaríamos de um carro.

Sheldon senta-se e olha para a roupa de Paul. Continua a parecer o Ursinho Paddington sem o chapéu vermelho.

– Precisamos de camuflagem. Vamos. Não vão desembarcar para sempre. Temos cerca de quinze minutos para os usarmos como cobertura, enquanto nos apoderamos do barco.

Com Paul pela mão, Sheldon mete pelo caminho que se afasta da cidade, passa por canhões obsoletos e desce até à orla da fortaleza, onde um pequeno carreiro leva a uma torre atarracada de pedra e daí ao porto.

No cais, viram à direita e passeiam calmamente em direção ao navio de cruzeiro, onde os coloridos montes de banha coagularam em pequenos grupos que fluem para norte, rumo ao alvo de Sheldon.

– Observa bem – diz ele a Paul.

Quando passam por um grupo particularmente grande e distraído de veraneantes, Sheldon esbarra num deles e, com invulgar graciosidade, tira um casaco fino de *Gore-Tex* cor de laranja de dentro de uma mochila aberta. Em vez de o esconder, veste-o de imediato, apesar do bom tempo.

– Escondemo-nos à vista de todos. É onde nunca se lembram de procurar – diz ele a Paul. – Agora, vamos para ali, para aquele cais.

Caminhando entre os lacaios de sandálias, Sheldon e Paul deslizam como folhas numa corrente ribeirinha. Ele fala com Paul, enquanto arrastam os pés rua acima.

– Porque é que as pessoas comparam sempre o tamanho de um feto em crescimento a comida? “É do tamanho de uma ervilha. Do tamanho de uma fava. Do tamanho de uma cereja. Do tamanho de uma banana.” Há qualquer coisa de sinistro nisso. Não achas que é sinistro?

Paul olha para os pés enquanto anda. Passaram menos de vinte e quatro horas desde que se escondeu no armário. Sheldon está ciente disso. Simplesmente não sabe como lidar com a questão.

– Nunca dizem: “É do tamanho de um pequeno porta-moedas” ou “é do comprimento de uma multa”. Estão a pensar comer-te antes mesmo de pores o nariz de fora. Olha, olha, vê. Ali ao fundo. É aquele mesmo. Agora só temos de pôr um ar determinado.

Sheldon e Paul passam pelo veleiro de três mastros em aço e mantêm-se rentes à água, afastando-se do fluxo colorido de visitantes. Como condenados, esgueiram-se por trás do edifício da autoridade portuária e descem um curto lanço de escadas que leva a um pequeno cais. À direita, está um barco da polícia, vazio, a balouçar na água parada mesmo à frente do barco que Sheldon decidiu que é seu.

Pintado há muito tempo de vermelho-vivo, branco e azul, como a bandeira norueguesa, o barquinho tem agora um aspeto gasto e descorado. É um barco grande a remos com um pequeno motor de fora da borda na popa, que tem de ser manobrado com a cana do leme.

Sheldon observa a pequena embarcação. Abana a cabeça para Paul.

– Os judeus não devem comer marisco. Acho que foi a maneira d’Ele nos mostrar que não somos um povo de marinheiros. Muito bem, vamos lá despachar o que tem de ser feito.

Sheldon pega num cabo de amarração e puxa o barco para o cais, para poder entrar. Põe uma perna cautelosamente lá dentro e depois estende o braço para Paul.

– Anda, não há problema nenhum.

Paul não se mexe.

– A sério, ouve, eu já andei num barco a remos antes. E não tinha motor. Eu sei fazer isto. Não há problema. Nenhum. Tenho a certeza. Mais ou menos.

Os impulsos e os mundos interiores das crianças nunca foram claros para Sheldon. Quando Saul ainda não tinha feito dois anos, saltava da cadeirinha de passeio e corria, como um bêbado em ponto pequeno, para o baloiço.

Vai pá, vai pá, dizia ele.

“Vai para onde? Queres andar de baloiço, é? Vamos lá.”

Sheldon instalava Saul no baloiço e, de imediato, Saul desatava a chorar e a contorcer-se.

“A ideia não foi minha, foi tua. Eu não passo de uma grua humana! Levanto-te e pouso-te. Disseste que querias o baloiço, eu pus-te no baloiço. Agora queres descer? Está bem.”

E Sheldon tirava Saul do baloiço, o que deixava o menino ainda mais furioso. Sheldon achava que esse tipo de comportamento se devia exclusivamente à influência feminina.

Porque é que Paul não queria entrar no barco e, daí a nada, já quer?

Vá-se lá saber porquê. Porque sim.

Depois de instalados no barco, Sheldon age rapidamente. A última vez que efetuou uma ligação direta num motor de fora da borda foi no seu treino na Coreia. Na época, isso fez parte de uma série de lições divertidas e inesperadas que ensinaram ao seu grupo sobre missões de reconhecimento. Foi o sargento de instrução, que lhes transmitiu tantas outras pérolas de sabedoria, quem explicou a lógica do exercício.

Não vos podemos empurrar de um avião com uma espingarda nas mãos, pôr-vos a marchar trinta quilómetros em território inimigo, esquivando-vos às forças comunistas e à vida selvagem local, para que vocês cheguem e percebam que não têm chave. Por isso, vão aprender a viver sem chaves. A lição número um começa com um martelo...

A lição dez (ou por volta disso) envolvia técnicas mais sofisticadas, do tipo como identificar as peças relevantes num motor para ligar a bateria diretamente ao motor de arranque, sem se baralhar com os fios. Não era nada do outro mundo, desde que o motor fosse simples. E aquele era.

Sheldon verifica os níveis de combustível, seguindo um tubo desde a bomba de alimentação até um reservatório de plástico debaixo do banco de trás. O reservatório tem marcas por fora que indicam que contém cerca de dez litros de combustível. É um motor pequeno a quatro tempos – o que lhe dá mais autonomia do que os antigos, a dois tempos –, por isso calcula que dispõem de umas quatro ou cinco horas, o que é tempo de sobra. Não faz ideia, claro está, de aonde irão parar, mas, para já, isso não tem importância.

Enquanto Sheldon verifica se as velas estão corroídas, um polícia desce as escadas para o cais e avança na direção deles.

Sheldon está a tirar a tampa de plástico do motor, quando o polícia passa sem olhar para eles.

– Eu sei o que estás a pensar – diz ele a Paul, enquanto trabalha. – Será que não temos ar suspeito? A verdade é que não, não temos. Alguma vez ouviste dizer que um octogenário de casaco laranja elétrico roubou um barco ancorado perto de um posto da polícia? Nunca, como é óbvio. É inconcebível! É assim que uma pessoa se safá impunemente de determinadas coisas neste planeta. Basta fazer o inimaginável à vista de toda a gente. As pessoas partem do princípio de que só podem estar enganadas.

Quando o motor arranca, aos espirros e tossidelas, Sheldon desamarra os cabos dos cunhos e lança-os para o cais.

– Seria mais difícil fazer isto em Nova Iorque. Um espertalhão qualquer teria vindo explicar-me como consertar o motor, ou perguntar-me o que eu achava de os Yankees terem perdido contra os Red Sox. Sabes o que eu acho? Eu acho que é excelente... é isso que eu acho. Os Yankees merecem perder. Esperemos é que ninguém nos pergunte nada em norueguês.

Sheldon empurra a cana do leme com força para bombordo e acelera devagar, afastando-se suavemente do cais em direção ao fiorde de Oslo. Orienta a sua pequena jangada ao longo do *Christian Radich*, com o seu reluzente casco branco, e ruma para o mar profundo e azul, deixando para trás Oslo e o pouco que sabe sobre aquele estranho país.

SEGUNDA PARTE

Ratos do Rio

Capítulo 9

Até àquele instante, só na sua imaginação é que Sheldon estivera na água. Tudo começou com as visões que descrevera a Mabel, em 1975. A origem delas era vívida, embora simples, felizmente: uma carta de Herman Williams, um dos amigos de Saul, do barco, que estava com ele quando Saul ficou ferido. A carta explicava em que circunstâncias Saul morrera.

Assim sendo, as visões derivavam de factos, mas eram maiores do que os próprios factos. Eram aterrorizadoras e vivas, e tornaram-se verdadeiramente envolventes e inexoráveis quando Rhea foi viver com eles, em 1976.

Na sua visão, Sheldon estava a patrulhar o delta do Mekong com Saul, Herman Williams, Ritchie Jameson, Trevor Evans e o capitão, um homem a quem chamavam o Monge.

As visões começavam, todas elas, com uma espécie de otimismo sincero.

Sheldon estava em missão a mando da Reuters. O seu conhecido livro de fotografia era o tipo de realismo assumido que a Reuters queria naquela altura. O seu próprio historial de guerra dava-lhe credibilidade junto dos homens mais novos que ele tinha de captar para documentar o seu contributo para a guerra. Ainda só tinha quarenta e poucos anos e, embora não estivesse incrivelmente em boa forma, era esguio e alerta. Recebeu o telefonema numa noite, já tarde, enquanto via o programa do Johnny Carson na televisão. Carson estava a entrevistar Dick Cavett, seu colega de televisão, e o sentido de oportunidade cómico de ambos e a rapidez de resposta puseram Sheldon e Mabel a rir às gargalhadas.

– Fala da Reuters. Precisamos de si lá. Podemos contar consigo?

– Tenho o saco pronto desde a Ofensiva do Tet.

– Ótimo. Parte logo pela manhã?

– Manhã? Para quê esperar? Que tal já?

Numa hora, foi transportado para Saigão, onde um elefante o levou para a base de Saul em três minutos, enquanto xerpas nepaleses carregavam a bagagem. O coronel responsável fez um sinal de polegar esticado a Sheldon e este piscou-lhe o olho. Era bom estar de volta à frente, entre os homens. Como eram jovens, agora! Não era como na sua época. Alguma vez teve aquela idade? Claro que não. A guerra na Coreia foi travada por homens e não eram quaisquer uns. Homens com melhores gostos musicais.

Todos os tipos aclamaram o velho fuzileiro, quando ele entrou na caserna. Apesar do seu grau, todos lhe fizeram a continência e ele retribuiu o gesto. Respeito pela velha guarda. Sabiam que ele era um deles e não um idiota qualquer da revista *Stars*

and Stripes que ali fora tirar umas quantas fotografias, para ilustrar a propaganda que as chefias tinham acabado de inventar. E também não era um *hippie* qualquer, com a fantasia de espetar um beijo molhado no rabo da Jane Fonda. Não. Aquele era um homem de verdade, que ali estava para tirar fotos da vida no *rio*. Onde os insetos eram suficientemente grandes para levar criancinhas vietnamitas, o ar era mais denso do que a tensão e a única regra era que não se podia comer os mortos.

Donny atirou o saco de lona para um beliche de cima e içou-se para a cama. Precisava de uma boa noite de sono, porque no dia seguinte ia embarcar com o filho. E não queria que Saul fizesse má figura à frente dos colegas.

Antes de adormecer, sussurrou:

– Ei, Herman? Estás acordado?

– ‘Tou, Donny. O que foi?

– Porque é que chamam Monge ao capitão?

– Ah, sim, a alcunha. Porque ele não quer aqui estar.

– Mas há alguém que queira?

– Não, a sério, ele não quer *mesmo* aqui estar.

....

O fiorde de Oslo desliza suavemente sob o casco do barco, de fundo achatado, e o motor de vinte cavalos leva-os a bom ritmo para sudoeste. Sheldon vai sentado no banco de plástico branco, na popa, com a mão na cana do leme. Veste o casaco roubado de *Gore-Tex* e pôs uns óculos de aviador que encontrou no bolso. Paul está sentado no terceiro banco, o mais próximo da proa. Sheldon pergunta-se se o menino alguma vez teria andado de barco.

O *Lonely Planet* tem um mapa do fiorde e Sheldon usa-o para navegar. Em vez de seguir o canal mais largo para norte, onde passam os *ferries* e os navios de cruzeiro dinamarqueses – que o podiam abalroar –, mete pelo braço de mar entre as ilhas Hovedøya e Bleikøya, e depois entre Lindøya e Gressholmen, esperando que os noruegueses não tenham uma guarda costeira excessivamente nervosa que faça demasiadas perguntas.

O seu barco não é o único a fazer aquela viagem estival rumo ao sul. Veem-se galeotas, caiaques e catamarãs; esquifes, chatas e *catboats*. As pessoas dizem adeus a Sheldon e a Paul. Com a serenidade que advém de um maravilhoso anonimato, Sheldon retribuiu os acenos.

A maior parte das embarcações de lazer mais pequenas parece dirigir-se para lá de Nesoddtangen, na ponta de uma enorme península, e daí para sul. Lentamente e a uma velocidade constante, mantendo-se o mais perto possível de terra, Sheldon segue-as como madeira flutuante. Ele, o barco e o menino vogam juntos, afastando-se dos horrores da véspera, rumo a um mundo azul e verde que desconhece quem eles são e de onde vêm.

Com o vento suave e as ondas cintilantes como pano de fundo, Sheldon e Paul

levam a cabo a sua fuga. À medida que a tensão da cidade recua, juntamente com o porto, a Ópera e a câmara municipal, o silêncio regressa, trazendo consigo os gritos ignorados da manhã anterior e de todas as manhãs antes dessa.

Do interior do armário, Sheldon ouvira Senka lutar contra a falta de ar. Ouvira-a a ser asfixiada, os braços dela a perderem a determinação, a graciosidade e a força, agitando-se e arranhando para se agarrarem a um fio de vida. Ouvira o ódio que possuía as mãos do assassino. Imaginou os olhos dela a arregalarem-se, à medida que o terror se apoderava dela, roubando-a de qualquer hipótese de se salvar.

Olhando para Paul, sentado na proa do barco, debruçado para tocar na água que passa sob a embarcação rasa, pergunta-se o que terá o menino imaginado quando os ruídos da agonia da mãe se reduziram ao silêncio. Espera que a imaginação do menino não seja tão refinada como a sua, que regressa inevitavelmente à viagem rio acima no Vietname.

É a demência, Donny, disse Mabel.

Ela não compreendia. Tinha outras âncoras para a fixar. Mas, apesar disso, ele quis corrigi-la.

– Será assim tão demente que o passado nos assalte, mesmo antes do fim? Não será esse o derradeiro ato da mente racional, que se esforça por apreender o seu salto para a escuridão? A última tentativa de coerência antes do grande desenlace final? Será assim tão louco?

:::::

– Devemos demorar umas três ou quatro horas a ir e vir – explicou Herman à equipa. – Um F-4 foi abatido a cerca de sete quilómetros daqui e o estado-maior acha que o piloto se safou. Por isso, vamos resgatar o gajo, antes que ele tenha de enfrentar o inimigo no terreno.

O Monge estava mudo, como sempre, enquanto os outros homens carregavam o barco com material. Chovia e estavam todos um nadinha ressacados de três dias de festança em honra de Saul, por fazer uma segunda comissão com a Marinha e ter voltado para o barco.

Saul pouco falava com o pai. Só coisas banais. “Passe-me esse cabo” ou “Dá-me um cigarro?”. Sheldon não se importava. Observava com o máximo de atenção o que os rapazes faziam. Não queria estorvar. Mas, na sua visão – naquela recordação de um lugar onde nunca esteve –, tinha pavor de perder nem que fosse um instante. Sentia aquela compulsão judia para registar tudo para a posteridade. Para recordar. Para captar cada derradeiro raio de sol do dia e garantir que outros saberiam que isso fora vislumbrado. O que existira em tempos e agora não.

O Monge era um piloto cuidadoso. Sheldon fotografou as mãos dele no leme e tirou-lhe o retrato com o sol por cima do ombro, e a única coisa que se via do rosto e do corpo do Monge eram as franjas escuras e o seu porte com o rio como pano de fundo.

Havia qualquer coisa de pesado e negro no comportamento dele. Uma dor oculta. Um plano qualquer. Sheldon, através da lente, apercebia-se de tudo.

Fotografou os dedos negros, esguios e delicados de Herman, que podia ter sido relojoeiro, se todos eles tivessem nascido num planeta diferente.

Observou Trevor a limpar a espingarda com o zelo que uma pessoa poria em limpar a arma de caça herdada de um avô.

Fotografou Ritchie e o seu sorriso, perguntando-se porque é que as pessoas se assemelhavam com tanta frequência aos seus próprios nomes.

Era agradável estar no barco. Desde que Sheldon começara a viajar com eles regularmente, em 1975, raramente se preocupava com Saul, apesar de saber o fim da história. Não vigiava o filho com o olhar suplicante de um pai ou de um companheiro de guerra. Estava ali só pela viagem. Absorvendo tudo. Presenciando tudo. Desfrutando do calor da camaradagem e da vida.

Gostava de observar o filho enquanto homem adulto. Era aquilo que queria, lembrou Sheldon a si próprio. Não era? Que o seu filho fosse um homem? Se tornasse soldado americano.

O Phantom F-4 tinha sido abatido por um míssil terra-ar de origem soviética. O piloto, como toda a gente sabia, não tinha culpa nenhuma. Mas os aviadores levavam uma vida fácil e toda a gente sabia isso também. Sentavam-se nas suas tendas com ar condicionado, a limar as suas unhas preciosas, a bebericar água com gás, a jogar cartas e a bater punhetas com a ajuda de revistas novas e imaculadas. Depois, quando tocava a campainha para o jantar, vestiam a farda estilosa que fazia desfalecer o mulherio, metiam-se no *cockpit* dos seus aviões reluzentes – que um lacaios qualquer tinha limpado e polido para eles – e, durante quinze minutos, largavam napalm sobre cabanas, pessoas, gado, colheitas e o que quer que fosse. Depois, assim que ficavam com os polegares cansados, voltavam para a base, limpavam uma gotita de suor da testa enquanto a imprensa os fotografava e, em seguida, retomavam os seus jogos de cartas tão rudemente interrompidos, enquanto raparigas da Cruz Vermelha, chamadas Heather ou Nicky, lhes massajavam os ombros exaustos, enquanto os pilotos lhes enchiam os ouvidos com histórias das suas façanhas.

Tendo em conta a vidinha fácil dos pilotos, os tipos do barco não lhes iam dar o benefício da dúvida. Estavam-se nas tintas, por exemplo, se aquele míssil terra-ar era ou não o melhor guiado por infravermelhos que os comunistas tinham concebido, e se foi disparado contra um avião que voava a baixa altitude que só teve 1,7 segundos para reagir antes de perder a metade esquerda da fuselagem. Estavam-se a borrifar se o piloto estava em situação de desvantagem ou não. Ia levar com uma viagem de merda até à base e só de pensar nisso todos os homens a bordo do pequeno barco se regozijavam de antemão.

O verdadeiro segredo de uma missão de resgate era chegar ao avião abatido antes dos vietcongues. Os vietcongues eram uns sacanas assassinos, mas estavam no país

deles e tinham um jeito comprovado para saber onde encontrar as coisas. Por isso, quando um avião era abatido, eles punham-se simplesmente a caminho de lá. Os Ribeirinhos, pelo contrário, tinham de descobrir o caminho.

Era essa a tarefa do Monge, sendo o capitão do barco. Enquanto subiam o rio, pouco mais havia para fazer além de apontar as M-60 na direção da floresta e contar anedotas e pensar nas miúdas com quem seguramente nunca iriam para a cama. Pelo menos, não na realidade.

A chuva caía sem parar enquanto o barco atravessava, resfolegando, um estuário com cerca de vinte metros de largura. Homens locais passavam em barcos sob os canos das espingardas dos homens, mas nenhum deles parou e nenhum levantou os olhos.

Trevor ia sentado atrás do Monge, com uma postura que Sheldon achou tensa, como se estivesse pronto para saltar do banco e... qualquer coisa. Era difícil prever o que aconteceria. Saltava borda fora? Atacava o Monge?

Sheldon sentou-se ao fundo do barco, a tirar fotografias. A absorver a selva. A tentar perceber o terreno, os homens, aquela guerra. Era tão diferente da Coreia. Na Coreia, os comunistas atacavam o sul, com apoio soviético, e as Nações Unidas votaram uma resolução enquanto o embaixador soviético estava na casa de banho e, portanto, toda a operação foi relativamente simples. Aquela guerra era menos simples. E, claro, a grande questão na Coreia era que os do sul queriam a presença dos americanos. Ali, nem por isso.

Depois de três horas de patrulha, o barco deteve-se junto de um pequeno embarcadouro. O Monge não se mexeu. Atirou simplesmente um rádio a Saul e olhou para Herman. Ritchie, que era mais graduado do que eles, disse:

– Witzy e Williams. Vão.

Era assim que chamavam a Saul: Witzy. Porque “Horowitz” era demasiado comprido e “Saul” demasiado antiquado.

Porquê aqueles dois? Witzy e Williams? *Porque os dois nomes ficam bem um com o outro e saem espontaneamente juntos da boca de qualquer pessoa, eis porquê.*

– Eu também vou – disse Sheldon. Ninguém respondeu. Foi como se, pela primeira vez naquela viagem, Sheldon não estivesse presente.

Saul entregou a Ritchie uma carta que tinha andado a escrever.

– Envia-a por mim, se eu bater a bota.

Ritchie respondeu simplesmente:

– OK.

Saul saltou para o embarcadouro com a M-16 numa mão e o rádio na outra. Dirigindo-se a Ritchie, disse:

– A minha namorada está grávida. Só faltava essa para compor o ramalhete, não achas?

– Devias regressar a casa – respondeu Ritchie.

– Provavelmente devia – disse Saul, e começou a avançar pelo embarcadouro

dentro com Williams.

Atravessaram uma pequena aldeia que parecia deserta. Quatro cabanas com o telhado de colmo agrupavam-se num retalho de terra castanha e lamacentas. Uma roda de bicicleta enferrujava à chuva. Um cesto com legumes podres derramava-se em cima de uma mesa. Sheldon fotografou-os e seguiu caminho.

Saul assumiu a dianteira, seguido por Williams e depois Sheldon. Saul era um bom soldado. Prestava atenção, não deixava que pequenas coisas o distraíssem e não falava enquanto andavam. Mas, por outro lado, como ainda só tinha vinte e poucos anos, não andava suficientemente devagar, não prestava suficientemente atenção e não sabia falar suficientemente baixo quando abria a boca.

Quando a selva desembocou num pequeno arrozal, Saul consultou a bússola e apontou para a esquerda. Virou-se e olhou para trás, para lá de Sheldon, e ficou com uma ideia do terreno que veriam no regresso. Essa era uma lição preciosa que Sheldon aprendera na Coreia. Uma vez mais, a voz do sargento de instrução veio-lhe à mente: *Se nada vos parece familiar no caminho de regresso é porque, de facto, nada vos é familiar. Nunca viram essa perspetiva antes, pois não? Se não se virarem para trás, como é que hão de saber o que devem procurar? Hã? Tu! Cabeça de merda! Qual é a resposta?*

Naquele dia, era outro o cabeça de merda. Mas podia ter sido Sheldon e, muitas vezes, era. Quando chegara a sua hora em Inchon, ficara grato por todas as lições que aprendera.

Sentiram o cheiro do avião antes de o verem. O F-4 ia a meio da sua missão de bombardeamento e, por conseguinte, caiu com muito combustível, que ardeu com um cheiro diferente de napalm, arrozal, gado e gente. Segundo Herman, na escala de 1 a 10 do vomitómetro, era um mero 2, enquanto o cheiro dos cadáveres de crianças a apodrecer era um 9.

O 10 estava reservado para o cheiro das cartas que recebiam de burocratas.

Saul não conseguia adivinhar pelo cheiro em que direção deviam seguir. Mas, daí a nada, começaram a encontrar partes do avião na terra. A princípio, só bocados pequenos, porcas e peças de metal retorcido, mas em número suficiente para saberem que estavam cada vez mais perto.

Sheldon consultou o relógio. Estavam na selva há apenas quinze minutos.

Saul conduziu-os para uma pequena elevação. Foi uma boa ideia, porque lhes proporcionou uma perspetiva melhor da zona. Antes de chegarem ao cimo, Williams assobiou por entre os dentes e disse:

– Ali. Vejam.

Saul e Sheldon viraram-se para a esquerda e, ali, a cerca de quinhentos metros, jaziam grandes pedaços do avião no terreno plano.

– Alguém viu o idiota do piloto? – perguntou Williams.

Saul apontou para a esquerda.

– Aquilo pode ser o para-quedas.

– Ótimo. Mas, primeiro, vamos ver se há bocados cor-de-rosa no *cockpit* – disse Williams.

Enquanto eles desciam a colina em direção ao caça, Sheldon vislumbrou uma figura incongruente encostada a uma árvore ao lado do carreiro. Saul passou por ela, como se ali não estivesse. Quando Williams se aproximou, Sheldon gritou:

– Herman, à tua direita.

– Oh, é só o Bill. Não ligue. O cabrão está sempre a aparecer. Mas nunca ajuda em nada.

Quando Sheldon os apanhou, viu que de facto era Bill Harmon, o seu amigo de Nova Iorque. Bill vestia umas calças mal-amanhadas, uns *mocassins*, uma camisa azul com botões no colarinho e um casaco de *tweed*. Bill não apareceu nessas viagens entre 1975 e 1980. Foi só depois de morrer que começou a manifestar-se. Só que Sheldon não tinha a certeza de que Bill era realmente Bill. Parecia Bill. Dizia as mesmas parvoíces que Bill, mas a sensação era como se não fosse Bill. A presença dele era simultaneamente mais intensa e mais pueril. Bill, em vida, nunca deixara Sheldon perturbado. Este tipo, sim.

– O que fazes aqui, Bill?

– Ando à procura de antiguidades.

– O quê?

– Os colonialistas franceses estiveram aqui durante uma eternidade. A Indochina tem uns tesouros escondidos espetaculares que posso vender por uma fortuna na loja.

– Estás bêbado?

– São duas horas da tarde e estamos no Vietname. É claro que estou bêbado. Queres?

– Tenho de ir. Temos de encontrar o piloto.

– O piloto está morto – anunciou Bill. – Enfiaram-lhe uma bala antes de o paraquedas tocar no solo. Grande falta de desportivismo. Não vale a pena vocês continuarem.

– Então, vou avisar os rapazes, para voltarmos para trás.

– Eles não vão acreditar em ti.

– Porquê? És um fantasma? – E sem esperar por uma resposta, Donny gritou: – Ei, Williams. Espera. O piloto está morto. Devíamos voltar para o barco.

– Como é que sabe?

– Foi o Bill que disse. Ele sabe.

– Não se pode confiar a cem por cento no Bill, Donny.

– Mas às vezes ele acerta.

– Sim, mas como é que sabemos se desta vez tem razão? Além disso, a decisão não é minha.

– Bom, então avisa o Saul.

– Está bem.

E Herman contou a Saul e Saul limitou-se a encolher os ombros e continuou a andar. Passados uns minutos, ficou pensativo e parou. Pela primeira vez na viagem, virou-se e interpelou diretamente o pai.

– O que é que está a fazer, pai?

– Quero que voltemos para casa. Quero que cresças.

– Devia ter pensado nisso antes de sugerir que eu viesse para cá.

– Tens razão e desculpa. Mas eu nunca disse que devias voltar. Esta segunda comissão foi ideia tua.

– Não se lembra da nossa conversa muito bem, pois não?

– Posso ter dito qualquer coisa do estilo que a América estava em guerra. Mas se o fiz, não era para que tu voltasses. Cumpriste o teu dever. Mais do que a maior parte das pessoas.

– Foi ideia sua vir comigo. Não posso voltar para trás. Não posso escrever um relatório a dizer que o Bill Harmon apareceu na mata e tinha informações privilegiadas sobre o paradeiro do piloto.

– Tu adoravas o Bill.

– Ainda adoro – disse Saul. – Mas ele não é propriamente uma fonte que possamos citar, pois não?

– Isto é uma loucura!

– Loucura sua. Então, como é que vai ser? Volta para trás ou quer ver como isto se desenrola?

– Quero ficar contigo.

– Então, venha. E esteja calado. Há vietcongues aqui.

E continuaram a andar, deixando Bill para trás.

No que pareceu um abrir e fechar de olhos, chegaram ao avião. Não tinha caído simplesmente, nem feito uma aterragem controlada. Tinha sido despedaçado no ar pelo míssil e caído para a terra com a falta de graciosidade de um meteoro.

O *cockpit* estava relativamente intacto, porque é assim que funciona o acaso. Sheldon tirou uma fotografia.

Saul, impulsivamente, disse:

– Herman... vai ver o *cockpit*. Eu vou verificar o para-quedas.

Saul virou-se para o pai e disse:

– E então? Vem ou fica?

– Quero estar contigo.

O que Saul queria era levar o idiota do piloto para casa. Era essa a sua missão, era para isso que o tinham treinado e era isso que queria fazer. Porque um americano não deve ficar a apodrecer numa pilha verde de dejetos asiáticos. Deve estar em casa, junto da família.

O para-quedas estava dependurado de uma árvore muito alta, ao fundo de um pântano que Saul e Sheldon tiveram de atravessar. O piloto era negro, o que os surpreendeu a ambos: em 1974, eram raros os pilotos negros. E o piloto, tal como

Bill dissera, estava morto. O sacana, coitado, nem teve oportunidade de aterrar. Os vietnamitas não compreendiam os negros; nunca tinham visto africanos antes. Pensavam que os negros eram brancos pintados de preto como camuflagem. Havia casos documentados de vietcongues terem usado escovas de aço nesses homens para lhes tentarem tirar a tinta preta.

– Muito bem, vamos – disse Sheldon.

– Temos de o tirar da árvore – ripostou Saul.

– Não, não temos.

– Temos.

– Não. Não temos nada!

– O pai levou o Mario para casa – disse Saul. – Contou aos pais dele. O pai dele abraçou-se a si e chorou.

– Eu estava numa praia segura. Tu estás sozinho na selva. Este coitado aqui...

– Ande. Ajude-me a tirá-lo da árvore.

– Saul, usa a cabeça. Os vietcongues sabem que vocês vêm buscar o piloto. Sabem e há cinquenta por cento de probabilidades de eles cá terem chegado antes de ti.

– Então, porque é que não me abateram a tiro?

– Porque um homem ferido precisa de ser carregado e, assim, eles imobilizam dois ou três homens e não um só.

– Porque é que não me capturam?

– Como é que eu hei de saber?

E, então, Saul perdeu a cabeça e explodiu:

– Está um negro dependurado de uma árvore. Um negro que é um soldado americano. Como é que eu posso deixá-lo aqui ficar? Como é que viro as costas a este homem? Explique-me como é que posso virar costas a este homem e continuar a ser seu filho e eu faço-o. Juro que o faço.

Nesse instante precioso, Sheldon não foi capaz de dizer nada. Absolutamente nada.

Por isso, Saul pendurou a espingarda ao peito como um arco e começou a trepar à árvore.

Quando estava suficientemente alto, agarrou num ramo e usou a faca do exército para cortar as cordas e a seda do para-quedas. As botas do piloto estavam a cerca de dois metros do chão. Não era uma queda grande, mas, sem ele perceber porquê, pareceu uma queda em câmara lenta. A náusea apoderou-se de Sheldon quando o homem caiu no chão.

Enquanto Sheldon observava, foi assolado pelas primeiras ondas de resignação. Tinha ali estado em missão tantas vezes, assistira àquele momento tantas vezes, que sabia quando e como o terror surgia. Ia acontecer daí a nada. Saul ia descer o único carreiro em direção ao avião, enquanto Herman subia o mesmo carreiro, tendo queimado mapas e papéis para privar o inimigo de informações confidenciais.

Ele sabia o que ia acontecer. Mas, naquele instante, ainda não acontecera. Encontrava-se entre o conhecimento e a realidade do que ia acontecer, exatamente onde Cassandra se encontrava antes de enlouquecer. Era um instante precioso. Tão precioso que Sheldon o diferia, permitindo-se dormir todas as noites com aquele conhecimento do que ia acontecer.

Durante aquele momento – enquanto Saul descia da árvore, arrumava a faca e tirava as chapas do piloto e as guardava no bolso superior esquerdo da sua própria camisa –, Sheldon observou o filho e viu-o transformar-se num homem.

Não foi um momento grandioso. Não houve testemunhas. Não houve heroísmos. Foi apenas um pequeno gesto de dignidade e respeito entre dois homens. E, para Sheldon, isso representou a possibilidade de existir um mundo melhor. Tudo o que a humanidade conquistara até aí – por menor que fosse – esteve patente no gesto invisível e esquecido do cabo Saul Horowitz, resgatando os restos mortais do tenente Eli Johnson.

E portanto, antes do fim, houve um momento de graça.

Nesse momento, Sheldon levou a máquina ao olho e tirou-lhes uma foto.

O acionar do obturador permitiu ao tempo seguir o seu curso. Sheldon viu Saul tropeçar no arame, desencadeando a explosão que lhe matou o seu único filho. Assistiu à cena, postado à frente de Saul e Eli Johnson, à beira do carreiro à esquerda deles.

Quando aconteceu, Herman apareceu a correr atrás dele, em direção a Saul.

Os vietcongues tinham enchido as bombas com pregos, rolamentos e – perversamente – com o revestimento de espingardas americanas que tinham recuperado num combate anterior.

Todos estes objetos rebentaram com as pernas de Saul, as virilhas e a parte inferior do tronco.

Antes de a dor se lhe estampar no rosto, ele caiu, porque já não tinha ossos, músculos nem ligamentos que o mantivessem de pé. O corpo do tenente Johnson caiu na berma do carreiro e acabou por não ser resgatado pela equipa. Só as chapas de identificação dele, guardadas no bolso de Saul, regressariam aos Estados Unidos, para os pais e para o caixão dentro do qual seriam enterradas.

Herman gritou e desatou a chorar quase de imediato. Agarrou em Saul pela camisa e, com a força dos aterrorizados, içou-o para as suas costas, tal como Saul carregara Johnson, e como Donny carregara Mario, e como homens ao longo da história carregaram outros.

Os tiros começaram, assim que Herman largou a correr.

Ninguém voltou a olhar para Sheldon. Ninguém voltou a ligar-lhe. Até Bill Harmon tinha desaparecido.

Herman correu um quilómetro inteiro pela selva fora, até à pequena aldeia, e daí para o barco. Ritchie estava aos comandos da M-60 e a disparar que nem louco para o mato, para lhe dar cobertura, mas não sabia sequer se estava alguém ali escondido.

Trevor continuava sentado no banco atrás do Monge.

Assim que os três homens estavam a bordo, o barco pôs-se em movimento e, daí a nada, já se encontravam longe de terra.

Mas ainda não tinha acabado.

O Monge virou o barco para poderem abrir fogo enquanto desciam o rio, para se distanciarem mais do que quer que estivesse no mato.

Herman verificou as vias respiratórias de Saul, espetou uma seringa de morfina na carótida e pressionou dois grandes pensos sobre as artérias femorais.

Estas ligaduras feitas no terreno manteriam Saul vivo durante três dias, assim que o barco chegasse ao porto, mas ele nunca viria a recuperar a consciência.

Sheldon sentou-se no banco ao lado de Trevor. Não podia fazer nada por Saul, o filho que em tempos se empoleirara no seu colo para estudar o seu nariz com a intensidade de um cientista e enfiara os dedos nas lágrimas de alegria do pai.

Observou passivamente, enquanto o barco dobrava uma curva em direção a uma fila de jangadas de madeira. Arregalou os olhos quando essas jangadas começaram a disparar uma saraivada de metralhadora contra o casco.

Quando as balas começaram a atingir o barco, o Monge largou o leme.

Trevor, que já estava pronto, saltou para a frente e agarrou no leme, conduzindo-os em cheio na direção da primeira jangada, a toda a velocidade.

O Monge avançou para a proa do barco, postou-se muito direito e ergueu os braços como um mergulhador de penhascos brasileiro ou Jesus e os criminosos nas suas cruces.

Ritchie esventrou uma das jangadas com a M-60. Lascas de madeira e uma chuva vermelha de sangue formaram uma nuvenzinha à volta dela, quando a base se despedaçou.

Herman tratou de Saul, Trevor pilotou o barco e o Monge ficou ali parado, intocado por qualquer homem ou movimento, enquanto Saul se esvaía em sangue.

Essa era a última imagem vívida do sonho de Sheldon. Foi essa que o acordou naquela noite e o levou a falar com Mabel e a fazer-lhe a sua pergunta. Aquela com que ele ainda acorda de manhã. Não sabe porquê, mas os acontecimentos daquele dia não são claros para ele a partir desse ponto. Sabe que o barco chegou ao porto, são e salvo. Saul foi evacuado para Saigão, onde morreu no hospital. A carta foi remetida como prometido e Rhea recebeu o seu nome. Trevor e Herman ficaram no barco até ao fim da comissão e, depois, regressaram a casa.

O Monge nunca levou um tiro. Mas dizem que um dia, noutro combate, mergulhou nas águas do Mekong e nunca voltou a reemergir.

Capítulo 10

Aproximam-se da aldeia piscatória de Flaskebekk, a bombordo, e Sheldon navega o mais próximo da costa que se atreve. Depreende que a guarda costeira não terá interesse numa pequena embarcação que avança colada à costa, que é o melhor a fazer caso aconteça alguma coisa de mal. O tempo não vai mudar e a corrente não é forte.

Não faz ideia, claro está, do que se encontra abaixo da superfície, mas uma das grandes vantagens de um barco daqueles é o seu fundo raso. Embora não seja um prodígio dos mares, o barco é fácil de pilotar.

As espingardas de que precisa chamam-se Moisés e Aarão. Os canhões que lhes deram o nome, segundo o guia que Sheldon folheia, encontram-se na fortaleza Oscarsborg, numa ilha não muito longe dali, chamada Søndre Kaholmen. A 9 de abril de 1940, os alemães mandaram um navio de guerra de catorze mil toneladas, chamado o *Blücher*, para o fiorde de Oslo para atacar a capital, capturar o rei e roubar as reservas nacionais de ouro. Embora a fortaleza estivesse mal guardada, tinha as três armas Krupp de vinte e oito centímetros chamadas Moisés, Aarão e Josué, bem como um oficial comandante que não se importou com as probabilidades.

Quando o navio alemão entrou no braço de mar perto de Drøbak, o coronel Birger Eriksen e os poucos de homens às suas ordens atacaram o *Blücher* a mil e oitocentos metros de distância, com o Moisés e o Aarão. Dispararam apenas dois tiros, mas foram decisivos. O primeiro abriu um rombo no casco, fazendo explodir a artilharia e os barris de petróleo alemães, e o segundo impossibilitou o navio de ripostar.

Enquanto o navio ardia, as baterias de torpedos secretos na ilha afundaram-no com todos os homens a bordo, a uma distância de quinhentos metros.

Diz-se que Oscarsborg deu ao governo tempo suficiente para fugir e formar um movimento de resistência no exílio que pôs a Noruega oficialmente no campo dos Aliados. A Noruega caiu pouco depois nas mãos dos invasores nazis e um regime fantoche assumiu o poder. Setecentos e setenta e dois homens, mulheres e crianças noruegueses, que eram judeus, foram detidos pela polícia norueguesa e pelos alemães, e deportados. Foram quase todos enviados para Auschwitz.

Trinta e quatro sobreviveram.

Depois da guerra, poucos polícias noruegueses que colaboraram com os nazis foram castigados e alguns deles permaneceram, inclusivamente, nos seus postos até se reformarem. Durante décadas após a guerra, o próprio Holocausto não fez parte do programa das universidades. Foram precisos mais de cinquenta anos para que a

Noruega construísse um memorial a recordar os acontecimentos e mais uns poucos para que abrisse o Centro Norueguês de Estudos sobre o Holocausto e o Genocídio.

Sheldon tinha a impressão de que todo o acontecimento em si era falado como que da perspectiva de testemunhas e não de participantes. E sempre que as ações norueguesas pareciam duvidosas, eram rapidamente descartadas apelando para o estatuto fácil de vítima.

– A questão – diz Sheldon em voz alta, olhando para sul em direção à fortaleza Oscarsborg – é se temos combustível suficiente para lá chegar.

O dia arrasta-se sem fim e o sol parece não se mexer. Sheldon nunca sentiu o tempo passar tão devagar. A viagem entre Oslo e Drøbak abrange menos de dezassete milhas náuticas, mas o tempo e a distância na água são uma questão mental.

Navegam durante quatro horas até que ficam sem combustível.

Andam à deriva durante mais trinta minutos, enquanto a maré enchente os empurra para terra, para uma pequena baía rochosa rodeada de árvores perenes.

Sheldon analisa o campo de visão dos barcos que eventualmente por ali passarem e amarra a embarcação de maneira a dar o menos possível nas vistas.

Se fosse feita de madeira, tê-la-ia afundado.

Se tivesse forças, tê-la-ia puxado para terra e escondido.

Se fosse mais novo, teria enterrado uma faca no coração do atacante e salvado a mãe do menino.

Mas as coisas são como são.

Assim que estão a são e salvo em terra, e depois de ter tirado tudo do barco, Sheldon sente-se ofegante.

– Não dizes nada? – pergunta ele a Paul. – Podes bater-me se quiseres. Eu mereço. Tenho a certeza de que mereço. Devia ter chamado a polícia assim que ouvi a discussão no andar de cima. Isso nem sequer me passou pela cabeça. Senti-me completamente superior a essas coisas. Achei que sabia como as coisas eram e que tudo se ia resolver com a tua mãe a correr escada abaixo e a ir ter com alguém que tomasse conta dela. Não abri a porta por ela. Abri-a por mim. Por despeito. Para provar a toda a gente que era isso que se devia fazer. Com a minha idade, ainda acho que tenho um público para os meus atos. Dá para acreditar numa coisa dessas? Estou a agir para um público que morreu há cinquenta anos. Devia ter chamado a polícia e, com alguma sorte, eles teriam chegado a tempo.

Sheldon é mais alto do que o menino, como é óbvio, mas não muito mais. Nesse momento, está ligeiramente curvado e cansado da viagem. As costas vergam-se-lhe. Tornam-se quase da mesma altura e Sheldon tenta fitá-lo nos olhos.

– Será coincidência – pergunta Sheldon – que quanto mais envelhecemos, mais nos parecemos com um ponto de interrogação? O que eu quero dizer é o seguinte: lamento muito. O meu melhor parece nunca ser muito bom. Tive alguns bons momentos. Não muitos, se pensarmos na quantidade de oportunidades que tive. Até

o nascimento do Saul eu perdi.

Não te quero entregar já, percebes? E se aquele tipo for teu pai? Ele estava em tua casa a altas horas da noite, a avaliar pelo barulho que faziam ultimamente. Provavelmente passava lá muito tempo. Um menino como tu não fica mudo de repente. Foi uma coisa que tiveste de aprender. Provavelmente andas aterrorizado há uma eternidade. Eu podia entregar-te às autoridades e depois ele aparecer a correr, dizendo “O meu filho, encontraram o meu filho”, e isso significava que eu te estava a passar para as mãos do assassino da tua mãe. Que raio de amigo faz uma coisa dessas?

Paul escuta-o. Sheldon não sabe porquê.

– Tens fome? Deves estar esfomeado. – Sheldon estica a mão para o menino. – Anda, vamos arranjar comida.

Paul não dá a mão a Sheldon, mas segue-o. Avançam devagar, porque as muitas horas sentado deixaram Sheldon com dores nas costas. Sente pontadas pela perna esquerda abaixo, a cada passo, por isso reajusta a sacola ao ombro.

– Vamos dar o dia por encerrado. Vamos até ali.

Sheldon aponta para uma bonita casa azul perto da água. Estão a caminhar para sul, com o fiorde à sua direita. Na costa, há um embarcadouro privado de metal para um barco que não está lá.

Sheldon conduz o menino até à parte da frente da casa e procura sinais de vida. Não há carros na entrada e poucos na rua. A casa parece vazia.

Juntos, voltam para as traseiras e Sheldon mostra a Paul como pôr as mãos em concha enquanto encosta o rosto ao vidro. Paul não o imita, mas Sheldon acha que, ainda assim, é uma lição preciosa.

Lá dentro, não há luzes acesas. A televisão está desligada. Está tudo arrumado e limpo. Intacto. Sheldon avança uns metros ao longo da casa até à porta das traseiras, que dá para o quintal e daí para o embarcadouro. Encosta o rosto ao vidro mais uma vez e, como continua sem ver nada de relevante, toma uma decisão.

– Isto remete-nos, portanto, para a lição número um – diz ele a Paul.

Pousando a sacola no alpendre de madeira que leva à cozinha, Sheldon tira um martelo e, sem fazer comentários, parte a vidraça ao lado da maçaneta da porta.

Faz uma pausa, põe-se à escuta e depois diz:

– Não tem alarme. Isso ajuda. Agora, cuidado onde pões os pés por causa dos vidros.

Numa sala de estar decorada ao estilo de Charles Eames, com belos móveis escandinavos e americanos de meados do século, Sheldon encontra um suporte para revistas com mapas, e os horários das camionetas e comboios da zona. Leva-os para a cozinha para ver com calma, enquanto põe água a ferver numa panela para cozer massa.

Ao encontrar um bom mapa da região, abre-o cuidadosamente em cima da bancada e, usando a ponta de uma colher de madeira, aponta para o rio Glomma,

seguindo a linha azul serpenteante uns centímetros para cima, até Kongsvinger.

– É para aqui que vamos. Nunca lá estive, mas vi uma fotografia do sítio na porta do frigorífico em Oslo. Por isso, tenho a certeza de que o conseguimos encontrar. – Sheldon começa a traçar um percurso por terra. – Não fazia ideia de que este país tinha tantos lagos. Há lagos em toda a parte.

Quando a água ferve, Sheldon prepara um café instantâneo num copo da IKEA. Abre o armário à esquerda do lava-louça, encontra uma caixa de *fusili* e despeja-a toda dentro da panela. Não faz ideia de quanto come uma criança esfomeada. Encontra uma lata de tomate, sal e pimenta e alho em pó e, com a experiência refinada que só um avô pode ter, faz uma mistela com os ingredientes que só uma criança seria capaz de comer.

Deita três colheres de chá cheias de açúcar no café e volta para a mesa, onde Paul está fascinado com os mapas.

– É para aqui que vamos – aponta Sheldon –, mas a questão é como lá chegar. Não consigo perceber quase nada destes horários, a não ser que praticamente todas as camionetas que vão de Drøbak para Kongsvinger pelos vistos passam por Oslo. E eu não quero ir para Oslo. Quero evitar Oslo. De Oslo vimos nós. Por isso, estamos encurralados outra vez. Podíamos ir à boleia, mas acho que isso daria demasiado nas vistas, e as hipóteses de aparecer um carro da polícia e nos apanhar são demasiado grandes para o meu gosto. Não podemos alugar um carro. Suponho que podíamos levar um emprestado, mas guardemos isso como último recurso. O que eu estou a dizer é que temos muito que pensar.

Quando Sheldon põe as duas tigelas de massa na mesa, Paul devora a dele num movimento longo, contínuo e estranhamente fluido.

A experiência deixa-os a ambos cobertos de molho de tomate. O menino não sorri. Sheldon sente nele uma espécie de convergência, como se o corpo e a mente do garoto estivessem no mesmo lugar pela primeira vez desde que a mãe foi assassinada.

– Muito bem. Agora vamos trocar de roupa e enfiar-te na cama.

Assim que Paul está lavado e de dentes escovados – com a primeira escova de dentes que encontraram na casa de banho –, procuram roupa no quarto das crianças e encontram uma comprida *T-shirt* branca que Paul pode usar como camisa de noite. A cama está feita com um grosso cobertor de lã que lembra a Sheldon os cobertores da Hudson's Bay que ele costumava usar quando era pequeno, na zona oeste do Massachusetts, aqueles que tinham uns traços de lado. A mãe disse que os traços indicavam por quantas peles de castor deviam ser trocados, mas ele não tinha a certeza disso. O método parecia não ter em conta a inflação.

De repente, apercebe-se de que passou tanto tempo a recordar a infância do filho que já praticamente se esqueceu da sua. Aos oitenta e dois anos, pode ser esmagador e doloroso acalentar um pensamento que acarrete demasiada nostalgia. Não que ele o desejasse fazer. Mabel, nos últimos anos de vida, deixara de ouvir música. As

canções da sua adolescência remetiam-na para pessoas e sentimentos dessa época, pessoas que ela nunca mais veria na vida e sensações que nunca mais a assolariam. Era de mais para ela. Há pessoas capazes de lidar com essas coisas. Há pessoas que já não conseguem andar, mas, quando fecham os olhos, conseguem recordar um passeio num campo em pleno verão, ou a sensação da relva fresca debaixo dos pés, e sorrir. Que ainda têm a coragem de abraçar o passado e dar-lhe vida e voz no presente. Mas Mabel não era uma delas. Talvez lhe faltasse precisamente essa forma de coragem. Ou talvez a sua humanidade fosse tão completa, tão expansiva, que seria esmagada pela sua capacidade de lembrar o amor que desaparecera. Aqueles de entre nós que têm a coragem de se abrir para todo esse amor perdido, sem o temer – que são capazes de dar alegria a uma criança moribunda até ao finzinho, sem se retirarem para se salvarem –, são esses os nossos santos e não os mártires. Os mártires, nunca.

Com o menino pronto para ir para a cama, Sheldon encosta o nariz à lã grossa e absorve o cheiro, o máximo que consegue enfrentar do seu passado. Depois, como os olhos começam a encher-se-lhe de lágrimas, para. Recompõe-se e vai à casa de banho lavar o rosto. No espelho, vê um homem que não reconhece por completo. E por isso sente-se grato.

:::::

Na esquadra da polícia, em Oslo, Sigrid desaperta o nó da gravata o suficiente para deixar o sangue circular, mas não o suficiente para sugerir que a pressão a está a afetar. A sua equipa está a trabalhar bem, é tarde e estão todos cansados. Já deu mais ordens nas últimas doze horas do que nas últimas doze semanas e, embora não esteja de rastos, não há dúvida de que lhe saberia bem um descanso.

Por uma questão de solidariedade e conveniência, instalou-se na grande sala central, junto dos outros polícias, e deixou o seu gabinete desocupado. Não há nada no gabinete que seja especial, a não ser o seu computador, mas consegue ter o mesmo acesso aos servidores a partir do terminal de Lena, que foi ao centro de receção de pedidos de asilo entrevistar os cúmplices de um tipo que pertencia ao ELK e que os serviços de imigração – na sua infinita e benevolente sabedoria – deixaram entrar no país e a quem, ainda por cima, deram um subsídio pago pelos contribuintes, “para o ajudar a refazer a sua vida”.

A conversa com o seu homólogo dos serviços de imigração – na realidade, só para obter o nome do diretor do centro – foi tensa e acabou num tom azedo que nada tinha que ver com o assunto em causa.

– Eles vêm para cá sem nada – disse o homem do outro lado do fio, com um obstinado idealismo. – Como é que se hão de integrar, se não tiverem um mínimo de apoio?

– Agrupámo-los em centros de acolhimento nos arredores da cidade, onde estão a formar gangues – contrapôs Sigrid. – Em que é que isso os ajuda ou fortalece a

Noruega?

– É uma medida de transição – ripostou o homem. – Os kosovares passaram por uma guerra terrível e estão traumatizados por causa do comportamento dos sérvios. A melhor maneira de lhes dar o necessário aconselhamento psicossocial é trabalhando com eles todos em conjunto. Viu as notícias da guerra. Aquilo era como os campos de concentração.

Sigrid suspirou. Tudo o que aquela gente evitava acabava por aterrar em cima da sua secretária, mais cedo ou mais tarde. Tinha a teoria de que muitos dos seus compatriotas optavam por uma abordagem cooperante, otimista e bem-intencionada a todos os problemas, domésticos ou internacionais, só porque isso os ajudava a sentirem-se mais noruegueses. Talvez até fosse assim que se *tornassem* noruegueses.

Não era a mania de ser bom o que a irritava. Isso, ela admirava. Era a maneira como tentavam resolver todos os problemas com a mesma abordagem, independentemente do problema. Porque isso pura e simplesmente não resulta. A análise e a solução têm de estar em consonância uma com a outra e tudo o resto é onírico e irrealista. Pelo menos não é para polícias.

O seu pai – e, pelo que via, toda a geração do pai – não exibia aquele tipo de confiança e convicção na sua própria bondade. Passa-se claramente algo de novo no país e não lhe agrada.

Outra característica que também lhe falta é aquela capacidade especial de guardar as coisas para si.

– Sabia que uma grande proporção da heroína na Europa é traficada através dos Balcãs? – perguntou Sigrid ao homem do outro lado do fio. – Grande parte através do Kosovo? Vocês não os ajudaram a integrar-se. Vocês criaram um novo nódulo nessa rede de tráfico.

– Isso é um preconceito.

– É um facto – ripostou Sigrid. E como já tinha percebido que a conversa não ia dar em nada, acrescentou: – Peço desculpa pelo incómodo – e desligou.

O sol já se pôs finalmente e ela acende o candeeiro da secretária. Quando o faz, a lâmpada funde-se com um estalido.

Enver Bhardhosh Berisha, também conhecido como Miftar Vishaj. À luz cada vez mais ténue, Sigrid pega na ficha dele e inclina-se toda para trás na cadeira. Esse homem, esse assassino, está ali. Em Oslo. Têm uma ficha sobre ele, mas nenhuma acusação contra o tipo. Nenhum mandado de captura. Nenhum pedido de extradição da parte dos sérvios. Está ali com o aval do governo norueguês, usando o dinheiro dos contribuintes para apanhar o elétrico e comprar cigarros. Talvez Sigrid não tivesse ficado tão furiosa, se os factos não estivessem todos tão claramente descritos na ficha. Os serviços de imigração sabiam que ele era do ELK, sabiam que tinha feito parte dos esquadrões da morte, sabiam que estava fugido do governo sérvio. O mais absurdo é que essa informação tinha sido usada precisamente como *justificação*

para o pedido de asilo. No fim de contas, não era legítima a reivindicação de que a sua vida corria perigo? Não podia ele provar, através de novos testes de ADN, que tinha um filho no país e, por conseguinte, tinha direito a beneficiar dos esforços da Noruega para reunir famílias?

Porque é que os sérvios não o tentaram apanhar? Sigrid apenas pode especular. Talvez tenham tentado e ela não saiba. Talvez tencionem matá-lo por portas travessas, uma vez que a Sérvia aboliu a pena de morte em 2002. Talvez estejam satisfeitos por se terem visto livres dele e queiram deixar o assunto por ali. Talvez saibam da existência da família dele e tenham receio de que uma acusação contra ele chame a atenção internacional para os crimes dos próprios sérvios.

Há tantas falhas. A pretensa igualdade aos olhos da lei é sempre quebrada por aqueles que praticam a *realpolitik* no palco internacional. Quanto mais nos afastamos dos crimes e das suas vítimas, mais a justiça é sacrificada em prol da conveniência. Portanto, por uma razão ou outra, ali está ele, a comprar pires no Glassmagasinet e meias de lã na Anton Sport, como todos nós.

Famílias. Que termo tão vago. Sigrid pega na ficha da mulher. Antecedentes, data de nascimento, educação, data de imigração... está tudo agrafado à sua nova ficha. Data do homicídio, local, causa da morte. O processo ainda está em aberto, claro. Estão sempre a ser acrescentadas informações.

Há uma lista dos seus objetos pessoais. Tudo incrivelmente banal. Um relógio Pulsar. Umas bijuterias de uma loja de artesanato de Oslo. Roupa. Uma pequena chave de um cofrezinho qualquer, talvez de um diário, ou então é a chave da caixa do correio. Um bonito anel de ouro branco com uma simples safira azul que deve ter sido uma prenda ou um objeto de valor sentimental. Não tinha brincos. Não tinha dinheiro.

Apesar da efervescência e da energia que reinam na sala principal, Sigrid apenas ouve o silêncio, enquanto imagina Enver a colocar o cordão à volta do pescoço da rapariga e a arrancar-lhe a vida.

– Onde é que está a minha ficha sobre o miúdo? – grita.

Um agente berra que está a caminho. Sigrid abana a cabeça. As coisas deviam estar a avançar mais depressa do que estão.

– E as informações sobre o Horowitz?

– Os registos dos fuzileiros estão nos arquivos e ainda não foram digitalizados, por serem tão antigos, por isso um soldado qualquer anda a fazer espeleologia de lanterna em punho, à procura deles.

– Preciso de saber com o que é que estamos realmente a lidar no que toca ao Horowitz, OK?

Quer tivesse sido franco-atirador, quer funcionário de escritório, Sheldon Horowitz fora fuzileiro. E como se tratava de um caso de homicídio que envolvia um antigo soldado americano, Sigrid lembrou-se de pedir informações através do Ministério dos Negócios Estrangeiros, uma vez que a Noruega e os Estados Unidos

eram aliados da NATO, para ver como é que isso corria. Para surpresa sua, os americanos puseram imediatamente mãos à obra.

A sua teoria era que os funcionários da enorme e fortificada embaixada norteamericana em Oslo, em Henrik Ibsens gate, estavam a morrer de tédio. Sim, a Noruega faz parte da NATO e tem muito peixe e petróleo e gás, mas ainda assim... Que estariam eles a fazer?

– Sim, com certeza. Estamos a tratar dessa informação – disse um dos agentes de Sigrid. – Só que ainda não chegou.

– Nenhuma novidade dos terminais?

– Não – respondeu outro. – Nada da rodoviária, dos comboios, dos táxis, do aeroporto nem do posto central de turismo. Nada dos carros de patrulha. Nada da polícia de bicicleta. Nada da equipa de vigilância à frente do prédio. Nada dos hospitais.

– E a neta?

– Eles estão na casa de campo de Glåmlia – responde outro agente. – Têm telefone e têm ligado regularmente como mandámos.

– Talvez o velhote vá a caminho de lá – diz Sigrid.

Ficam todos calados.

Como?, perguntam-se em silêncio.

Mas ninguém diz nada. Depois, alguém sugere:

– Eles ligavam-nos a avisar, não ligavam? Têm-se mantido em contacto como pedimos. – E algumas vozes concordam. Outras murmuram.

– Chamem a polícia local e mandem lá alguém, amanhã de manhã. Avisem que há um problema. E alugueres de automóveis?

– Enviámos faxes, mas não encontrámos nada.

Sigrid resignar-se-ia ao nada, se não houvesse nada para encontrar. Era sempre sensata no que tocava a alinhar as expectativas com a realidade, mas com certeza que nas buscas por um velhote, um rapaz e um menino numa cidade tão pequena tinha de haver alguma coisa.

A conversa com o funcionário dos serviços de imigração irritara-a. Não era hora para estar a pensar naquilo, mas como é que as autoridades podiam pôr a segurança e o bem-estar do povo norueguês – os que são cidadãos e votam e lutaram pela democracia – a seguir aos dos estrangeiros? Uma vida pacífica não devia ser conseguida à custa dos imigrantes, claro, mas também não devia ser relegada para segundo plano.

E como é que se pode permitir que os ideais ambiciosos de bons cidadãos noruegueses eclipsassem os dados? Dados sólidos, comprovados? Como é que podemos ser tão tolamente otimistas em relação ao mundo, apenas sessenta anos depois de termos sido ocupados pelos nazis?

Ou talvez seja uma coisa daquela geração, o que explica porque é que as pessoas mais velhas votam nos partidos mais conservadores.

É o suficiente para incentivar uma ida ao Vinmonopolet⁴.

Sigrid não é uma pessoa política – a não ser quando os políticos a irritam –, mas tem noção de que há duas maneiras de agir: com base na fé ou em provas. E se é com base na fé, então liberais e conservadores têm de ser agrupados do mesmo lado que as pessoas que governam com o coração e não com a cabeça. A única decisão a tomar sobre eles é se as opiniões deles nos aquecem. E, do outro lado, estão aqueles que tentam melhorar as coisas enfrentando-as como elas são e trabalhando a partir daí. Não parece uma coincidência aos olhos de Sigrid que médicos e engenheiros discutam menos do que políticos.

Enver Bhardhosh Berisha, combatente do ELK. Autorizado a entrar no país pelos serviços de imigração por ser alvo de ameaças genuínas contra a sua vida na Sérvia e ter um filho a residir no país.

O Exército de Libertação do Kosovo era um grupo paramilitar que, a princípio, recebeu o apoio do Ocidente e da NATO, por causa da sua luta armada contra a limpeza étnica sérvia, mas que acabou por perder o aval do Ocidente por causa do seu tráfico de droga e execuções, homicídios em massa, e outras atrocidades que cometeu e que lhe tiraram qualquer credibilidade moral que pudesse ter. A situação toda deixou o resto da Europa baralhado e, à falta de uma distinção clara entre os bons e os maus, as pessoas simplesmente preferiam mudar de canal.

Sigrid pousa o ficheiro, esfrega os olhos e grita:

– A minha lâmpada fundiu – o que, por algum motivo, suscita gargalhadas entre os seus agentes. Por isso, acrescenta: – Preciso de uma lâmpada nova – o que os faz rir ainda mais.

A questão em relação aos militares é que eles têm um estatuto social. Sobem na hierarquia e as pessoas reconhecem-lhes o estatuto. Quando o grupo de um soldado se desfaz, ele perde a única coisa que lhe era preciosa durante o conflito armado: o respeito.

Será que um homem como Enver – um veterano com provas dadas, mas sem família, nem dinheiro nem raízes – viraria as costas ao seu próprio estatuto e reputação, e fugiria de repente da luta e iria para um país escandinavo para se tornar um pacífico homem de família? E que raio de mulher queria um homem desses?

Os pensamentos de Sigrid deixam a esquadra e centram-se no seu pai. Recorda uma conversa que tiveram uma vez, sentados à mesa da cozinha, em que ele lhe explicou uma coisa útil e que, desde então, ela tem tido dificuldade em explicar a terceiros.

– É tudo artifício – disse ele, invulgarmente sério.

– Quer dizer que nada tem sentido?

– Não – disse ele –, não é nada disso que eu quero dizer. – Fez uma longa pausa antes de voltar a falar. O pai não era um homem afetado e não costumava fazer pausas dramáticas; pelo contrário, gostava de ser preciso. E por vezes, dizia ele, isso requer tempo para organizarmos as ideias. Se as pessoas ficarem impacientes e,

entretanto, se forem embora, então é porque não estavam realmente interessadas na resposta.

– O que eu quero dizer – continuara ele – é que os edifícios, os escritórios, as grandes estruturas são tudo fruto de ideias. Portanto, não são os edifícios que importam e sim as ideias. Mas como os edifícios são reluzentes e caros, e as ideias são mais fugidias, tendemos a ficar deslumbrados com os edifícios, ou seja, com o artifício. Aliás, eles distraem-nos das ideias que os enchem. As pessoas param nos degraus de grandes edifícios e sentem assombro antes de entrarem. Porquê? As ideias não sabem onde são concretizadas. Quando leio livros de história, não são os grandes edifícios que me apaixonam; são as ideias que estiveram na origem dos impérios. Todos eles fizeram perguntas semelhantes, mas chegaram a respostas diferentes. É um facto que, quando comparamos mundos, esses mundos são diferentes entre si.

A parte interessante é esta. Para que esses mundos se mantenham coesos, as ideias têm de ser partilhadas. Por isso, gosto de analisar as ideias que estão a ser partilhadas. Quem está implicado no processo? O que pensam as pessoas envolvidas? O que é que essas ideias tornam possível? O que é que, para essas pessoas, é óbvio e o que é impossível de imaginar? O que é permissível e o que não é?

E se não puderes começar pelas ideias, por estarem escondidas, começa por quem está a discutir para as materializar. Emergem sempre padrões. Se as coisas se fazem é porque há um padrão por detrás. Podes ter a certeza de que há sempre mais do que uma mera intenção. Há uma... uma lógica que mantém a conversa coesa.

Sigrid fizera um sinal de assentimento com a cabeça e ponderara as palavras do pai.

Passado um pouco, disse:

- O pai vive numa quinta e conversa com os animais. Que devo eu pensar disso?
- Ah – exclamara o pai –, mas com que animais? E de que falamos nós?

⁴ Cadeia estatal de lojas de bebidas alcoólicas. No âmbito da política governamental norueguesa para limitar o consumo de álcool no país, a Vinmonopolet é a única empresa que tem autorização para vender bebidas com um teor alcoólico superior a 4,75%. (N. da T.)

Capítulo 11

Sheldon não sonhou com a mulher que foi assassinada. Pela primeira vez desde que Saul morreu, também não sonhou com o filho, pelo menos que se lembre. Em vez disso, sonhou com um menino sentado de costas para si, a brincar com blocos coloridos. A empilhá-los periclitantemente, cada vez mais alto.

Sheldon dormiu bem, porque não tinha qualquer receio de ser apanhado na casa. Algo de completamente novo acontecera na mudança do milénio, quando fizera setenta e cinco anos. Descobriu que conseguia safar-se impunemente de tudo e mais alguma coisa, porque as pessoas lhe colavam o rótulo “Velho Louco”.

Esta não é a minha casa? Não é possível!

Por isso, para quê preocupar-se?

Mais valia concentrar-se nos verdadeiros problemas, por exemplo: como chegar a Glâmlia sem usar os transportes públicos nem um táxi, nem pedir boleia.

Não é fácil acordar Paul, mas ele está a dormir desde pelo menos as nove horas da noite anterior e oito horas de sono chegam para qualquer pessoa.

– Bom dia – diz ele a Paul, debruçando-se sobre a cama.

Quando Paul acorda, Sheldon percebe que, como qualquer outra criança, ele não tem noção de onde se encontra e está a tentar orientar-se, ajustando os olhos à luz. Quando finalmente fixa Sheldon, põe os braços à volta do pescoço dele, sem dizer nada, e abraça-o.

Não é um abraço de carinho; é o gesto de uma pessoa que se agarra a um pedaço de madeira para não se afogar.

– Anda – diz Sheldon. – Vamos lavar os dentes com a escova catita e, depois, pequeno-almoço. Precisamos de olhar um pouco à nossa volta e refletir. Não temos de ir para o chalé. O que até nem é mau, uma vez que não consigo pensar numa maneira de lá chegarmos. Podíamos ir naquele barquito até à Suécia, se quiséssemos, mas não quero. Um dia na água chega para um velho. Preciso de ter uma casa de banho à mão, entendes? Não, não entendes. Fazes chichi como um cavalo de corrida. És tão pequenino que nem sabes como segurar no tampo de uma sanita que teima em cair. O truque, e digo-te isto para te poupar muitas tentativas e erros, é pores-te de lado da sanita e segurares no tampo com a coxa. Oh, eu sei o que estás a pensar. Com o tempo, tu próprio terias chegado a essa conclusão, já que és um menino esperto. Provavelmente até terias, mas depois de quantos momentos embaraçosos? E espera até ires a Inglaterra e descobrires que metem alcatifa na casa de banho, o que deve ser a ideia mais nojenta de toda a civilização ocidental. Uma festa de Ano Novo por lá e nunca mais voltas a andar descalço. De que é que

estávamos a falar?

Na cozinha, Sheldon saqueia os armários e prepara um pequeno-almoço de café instantâneo, chá, bolachas com pepitas de chocolate, douradinhos, pão Wasa e carne de alce curada.

Entre os pratos, Sheldon mordisca pistachos e cata os pedaços nas gengivas com uma faca de manteiga.

– Vamos vasculhar os armários a ver se te arranjam qualquer coisa para vestires.

Depois de um esforço sem grande convicção e assumidamente masculino para arrumar a cozinha, Sheldon leva Paul para o quarto principal e começa a mexericar nos armários.

Num armário simples de cedro com espelhos nas portas, encontram roupas de homem e senhora para todas as estações. Roupas conservadoras para pessoas que dispõem de meios para comprar uma casa no fiorde de Oslo e não têm qualquer problema em deixá-la desocupada. Pessoas, decide Sheldon, com roupa de sobra que não se importariam de distribuir um pouco da sua sorte.

– Não estou a dizer que somos como o Robim dos Bosques, nem nada disso. E não me vou pôr com floreados. Estamos a roubar. O barco foi mais ou menos uma coisa temporária. As roupas são para guardar. A única coisa que estou a dizer é que o dono provavelmente pode viver com um casaco de *tweed* a menos. E, para sermos justos, vou deixar cá ficar um excelente casaco laranja que qualquer pessoa gostaria de ter.

Sheldon mantém as suas próprias calças vestidas, mas muda de roupa interior e de meias. Também pega numa camisa engomada, de colarinho branco, que parece estar à espera de que o dono lhe dê atenção há pelo menos uma década. Fica demasiado grande a Sheldon, mas ele enfia a parte de trás para dentro das calças e aperta bem o cinto.

Inesperadamente, do lado da mulher, na prateleira de cima, Sheldon encontra uma peruca loura. Embora a primeira coisa que lhe vem à cabeça seja sexo e umas recordações demasiado presentes – e inalcançáveis – de brincar ao faz de conta, uma segunda vista de olhos ao casaco de *tweed* e à velha camisa fá-lo pensar noutra hipótese. Uma menos alegre.

– Cancro – diz. – Provavelmente isso explica porque é que ninguém cá vem. Pensando melhor, aquela carne de alce estava demasiado dura.

Paul faz um gesto na direção da peruca. Sheldon observa-a, depois baixa os olhos para o menino e dá-lha. Paul toca no cabelo louro e examina os caracóis. Vira-a do avesso e vê a rede branca do escalpe artificial. Sheldon pega-lhe com todo o cuidado e coloca-a na cabeça.

Os olhos de Paul iluminam-se, como se achasse graça. Mas talvez isso sejam coisas da imaginação de um velho que precisa de acreditar nelas.

– Está bem, agora tu.

Sheldon tira a peruca e enfia-a na cabeça de Paul. Fechando o armário, aponta para Paul no espelho.

Paul observa-se.

– O Huck Finn também se vestiu de menina, quando saiu da ilha Jackson. Há um forte historial literário de rapazes que se vestem de meninas quando as coisas correm mal, por isso não te inquietes. Aliás, com a camisa branca comprida, veio-me à cabeça uma ideia.

Do lado do armário que pertence à mulher, Sheldon tira um cinto fino de cabedal castanho e põe-no à cintura de Paul.

– Precisamos de um chapéu. Talvez um gorro de lã. Oh! Aquele. Ali em cima. Aquele serve às mil maravilhas. – Sheldon tira um gorro castanho e enfia-o em cima da peruca de Paul.

– Muito bem, muito bem. Isto começa a ganhar forma. Preciso do chapéu de volta. Agora preciso de um cabide e de papel de estanho. De volta para a cozinha!

Elétrico e movido a cafeína e açúcar, Sheldon precipita-se para a cozinha e começa a abrir e a fechar armários. Como que preparado por mão divina, cai um rolo de papel de estanho do armário por cima do frigorífico. Cantarolando entre dentes, Sheldon pega num rolo de toalhetes de papel e começa a desenrolá-lo freneticamente. O papel gira e gira.

– Ajuda-me! – diz ele a Paul, dando-lhe uma braçada de papel.

Pegando na sua deixa, Paul põe-se atrás de Sheldon e puxa e puxa e puxa como se estivesse a içar a vela de uma poderosa fragata. Juntos, vestidos como pacientes externos, conseguem arrancar o papel todo do rolo e só então é que Sheldon fica satisfeito.

– Ótimo. Agora já podemos fazer qualquer coisa.

Sheldon pega no tubo de cartão dos toalhetes de papel, no cabide e no gorro de lã, e põe mãos à obra. Com a mesa da cozinha improvisada como laboratório, Sheldon usa uma faca para cortar o rolo a meio. Retraíndo-se de dor por causa de uma pontada de artrite nos nós dos dedos, consegue endireitar o cabide e depois vergá-lo em forma de um grande W curvilíneo. Piscando o olho a Paul, enfia uma ponta do cabide num dos lados do gorro e fá-la sair pelo outro. Centra o gorro no arame vergado, formando uns cornos. Enfia um tubo de cartão em cada corno e depois enrola em cada um o papel de estanho, em quantidades generosas.

No fim, parece o tipo de capacete que os vikings poderiam ter usado no espaço.

Satisfeito, Sheldon enfia a sua invenção na cabeça de Paul e puxa-o para à frente do espelho outra vez, para ele se ver. Com a expressão de quem está a tentar vender uma moto a uma grávida, Sheldon sorri de orelha a orelha ao apresentar Paul a si próprio.

– Paul, o Viking! Paul, o Puto Albanês Completamente Disfarçado que Não Está a Fugir pelo Interior Norueguês com um Velho Tolo. O que achas?

Ah, espera! Mais uma coisa. O que é um viking – ou *wiking*, se ouvirmos a

maneira como os noruegueses pronunciavam a palavra – sem um machado de guerra ou outra arma igualmente destrutiva? Se eu tivesse um exemplar do programa republicano dava-te isso, mas na sua ausência, estava a pensar... numa colher de pau.

De volta à cozinha, Sheldon encontra uma colher de pau muito usada e enfia-a no cinto de couro de Paul.

Depois, dá um passo atrás e observa.

– Um último toque. – E dito isso, Sheldon desenha um símbolo antigo no peito viking de Paul, com um marcador preto que tinha visto numa das gavetas da cozinha.

Sheldon sente-se orgulhoso de si próprio.

Paul, com uma determinação recém-descoberta – e já sem parecer o Ursinho Paddington nem outro fugitivo qualquer –, vai ao quarto posar à frente do espelho.

Sheldon aproveita a pausa nas suas obrigações de puericultor para encher a sacola com garrafas de água, umas bolachas e o resto da carne de alce.

Deixando a porta das traseiras aberta, sai para o quintal e desce ao embarcadouro para dar uma vista de olhos ao barco que desviaram em Oslo. O sol já vai alto acima do horizonte, apesar de ainda só serem oito horas. O ar matinal tem uma pontinha de frio, mas isso apenas sugere uma frente de altas pressões e continuação de bom tempo. Podia ligar a televisão e ficar facilmente a par das verdadeiras previsões meteorológicas, mas tem medo de que o crime apareça nas notícias. Cada instante em que Paul não vir o rosto da mãe, ou tiver uma distração, ou inclusive uma folga, da realidade mais lata, é uma bênção de que Sheldon não quer abdicar.

Com as mãos nas ancas, Sheldon dirige-se para o embarcadouro e perscruta o lugar onde ancorou o barco, na véspera. À sombra e bem abrigado de quase todos os lados, é o tipo de sítio que uma pessoa escolheria para fazer um piquenique com um ente querido, e estender uma manta e atirar pedrinhas para a água. Sheldon consegue ver isso com toda a clareza, porque o barco não está lá a bloquear-lhe a vista.

O quê?

Talvez tenha sido levado por adolescentes ou arrastado pela maré. Seja qual for a causa, o efeito permanece o mesmo. Têm agora uma opção a menos do que há instantes.

– Ainda bem – diz Sheldon baixinho, virando definitivamente as costas ao rio.

Do embarcadouro, e com menos coisas a exigirem a sua atenção do que na noite anterior, o velho atirador repara em mais um pormenor que escapara à sua visão de água: dois enormes trilhos de pneus que vão da beira da água até às traseiras de uma garagem ao lado da casa.

Sem pensar num plano, Sheldon segue os trilhos. A garagem parece um pequeno celeiro americano que devia ser vermelho, mas é, ao invés, do mesmo azul-vivo da casa solitária que pertence ao casal com cancro.

As portas da garagem foram pintadas de branco e têm janelas à altura dos olhos.

Sheldon encosta o nariz ao vidro e espreita lá para dentro. Vê janelas na parede do fundo, que ele desconfia que tem umas portas idênticas àquelas, mas não chegam para iluminar o interior escuro. A única coisa que consegue perceber é que a garagem está ocupada por uma coisa comprida e grande.

Sheldon tenta abrir as portas e fica surpreso ao ver que estão trancadas.

Isso fá-lo lembrar-se da lição número dois do seu sargento de instrução.

Se não puderes usar um martelo, tenta encontrar a chave.

Nada era tão óbvio que dispensasse uma lição formal no Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos.

Na cozinha, na gaveta onde encontrara o marcador, está um molho de chaves com etiquetas em cada uma. As etiquetas estão em norueguês, mas, por sorte, uma das chaves encaixa no cadeado das portas da garagem que dão para a rua.

Portanto, sem grande otimismo, Sheldon abre o cadeado, coloca-o novamente na porta, mas sem o trancar, e abre as portas de par em par num gesto teatral, simplesmente porque lhe sabe bem.

O que se lhe depara no interior da garagem dá-lhe o primeiro motivo genuíno para se rir, desde que Rhea lhe disse que perdeu o bebé.

Deixando a porta aberta, volta para a sala de estar e encontra a metade inferior do viking a sair de debaixo do sofá *vintage* de três lugares. Sheldon dirige as suas palavras ao traseiro do menino.

– O que é que fazes debaixo do sofá?

Ao ouvir a voz de Sheldon, Paul desliza o corpo todo para fora e mostra uma grande bola de pó e pelo que tem na mão.

Sheldon puxa uma cadeira curvilínea dinamarquesa e senta-se. Observa primeiro o menino e, depois, o peluche de algodão que ergue no ar como se fosse um troféu.

– Mas que bola de pelo impressionante.

Paul examina-a.

– Sabes que isso é um bom sinal. É que antes de o Huck e o Jim se meterem à estrada, o Jim tinha uma bola de pelo. A dele falava, se puséssemos uma moeda debaixo dela. Mas eu não tenho nenhuma moeda de cinco cêntimos. E esta provavelmente fala norueguês. Acho que está na hora de irmos.

Sheldon tira uma fronha do quarto e põe a bola de pelo no meio dela. Dobra os quatro cantos e amarra-os uns aos outros. Do armário da entrada, tira uma vassoura e desatarraxa o cabo da cabeça de plástico. Enfia o cabo no nó da almofada e coloca a trouxa ao ombro de Paul.

– Agora és um viking vagabundo albanês-norueguês com uma bola de pelo. Mas não sabias que ias ser tudo isso, quando acordaste hoje de manhã.

Com as galochas de batalha calçadas, a louça lavada e arrumada, as camas desfeitas, os lençóis empilhados no chão e o autoclismo puxado outra vez para ter a certeza de que a sanita fica limpa, Sheldon estala os dedos umas poucas de vezes para indicar que está na hora de partir. Enfia a sacola a tiracolo e ajusta a alça para

ficar mais confortável no seu ombro magro, e sai com Paul para a luz de um novo dia, para lhe mostrar a sua descoberta especial.

– Vamos, vamos, vamos. Agora, põe-te aí. E não te mexas, está bem?

Paul não faz ideia do que Sheldon está a dizer, mas, com o seu gorro de cornos, põe-se em sentido, enquanto Sheldon desaparece no interior da garagem.

Segue-se um longo silêncio. Paul olha para o fiorde, onde belos veleiros deslizam na superfície do mar frio e salgado. Onde as gaivotas pairam, em altitude e liberdade no céu matinal. Onde...

Um barulho estrepitoso sobressalta o menino, que se afasta da garagem.

Pela porta aberta e por baixo da que está fechada saem volutas de fumo. As janelas ondulam e os pássaros debandam todos. E da escuridão surge Sheldon Horowitz num enorme trator amarelo, puxando um grande bote de borracha num reboque de duas rodas, com uma bandeira norueguesa presa à popa.

– Ratos do rio! – grita ele, adejando o mapa bem alto por cima da cabeça. – Que comece a viagem!

A toda a volta, o mundo está vivo e em flor. A estrada serpenteia e a natureza está ao alcance da mão. Os vidoeiros e as espruces erguem-se, altos e elegantes, entre as faias e os pinheiros. Pássaros, desfrutando dos longos dias de verão, cantam a plenos pulmões cantigas que dançam por entre as folhas cintilantes e se erguem acima das copas das árvores que balouçam ao de leve.

Com os pés enfiados nas botas de borracha a saltitarem dentro do bote, Paul diz adeus aos carros que passam, comportando-se quase como uma criança normal.

Sheldon mete a mudança errada uma dúzia de vezes até descobrir – até certo ponto – como o trator funciona. Assim que encontra um ritmo, a cerca de vinte quilómetros por hora, mantém o rumo e dá-se por muito satisfeito.

Mete pela Husvikveien e depois pela 153, que também parece chamar-se Osloveien, se é que está a ler o mapa corretamente. O seu primeiro ponto de referência é Riksveg 23, que espera ver anunciado numa placa qualquer e fica a cerca de trinta minutos àquela velocidade. Conclui, portanto, que se pode descontraír durante uns momentos e tentar adaptar-se àquele lugar tão pouco familiar.

.....

Mas, afinal, não lhe parece assim tão pouco familiar. Faz-lhe lembrar os Berkshires, no oeste do Massachusetts, onde igrejas de campanários brancos velam por casas de dois andares e telhado assimétrico, com as suas portadas pretas, azuis e verdes, e crianças vão para a escola com lancheiras decoradas com personagens de desenhos animados, e polícias mandam parar o trânsito na rua principal para deixar passar patinhos que atravessam a estrada com as suas curtas patas laranja e estranhas cabecinhas.

A última vez que esteve nos Berkshires foi em 1962, quando Saul tinha dez anos. Era a época perfeita para levar a família a “apanhar folhas”, para apreciar a

magnificência da tapeçaria da Nova Inglaterra a desenrolar-se a toda a volta e a envolvê-los na beatitude sazonal do outono e do Halloween iminente.

Instalaram-se numa pensão perto da terra onde Sheldon nasceu. Saul desceu a escada alcatifada a correr, absurdamente cedo, e lançou-se num ataque desenfreado à mesa do pequeno-almoço, enquanto Mabel e Sheldon se perguntavam descontraidamente como seria a vida se tivessem tido uma menina.

– Mais calma – deduziu Sheldon.

– Para ti. Eu não fui fácil para a minha mãe – disse ela.

– Mães e filhas.

– Precisamente.

– Mas talvez tivéssemos dormido até mais tarde, de manhã.

– Talvez.

– Posso ir fazer-lhe companhia – disse Sheldon. – Queres ficar mais um bocadinho na cama?

E, assim, Mabel dormiu mais uma hora, enquanto ele observava Saul a consumir uma quantidade equivalente ao dobro da sua massa corporal de queques de arando, panquecas com mirtilos, chocolate quente, ovos, *bacon*, xarope de açúcar e manteiga.

Estavam em meados de outubro e Sheldon leu as notícias sobre a crise dos mísseis de Cuba no *Boston Globe*. Os soviéticos estavam a tentar levar mísseis para Cuba e Kennedy instaurara um bloqueio para os manter à distância. O impasse quase resultara numa guerra nuclear, o que teria dado cabo do Halloween por completo.

– Se largarem a bomba, sabes o que tens de fazer, não sabes? – perguntara ele a Saul.

– Chagar-me e ranger-me.

– Não fales com a boca cheia.

Saul engoliu e disse:

– Agachar-me e proteger-me.

– Isso mesmo.

Dada a lição de pai, Sheldon encheu a caneca de café e decidiu que aquele era um excelente dia para apanhar maçãs num pomar vizinho. E depois disso, jogaria golfe num campo ali perto, nove buracos. Mabel podia catar folhas com o miúdo e ele teria direito a uma pausa para inspirar o ar do seu estado natal e limpar os pulmões dos fumos dos escapes de Nova Iorque.

A apanha das maçãs correu bem. Pagaram dez cêntimos por um cesto grande e partiram para o meio das fileiras de árvores.

Mabel levava uma saia vermelha e uma blusa branca. Sheldon recordou, maravilhado, como era minúscula a cintura dela e as pernas formosas. De como ela vacilava ligeiramente, de saltos altos, por causa do piso irregular. Ele caminhava atrás dela e sorriu ao ver os saltos espetarem-se nas folhas caídas, que ficavam agarradas aos sapatos como um molho de faturas num espigão que ele tinha na sua oficina.

Foi uma pena esse dia ter sido estragado.

À tarde, Mabel foi assolada por uma dor de cabeça, por isso Sheldon decidiu levar Saul para o campo de golfe, para lhe ensinar a segurar no *putter* corretamente. Haverá algum miúdo de dez anos que não queira fazer de *caddie* do pai?

Havia um velho *country club* com um edifício de estilo colonial baixo e comprido, pintado de branco, no meio do clube e o campo estendia-se por detrás dele como poças de esmeraldas. O azul do céu irradiava para as alturas e um quarteto de cordas tocava no terraço, por causa de um evento qualquer muito chique. Era um espaço maravilhoso.

Sheldon e Saul entraram no átrio e sorriram para o homem que acolhia as pessoas como um *maître d'hotel*. O indivíduo retribuiu o sorriso.

– Olá. O meu filho e eu queríamos jogar golfe. Só um nove buracos. Ele faz de *caddie*. Não incomodamos ninguém.

– Diz-me o seu nome, por favor?

– Eu chamo-me Sheldon Horowitz e este é o meu filho, Saul.

– Sr. Horowitz.

– Sim. Então, a quem é que eu pago e onde é que posso arranjar uns tacos?

– Lamento, mas o clube é só para sócios.

Sheldon franziu o sobrolho.

– Este é o único campo de golfe da terra. Perguntei na pensão e disseram-me que é aqui que toda a gente joga.

– Ah, não. Enganaram-se. É só para sócios.

– Como é que o tipo se pode ter enganado? Ele vive cá e gere um estabelecimento para turistas.

O indivíduo recorreu à velha técnica de arquear as sobrancelhas e deixar a pergunta sem resposta, na esperança de que o interlocutor percebesse para onde a conversa se encaminhava e, não querendo seguir por aí, a interrompesse. Essa técnica não foi concebida para pessoas como Sheldon.

– Parece-me que não me ouviu. Deixe-me repetir. Como é que o tipo se pode ter enganado? Ele vive cá e gere um estabelecimento para turistas.

– Não sei.

– Muito bem. Eu venho cá muitas vezes. Quanto é que tenho de pagar para ser sócio?

– É muito caro. E há um processo de seleção. O senhor tem de ser nomeado por outro sócio.

Num gesto que remontava seguramente ao coro grego, Sheldon olhou à sua volta em busca de testemunhas para aquela insanidade a que estava a ser submetido.

– Que raio de resposta é essa? Estão a tentar atrair novos sócios ou a afugentá-los?

Por uma questão de hábito, que por vezes fala mais alto do que a experiência, o homem experimentou a mesma técnica outra vez, ao que Sheldon decidiu que o tipo

tinha uns parafusos a menos e, por conseguinte, decidiu falar devagar. Como se faz com os estrangeiros e com animais pequenos.

– Quer ou não quer vender às pessoas o direito a serem sócias do clube, para podermos jogar nos vossos campos verdes e reluzentes com umas bolinhas brancas, e depois beber umas bebidinhas no bar?

– Sr. *Horowitz* – disse ele com ênfase. – Estou certo de que o senhor compreende o que lhe estou a dizer. Não é preciso gritar. Não queremos um escândalo aqui.

Sheldon, tentando genuinamente perceber o que se passava, semicerrou os olhos enquanto fitava o indivíduo. Depois, talvez em busca de apoio moral, ou para se lembrar do rosto da normalidade, baixou os olhos para o seu filho de dez anos, bem alimentado. E ao fazê-lo, o seu olhar recaiu na estrela de David dourada que a irmã de Mabel lhe oferecera no Chanucá, no ano anterior.

Sheldon virou-se de novo para o homem.

– Está a dizer-me que não quer que eu seja sócio do clube porque sou judeu?

O homem olhou para um lado e para o outro e, depois, sussurrou:

– Meu senhor, por favor, é escusado usar esse tipo de linguagem.

– Linguagem? – gritou Sheldon. – Sou fuzileiro dos Estados Unidos, seu meia-leca. Quero jogar golfe com o meu filho e você vai tratar disso *imediatamente*.

Mas não foi isso que aconteceu, nem naquela altura, nem depois. Um segurança, maior do que Sheldon e com feições mais escuras, avançou para ele.

Nesse instante, Sheldon hesitou e olhou para Saul. Devia ter ido embora. Devia ter aceitado que o mundo era um lugar grande e que a mudança acontece aos poucos. Não queria genuinamente fazer nada de assustador que perturbasse ou traumatizasse o filho. Não queria ser preso e aborrecer Mabel. Mesmo naquela altura, estava ao seu dispor uma sabedoria mais elevada para ele consultar.

Mas não foi convincente. Porque o que viu no rosto do filho foi vergonha. E Sheldon, que não era nenhum intelectual, tomou uma decisão. E a decisão baseou-se no que se lhe afigurou a maneira menos vergonhosa de reagir, tendo em conta quem ele era e quem queria que o filho fosse. A linha que ligaria aquele momento à morte de Saul no Vietname seria, para Sheldon, imutável e absoluta.

Assim que o guarda ficou ao seu alcance, Sheldon saltou para o espaço entre eles e lançou o cotovelo direito contra o maxilar inferior do homem, deitando-o imediatamente ao chão. Depois, por uma questão de garantia, deu um soco no nariz do outro tipo e viu-o desaparecer atrás do balcão como um palhaço num tanque de água.

Foi então que Sheldon pegou na mão de Saul e o conduziu para fora do *country club*, convencido de que não iriam atrás dele, nem chamariam a polícia. Para um antissemita, a única coisa pior do que um judeu é ser espancado por um judeu. Quanto menos gente soubesse disso, melhor.

Quando estavam bem longe do local do escândalo, Sheldon virou Saul para ele e, de dedo espetado, disse:

– Este país é aquilo que fizeres dele. Entendes? Não é bom, nem é mau. É simplesmente o que fizeres dele. Isso quer dizer que não inventas desculpas para as tretas da América. É isso que os nazis e os comunas fazem. A Pátria. A Mãria. A América não é teu pai, nem tua mãe. É teu filho. E, hoje, fiz da América um lugar onde uma pessoa se arrisca a levar um soco no nariz por dizer a um judeu que não pode jogar golfe. A única criatura que tem o direito de me dizer que não posso jogar golfe é a bola.

Saul tinha os olhos arregalados e era evidente que não fazia ideia da gravidade do que o pai estava a dizer.

Foi, no entanto, um momento que Saul nunca esqueceria na vida.

E, ao contrário da crise dos mísseis de Cuba, estragou o dia todo.

Capítulo 12

Sigrid estava a receber tantos telefonemas desde que o homicídio saíra nos jornais que pôs uns auscultadores com microfone para conseguir trabalhar um pouco. Decidiu que os telefonemas não têm nada que ver com o seu trabalho.

Na Noruega, a polícia funciona sob a autoridade do ministério público e da direção da polícia nacional, o que faz com que pessoas como Sigrid levem estalos nas duas faces ao mesmo tempo.

Esta bofetada, por exemplo, vem do chefe da polícia do seu distrito. Ela recebe-a de olhos fechados, como quem se submete a uma colonoscopia.

– Como é que isso vai? – pergunta o chefe por telefone.

– Bem, obrigada – diz Sigrid.

– Precisa de ajuda?

– Não. Ainda só passou um dia. Acho que estamos bem.

– Isto é tudo muito político.

– Sim, imagino que sim.

– Tem um suspeito, certo? O tal sérvio?

– Kosovar. Suspeitamos dele, mas não temos provas diretas do seu envolvimento, por isso não o posso acusar. Além disso, ainda não o consegui localizar.

– Muçulmano, certo?

– Provavelmente, mas acho que a religião não é relevante para o caso. A nacionalidade, talvez. Ainda não sei... é demasiado cedo para determinar o motivo.

– Tem outros suspeitos?

Sigrid abre os olhos e olha à sua volta. Depois, fecha-os novamente. Há qualquer coisa na cegueira que se lhe afigura adequada àquela conversa.

– Há um indivíduo que classificámos de “sujeito de preocupação” – diz ela.

– O que é isso?

– É uma nova categoria que inventei.

– Pode-se inventar categorias?

– Acho que sim.

– Quem é?

– Chama-se Sheldon Horowitz.

– Albanês?

– Judeu.

Há uma pausa do outro lado do fio.

Uma pausa muito, muito longa.

O chefe sussurra:

– Judeu?

– Judeu – confirma Sigrid, sem sussurrar.

– Espião israelita? Mossad?

– Não. Não é israelita. É judeu. Americano. É um velho fuzileiro que talvez sofra de demência. Ou de tristeza. Ou de qualquer coisa. Tem oitenta e poucos anos.

– Os israelitas andam a contratar velhos fuzileiros americanos?

– Isto não tem nada que ver com Israel. Não.

– Disse que isto não tem nada que ver com religião, mas depois disse que o nome dele é judeu.

– Sim, o nome dele é judeu.

– Como disse que a religião não importa, mas a nacionalidade sim, eu disse Israel.

– Ele não é israelita. É americano. Um fuzileiro americano.

– Mas... judeu?

– E... judeu.

– Porque é que os judeus têm apelidos judeus?

Sigrid fixa os olhos na lâmpada fundida.

– Essa pergunta é uma rasteira, chefe?

– Não, o que eu quero dizer é... nós, noruegueses, não temos no-mes luteranos, temos nomes noruegueses. E os franceses não têm nomes católicos, têm nomes franceses. E os católicos também não têm nomes católicos, e os muçulmanos não têm nomes muçulmanos. Que eu saiba. Embora desconfie de que Mohammed seja um nome muçulmano. Então, porque é que os judeus têm nomes judeus?

– Mohammed é um nome próprio e não um apelido.

– Aí está um excelente argumento, então.

– Se eu tivesse de adivinhar – diz Sigrid, perguntando-se porque é que teria de adivinhar, quando de certeza que alguém sabe a resposta para aquela pergunta –, diria... porque os judeus já eram uma tribo mil anos antes de os noruegueses, os franceses ou os católicos existirem. Talvez as coisas fossem mais intrincadas na época. Como... com os vikings. Portanto, se ainda existissem vikings, e vivessem em países diferentes, teriam nomes vikings. Acho eu.

– Acha que houve vikings judeus? – pergunta o chefe.

– Parece-me que se tivesse havido vikings judeus, isso já teria vindo à baila por esta altura.

– Os palestinianos estão metidos nisto?

– Nisto o quê?

– No homicídio.

Sigrid olha para o teto, de olhos abertos agora, para que a mão de Deus a salve daquela provação. A única coisa que vê é tinta estalada e a descascar.

– Não há palestinianos metidos neste crime. Não há israelitas. Não há árabes. Nada disto está relacionado com o Médio Oriente. Absolutamente nada.

- Mas há judeus.
- Há um único judeu, um judeu solitário, velho, provavelmente confuso e decididamente americano. Que, devo acrescentar, não fez nada de mal.
- Que a preocupa.
- Que nos preocupa a todos.
- O mundo não se reduz a Oslo.
- Sim, já vi fotografias do mundo, chefe.
- Portanto, se precisar de ajuda, pede.
- Tenho aqui o seu número.
- Apanhe o mau da fita, Sigrid.
- Sim, chefe.

Por fim – e Sigrid não sabe ao certo quando, porque perdeu a noção do tempo –, a conversa termina.

Esfregando os olhos, Sigrid sai do gabinete e vai para a sala principal. Não era assim que tinha planeado passar a manhã. Na véspera à noite, comera mal, deitara-se tarde e, ao acordar, descobrira que só tinha café instantâneo descafeinado no armário por cima do frigorífico. Pura e simplesmente não tinha energia espiritual para andar três quarteirões a pé e ficar dez minutos na fila da padaria United Bakeries, para comprar um café, por vinte e sete coroas, que tinha sido cuidadosamente preparado para ser servido morno, porque – segundo o superempregado de camisola de gola alta – “assim o café sabe melhor”.

E que tal deixares os teus clientes dizerem-te como é que sabe melhor?

Mas talvez seja a manhã que ela merece. Apesar de ser óbvio para todas as pessoas que estão ligadas ao caso que a mulher foi assassinada pelo kosovar, não têm provas diretas, o que é irritante. Têm uma marca de sapato na porta da entrada, mas nenhuma impressão digital. A mulher foi estrangulada com um cordão, por isso não há impressões no corpo dela. A arma do crime desapareceu – embora tenham a faca – e ninguém viu nada. A menos que alguém estivesse dentro do armário e tenha visto alguma coisa.

Sigrid avança uns passos para o meio da sala, onde é ignorada pela maior parte dos colegas, que parecem incrivelmente ocupados e muito profissionais.

O que é reconfortante, porque ela não se sente nem ocupada, nem profissional.

A caça ao assassino está em curso, como é óbvio, mas a verdadeira preocupação de Sigrid é com o menino e, eventualmente, com o velhote. Se o menino estava dentro do armário e o assassino for o próprio pai, ele deve estar a morrer de medo. Idealmente, gostava de o ter sob a sua alçada e de o entregar aos serviços sociais, mas há uma lacuna na lei que a incomoda, embora seja pouco provável. Se realmente não há nada que ligue o pai do menino ao homicídio, o que é que o impede de entrar na esquadra e exigir que lhe entreguem o filho?

Deve haver algum argumento jurídico para impedir tal coisa. É de manhã e Sigrid ainda não tem cafeína suficiente nas veias e, por isso, não consegue pensar numa

maneira de colmatar essa lacuna. Ainda hoje se espanta, porque o seu pai costumava acordar de manhã e beber um *shot* de *akevitt* antes de ir para o estábulo tratar da ordenha e de outras tarefas. Nunca foi um bebedor inveterado, mas os tempos mudaram. Os tipos intelectuais de Oslo não são adeptos desse tipo de abordagem viril ao frio e ao escuro de uma manhã nortenha. E com certeza têm razão. É pouco saudável e antiquado; hoje, todos precisamos de zelar melhor pela nossa saúde.

Ou talvez nos tenhamos tornado uma nação de bananas.

– Tu – diz ela a um jovem polícia que nunca viu antes.

– Mats – responde ele, surpreendido por ela o ter interpelado.

– Mats, vai-me buscar um café.

Mas, anda lá, admite. Não era melhor um shot de akevitt?

– Pessoal, ouçam-me. Aproximem-se todos. Puxem uma cadeira e cheguem-se para cá.

A sala em peso demora um minuto a deixar o que estava a fazer e a levar as cadeiras de escritório para junto de Sigrid. Assim que o círculo se forma, Sigrid – agora sentada, mas ainda com falta de cafeína no sangue – dirige-se às suas tropas.

– Obrigada a todos por trabalharem com tanto empenho. Sei que a noite foi longa. Vejo que continuamos sem pistas diretas sobre o menino, o velho ou o suspeito. Portanto, resumindo, não temos imagens de câmaras de vigilância nem nada de útil, não temos relatórios de outras esquadras nem patrulhas, não temos pistas do apartamento em si que nos indiquem um caminho a seguir, e não temos teorias que expliquem como é que toda a gente nos está a escapar por entre as garras de ferro.

Põem-se todos a olhar para os sapatos, o que Sigrid interpreta como a confirmação de que o seu resumo está correto. São sete agentes. Sete anões macambúzios. E ela é a Branca de Neve, que acordou do seu longo sono. E não há uma única chávena de café à vista. A única coisa que há é uma sala cheia de anões peludos.

– OK. Então, vamos pensar para lá do nosso caso. O que é que aconteceu recentemente em Oslo que, por um ato criativo de imaginação, possamos relacionar com o problema que temos em mãos?

Uma rapariga loura, de vinte e tantos anos, levanta o braço.

– Não é preciso levantarem o braço. Podemos conversar simplesmente.

– Ah. Um casal foi detido por nadar nu na fonte do parque Frogner.

– Mais alguém?

– Não, foram só eles os dois – acrescenta a agente.

– Não foi isso que eu quis dizer.

Folheando os seus apontamentos, outro agente levanta a mão. Sigrid aponta para ele.

– Um indivíduo roubou um carrinho de um supermercado Kiwi. O amigo empurrou-o rua abaixo, na Ullevålsveien. Ia a quarenta quilómetros por hora. O agente disse que lhe passou uma multa por excesso de velocidade.

Sigrid faz uma cara de poucos amigos.

- Pelos vistos, acontecem coisas muito graves nesta cidade.
- Ontem, não – acrescenta o agente e, de imediato, arrepende-se.
- OK. Quero que me comuniquem tudo o que acontecer de invulgar. Seja o que for. Como o Petter costuma fazer. Entendido?

Ficam calados e Sigrid faz um aceno de cabeça.

Um homem de quarenta e tantos anos toma a palavra.

– Teria sido fácil para o suspeito ir-se embora no carro de um amigo, coisa que não podemos averiguar.

– Pois não – concorda Sigrid. – Também pensei nisso. Alguém sabe se este Enver tem um carro registado em seu nome?

– Não tem – diz o mesmo polícia.

Petter Hansen intervém:

– Roubaram um barco do embarcadouro junto de Akershusstranda.

– Que tipo de barco?

– Um barquito.

– Estás a ver alguma ligação, aqui?

– Bom, tenho andado a pensar na frase do bilhete do Sr. Horowitz sobre os Ratos do Rio, mas ele é um homem velho e frágil. Como é que roubava um barco com um miúdo pequeno?

Sigrid assente com um aceno de cabeça. A ligação e a rejeição da ligação fazem ambas sentido. Mas a voz do seu pai interpela-a, dando-lhe uma outra perspetiva. Escuta-a e partilha-a com os outros agentes.

– Há outra maneira de ver o caso: um antigo fuzileiro dos Estados Unidos, que combateu na Coreia, vê-se envolvido numa última missão para proteger um menino pequeno que lhe lembra o seu filho que morreu. E este fuzileiro, num ambiente estrangeiro, conseguiu escapar a todas as ratoeiras que lhe armámos nas últimas trinta e seis horas, e ninguém, incluindo a família mais chegada, faz ideia de onde ele se meteu. Portanto, mudemos a nossa perspetiva. E se não estivermos a procurar um velho senil e, sim, uma velha raposa matreira com uma causa nobre? E se não formos simplesmente ineptos, embora sejamos, e estivermos, na realidade, a competir com um adversário à altura e ele nos estiver a ganhar?

Ficam calados, a ponderar a hipótese. Depois, Petter diz:

– Porque é que ele não entrega o menino à polícia? Ficaria a salvo connosco.

– Não sei. Talvez ele ache que não. Talvez não confie em nós. Talvez tenha visto alguma coisa que o levou a pensar o contrário. Não sei. A única coisa que me dá esperança é que, se ele conseguiu escapar-nos, talvez também consiga escapar ao suspeito e aos seus cúmplices. Porque eu tenho o pressentimento de que o pai quer o filho de volta.

– Procurem o tal barco – diz Sigrid. – Não pode ter ido muito longe.

Na Åpent Bakeri, em frente à Casa da Literatura de Oslo, Kadri fala com a boca cheia de bolo com canela, enquanto um antigo colega do ELK e um jovem recruta se esforçam por perceber o que ele diz.

Um deles acende um cigarro e semicerra os olhos para ouvir melhor.

Kadri engole e diz:

– São deliciosos, não são?

– Não tenho fome – responde o que está a fumar.

Kadri dá mais uma dentada e diz em albanês:

– Não é uma questão de fome.

O segundo replica:

– Kadri, o que é que estamos aqui a fazer?

Kadri, embora Enver lhe tenha suplicado para não o fazer, leva correntes de ouro ao pescoço, por cima de uma camisa preta que parece ter sido comprada numa loja *vintage* de discos dos anos 70. O telemóvel de Kadri está em cima da mesa ao lado dos Marlboro e ele beberica de uma grande chávena de café com leite.

– Não gostam de café com leite? – pergunta-lhes.

Eles abanam a cabeça.

– Dá-vos dores de barriga?

Abanam novamente a cabeça.

– Ouçam. Estamos na Noruega. Querem que seja tudo como no nosso país? Então voltem para lá. Se querem aqui estar, aproveitem o que aqui há. Aqui há café com leite e bolos de canela, miúdas giras de botas de pelo e carros americanos antigos que saem das garagens no verão. A verdade é que não é tão mau quanto isso.

– Kadri, temos coisas para fazer. Podemos começar ou quê?

– A Senka morreu.

– Nós sabemos.

– O puto desapareceu.

Burim, que está mais afundado na cadeira do que Gjon, diz:

– Também sabemos.

– O Enver anda à procura do puto. Isso significa que vocês também vão procurar o puto.

Burim puxa uma fumaça do cigarro.

– Não sei onde é que o puto está.

Kadri engole a parte macia do centro do bolo e diz:

– A parte do meio é a melhor, toda doce e pegajosa. Nem sabem o que estão a perder. Olha, ó cabeça de alho chocho, se tu soubesses onde ele está, eu dizia: “Ei, cabeça de alho chocho, onde é que está o puto?” E tu respondias: “Oh, está aqui no meu bolso, entre o borboto e as pastilhas elásticas.” Mas tu não sabes e eu sei que não sabes, o que é o mesmo que dizer que vais procurá-lo.

Burim faz uma carranca e diz:

– Se o Enver anda a seguir o casal para chegar ao velho, e se o velho está com o

puto, o que é que nós fazemos? Pelos vistos, está tudo feito.

Kadri espeta um dedo e diz:

– Podemos estar enganados. Talvez o putu não esteja com o velho. Talvez o velho nem sequer esteja ligado aos donos do apartamento. Talvez seja apenas um reformado norueguês que estava parado na rua a ver passar o carro e foi essa pessoa que o Enver viu. Talvez o velho não vá ter com o casal. Talvez a Senka tenha enfiado o putu noutra sítio qualquer e nos tenha enganado, fugindo na direção contrária. Não sabemos. Estamos... – e leva o dedo à boca, chupa-o e depois espeta-o, molhado e reluzente, na brisa ligeira – a especular.

Gjon, que beberica um café pejado de açúcar, diz:

– Se não foi o velho, quem foi? O putu tem para aí uns sete anos, não pode ficar sozinho. Talvez esteja com a polícia?

Kadri limpa o dedo num guardanapo.

– Talvez. Ou talvez não. Se puserem um anúncio de pessoa desaparecida nas notícias, ainda há esperança.

– Então, quem?

Kadri não levanta os olhos. Limita-se a encolher os ombros e descontraidamente diz:

– Talvez os sérvios.

Ao ouvir isso, Burim e Gjon soltam ambos um gemido e mudam de posição, nervosos.

– Ouçam – diz Kadri, lambendo os lábios. – A Senka era sérvia. Tem amigos sérvios. Não quer que o putu vá para o Kosovo com o Enver. Sabia que ele havia de vir buscá-lo. O Kosovo é livre agora. Um novo estado. Um novo começo. Tempo de começar de novo. Levar o putu para a terra natal. Colher os frutos do nosso trabalho. Assim que a Noruega reconheceu o Kosovo em março, acabou-se tudo para a Senka: o universo estava a conspirar contra ela. Portanto, talvez ela tenha escondido o putu junto dos sérvios, para o protegerem. Faz sentido, não faz? E talvez agora seja uma boa altura para recuperar aquela caixa, não acham?

– Porque é que não pedes ao Zezake? Porque é que não o pões a tratar disto?

Kadri fica muito sério.

– Porque o Zezake é uma máquina assassina. Não é propriamente o Colombo. Vocês têm idade suficiente para saberem sequer quem era o inspetor Colombo? Bom, não interessa. A questão é que usamos uma faca para coisas que requerem uma faca. Agora, precisamos de uma lupa para fazermos de Sherlock Holmes. Não é a mesma coisa. Não existe uma ferramenta que sirva para tudo, foi isto que o meu pai me ensinou.

Burim e Gjon entreolham-se em busca de apoio, de uma solução, e Burim diz:

– Está bem. Faz sentido. Mas e daí? Ligo aos sérvios? *Ei, viram o putu? Importam-se que ele volte com o pai para o Kosovo, agora que ganhámos a guerra? Entretanto, desculpem lá pela morte da vossa irmã.*

– Há sempre alguém que conhece alguém – diz Kadri. – Comecem a fazer perguntas. Mas sejam discretos, OK?

Burim e Gjon fazem um aceno de cabeça. Depois, Gjon pergunta:

– Como?

Kadri suspira e esfrega o rosto.

– É preciso eu explicar-vos tudo?

– Acho que é, sim.

– Romeu e Julieta. Encontrem um rapaz e uma rapariga de lados diferentes que andem enrolados um no outro. Peçam ao sérvio para descobrir se a comunidade está a proteger o puto. Em troca, nós não contamos nada aos pais deles. E os pais deles não os matam. Faz sentido, ou não?

Gjon, que é mais velho do que Burim e se lembra bem do velho país, pega num dos cigarros de Kadri e acende-o. Recosta-se na cadeira e puxa uma longa fumaça.

– E eu?

Kadri esfurancas o molar de trás. Tira o dedo da boca e observa-o, desiludido.

– Não me importava de recuperar o conteúdo da caixa.

– O que é que ela tem? – pergunta Gjon.

– Coisas que a Senka recolheu no Kosovo. Coisas que não queremos que sejam relembradas. Está na hora de perdoar e esquecer, entendem. E não de acordar bestas adormecidas.

– Isto pode descontrolar-se depressa – diz Gjon. – Como tu próprio disseste, há sempre alguém que conhece alguém.

Kadri faz que sim com a cabeça.

– Houve quatrocentos assassínios na Noruega nos últimos dez anos. Isso corresponde a uns quarenta ou cinquenta por ano, num país com cinco milhões de habitantes. O que não é uma taxa elevada. Os polícias resolvem rapidamente mais de noventa e cinco por cento deles. Oitenta por cento envolvem um homem entre trinta e quarenta anos que mata uma mulher com uma faca e, na maior parte dos casos, essas pessoas conhecem-se. O Enver estrangulou a rapariga. A situação já está descontrolada. E vão apanhá-lo, se não o ajudarmos. O que precisamos de fazer agora é certificarmo-nos de que as coisas correm sem mais sobressaltos. Temos de recuperar o puto. Fazer com que ele e o Enver passem a fronteira. Apanhar um barco particular para a Estónia. A partir daí, é como enfiarmo-nos numa puta ucraniana. Se conseguirmos manter-nos fora de trapalhadas, podemos cá ficar. – Kadri sorri. – Com os bolos de canela. E as botas de pelo.

Burim franze os lábios e chupa os dentes da frente.

– Porque é que o Enver a matou? – pergunta.

O rosto de Kadri assume uma expressão severa. Espeta um dedo no ar, de olhar feroz.

– O Enver é uma lenda. Ele faz o que quer e tu não o questionas. Fazes o que ele manda e lembras-te de que é graças a homens como ele que hoje tens um país a que

podes chamar teu. Ficas cá com as botas de pelo, se quiseses. Ou voltas para o Kosovo. Mas se tens essa escolha é por causa do Enver. Além disso, já expliquei que os tempos estavam a conspirar contra a Senka. Ela não conseguiu negociar com eles. Foi ao encontro do seu destino. Podia acontecer a qualquer um de nós.

Recosta-se na cadeira e abre as palmas das mãos.

– Quero limpar esta trapalhada. E por muito que goste do Enver, não me importava que ele se fosse embora. Conhecem a polícia norueguesa, não conhecem? São um bando de bananas. Não andam armados, tal e qual os ingleses. Mas andam atrás das coisas durante anos e anos, a chagar até mais não poderem. São como o herpes. Uma pessoa acha que se livrou deles e, basta um bocado de stresse, zás! Voltam a aparecer. No fim, acabam por apanhar sempre os assassinos. Vencem as presas pelo cansaço. Portanto, temos de nos manter unidos, bando de irmãos! Hã? Perceberam? Daqui a vinte e quatro horas, o assunto está resolvido.

Kadri enfia o dedo ainda mais no fundo da boca. Quase mete a mão inteira. Quando a tira, tem um pedaço de fio dental entre os dedos. Mostra-o.

– Porque a vitória... a vitória é maravilhosa!

Gjon faz que sim com a cabeça, mas Burim não diz nada.

Capítulo 13

Burim sai do metro no Centro Tøyen e percorre os escassos quarteirões até ao seu prédio sob a luz intensa. Trepas cinco andares de escadas, arqueja ligeiramente e percebe que a música que se ouve no corredor vem de sua própria casa.

É uma música antiquada e ligeira, e a mulher está a cantar em inglês numa voz de ópera. Quando roda a chave e abre a porta, sabe que só pode ser uma pessoa.

Adrijana precipita-se para o corredor, descalça e com uma nova camisa que deve ser da Zara, e grita em inglês:

– Os Pink Martini vêm a Oslo! – Mas antes que Burim possa responder, Adrijana diz: – Tira os sapatos.

Ela dá-lhe um beijo na face e volta para a cozinha, onde está a ferver água para fazer chá.

Burim descalça os sapatos e põe-nos debaixo da sapateira no corredor, deixando a mochila num cabide junto da porta, ao lado dos chapéus de chuva: um com *smiles* sobre um fundo preto e o outro do World Wildlife Fund, verde, com um panda estampado.

– Não está calor a mais para beber chá? – pergunta Burim, num inglês com um ligeiro sotaque.

– Chá gelado. Faz-se chá *English Breakfast* com um bocadinho de mel e põe-se de imediato no frigorífico.

Na cozinha, ele senta-se numa cadeira de pinho da IKEA e observa-a a fazer o chá.

– Temos um problema – anuncia.

Ela deita o mel no chá e mexe-o, enquanto Burim verga as costas e apoia os cotovelos nos joelhos. Coça o ombro e esfrega o rosto.

Inspirando fundo, sustém a respiração um instante e, ganhando coragem, diz:

– Estive com o Kadri.

E como se tivesse carregado num botão, Adrijana reage exatamente como ele esperava. Primeiro, vira-se para ele. Depois, diz:

– Tinhas dito que ias ficar longe do Kadri.

Ao que Burim não tem alternativa, a não ser responder:

– Eles ligaram. E eu não podia dizer que não.

E, então, ela prega-lhe o Sermão Número Nove:

– O Kadri é perigoso. Ainda faz parte daquela máfia. É *gangster* e é louco. Tu prometeste que ias ficar longe dessa gente. Não são teus amigos. E se te deixares arrastar para o mundo deles, especialmente agora, vais cair num poço e nunca mais

de lá saís. E eu deixo-te... garanto que deixo.

“Especialmente agora” era novidade. Burim decidiu experimentar essa aberta.

– Porquê especialmente agora?

– Porquê? Essa é uma boa pergunta. Deixa-me ver se te sei dar a resposta. – Desde que começara o curso de Direito na Universidade de Oslo, Adrijana tornara-se uma excelente acusadora. Sempre tivera um dom para persuadir, mas os estudos libertaram o seu potencial, ensinando-lhe que a argumentação lógica é uma arma que vale a pena usar contra os fracos.

De boca escancarada para fingir que teve uma vitória conceptual, ela abana o saquinho de chá molhado, para dar ênfase, e salpica Burim sem querer, sujando-lhe a *T-shirt*.

– Ah, já sei. Será porque agora vivemos juntos e os nossos futuros estão para sempre interligados, e o facto de seres um homem nesta relação implica fazeres pequenas cedências como... oh, sei lá... eu trato da roupa suja e, em troca, tu ficas longe de psicopatas traficantes de heroína e de uma mulher sérvia que foi assassinada a três quarteirões daqui?

– Não tenho nada que ver com isso e tu sabes.

– Não. O que eu sei é que tu disseste que não e eu decidi acreditar em ti, mas a verdade é que não sei o que fazes ou deixas de fazer.

– Tu conheces-me.

Adrijana suaviza o tom, mas a ênfase mantém-se a mesma.

– E conheço-os a eles. E li o jornal. Diz-me, por favor, que eles não tiveram nada que ver com a morte daquela mulher. Diz-me isso, vá.

Burim abre as mãos e Adrijana deixa cair a cabeça, abatida.

– Devíamos ir à polícia.

– O Enver é meu primo. E estou convencido de que a polícia já sabe.

– Como é que sabes? Não consegues ler em norueguês. Como é que sabes o que dizem os jornais?

– Encontrei um *site* em inglês e li a notícia.

Adrijana abana a cabeça.

– Porque é que foste?

– Porque tenho medo, OK? Preciso de saber o que é que eles sabem.

– Sobre o quê?

– Sobre nós!

– O quê sobre nós?

– És sérvia!

– Sou norueguesa.

– Oh, por favor, não me venhas com essa conversa outra vez.

Adrijana levanta a voz, como faz sempre que é obrigada a defender a sua identidade e aqueles com quem se identifica.

– Sou norueguesa. Tenho passaporte norueguês. Vivo aqui desde os oito anos. Os

meus pais são noruegueses. Ando na universidade. É a minha língua mais forte. Não sou sérvia!

E Burim levanta também a voz. Não consegue perceber a incapacidade dela para ver que nada disso importa.

– Nasceste na Sérvia. O teu nome é sérvio. Fugiste de uma guerra e foste adotada cá. A tua língua-mãe é o sérvio. O teu sangue é sérvio.

– E daí? – grita ela.

– Não importa o que tu achas que és – berra Burim. – O que importa é o que *eles* pensam que és!

– Eles quem?

– Eles todos!

E dito isso, calam-se ambos.

Os Pink Martini estão a tocar uma música pungente de melancolia e remorsos, e eles acabam por olhar um para o outro. E então – a ironia é demasiado grande para que a ignorem –, sorriem.

– Amo-te – diz ela.

E ele responde:

– Também te amo.

– Podes não perceber, mas eu sou mesmo norueguesa. Confio nas autoridades norueguesas. Se achas que corro perigo porque os loucos não aprovam a nossa relação, então tenho de contar a alguém o que se passa. Vou contar à polícia. Porque os noruegueses não toleram esse tipo de coisa. Sou livre de amar quem eu quiser. És um porco, e fumas, e és péssima companhia.

Burim franze o sobrolho e levanta os olhos.

– Mas.

– Mas o quê?

– Quando enumeras todos os meus defeitos, no fim deves acrescentar “mas” e fazer uma lista de todas as razões pelas quais me amas.

Adrijana faz beicinho.

– Essa nunca tinha ouvido.

Põe o chá no frigorífico e endireita o postal a preto-e-branco de um bailarino de flamenco que se soltou do íman.

– Mas estou mesmo preocupado – diz Burim. – O Kadri disse uma coisa que me fez pensar que ele sabe de nós. Eles andam à procura de um miúdo. – Observa-a atentamente enquanto diz isto.

Adrijana mantém-se inexpressiva e pergunta:

– Que miúdo?

– O filho da mulher que foi assassinada.

– Para que é que haveriam de querer encontrar um miúdo?

– Não posso dizer. – Faz uma pausa e puxa de um cigarro, que Adrijana lhe tira de imediato das mãos, molha na torneira e deita no lixo. – Não sabes nada sobre isso?

- De que é que estás a falar?
- Tens a certeza de que os teus pais não se importam por estarmos juntos?
- Não. Eles acham que eu posso arranjar melhor do que tu. Tal como eu disse, és um porco e fumas, e os teus amigos são uma porcaria e precisas de um emprego melhor, e eu gostava que tirasses um curso na universidade. Mas estão-se nas tintas para o facto de seres do Kosovo, se é aí que queres chegar.
- E para o facto de eu ser muçulmano?
- Não és um muçulmano particularmente zeloso.
- Não foi isso que eu quis dizer.
- Estão-se nas tintas.
- Porquê?
- Porque não se importam com o que tu és, Burim. Importam-se com *quem* és. Se te comportares como um sacana, eles vão odiar-te. Se te comportares como um sacana por seres muçulmano, bom, isso é da tua conta. Que história é essa do miúdo?
- Posso confiar em ti?
- Em relação a quê?

:::::

Sigrid recebe um telefonema da oficina a informá-la de que a peça que tinham encomendado para o automóvel se estragara no correio e que o carro só estaria pronto daí a três dias, e queriam saber se precisava que lhe emprestassem um veículo. A seguir, liga o chefe outra vez a perguntar se pode fazer alguma coisa para ajudar. E por essa altura já a energia da manhã foi sugada e transformada em nada, por isso Sigrid desiste e anuncia, talvez um nadinha alto de mais, que vai visitar o local do crime – onde o telefone não toca – para procurar pistas.

Qualquer desculpa serve para ver se fica mais bem-disposta.

Sai pela porta da frente e, virando à direita, contorna o edifício até chegar a um parque de estacionamento com uma vedação de arame. No parque estão três carros-patrulha – um Volvo S60, um Saab 9-5 e um Passat – e uma moto BMW da polícia. É uma frota um pouco estranha, de tão heterogénea.

Sigrid inspira o ar do final da manhã e escuta o silêncio: não há telefones a tocar, nem superiores hierárquicos com falinhas mansas, nem teorias deduzidas a partir de uma série de factos dispersos, nem jornalistas a perguntar quando é que a polícia terá a resposta.

Perguntaram-lhe isso na véspera e a repórter queria fazer uma videoconferência com ela através de Skype. Porque, aparentemente, falar ao telefone usando palavras já não chega.

A jornalista parecia jovem e... genérica.

– Quando terminarmos a investigação – dissera ela à jovem liberal do *Dagbladet*, no tom mais brando de que fora capaz.

– E quando é que terminam?
– Quando tivermos a resposta.
– Andamos às voltas. Está a fugir à pergunta – respondera a parva, com um atrevimento incrível.

Às vezes, era difícil ser chefe. Nem era tanto por causa das regras – como a regra que diz que não se pode agarrar nos jornalistas pelas orelhas e pô-los fora do edifício como crianças malcomportadas –, era pela necessidade de dar o exemplo aos outros agentes.

Mais para se acalmar do que para conseguir algum resultado prático, Sigrid retorquira com uma adivinha que ouvira em pequena.

– Porque é que as coisas estão sempre no último sítio em que as procuramos?

A rapariga percebeu – bem como Petter e os outros três agentes que fingiam não estar a ouvir a conversa, mas estavam – que Sigrid estava a ser condescendente. Mas que remédio tinha ela? Ignorar a pergunta? Sigrid era a inspetora-chefe.

– Não sei. Porquê?

– Porque paramos de as procurar assim que as encontramos.

E depois, já que a rapariga teimara no telefonema com vídeo para estabelecer uma *ligação* verdadeira com a sua interlocutora, Sigrid piscara-lhe o olho.

Oh, como ela gostava de levar a moto! Pôr um capacete branco. Abrir a viseira. Inspirar o cheiro estival a pinheiro e relva cortada. Sentir o maravilhoso isolamento, o mergulho momentâneo na atemporalidade.

Talvez devesse tirar a carta de condução de motociclos. Aprender a conduzir uma moto. Cultivar um novo passatempo e acomodar-se à realidade de que talvez nunca arranje um homem e seguramente nunca terá uma família.

Ter a maturidade de encarar de frente a vida que efetivamente tem.

Leva o Volvo. É confortável e tem estofos de cabedal. Fecha as janelas, liga o ar condicionado e faz-se à estrada, com um trânsito que está invulgarmente congestionado no centro da cidade. O rádio crepita de vez em quando, interrompendo o silêncio com as notícias, mas, fora isso, está um dia sossegado e luminoso. Mais uma vez, não há sinais de chuva, nenhuma nuvem entre o Volvo e a eternidade. Sigrid sintoniza o rádio numa estação mais virada para programas de conversa, enquanto espera que o trânsito se desanuvie.

Ouve um programa chamado *Doktor*, em que pessoas de todos os cantos do país ligam para fazer perguntas sobre questões de saúde. É um programa nacional e os telefonemas transportam Sigrid para fora de Oslo, de regresso à quinta. A sua mente vagueia.

Uma das pessoas que telefona, um velhote de uma aldeia longínqua, tem uma tosse terrível. Está sozinho e não tem família. Vive com três gatos que adora e que são os seus únicos amigos. Diz ao médico que não consegue parar de fumar, embora saiba que devia fazê-lo. A sua saúde está a piorar, mas não tem forças para largar o tabaco. Recentemente, um dos gatos começou também a tossir. Ele acha que a culpa

é sua. Sigrid ouve a voz dele falhar, de culpa e remorso, exacerbados por uma terrível solidão. Será que o médico os pode ajudar?

Sigrid desliga o rádio e desliza as mãos ao longo do volante. Estende novamente o braço para o rádio, mas não o liga. Fica sentada no carro vários minutos, no meio de um engarrafamento, sem fazer nada.

Depois, liga ao pai.

O telefone toca pelo menos uma dúzia de vezes. De seguida, o auscultador – um dos antigos e pesados – é levantado do descanso e bate aqui e ali umas poucas de vezes até chegar ao ouvido do pai. Antes de dizer estou, o pai diz:

- Sigrid. O que é que aconteceu?
- Nada. Apeteceu-me só telefonar.
- Tens alguma coisa a preocupar-te?
- Queria só ter a certeza de que o pai está bem.
- A minha filha, toda sentimental.
- Sou tão dura quanto o pai me fez.

O pai ri-se, o que a faz sorrir, e depois tosse um pouco, o que a faz perder o sorriso.

– Da próxima vez que cá vieres, preciso que me tragas umas luvas grossas de trabalho. Não gosto das que vendem aqui. Vai à Clas Ohlson, eles vendem das boas. E queria mais uns livros. Há um sobre a história dos chineses que vi no *Aftenposten*. Foi traduzido do francês este ano. Traz-mo.

– Está bem.

Segue-se um silêncio durante uns minutos que para nenhum deles é constrangedor. Por fim, o Sr. Ødegård diz:

– Já encontraste um homem simpático?

Sigrid suspira.

- Andava para lhe contar: casei-me e tive três filhos.
- Que notícia maravilhosa.
- O Zezinho, o Joãozinho e o Luizinho. São uns amores, mas têm problemas de fala e umas pernas muito curtas.
- Provavelmente vão ter dificuldades na escola, então.

Faz-se silêncio novamente na linha, enquanto Sigrid liga o pisca-pisca e se aproxima do prédio de apartamentos onde ocorreu o homicídio.

- Onde é que estás? – pergunta ele.
- Vou ver o local de um crime.
- Quem é que vai contigo?
- Ninguém. O local foi vedado e interditado o acesso.
- Tem tido gente até agora? O local do crime? – pergunta o pai.
- Sim, penso que sim. Costumamos lá ir periodicamente, quando precisamos de reanalisar qualquer coisa. Porque é que pergunta?
- Tens a tua arma contigo?

- Para que é que eu havia de precisar de uma arma?
- Faz-me um favor. Leva o cassetete na mão.
- Agora, quem é que está a ser sentimental?
- Fá-lo e assunto encerrado.
- Porquê?

O Sr. Ødegård replica:

- Pergunta um jornalista a um assaltante de bancos: “Porque é que roubou aquele banco?” O assaltante responde: “Porque é lá que está o dinheiro.”
- O Willie Sutton negou ter dito isso.
- O argumento mantém-se válido.
- Adeus, *pappa*.
- Adeus, Sigrid.

Sigrid vê um lugar vago a meio quarteirão de distância do prédio. Estaciona, tira o cacetete da mala do carro e tranca as portas. Leva-o com desenvoltura na mão e caminha sem pressa, para ninguém ficar a pensar que há algum problema.

Ou, pelo menos, *outro* problema.

Abre a porta do prédio, passa pelo local do crime, à esquerda, e sobe as escadas até ao primeiro andar, onde vivia a rapariga com o filho. Passa por baixo da fita da polícia, destranca a porta da rua e entra. Sigrid descalça-se, acende as luzes e espreita para dentro de todas as assoalhadas, à procura de qualquer coisa de interesse, qualquer coisa que possa não ter aparecido nos relatórios.

Segundo a agência imobiliária, o apartamento ocupa sessenta e sete metros quadrados. Tem um pequeno *hall* de entrada, com uma casa de banho mesmo em frente. O quarto fica à esquerda e é aí que ela se dirige primeiro.

O apartamento, que foi vedado com fita policial, uma vez que é crucial para a investigação, já foi examinado de perto por um agente chamado Thomas e uma nova especialista forense chamada Hilde. Até aí, Hilde tem estado a fazer um bom trabalho, apesar de denotar um certo excesso de zelo que advém de nervosismo e de um respeito excessivo pela autoridade, o que pode interferir com a maneira como uma pessoa trabalha com os dados: nada bom para um especialista forense.

Sigrid tem um dossiê com cópias das fotografias que foram tiradas ali no local e resumos dos relatórios apresentados, que foram suficientemente meticulosos. Mas Sigrid quer ver tudo com os próprios olhos, ter uma noção do espaço onde aquela pequena família constituída por duas pessoas costumava conviver, conversar sobre as pequenas coisas do dia a dia, desfrutar de pequenos prazeres.

O quarto tem uma cama de casal encostada a um canto e uma individual encostada a outro. As camas não estão feitas. O quarto está desarrumado, mas limpo. À direita do *hall* fica uma *kitchenette* datada dos anos 70. Os armários são baratos e há uma mesa pequena, para duas pessoas, ao fundo, onde Sigrid depreende que mãe e filho comiam juntos e conversavam sobre a escola. A mesa é periclitante, mas o tampo está limpo. Estão pratos empilhados na pia.

A segunda porta à direita dá para a sala.

Parece que os seus agentes trabalharam bem. Ajoelha-se na alcatifa para procurar de perto vestígios de pegadas de botas policiais, mas não vê nenhuns. E parece que Petter e os rapazes também não trouxeram terra para dentro do apartamento. Vários objetos no quarto que foram apresentados como prova estão assinalados com números e todos se lhe afiguram familiares por causa das fotografias.

A casa de banho contém apenas coisas que uma mulher ou uma criança usaria. As embalagens grandes, de champô, espuma para o banho, pó de talco, são das mais baratas do mercado. As mais pequenas são amostras de produtos mais caros. Num cesto, está uma pilha de amostras de perfume que foram arrancadas das páginas de revistas femininas.

Atrás da sanita, encontra muito pouca sujidade e pó. A saboneteira foi passada por água depois de ter sido usada. Repara numa embalagem de plásticos de cotonetes sem a tampa e na escova de dentes de um menino, praticamente nova. A pasta de dentes foi sempre espremida a partir do fundo.

Na cozinha, não há doces e apenas uma caixa de cereais com açúcar. Não há refrigerantes, mas muitos sumos com sabor a fruta. Embalagens de massa e latas de molho de tomate. No congelador, vê um balde de gelado barato e uma embalagem de Häagen-Dazs de baunilha com bolachas de chocolate.

Sigrid tira o gelado mais caro do congelador. Está quase cheio. Cinco pequenos vales foram escavados por uma mão experiente. Por alguém que adora aquilo, mas não tem meios para se oferecer aquele luxo, por isso come-o em pequenas doses, com disciplina e um prazer solitário, enquanto o filho come o gelado mais barato.

Sigrid guarda a embalagem no congelador.

Eras uma boa mãe e adoravas o teu filho. Independentemente do que se venha a descobrir, isto é verdade.

Sigrid calça-se, apaga as luzes e fecha a porta atrás de si. Tem, no entanto, a sensação de que se esqueceu de fazer alguma coisa.

As escadas são de madeira dura tratada. As bordas estão gastas por centenas de pessoas as terem pisado milhares de vezes, desde que o edifício, que era uma cooperativa, foi restaurado em 1962 e convertido em apartamentos.

Acende a luz do patamar e desce o lanço de escadas para ir visitar o local do crime em si. Os nomes Rhea Horowitz e Lars Björnsson estão inscritos na etiqueta de plástico preto acima da campainha.

As fitas da polícia estão rasgadas. Sigrid recolhe a mão e fica especada a olhar para a maçaneta da porta. Fixa-a durante longos minutos.

A porta devia estar fechada. Se estivesse algum dos seus agentes a vigiar o interior, tê-la-iam notificado.

Não tinha ela mandado guardar a porta? Estão agentes numa carrinha lá fora, a observar o recinto, mas ninguém junto da porta. Em retrospectiva, isso era capaz de ter sido boa ideia.

Pensa em várias explicações plausíveis para o facto de a porta estar aberta.

Talvez o velhote tenha regressado. Depreende-se que tem uma chave. Ou talvez a família toda tenha regressado. Não deviam, mas as pessoas agem impulsivamente. É ilegal entrar no local de um crime, mas isso não quer dizer que não aconteça. Dado o tumulto nas vidas deles, seria compreensível, ainda que não permissível. Ou então, outra pessoa qualquer esteve no apartamento.

Ou outra pessoa qualquer está dentro do apartamento, naquele preciso instante.

Abana a cabeça. Tem de imediato consciência de que o pai não aprovaria o seu ato. Não só o ato, mas a lógica que o sustenta.

Também há a possibilidade de o senhorio estar ali dentro neste momento, a vestir roupas de mulher. Ou de um drogado estar ali dentro a roubar joias. Ou de uma leva recente de imigrantes chineses sem televisão estar a ver um jogo de hóquei entre a Rússia e a Finlândia e a apostar cervejas.

Não fazes ideia do que está por detrás dessa porta. Não podes simplesmente escolher as opções que se encontram no teu campo de visão. A realidade vem de todas as partes. Na melhor das hipóteses, podes confinar-te às probabilidades. Mas, no fim, não é uma questão de dedução. É uma questão de facto. Uma bala mata-te, se fores estúpida ou tiveres azar. Por isso, pelo menos não sejas estúpida.

Isto é o que o seu pai diria.

Sigrid tira o rádio do cinto e dá parte da intrusão. Fá-lo muito baixinho. O rádio crepita e, depois, regressa ao silêncio.

Sigrid encosta o ouvido à porta e escuta.

Não consegue perceber. Fica parada do lado de fora da porta uns minutos, a mexericar nos acessórios do cinto. Sempre gostou do cinto da polícia. Leva muito peso, mas assenta-lhe lindamente nas ancas.

O botão da lata de gás lacrimogénico faz um estalido seco. As algemas não tilintam, ficam aconchegadas no seu estojo preto. Tudo foi bem concebido. São pequenas coisas como aquela que as pessoas fazem para tornar o mundo um nadinha melhor, mas pelas quais nunca recebem uma palavra de agradecimento.

Se tivesse uma arma, desequilibraria por completo o peso. Depreende que é por isso que os *cowboys* prendiam as pistolas às coxas.

– Pronto. É agora.

Sigrid abre a porta de par em par.

O local do crime é-lhe familiar. Foi descrito em todos os relatórios que recebeu, cheios de erros de ortografia. Sigrid viu dúzias de fotografias e um vídeo de uma visita virtual, uma nova ferramenta que começaram a usar recentemente. Um estagiário zeloso até fez o apartamento em CAD para a polícia poder reconstituir os passos da vítima e do criminoso, e imaginar diferentes hipóteses.

Mas ela ainda não tinha pisado o verdadeiro local do crime. Não dá para explicar porque é que vemos as coisas de maneira diferente ao vivo, mas a verdade é que vemos. Sigrid foi a Florença uma vez e quando viu o *David*, cuja imagem lhe era tão

familiar, ficou sem fala.

O soafo foi refeito com tábuas dinamarquesas. Algumas paredes foram deitadas abaixo, criando um espaço enorme entre a sala e a cozinha, esta desenhada com gosto em aço inoxidável e madeira de bordo. Há um frigorífico americano enorme e uma ilha central com um fogão incorporado. Funciona a gás natural, o que é uma raridade em Oslo, uma vez que a cidade não está preparada para isso. Lars deve ter de fazer uns quantos quilómetros, de tantos em tantos meses, para ir comprar uma botija de gás.

Sigrid não entra. Em vez disso, mantendo a porta aberta, recua e espreita pelo espaço entre as frinças, para ver se estará alguém à espera, de faca em punho.

Olha para o relógio. Está parada no *hall* há oito minutos. É tempo suficiente, pensa.

Sigrid entra e tem a sensação de ser atraída para o interior da sala por um sussurro dos mortos e a promessa de uma revelação.

Tira os sapatos, deixa-os na entrada e acende todas as luzes por onde passa, perscrutando a assoalhada. É fresca, luminosa e dá a impressão de ser um espaço ocupado por pessoas mundanas e cosmopolitas. E também um nadinha estrangeiras. Há um suporte com cerca de vinte garrafas, com as de vinho tinto por cima das de vinho branco. Ao lado do fogão, estão quatro garrafas de azeite diferentes. De uma barra magnética ao lado do lava-louça, estão dependurados vários utensílios da IKEA e facas caras japonesas e alemãs. Os eletrodomésticos são americanos, da Kitchenware. Há uma taça cheia de fruta – maçãs, peras, limões e limas que em breve apodrecerão.

Há uma caneca da *Penthouse* ao lado do lava-louça, suja e muito usada.

Aquele apartamento é muito maior do que o do andar de cima. Deve ter uns cento e vinte metros quadrados ou mais. Tem uma suíte à direita e entre essa porta e o frigorífico fica uma pequena escada ao fundo da qual se encontra o quarto onde dorme o velhote. É lá que está o armário onde encontraram a mancha de urina.

Sigrid abre a pasta e tira as fotografias. Dirige-se para o sítio onde cada uma delas foi tirada e compara o que vê com o que a objetiva viu. Pergunta-se se estará alguma coisa fora do lugar e o que poderá alguém ter ido ali fazer.

Vai à casa de banho e dá uma vista de olhos. Contém cosméticos melhores do que os do andar de cima, fragrâncias subteis, esponjas vegetais. No armário por baixo da pia, encontra “adereços conjugais”; fecha o armário respeitosamente, mas com uma certa inveja.

Há uns quantos romances de autores que não conhece: Philip Roth, James Salter, Mark Helprin, Richard Ford. Há exemplares de uma revista chamada *Paris Review*.

Nada de estranho naquilo, mas há muitas coisas que não compreende. Aquelas três pessoas forjaram uma existência que não é natural para nenhuma delas.

O esforço, e inclusive o resultado, é admirável.

No espelho por cima do lavatório, vê o cortinado da banheira. Está fechado.

Virando-se, puxa do cassetete. O cortinado mexeu-se desde que ela entrou na casa de banho.

Os reforços devem estar a caminho. A esquadra não fica longe.

Sigrid tira a lanterna do cinto e, em vez de abrir o cortinado, recua para a porta da casa de banho, desliga a luz e aponta a lanterna ao teto branco por cima da banheira, iluminando o cortinado branco.

Não há sombras. Não está ninguém dentro da banheira.

Acendendo a luz, puxa o cortinado para o lado para ter a certeza e, de facto, a banheira está vazia. Sai, então, da casa de banho, desligando a luz atrás de si.

Os seus detetives tiveram todo o cuidado para preservar a sala. Sigrid vê indícios de luta em toda a parte. Os fragmentos de objetos frágeis estão amontoados junto do sítio onde a violência se desenrolou. Os derradeiros momentos da mulher foram passados a sufocar, com uma faca espetada no peito, deitada de costas na mesinha de café à frente do sofá. O sangue pingou para o chão, entranhando-se nas tábuas brancas do soalho.

Aí, o assassino ficou com ela à sua mercê. Assim que a apanhou de barriga para cima, espetou um joelho no tronco dela. O ódio era pessoal e impiedoso.

O quarto do andar de baixo é, não tanto uma cave, mas mais um quarto da casa, a acompanhar o ligeiro desnível do terreno onde foi construído o prédio.

Está arrumado, com a cama feita. Numa cadeira vermelha, Sigrid vê um fato preto, uma camisa branca e uma gravata cinzenta, como que à espera de serem usados por uma pessoa enlutada. Abre a cómoda de madeira e encontra umas quantas *sweaters*, uns pares de calças e peças de roupa interior.

Na mesinha de cabeceira, há um candeeiro e, na base, uma moldura antiga de prata, ou melhor, duas molduras, ligadas por minúsculas dobradiças. Na da esquerda está uma fotografia a preto-e-branco, tirada há cerca de cinquenta anos, de uma mulher praticamente da idade de Sigrid. É franzina, de cabelo escuro e com o tipo de olhos que só nos anos 50 as mulheres tinham. Está sentada num muro de pedra, com uma perna para cima. Uma sapatilha branca assenta nas costas de um banco de jardim abaixo dela, junto do muro, e ela ri. Parece outono. Provavelmente é a mulher dele, a que morreu na América e fez com que ele se mudasse para ali.

Na moldura da direita está um rapaz, provavelmente adolescente. É esguio e tem os mesmos olhos que a mulher. Esta fotografia é a cores e está ligeiramente desfocada. Talvez tenha sido tirada à pressa ou com uma máquina barata, como uma Polaroid Land ou inclusive uma velha Minox. Está encostado a um Mustang de 1968 azul-bebé, de braços e pernas cruzados. Sorri como se tivesse desenhado e construído ele próprio o carro.

Em cima da mesinha de cabeceira há apenas mais um artigo, uma insígnia de casaco, cuidadosamente encostada à base do candeeiro, à frente das fotos. É verde-seco, com um fino debrum vermelho, e parece puída. Tem o mote dos Fuzileiros dos Estados Unidos: *Semper fidelis*.

Sempre fiel.

– Onde é que se enfiou, Sr. Horowitz? – diz Sigrid em voz alta. – Porque é que desapareceu e o que é que anda a fazer?

Antes de sair do quarto de Sheldon, Sigrid ajoelha-se e espreita para debaixo da cama. E pela primeira vez, há qualquer coisa que lhe parece estranha.

Está ali uma grande caixa cor-de-rosa de joias com um fecho prateado na frente. A luz do meio-dia reflete no chão e ela vê-a claramente.

Enfia o braço debaixo da cama e puxa-a.

Deixando-se ficar apoiada num dos joelhos, mexerica no fecho. Não abre. Com o seu canivete Leatherman, conseguia facilmente forçar a fechadura e abrir a caixa, mas, nesse instante, não vale a pena.

Sigrid olha novamente para a mulher na moldura: a sapatilha branca, o relógio de pulso, a gola branca a sair de uma *sweater* de decote em bico. Tem um sorriso rasgado. O universo dela está cheio de possibilidades. A foto deve ter sido tirada no final dos anos 50. Sheldon já tinha voltado da Coreia. O filho devia ter uns cinco ou seis anos. A silhueta esguia e a graciosidade dela estavam intactas. As coisas más da sua vida ainda não tinham acontecido.

Será que aquela caixa lhe pertencia?

Sigrid puxa de um pequeno bloco preto e abre-o na conversa com Rhea e Lars. Folheia-o.

Ali está. O marido era relojoeiro e vendedor de antiguidades.

Olha novamente para a caixa.

Não é possível.

E depois lembra-se do que é que se esqueceu de fazer no andar de cima. Esqueceu-se de procurar uma fechadura que correspondesse à chave que Senka tinha no bolso quando morreu.

Será que todos os agentes se esqueceram de fazer isso? Se assim foi, ia armar um pé de vento no escritório.

Se a fechadura que correspondia à chave estava ali, naquele apartamento onde ela foi assassinada, isso significa que a própria Senka a tinha trazido. A caixa podia ter sido guardada ali, mas isso significava que tinham mentido a Sigrid, que Senka, Rhea e Lars afinal se conheciam. O que lhe parece pouco provável. É mais provável que Senka a tenha levado para ali antes de ser assassinada. Ela escondeu-a. O assassino queria-a. Foi em parte por isso que a assassinaram. Ela protegeu-se a si própria e ao conteúdo da caixa. Lutou até à morte, enquanto o filho se escondia no armário em frente da caixa.

O que quer que esteja na caixa de joias só pode ser importante.

Este é o último pensamento de Sigrid antes de um objeto lhe bater com força na cabeça e ela cair no chão.

Capítulo 14

Kadri segura na enorme lanterna Maglite e olha para a mulher polícia que acabou de atingir com um golpe. Não gosta de bater em mulheres – embora também não o incomode por aí além – e esta não tinha feito nada para o merecer. Mas ele precisava da caixa e tinha a certeza de que pedir-lha não teria resultado.

– Devias ter verificado o armário – diz-lhe em inglês. – Verificaste a banheira, mas não o armário. Quem é que se esconderia numa banheira? Toda a gente morre numa banheira. Não vais ao cinema? *Psico*. Morta na banheira. O mexicano em *Este País não É para Velhos*. Morto no chuveiro. A Michelle Pfeiffer em *A Verdade Escondida*. Quase morta na banheira. Mas ela fez uma coisa qualquer com o dedo do pé e conseguiu safar-se. Mas não deixa de ser na banheira.

Olha para os pés. Depois, diz:

– Glenn Close em *Atração Fatal*. Morta na banheira. John Travolta em *Pulp Fiction*. Mortinho da silva na banheira. Mas nunca em armários. Não me lembro de uma única pessoa assassinada num armário. É por isso que me escondo dentro de armários.

Kadri coça a barriga.

– Por isso, olha, vou levar a caixa e tomar um café. Põe-te boa depressa.

Kadri verifica se ela tem pulso, confirma que está viva, pega na caixa, enfia-a debaixo do braço e sai pela porta da frente. Sobe a rua a passos largos, passando pelo carro-patrulha, mete-se na sua Vespa e dirige-se para o Kaffebrenneriet mais próximo para comer um pãozinho doce.

É bom ver a operação a correr como deve. Burim vai infiltrar-se na comunidade sérvia com algo mais do que o pénis e trazer-lhes informações preciosas. Gjon está a tratar de arranjar as armas que Enver pediu. A caixa – e o conteúdo, seja ele qual for – foi recuperada.

O sol brilha e o ar seco é revigorante. Se uma pessoa abanar as mãos à frente do rosto, consegue puxar o verão para dentro dos pulmões e sentir a sua paz e serenidade. Precisamente aquilo de que um homem realizado necessita.

E paz é o termo certo. Não há história aqui, nem o peso dela. Não há ecos nem sussurros trágicos na brisa. Na verdade, é estranho. Porque Kadri, quando sai de Oslo e se encontra com colegas noutras povoações para conversar sobre política, jogar cartas ou comprar e vender drogas, consegue sentir a vastidão da Escandinávia – o céu imenso, a extensão da terra – a revelar-se. É como se os habitantes solitários não conseguissem encher tanto espaço, que os provoca, os afasta demasiado uns dos outros.

Deviam cantar, como fazem nos Balcãs. E dançar. Há qualquer coisa nas pessoas, ali, que as impede de exprimir as poucas palavras que as poderiam libertar, ligá-las novamente umas às outras e aos céus. Deviam viver a vida. E rir da morte.

Mas não o fazem. Os seus mantos luteranos asfixiam-nas e roubam-lhes a voz.

O que quer que esteja na origem disso, porém, não é a história. Não existe história propriamente dita, ali. Uns quantos barcos velhos e uma igreja de madeira... isso não é história. Aquela é a parte da Europa sem história. Nem romanos. Nem cristãos. Nem Cruzadas. Nem guerras religiosas. Apenas velhos deuses e *trolls* e louras de peles. A sério, quais são os motivos para uma pessoa andar deprimida?

As saudades que eu tenho das nossas canções tristes que cantávamos juntos para nos alegrarmos!

Mas não é hora para tristezas. Nem para alegrias. É hora de tomar café.

Kadri balouça o corpo, irrequieto, sobre os dedos dos pés, enquanto uma rapariga sueca – que veio trabalhar para a Noruega, no verão, por causa dos salários mais elevados – verte cuidadosamente o leite fervido e espumoso no café, fazendo na superfície o floreado que é a imagem de marca da casa.

Kadri pousa as suas quarenta coroas em cima da mesa e olha fixamente para o café.

A rapariga faz o mesmo.

Kadri levanta os olhos para ela e diz:

– Porque é que desenhaste uma vagina no meu café?

– O quê?

– Uma vagina. No meu café. Na espuma.

– É uma folha.

– Uma folha?

– Sim, uma folha.

– Alguma vez viste uma folha assim?

Analisam ambos, uma vez mais, o desenho na espuma do café.

– Comecei a trabalhar aqui hoje – diz ela.

– Estavas a tentar desenhar uma folha?

– Sim.

– Então, é uma folha.

– Obrigada.

– Fica com o troco.

Um casal de meia-idade, com um berço verde-lima, levanta-se para sair de uma das mesas de ferro forjado e Kadri precipita-se para ela. Solta uma pequena gargalhada, quando aterra na cadeira.

Ah, a vida. Tantas voltas e reviravoltas. Tanto de inesperado e tão pouco de evitável. Fazemos o que podemos para encontrar o equilíbrio. E para nos mantermos calmos, refugiamo-nos nos pequenos prazeres. Como um café e um bom cigarro.

Assim que está bem sentado, Kadri saca do seu iPhone e toca nos pequenos

iconezinhos. Espera que o telefone de Enver toque.

Toca mais vezes do que era esperado. Sabe-se lá o que Enver andar­á a aprontar! Seja como for, Kadri vai fazer a sua parte, ser um bom soldado, mostrar respeito, mas não tenciona ir mais longe e assumir aquilo como um problema seu. O puto não é seu filho. Kadri não matou ninguém. Pelo menos, não na Noruega. Quanto mais cedo aquilo tudo acabar, melhor. Que Zezake entre em ação, se for caso disso. Kadri tem a caixa. Para já, isso chega.

Enver atende o telefone. Está ofegante e sem sentido de humor, como sempre.

Falam em albanês.

– Já tenho a caixa com as coisas.

– Houve algum problema?

– Dei um golpe na cabeça de uma mulher polícia, mas ela ficou lá e eu e a caixa estamos aqui. Ela está viva. Portanto, foi só isso.

Enver fica calado. Cala-se sempre quando está a pensar, o que enerva Kadri. Se sabes o que te vai na mente, porque é que não o dizes?

– Eles levam essas coisas muito a sério, aqui.

– Ouve, Enver. Paciência, OK? Eu estava atrás dela. *Zás*. Como a fada da história pediu ao coelhinho para não fazer aos ratinhos. Ela não sabe nada. Posso abrir a caixa? É bera. Gostava de me livrar da caixa.

– Não.

– Não? Não o quê? Não, não a posso abrir, ou não, não é bera? Porque, vai por mim, é bera. É toda cor-de-rosa com um coisinho prateado...

– Não a abras. Não quero que percas nada. Depreendo que esteja trancada e espero que assim continue quando ma trouxeres.

– Onde é que estás?

– Glåmlia.

Kadri coça o peito onde a corrente de ouro de vez em quando lhe arrepanha os pelos.

– Por acaso é perto de Paris? Gostava de ir a Paris.

– Fica perto da fronteira sueca. Procura o nome nesse teu brinquedo estúpido.

– Há uma coisa que convém saberes.

Enver fica calado.

– A caixa... não estava no apartamento dela. Estava no apartamento onde ela foi morta. E eu tinha razão. Vive lá um velhote. E tive de me esconder no armário. E cheirava mal. Como se alguém tivesse mijado lá dentro. Talvez um velhote. Talvez um puto pequeno. Eu acho que ele se mijou todo, porque estava a acontecer uma coisa assustadora do lado de fora do armário. Se foi o puto, então talvez o velhote o tenha tirado de lá depois. Por isso, acho que tinha razão em relação ao velho. Acho que ele é capaz de saber alguma coisa. E acho que talvez tenha o puto. Isso não nos diz onde é que devemos procurá-los, mas diz-nos onde não devemos procurar, percebes?

Enver desliga sem se despedir.

Sim, por favor, volta para o Kosovo. E leva esse teu mau humor contigo. A guerra acabou.

Antes de conseguir beber um gole de café, Kadri sente uma pancada no ombro.

Levanta os olhos e vê um polícia fardado, de trinta e tal anos.

– O que foi? – diz Kadri em inglês.

– Está preso.

– Que conversa é essa? Estou a beber café num café. Estou a fumar um cigarro na rua, como toda a gente.

– Gosta de cinema?

– Como, se eu gosto de cinema?

Petter, que estava de *walkie-talkie* na mão, leva-o à boca e diz, em norueguês:

– É o tipo? É a voz?

– É ele – crepita Sigrid pelo rádio.

Petter diz a Kadri que está preso, mas ele desata a rir.

– Você não está armado. Porque é que eu havia de ir consigo? Porque me pediu com bons modos?

– Porque *eles* estão.

Petter faz sinal a alguém atrás de Kadri e, quando se vira, Kadri vê dois tipos com ar muito sério, de coletes pretos à prova de bala e metralhadoras Heckler & Koch nas mãos.

– São os *Beredskapstroppen*.

– O que é isso?

– Forças especiais.

Petter vê a expressão arrogante de Kadri desvanecer-se.

– Vão-me dar um tiro aqui, no café?

– Não – diz Petter. – Dão-te um tiro aí, no peito.

Depois, Petter inclina-se para ele e sussurra:

– São os ajudantes do Pai Natal. Sabem se foste mau ou bonzinho. E tu foste muito, muito mau.

– E você não bate bem da cabeça, sabia? – responde Kadri.

.....

Petter volta para o carro-patrulha e, instalando-se ao volante, aperta o cinto. Ajusta o espelho-retrovisor para conseguir ver Sigrid deitada no banco de trás, com um pacote de gelo na cabeça e uma expressão carrancuda.

– Eu devia levar-te para o hospital. Podes ter um traumatismo craniano.

– Não posso. Tenho de trabalhar.

– Não sejas teimosa.

– Não estou a ser teimosa. Tenho de fazer uma série de telefonemas para deixar isto tudo despachado. Demorava mais tempo a explicar-te do que a fazê-lo eu

própria.

– Devias ligar ao teu pai antes de que a notícia chegue aos jornais.

– Oh, meu Deus. Isto tem de sair nos jornais?

Sigrid vê Petter encolher os ombros.

– A inspetora-chefe da polícia foi agredida no âmbito de uma investigação sobre um homicídio – diz ele. – Mas, com certeza, tens toda a razão. Podemos fingir que não aconteceu nada. Ou, se constar dos relatórios, de certeza que o *Dagbladet* não vai ligar nada.

Sigrid solta um gemido.

E eis que o pai lhe telefona.

Sigrid olha para o telemóvel. A palavra “*Pappa*” pisca no ecrã. Não é uma mera dor de cabeça. Sigrid está com dores terríveis, latejantes, pulsantes, como se tivesse um martelo pneumático impiedoso a martelar-lhe o córtex cerebral.

Enrosca-se na posição fetal no banco.

– É o meu pai.

Vê Petter abanar a cabeça.

– É melhor atenderes. Ele nunca sai da quinta, mas parece estar sempre a par de tudo o que se passa.

– Pois parece. Carrega na tecla verde por mim, se fazes favor. Não a encontro.

Ele passa-lhe o telefone.

– *Yah*. Olá, *Pappa*.

– E então? – diz ele.

– E então o quê?

– O que é que aconteceu?

Sigrid dá por si a pensar, embora não saiba muito bem porquê, que a expressão “bater no ceguinho” de certeza que surgiu da experiência literal de alguém.

– Levei uma pancada na cabeça.

Do outro lado do fio, faz-se silêncio.

Ela espera que o pai o quebre, mas, estranhamente, o silêncio perdura.

– *Pappa*?

– Sim?

– Não tem nada para dizer?

– Já que perguntas... Porque é que não levaste uma arma?

– Eu disse-lhe. Levei uma pancada na cabeça. Não precisava de uma arma, precisava de um capacete.

– Pois, parece que contra isso não há argumentos.

– Podemos falar sobre isto noutra altura, *pappa*? Temos de nos reunir na esquadra e analisar bem o assunto. E neste momento, preciso de vomitar.

As buscas pelo barco roubado no fiorde de Oslo exigiam um helicóptero e exigiam papelada e telefonemas que Sigrid não conseguiu preencher nem fazer, quando voltou para a esquadra. Petter teve de se encarregar de toda a burocracia.

Sigrid gastou a maior parte da sua energia a teimar que não queria ir para o hospital.

Ou tinha um traumatismo craniano ou não tinha um traumatismo craniano. Se tinha, devia evitar adormecer. Na esquadra, não conseguiria dormir. Portanto, estar na esquadra quando se tem um traumatismo craniano é claramente aconselhável para a saúde. Se não tinha, não precisava de ir ao hospital. Com uma aspirina e um saco de gelo, Sigrid conseguiu arranjar o argumento convincente – aos seus olhos – de que a esquadra era o único lugar onde fazia sentido ela estar.

Com o helicóptero no ar, começou a receber relatórios regulares. A decisão mais importante foi se deviam mandá-lo diretamente para sul, rumo a Nesodden, ou para sudoeste, em direção a Drøbak e à Dinamarca.

No fim, optaram por Drøbak. Se seguissem a rota mais a leste, iriam até Nettet ou arredores, depois virariam para oeste, seguiriam por cima de terra até chegarem à costa, a seguir viajarão para sul, voltariam para trás e fariam o caminho todo para norte de regresso ao aeródromo. Isso implicaria um gasto muito elevado de combustível dispendioso, por isso a decisão era apostar em Drøbak, descer para sul até onde o combustível de um pequeno barco duraria e, se não encontrassem nada, sobrevoar o território até Nettet e subir rumo a Kjøya, Nebba e outras aldeolas da zona.

O copiloto estava em contacto regular com Petter, que regressara do almoço e retomara o seu dever de manter Sigrid acordada. A missão demorou várias horas, por causa da distância, do arvoredo cerrado ao longo de grande parte da rota costeira e da desconcertante variedade de embarcações de pesca e lazer na água. Tentar ver se um barquito estava ancorado, à deriva, abandonado ou em uso, ou se correspondia sequer à descrição era cansativo e moroso para os pilotos.

Pelas quatro horas, conseguiram encontrá-lo. Com a mudança de maré, estava a mais de uma milha náutica da casinha azul. Quando a casa foi finalmente inspecionada por agentes da região, não encontraram sinais nem de Sheldon, nem do menino desaparecido.

– Onde é que está? – pergunta Sigrid.

– Estava à deriva perto de Kaholmene. Perto do sítio onde afundaram o navio alemão.

– Eu sei onde é, Petter. Toda a gente sabe onde é.

Petter está cada vez mais preocupado com o bem-estar geral de Sigrid, sobretudo com a tensão arterial dela, mas acha mais sensato, e porventura mais seguro, não dizer nada.

– Liga para a polícia local. Penso que o chefe ainda é o Johan. Diz-lhe o que procuramos. Talvez eles descubram alguma coisa.

:::::

A entrepernas de Enver vibra outra vez. Enterra a mão no bolso e tira o telemóvel para ler a mensagem.

“No carro”, diz.

A tarde está a chegar ao fim. Enver deita um último olhar à casa pelos binóculos e decide que o homem e a mulher não vão a lado nenhum. Interiormente, fica feliz da vida por poder levantar-se e esticar as pernas.

Mas não se põe de pé. Rasteja até uma pequena elevação e, depois, baixa-se para ficar fora da linha de mira do chalé.

Demora vinte minutos a voltar para o carro, por entre a floresta, até à estrada e à curva onde se esforçara por esconder o automóvel, mas sem grande sucesso.

Gjon e Burim estão encostados à mala do Mercedes branco. Estão a fumar e a falar baixinho, quando Enver chega junto deles.

Levantam ambos os olhos quando ele passa para a estrada de terra batida, sacudindo as calças e endireitando o cabelo.

Quando Enver está suficientemente perto, Gjon sussurra:

– Já sabes do Kadri?

– O que é que têm que se coma?

– Hã?

– O que é que têm que se coma? O que é que trouxeram? Uma sandes? O quê?

Gjon e Burim olham um para o outro e depois para Enver.

– Não trouxemos comida nenhuma. Porque é que haveríamos de trazer comida?

– Vocês ficaram de trazer comida.

– O Kadri foi preso. Não sei o que fez – diz Gjon –, mas estava a uns quarteirões do apartamento, quando o detiveram.

– Como é que sabem?

– Eu estava à espera dele à porta do prédio – responde Gjon. – Ele foi lá dentro procurar a caixa e mandou-me...

– Mandou-te o quê?

– Bom... mandou-me ir comprar umas sandes.

– Precisamente.

– Pois. Mas comi-as.

Enver não diz nada. Limita-se a ficar parado, a olhar para eles os dois.

O impulso de se endireitar, de se desencostar do carro, toma conta de Burim, mas reprime-o.

– Não sabia que eram para ti. Depreendi que uma era para o Kadri e a outra para mim. E depois a polícia entrou no café e, quando ele saiu, passou por mim sem me dizer nada. Por isso, comi as duas.

Enver continua sem dizer nada.

– Eu telefonei-lhe a avisar de que a mulher polícia lá estava – acrescenta Gjon.

– Quem mais vem? – pergunta Enver.

– E depois o Kadri foi o único a sair.

– Quem mais vem, porra?

Burim fala pela primeira vez.

– Ninguém.

– Dá-me as espingardas.

Burim e Gjon entreolham-se e hesitam, demasiado tempo.

– Não há espingardas – conclui Enver. – Também não as trouxeram. Nem comida. Nem armas. Nem soldados. Nem sei para que é que se deram ao trabalho de vir!

– Enver, não estamos no Kosovo. Não se arranjam AK debaixo de fardos de palha. Em 1997, pilhámos milhões, biliões de munições. Aqui, é preciso ter aulas de tiro e arranjar uma licença para caçar patos.

– Há espingardas atrás do balcão da Intersport, na rua principal.

– Mas é preciso uma licença para lhes tocar. E se comprares uma, eles conseguem identificar-nos, porque temos de as registar.

– Portanto, em vez de fazerem o vosso trabalho, vocês decidiram proteger-se de terem de preencher papeladas no futuro. E os homens?

– Pisaste o risco, Enver – diz Gjon. – Mataste a mãe do teu filho. Há quem pense que estás amaldiçoado.

– Mas tu estás aqui – diz Enver a Burim.

Estava, mas contrariado. Explicara a Adrijana a história do menino desaparecido e do velho, e ela escutara-o. Não levantou a voz nem lhe pregou um sermão novo e complexo. Limitou-se a escutar e, quando ele acabou, ela disse:

– Não sei nada sobre isso. Se alguém meu conhecido os tivesse, ou andasse à procura deles, eu teria sabido.

– Mas perguntas à tua gente se sabe alguma coisa – dissera Burim.

Se Kadri estava realmente a ameaçar denunciar a relação amorosa deles, Burim queria o assunto despachado. Queria livrar-se da ameaça.

– Não acredito que acabaste de dizer “a tua gente”. Chegámos mesmo a este ponto?

– O ponto a que chegámos foi o do perigo.

– Vou ver o que posso fazer – respondera Adrijana.

Quando Burim recebeu o telefonema de Kadri, soube que não tinha alternativa a não ser ir e fingir que estava tudo bem. Mostrar que não desconfiava de que estavam a desconfiar de si.

Burim percebeu que só havia uma maneira de resolver aquilo e era que Enver saísse do país. Kadri era um rufia e um traficante de droga, mas tanto quanto Burim soubesse, não era um assassino. Se bem que talvez fosse. Histórias do velho país chegavam ao norte arrastadas como folhas pelo vento. Não dava para perceber o que era verdade e o que era mentira. Não havia maneira de averiguar a origem de cada uma delas.

Havia uma alternativa, claro. Era Enver ser detido... ser trancado numa jaula, como merecia, e onde deixaria toda a gente em paz. Mas, ainda assim, eles ligariam a pedir favores. A dizer que a família de Burim estava em dívida para com ele. Que Burim era um soldado e precisava de se apresentar e servir o país.

E havia uma última solução. Que Enver morresse.

Burim tinha medo até de acalantar esse tipo de pensamento. Nunca o tivera antes. Mas o problema era que um favorzinho, um pedido peculiar mas insignificante, se transformara noutros maiores, que cresceram e se expandiram, até que, no ano passado, tivera nas mãos meio quilo de heroína, numa caixa que pousara em cima da mesa da cozinha e ficara especado a olhar para ela. Valia dezenas de milhares de coroas, aquele bloco castanho do Afeganistão, um país onde um bando de homens tribais cultivava papoilas em campos abertos, que de dia levava com tiros de helicóptero e, à noite, levava com os talibãs a reclamarem a sua parte. E ali estava ele, em cima da sua mesa da cozinha, junto do saleiro e do pimenteiro, enlaçados num abraço rosa e azul, que Adrijana comprara numa loja qualquer sofisticada de Oslo.

Uns dias depois, Kadri telefonara e pedira-lhe a caixa. Por isso, Burim levava-lha a Åpent Bakeri, numa mochila laranja da JanSport que Adrijana acabaria por perceber que desaparecera e ficaria a pensar como é que era possível tê-la perdido. Entregou-a a Kadri e, como se um tumor maligno tivesse sido excisado, o tijolo da maldição castanha sumiu.

Não sobraram vestígios dele, a não ser as quinze mil coroas que Kadri acabou por lhe dar. Por isso, Burim foi ao centro comercial Paléet e comprou uns livros para Adrijana, subscreveu a eMusic.com durante dois anos a preço de desconto, comprou um novo casaco de inverno para si próprio e depositou o resto na conta-poupança.

Burim lembra-se de sair do banco, nessa tarde, perto de Majorstuen, com os braços carregados de compras, a perguntar-se o que é que tinha acabado de acontecer. Não percebia bem, mas uma parte de si sabia que assinara um contrato implícito com umas pessoas que não cumpriam as suas promessas. E a ideia enchera-o de pavor.

Gjon apoia-se num joelho, na terra seca, e abre um pequeno saco verde. Tira três facas Bowie grandes, com o cabo de madeira e latão.

Enver está ao telefone. Não lhes diz a quem está a ligar. Quando acaba o telefonema, olha para trás, para o homem que em tempos foi seu amigo.

Gjon entrega as facas a Burim e a Enver. Observam-nas ambos com um certo desconcerto, mas por motivos diferentes.

Enver faz a pergunta que também passou pela mente de Burim.

– O que é que estás à espera que façamos com estas facas?

Gjon levanta-se, abre a mala do Mercedes e guarda o saco verde ao lado do pneu sobresselente e do balde de material de limpeza.

Burim ouve, então, Gjon responder num tom que nunca o tinha ouvido usar antes.

– Como queiras, Enver, que porra! Foste tu que fizeste esta merda! Eu quero despachar isto de uma vez por todas. E depois quero que tu e o teu puto bastardo se ponham a milhas daqui e nunca mais voltem.

Burim dá um passo atrás com a faca.

Enver não se mexe. Depois, faz que sim com a cabeça. Um mero aceno. A seguir, pede um cigarro a Gjon. Gjon deixa descair os ombros ligeiramente e leva a mão ao bolso para tirar o maço de Marlboro vermelho que está quase vazio, e bate com o maço na primeira articulação da mão esquerda para soltar um cigarro.

Gjon tinha reparado que os soldados americanos costumavam compactar os cigarros. Tiravam um e batiam com o filtro numa mesa, ou numa pedra, ou no capacete de um amigo para que o tabaco ficasse comprimido e o papel branco do cigarro formasse um túnel vazio na ponta, que queimava depressa e com intensidade quando os soldados puxavam a primeira fumaça.

Os soldados russos faziam o oposto. Rolavam os cigarros entre o polegar e o indicador, para que as folhinhas de tabaco se separassem e enrugassem. Fizesse chuva ou fizesse sol, os russos protegiam o fósforo com as duas mãos em concha, para que o vento não lhes apagasse a chama preciosa.

Dá um a Enver, que o põe entre os lábios.

– Acende-mo – diz Enver, com a faca Bowie na mão direita.

Gjon enfia a sua lâmina no cinto e tira os fósforos suecos do bolso das calças de ganga azuis. Acende um fósforo na carteira e protege-o imediatamente com as mãos em concha, como um russo. Segura na chama como se estivesse a pegar num passarinho antes de o libertar.

– Segura o fósforo mais alto – diz Enver.

Gjon aproxima-se e ergue as mãos mais perto do rosto de Enver. Suficientemente perto para que, até na sombra, a chama ilumine os olhos cansados de Enver.

Quando Enver se inclina para a frente para colocar a ponta do cigarro entre as mãos em concha de Gjon, Burim vê a ponta da faca apontada ao torso de Gjon.

Depois, quando o cigarro se acende, vê os dois homens olharem intensamente um para o outro.

Tem havido tantas conversas sobre aquilo a que chamam a sua pátria. O cheiro da terra. O sabor da comida. Os valores dos homens e as recordações das mulheres. Falam sobre os que morreram e o que devemos aos mortos. O que os sérvios lhes fizeram. Se nem todas as recordações, nem todos os ditos factos, são reais, pelo menos as emoções são-no e provêm de memórias que foram arrancadas à vida.

Burim pesquisara a história para averiguar o que era verdade e o que era mito. Seguirá Adrijana até à biblioteca e passará horas na Internet a procurar os nomes de aldeias de que ouvira falar. Bela Crkva. Meja. Velika Kruša. Djakovica. Tinha havido massacres sérvios em todas elas. Mas Burim nunca esteve em nenhum desses lugares. Nunca passou pela experiência da matança. A sua dívida para com Enver, em especial, e para com a causa da independência – e dignidade – kosovar é abstrata e distante.

Ali, naquela estrada à sombra das árvores, a dois mil quilómetros das histórias sussurradas e dos sonoros silêncios, Burim observa aqueles dois homens de olhos fixos um no outro e, pela primeira vez, percebe o quão perto está a morte. O que é

que tanto aterroriza Adrijana. O que é o cheiro que ela sente na roupa dele, quando Burim regressa à noite a casa. E o que ele leva para a cama. O que os persegue é a história.

Enver acende o cigarro e levanta a cabeça. Gjon abre as palmas e deixa cair o fósforo aceso, que toca no chão e arde um instante e depois se apaga.

Gjon não baixa os olhos para a faca. Também não recua. Limita-se a dizer a Enver:

– E agora?

Enver puxa uma longa fumaça e sente a avidez esmorecer. Depois, faz um aceno de cabeça para Gjon.

– Ontem à noite, eles pressentiram a minha presença, mas não viram nada. Hoje, descansaram e todos esperámos pelo velho e pelo puto. Esta noite, atacamos a casa.

:::::

Na noite anterior, no chalé, Rhea fixou a floresta durante muito tempo. Depois, foi lá fora e caminhou até à orla do bosque. Não viu Enver a observá-la pelos binóculos, intensamente, a tirar as medidas às calças pretas de cabedal, às botas pretas, ao casaco de cabedal *vintage* com fechos de aço, aos olhos azuis intensos e ao cabelo preto e comprido.

A observar as ancas dela, enquanto Rhea se aproximava.

Suficientemente longe para se sentir segura, mas suficientemente perto para ver com atenção, ela agachou-se e começou a apanhar pedras pequenas. E outras não tão pequenas. Levantou-se e lançou-as para a floresta. Não estava a apontar exatamente na direção dele; estava a varrer o terreno de uma ponta à outra.

Mas nada aconteceu. Nenhum bando de pássaros levantou voo. Nenhum veado largou a correr. Nenhum cão coxo saiu da mata, em busca de afeto. Nada, a não ser o silêncio.

Rhea virou-se e viu Lars, encolheu os ombros e voltou para junto dele. Deu-lhe umas palmadas no peito.

– Obrigada por me aturares.

E depois, inesperadamente para Lars, ela começou a chorar. Foi só um minuto e de seguida enxugou as lágrimas, sorriu, riu-se e bateu-lhe novamente no peito.

– Que dia! – exclamou.

De volta a casa, ele preparou uma refeição simples de massa com molho de tomate de frasco. Depois do jantar, Lars despiu-a e ajudou-a a vestir um pijama às riscas. Sacudiu o edredão e puxou-o para cima dela, enquanto Rhea se enroscava na posição fetal. Entalou as pontas do edredão para a proteger do frio noturno e afagou-lhe o cabelo. Leu-lhe um conto de um exemplar antigo da *The New Yorker*. Depois, abriu a janela um nadinha para arejar o quarto, apagou a luz e retirou-se para a sala, para arrumar as coisas e fazer uns desenhos para um novo videojogo que tinha em mente, um jogo em que uma pessoa vagueia pelos famosos estúdios de Hollywood

com uma arma gigantesca, a eliminar versões zombies de atores e outras celebridades.

De manhã, Rhea acordou com o peito de fora e as cobertas puxadas para trás, enquanto o sol nascente aquecia o chalé. Lars levantou-se, nu, para fazer café no fogão de ferro. Não havia vizinhos num raio de quilómetros, por isso saiu de casa e moeu os grãos nos degraus, enquanto contemplava a floresta.

Foi fácil para Lars perceber porque é que Rhea se tinha assustado. O caminho para o chalé tem mais de quinhentos metros de comprimento e atravessa um bosque que, uma vez, Rhea comparou ao de Ichabod Crane⁵ quando foge do cavaleiro sem cabeça. Mas Lars cresceu ali. Conhece as árvores, os animais, os sons que fazem e os seus ritmos diurnos e noturnos. Mudam com as estações e as estações sucedem-se umas às outras, cada uma com os seus prazeres e desafios únicos. As coisas não são assustadoras em si, conclui Lars; precisam de nós para o serem.

Passam o dia em sossego. Lars faz questão disso.

Perdeste o bebé. E no dia seguinte, uma vizinha foi assassinada em nossa casa. E o teu pai desapareceu.

É meu avô.

É como se fosse teu pai.

Sim, tens razão.

Não podemos fazer nada agora, a não ser esperar e descansar. Precisas de recuperar as forças. O teu equilíbrio. Podemos jogar Scrabble em inglês. Podes inventar palavras e convencer-me de que existem.

Porque é que não emitem um alerta de pessoa desaparecida? Porque é que não põem a cara dele em todos os noticiários?

A Sigrid disse que é por o apelido dele ser o mesmo que o teu e o teu nome estar na porta. Se os assassinos souberem que ele desapareceu, podem começar a procurá-lo também. E começar a pensar se ele terá visto alguma coisa. E dizem que talvez o menino esteja com ele. Se os assassinos andarem à procura do menino e souberem que o Sheldon desapareceu, saberão que a polícia não o tem.

Parece tudo tão rebuscado...

É como o xadrez. Esta fulana... a Sigrid... é cautelosa.

Ela acha que corremos perigo?

Não. O crime parece não ter nada que ver connosco. E não há motivo nenhum para que os assassinos saibam da existência desta casa. Ainda assim, a polícia de Kongsvinger sabe que estamos aqui. Em princípio, estamos a salvo.

Esperam por telefonemas ao longo do dia e descansam.

Às seis da tarde, enquanto o dia ainda está convidativo e quente, Enver Bhardhosh Berisha transpõe a porta de entrada do chalé, com Burim e Gjon, e vai direito ao frigorífico.

⁵ Protagonista do conto *A Lenda de Sleepy Hollow* (1820), de Washington Irving. (N. da T.)

TERCEIRA PARTE

New River

Capítulo 15

No quarto de Sheldon, lá longe em Oslo, há um poema norueguês. Rhea encontrou-o num alfarrabista em Nova Iorque e ficou espantada com a sua força e o emprego precoce do verso livre em tradução. Fotografou-o, emoldurou-o e ofereceu-o a Lars como prenda de anos.

Está pendurado por cima do candeeiro da mesinha de cabeceira de Sheldon. Quando ele se senta na cama e olha para as fotografias da sua família desaparecida, por vezes desvia o rosto. E quando o faz, os seus olhos recaem no poema.

Foi escrito em 1912 e traduzido para inglês por um professor da Universidade do Minnesota. A universidade publicou-o numa obscura coletânea intitulada *Poemas da Moderna Escandinávia*, sete anos depois de a Noruega se ter tornado independente da Suécia.

*Noruega. Uma dádiva
para as tribos nómadas que rumaram
cada vez mais para norte
no tumulto orquestral de costas salgadas
e terra escarpada dividida pelo mar,
refúgio de deuses que o tempo esqueceu.
Derramando vinho como crianças,
em salas vazias e ecoantes,
à espera, em vão, de visitas distantes,
as chamuscas e os cantos elevando-se
serenos e luminosos para o céu cada vez mais escuro.
Uma proclamação à noite eterna.
Um coro de velas e especiarias.
Nós... dizem. Crianças das regiões do norte,
com pais enterrados no berço desta terra.
Todas as memórias tecem uma só história:
Esta... dizem.
Esta é a nossa terra.*

Esse mundo rodeia-o, agora. Nunca o tinha visto antes. Estão em movimento há horas. Com uma vista panorâmica, do cimo do trator, Sheldon consegue evocar as imagens que o poema lhe criara na mente. Não se recorda das palavras exatas, mas lembra-se do tom e do fluir das metáforas. Vêm-lhe à cabeça, agora, porque o vento

lhe fustiga o rosto enquanto o *chassis* treme debaixo dele, com Paul e o bote a reboque. Aquela terra à sua volta – tão silenciosa, antes – começa agora a falar sob o olhar contemplativo de Sheldon. Ele começa a sentir que o próprio silêncio é uma espécie de linguagem. Contém mais do que morte e memória. Mais do que as vozes dos defuntos. Há algo no silêncio da Europa que ele nunca tinha ouvido antes. Mas não viverá o tempo suficiente para o compreender plenamente e, assim sendo, encara essa intuição desapeadamente, como se fosse um poema encontrado por acaso. Sem título nem autor. Um poema vivido e perdido para sempre.

Desafiando a idade e a gravidade, põe-se de pé, direito e alto, no trator em movimento e deixa o mundo deslizar debaixo de si. Observa as árvores a aproximarem-se, primeiro devagar e depois mais depressa.

Mete pela Husvikveien, depois pela Kirkeveien e, a seguir, Froensveien. Vira para Årungveien e Mosseveien e, por fim, para a Rv 23 e a E18, onde não há nada entre eles e a terra suave, que ondula como o mar e diz tantas coisas que Sheldon não consegue apreender.

:::::

Mario estava a pôr um pano na cabeça de Sheldon quando ele abriu os olhos.

– Estás bem, Donny?

– Não me sinto lá muito bem.

– Um médico enfaixou-te a perna. E pôs um bilhete na tua camisa.

– O que é que diz?

– Ferido, mas bem.

– Mais claro era difícil.

– Como é que vieste aqui parar? – perguntou Mario.

Donny pensou nisso. Tinha sido atingido a tiro na água, quando se aproximava do paredão. Ripostou. Depois, perdeu os sentidos. Agora, doía-lhe a cabeça. Pode um ferimento migrar de uma parte do corpo para outra?

– Vim de barco.

– Que barco? O de desembarque? Não te vi a bordo.

– Não. Num barquinho. Um bote. Roubei-o aos australianos. Devo ter dado à costa. Ou alguém me rebocou, vá-se lá saber.

– É por isso que estás molhado?

– Sim, Mario, é por isso que estou molhado.

– Consegues pôr-te de pé?

– Acho que sim.

Donny não sabia ao certo que horas eram, nem quanto tempo passara desde que as tropas tinham ocupado as três praias. Os tanques T-34 estavam em formação, imóveis e sedentos na praia, a arrefecerem. Um hospital de campanha já tinha sido montado. Por cima de si, conseguia ver o farol coreano de Palmi-do. Estava maré alta e o sol refletia nos cascos das embarcações. Os homens fumavam. Reinava a

calma.

Mario ajudou Donny a levantar-se até ficarem olhos com olhos. Sorriram ambos.

– É bom ver-te – disse Mario.

– Não me venhas com lamechices.

– Devíamos tirar uma foto.

– De quê?

– De nós!

– Porquê?

– Somos irmãos de armas! Tiramos uma foto e um dia mostramos aos nossos filhos, para eles se orgulharem de nós.

– Achas mesmo que vamos conhecer miúdas?

– Eu, sim. Tu... talvez uma vaca jeitosa. Ou uma pata. Dizem que as patas são excelentes amantes.

– Ah, sim?

– Sim – respondeu Mario. – E quando a relação der para o torto, podes sempre comê-la.

– Onde é que está a máquina?

Mario pousou a mochila e de dentro dela tirou uma Leica IIIc. Era de aço inoxidável e reluzente, com o punho em pele de tubarão. Deu-a a Donny.

– Não sei usá-la.

Por isso, Mario ensinou Donny a ajustar a velocidade do obturador, a definir a intensidade das cores e a regular a abertura do diafragma. Durante todo esse tempo, as forças americanas, canadianas e sul-coreanas estavam ocupadas a limpar os destroços da batalha na praia e na água. De martelo em punho, construíram centros de abastecimento e içaram materiais nas docas. Enquanto os dois jovens falavam sobre os cliques e estalidos íntimos da máquina fotográfica, atrás deles Inchon era transformada numa base de operações a norte contra as forças comunistas.

– Já percebeste? – perguntou Mario.

– Acho que sim.

– Tira-me uma, primeiro.

Ouviram tiros ao longe, uma sensação vaga de que a luta continuava nas colinas, envolvendo o que restava da resistência local, enquanto Mario recuava para o lugar onde queria tirar a foto. Donny tinha as mãos pegajosas do mar oleoso e limpou os dedos com areia nas calças molhadas, para não estragar a máquina de Mario.

Quando levou a Leica ao olho, teve consciência de que nunca tinha olhado através de uma máquina antes. Em tempos distantes, podia ter brincado com uma, mas nunca o fizera. Sempre que olhara por um visor, fora pela mira de uma espingarda. A primeira vez foi um alvo em New River, na Carolina do Norte, onde treinou com os fuzileiros perto de Camp Lejeune. Tinha sempre uma comichão que foi treinado para não coçar.

Se te coçares, revelas a tua posição e levas um tiro. Alguma pergunta?

A sua unidade de Raiders consistia em quinze voluntários. Durante cinco semanas, treinaram tiro ao alvo. Aprenderam a fazer missões de reconhecimento e patrulha, a ler mapas, a fazer demolições, camuflagem e a disparar com uma mira. Aprenderam a ficar imóveis, a perder-se, a equilibrar-se, a resistir a impulsos, a respirar e a controlar-se. Até o seu ritmo cardíaco Sheldon aprendeu a abrandar.

Ensinar-lhes o alcance de tiro, o vento e a luz. Falaram sobre espingardas, munições, armeiros e miúdas. Discutiram *jazz* e motores de automóvel. Disputaram-se por causa de cigarros. Aprenderam a dizer palavrões e a insultar os grupos étnicos e religiosos uns dos outros, e inventaram um vocabulário altamente especializado para descrever feitos.

Snarf (devorador): um rapaz que cheira os bancos das bicicletas das raparigas.

Twerp (idiota): um tipo que enfia uma dentadura postiça entre as bochechas do rabo.

Exercitaram-se a matar pessoas, em antecipação do momento em que esse conhecimento lhes seria útil.

Para o atirador, o dedo indicador era um instrumento de morte. Mas, no caso da Leica, o amigo estava a pedir-lhe para manter a mão firme e usar o seu treino para encontrar um enquadramento na imagem que via e não um alvo. Para usar o dedo para tornar esse enquadramento imortal e não para o destruir. Para dar vida a um momento e não para provocar o seu fim.

Segurando na máquina fotográfica, horas apenas depois de ter matado homens no mar, de madrugada, Donny sentiu-se transformado.

A sensação de assombro, de humildade e de simples prazer ao regular a lente para tirar uma fotografia foi imediata. Mario falara-lhe uma vez da transubstanciação, em que o pão e o vinho se transformam no corpo e no sangue de Cristo. Até pegar na máquina fotográfica, Donny sempre troçara de Mario pelo absurdo disso. Agora, olhando pelo canhão da lente, acreditou que tal coisa era possível.

Sorriu para Mario.

– Vamos tirar uma como deve ser – gritou.

No canto superior esquerdo, no que viria a ser uma fotografia a preto e branco, estava o farol. Mario encontrava-se ligeiramente mais abaixo, à direita. A costa e o mar negro ficavam à esquerda e, no extremo direito, estendiam-se as dunas até à elevação que levava a Palmi-do. Estava tudo em ordem, mas havia qualquer coisa no enquadramento que não lhe parecia bem.

– Recua um pouco – disse Donny. – Não quero cortar-te os pés.

Mario nem pensou duas vezes. Não fez uma pausa, não se insurgiu contra a presunção de Sheldon de que devia ser ele a mexer-se. Porque haveria de o fazer? Mario era uma pessoa boa e prestável, que não encarava a sua amizade com Donny como uma competição para ver quem era mais forte. Era um rapaz italiano numa costa distante, numa batalha vitoriosa com uns quantos mortos, e ali estava o seu amigo perdido pegando na sua máquina preferida e intacta, pronto para comemorar o

instante.

Durante sessenta anos, Sheldon fará a si próprio uma pergunta. Fá-lo-á enquanto conserta relógios e quando parte nas suas expedições noturnas, quase quotidianas, com a Força Ribeirinha, depois da morte de Saul. Fá-lo-á quando Mabel se levanta da mesa de um restaurante para ir retocar a maquilhagem e o deixa sozinho, a mexerica nos talheres. É uma pergunta à qual só conseguirá responder agora, ali na Noruega, quando as recordações, outrora devidamente guardadas, começam a afirmar-se e a mudar de natureza. A emergir de lugares secretos, como um armário, e a exigir serem reveladas, lembrando-lhe que, em breve, terá de enfrentar tudo isso.

A pergunta que fará a si mesmo é porque é que mandou Mario recuar em vez de recuar ele próprio.

Alguém tinha de se mexer, isso era claro. A lente da Leica não tinha um botão de *zoom*. Não tinha uma teleobjetiva. Ele não podia rodar o pulso e tornar o mundo mais próximo ou mais distante. Naquela época, a sua relação com o mundo era fixa. Era visto através de uma lente de 50 milímetros. Naquela época, captávamos o que vivíamos.

Esse alguém, contudo, não tinha necessariamente de ser Mario. O próprio Donny podia ter recuado uns metros. Se tivesse sido ele a mover-se, Mario teria ficado enquadrado na perfeição. E se Mario tivesse recuado, o resultado teria sido o mesmo.

Então, porque é que pediu a Mario para se mover, em vez de o fazer ele próprio?

Eu tinha o corpo a pegar e sentia-me desconfortável e irritadiço e tinha um ferimento na perna e não me apetecia mexer. Essa era uma resposta. Tentou usá-la durante anos, mas faltava-lhe convicção. *Com o Mario, não sei porquê, eu era sempre o mais velho. O mais sábio. Talvez fizesse parte da nossa dinâmica ele mexer-se e eu não, ele obedecer às minhas instruções em vez de andar eu ao passo dele.*

Tudo isso era verdade. Mas não tinha importância nenhuma. Talvez justificasse a naturalidade do pedido, mas não fora essa a origem do impulso. Donny não tinha nada a provar junto de Mario.

O farol de Palmi-do era pequeno, atarracado e branco, destacando-se contra o céu cinzento e enevoadado. Era calmo e imutável em contraste com o bulício dos estrangeiros que criavam um novo mundo à sua volta. Era um ponto estável num mundo em mudança. Reconfortava Sheldon. Era... lindo.

Não tinha vontade de se mexer. Não queria que nada mudasse nunca.

A beleza daquele momento eterno, passando através de Donny, matou Mario.

Ninguém sabe em que é que Mario pisou. Provavelmente numa peça de artilharia que não explodira. Fosse o que fosse, precisou apenas que o pé suave dele lhe tocasse.

A explosão mandou Mario pelos ares. Donny nunca saberá se foi coincidência ou o impacto assustador da onda de choque, mas, seja qual for a causa, a verdade é que

o seu dedo premiu o obturador no preciso instante da explosão, captando para todo o sempre uma imagem terrível.

Em 1955, abriu a máquina de Mario, encontrou o rolo e revelou-o. Foi nesse ano que Sheldon partiu mundo fora com a Leica. O rolo só tinha uma fotografia. Nunca a poderia publicar. Nunca a mostrou a Mabel. Nunca deu a entender sequer que ela existiu, nem explicou o poder que exercia sobre ele: foi aquela foto que o fez calcorrear a Europa toda, visitar as capitais e os campos de concentração.

Rhea não sabe, mas a fotografia está ali, na Noruega. Está num grosso envelope de papel pardo, no cimo do seu armário, juntamente com quarenta ou cinquenta outras fotos que nunca ninguém viu. A maior parte delas são fotos de Saul em bebé, em criança de colo, antes de entrar para a escola. Algumas são de Mabel.

Uma, por baixo das outras todas, mostra o seu velho amigo Mario a ser arrancado da terra, as suas pernas já desligadas do corpo, um farol branco a um canto e um sorriso ainda no rosto.

Capítulo 16

– Oh, merda! – exclama Sheldon.

No espelho retrovisor esquerdo do trator, Sheldon vê o carro-patrolha menos intimidativo de todos os tempos. É uma carrinha Volvo, branca com uma risca vermelha e outra azul pintadas de lado. Irradia tudo, menos uma sensação de fatalidade. Impõe tanto respeito como um contínuo de liceu.

E, no entanto, dentro do carro vai um polícia munido de rádio.

Sheldon pondera as suas opções. Não pode fugir ao polícia. Não se pode esconder. Lutar seria impossível e completamente inadequado.

A eterna sabedoria do Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos vem-lhe imediatamente à cabeça, através da voz do sargento de instrução.

Basta teres uma opção para teres um plano!

O adversário que sai do carro-patrolha é um cavalheiro ligeiramente anafado, de cinquenta e muitos anos, com um rosto afável e um porte descontraído. Não leva arma e não parece particularmente incomodado.

Sheldon ouve o homem dizer qualquer coisa delicada a Paul, mas, daquele ângulo, não consegue ver Paul nem ouvir a resposta do garoto, se é que ele respondeu. Provavelmente afundou-se ainda mais no bote sem responder.

Sheldon inspira fundo e compenetra-se do seu papel, enquanto o agente se aproxima do trator.

O polícia fala norueguês.

Sheldon, não. Mas também não opta por falar inglês.

– *God ettermiddag* – diz o polícia.

– *Gut'n tog!* – replica Sheldon, entusiasticamente, em iídiche.

– *Er du fra Tyskland?* – pergunta o agente.

– *Jo! Dorem-mizrachdik* – diz Sheldon, esperando que aquilo ainda signifique “sudeste” como há cinquenta anos, quando usou o termo pela última vez, e partindo do princípio de que “Tyskland” significa Alemanha em norueguês.

– *Vil du snakke engelsk?* – pergunta o agente que, pelos vistos, não fala alemão, nem a língua que Sheldon está a fingir que é alemão.

– Falo um pouco inglês – diz Sheldon, tentando não parecer demasiado nem o Wernher von Braun, nem o Henry Kissinger.

– Ah, ótimo. Eu também falo um pouco inglês – retorque o agente, na língua que aparentemente nem lhe passa pela cabeça ser a língua-mãe de Sheldon. – Pensei que fosse americano.

– *Amerikanisch?* – responde Sheldon, esperando ter acertado no termo iídiche. –

Não, não. Alemão. *Und* suíço. *Ya*. Porquê deixá-los zozegados. Na Norruega com meu neto. Só fala sueco. Menino burro.

– Fato interessante que ele veste – comenta o polícia.

– Viking. Gosta muito Noruega.

– Já vi que sim – responde o polícia. – Mas é interessante que tem uma grande estrela judia no peito.

– Ah, sim. Estudou judeus e vikings na escola na mesma semana, vá-se lá saber porquê. Querria ser os dois. Sou avô. Como dizerr não? Semana pazada, grregos. Próxima semana, talvez zamurrai. Tem netos?

– Eu? *Ya*. Seis.

– Seis. Natal zai carro.

– *Ya*. Meninas só querem coisas cor-de-rosa e nada é do tamanho certo. E os meninos querem sempre mais carros.

– Comprre um relógio parra o menino. Ele vai lembrrarr-se. Do Natal e de avô. O tempo está contrra nós, velhos. Mais vale renderrmo-nos a ele.

– É uma bela ideia. Sim, uma bela ideia.

Sheldon pergunta:

– Ia muito deprressa?

O agente sorri.

– Não, não ia muito depressa. Tenha um bom dia.

– *Danke*. Um bom dia para zi também, senhor polícia.

Quando o Volvo arranca, Sheldon mete primeira.

– Agarra-te aí atrás – grita ele para Paul. – Vamos procurar um sítio para passar a noite. E temos de nos livrar desta geringonça.

::::

Saul regressou da sua primeira comissão num voo comercial da Pan Am que fez Saigão-São Francisco. Tinha vinte e dois anos. Dezoito horas antes de embarcar, vestido à civil, com um romance de Arthur C. Clarke no bolso do casaco, tinha atingido um vietcongue com a sua M-16. O homem, vestido de preto, fazia parte de uma brigada de três indivíduos que estavam a instalar um morteiro. O motor do barco de Saul estava desligado e andavam à deriva. O Monge avistou os vietcongues e fez um sinal de cabeça na direção deles. Saul não era um atirador de elite como o pai, mas foi o primeiro a distinguir a forma dos homens entre as sombras das árvores e a luz da copa. Disparou três cartuchos de rajada e um deles atingiu o desconhecido na barriga. Os outros homens fugiram a sete pés. Os fuzileiros foram a terra, depois, buscar o morteiro. Encontraram o vietcongue que Saul atingira a tiro. Tinha uma segunda bala na cabeça, disparada à queima-roupa.

Terminada a missão, o barco regressou ao porto. Organizaram uma pequena festa de despedida para Saul, com cerveja, música *rock* e piadas porcas. Depois de entregar o seu equipamento e espingarda, preenchendo uma pilha de papelada, e de

vestir a roupa com que fora para o Vietname, levaram-no de camioneta para o aeroporto e mandaram-no para a América.

Ou para uma espécie de América.

Leu o livro no avião, lutando contra o sono. Não conseguia dormir em paz, porque não sabia o que era uma verdadeira noite de sono pacífico há dois anos. Tinha muitos pesadelos sobre as coisas que vira e fizera. Sofria, porque a sua cabeça não parava de tentar dar sentido a tudo. O zumbido da cabina do avião era sedutor e embalou Saul até a sua mente começar a sonhar acordada, o que era perigoso. Porque é aí que vivem os monstros.

Viu outros homens beberem vodca e conhaque gratuitos. Pensou em fazer o mesmo, mas o seu ADN judeu não o deixou. O álcool apenas lhe daria sono em vez de lhe trazer alívio.

Saul olhou para o homem do outro lado do corredor em busca de algum sinal de reconhecimento. Tinha um peito e um pescoço fortes, e usava umas calças largas cinzentas com uma camisa azul engelhada. No tabuleiro à frente dele estavam três diminutas garrafas de *gin*; não levava nada para ler. Sentiu o olhar de Saul e fitou-o. Os olhares de ambos cruzaram-se, mas depois ele desviou o seu.

A América onde aterrou foi a de São Francisco, em 1973, cheia de cores e música, casais inter-raciais e homossexuais exuberantes. Ninguém lhe cuspiu em cima e ninguém lhe chamou assassino de bebés. Mas ao passar por eles, com o seu cabelo rapado e saco de lona, e eles com o seu cabelo comprido e óculos escuros, observaram-se uns aos outros como se fossem animais estranhos e exóticos, tão distantes e desconhecidos como criaturas num zoo mitológico.

A única experiência que, a seu ver, se assemelhava àquela era a sua chegada ao Vietname, havia dois anos. Durante a tropa, conhecera a escumalha americana recrutada para a guerra, mas isso não o preparara para as camadas, padrões e perplexidades que encontrou no Vietname. Para as histórias e motivos, humores e memórias entretecidos de toda aquela gente.

Não compreendia a Marinha. Não compreendia Saigão. Não conseguia perceber os comerciantes silenciosos nem os vietcongues traiçoeiros. Os comunistas e as suas famílias budistas desconcertavam-no.

Tentou ver uma centelha de familiaridade nos olhos de uma mulher – uma adolescente, na realidade – quando ela o atingiu a tiro, um mês depois de ele ter chegado ao país, ao lado de uma cabana de telhado de colmo numa aldeia lamacenta, e antes de ela ser queimada viva numa torrente de fogo cusvida pelo lança-chamas do Monge.

Ditavam os costumes que Saul lhe agradecesse depois disso. Ainda abrira a boca para tentar, mas o Monge virou-lhe as costas.

Percebeu – vagamente e com informações parciais recolhidas através dos jornais e dos militares, e de antigos soldados e de rumores e noticiários – o porquê daquela guerra. Mas não fazia ideia de quem eram aquelas pessoas. De algum modo, a guerra

era o produto do que elas todas faziam quando acordavam todos os dias de manhã. Mas o que faziam parecia uma loucura e, por isso, a guerra – o *termo* usado para designar a peça de teatro em que ele estava envolvido – tornou-se uma abstração, ao mesmo tempo que ela se tornava mais real e tangível.

Como não conseguia compreender a situação na sua perspectiva mais geral, tentou captar as histórias mais pequenas. A relação com um colega. A razão pela qual se dizia que o coronel adormecia todas as noites a chorar. O que o seu pai pensaria daquilo tudo.

No voo de regresso a casa, imaginou diferentes maneiras de conversar sobre aquelas coisas com o pai, que passara anos na Coreia com os fuzileiros. Seriam mais do que pai e filho, quando ele regressasse. Seriam também veteranos de guerras estrangeiras: veteranos americanos que tinham estado no teatro de guerra, rapazes que passaram para o outro lado de um espelho. Tinham mudado, ambos, e conquistado o direito, perante a lei tribal antiga e universal, de falar de uma maneira nova e de exigir o respeito e a autoridade que não são permitidos àqueles que não foram batizados pelos fogos da guerra.

Com o tempo, Saul foi capaz de distinguir as pessoas que conheceu no Vietname e aprendeu a classificá-las por categorias. Estas estão do meu lado. E aquelas, não. Com estas pode-se argumentar. Com aquelas, não. Por fim, surgiu uma categoria na qual ele se conseguia encaixar. Era uma caixa construída pelo pai e levava o rótulo, pelo menos por fora: *Judeu Patriótico*. Por dentro, estava cheia de coisas que nenhum dos dois jamais teria imaginado. Sheldon enchera-a com ideias de uma guerra passada e de uma era passada. Saul encheu-a simplesmente com pesadelos e impressões.

Saul ia passar apenas uma noite em São Francisco, antes de voltar a rumar para leste. Apanhou um táxi para um motel barato perto do aeroporto e viu televisão a noite toda, enquanto bebia Coca-Cola e Fanta do minibar. Entre as oito e as onze, viu *Uma Família às Direitas*, a segunda parte de *Emergency*, *Mary Tyler Moore* e *The Bob Newhart Show* e, depois, adormeceu a meio de *Missão Impossível*. Atravessara a linha internacional de data, e ainda só era a segunda vez que sentia o *jet lag*. Dormiu calçado. A terra do Vietname sujou a colcha do motel.

No dia seguinte, foi desmobilizado numa visita surpreendentemente rápida à base e, antes que pudesse perceber que voltara a ser um civil sem nada para fazer e ninguém a quem prestar contas, já estava a bordo de um avião a caminho de Nova Iorque.

Quando chegou à porta do apartamento de Gramercy, o sol ia alto e a cidade cheirava bem. Olhou para a campainha com o nome dos pais – um nome que momentaneamente esqueceu que também era o seu – e ponderou se devia tocar ou não.

Sem saber porquê, e sem parar para questionar o impulso, virou costas e foi-se embora.

– Ele deve estar a chegar – dissera Sheldon a Mabel, que estava sentada no sofá da sala com os dois pés debaixo do rabo, a ler a revista de domingo do *New York Times*. Era tardíssimo.

– Não marcámos uma hora.

– Marcámos um dia. Segundo o meu relógio em perfeitas condições, esse dia termina daqui a menos de uma hora. E *então* é que ele estará atrasado.

– Ele passou por muita coisa.

– Eu sei o que ele passou.

– Não, Sheldon, não sabes.

– O que é que tu sabes do que eu sei?

– O Vietname não é a Coreia.

– O que é que tem de não coreano?

– A única coisa que estou a dizer é que não podes achar que sabes o que ele passou só porque voltará com o mesmo ar.

– Foi o que tu fizeste comigo.

– Eras funcionário de escritório.

– Não sabes o que eu era.

Mabel atirou a revista para o chão e levantou a voz.

– Então que raio é que tu eras, diz lá? Primeiro era uma coisa e depois já era outra. Queres o meu respeito? Queres a minha compaixão? Queres que eu compreenda porque é que gritas “Mario” a dormir? Então, diz-me.

– Eu fiz o que me mandaram fazer. É só isso que precisas de saber.

– Porque é assim que os homens agem?

– Não conseguirias perceber.

– Vou-me deitar.

– Eu vou ficar a pé até ele chegar.

– Para quê? Para ele voltar de uma guerra e te ouvir dizer, assim que abrires a boca, que ele vem atrasado?

– Vai-te deitar, Mabel.

– Não estás desejoso de o ver?

– Não sei.

Mabel ficou furiosa e encaminhou-se para o quarto.

– Nem sequer entendo o que isso significa, Sheldon. A sério que não.

– Eu também não.

.....

Enquanto os pais discutiam, Saul estava no último comboio 5 de Union Square para Beverly Avenue em Flatbush, Brooklyn. Fez a viagem toda de olhos fixos nas mãos.

A mulher que viria a ser a mãe de Rhea vivia no primeiro andar de casa dos pais, num terreno tão pequeno que os moradores das casas contíguas poderiam ter passado

rolos de papel higiénico de umas casas de banho para as outras sem se levantarem.

As roupas de Saul estavam-lhe um nadinha grandes: perdera dez quilos no rio Mekong. Postou-se à frente da casa escura, de olhos cravados na janela, como fazia quando era adolescente e tinha esperança de conseguir sexo nessa noite. Conheceram-se num autocarro, quatro anos antes. À maneira desajeitada dos adolescentes, não se escolheram um ao outro, nem se rejeitaram. A sua relação desenvolveu-se sem que conseguissem verdadeiramente aproximar-se nem romper, porque tudo lhes parecia tão *significativo*. Por isso, continuaram. Traíram e pediram desculpa. Depois, ele foi para o Vietname.

Saul apanhou uma pedrinha e atirou-a à janela. Podia muito bem ter sido uma granada. A janela explodiria e, a seguir, ele regressaria ao barco. Mas não era uma granada. Era uma pedrinha.

Ela abriu a janela quase de imediato e olhou para baixo.

Pelos vistos, todos os gajos fazem isto, pensou ele.

– Bem, diabos me levem! – exclamou ela.

– É provável, sim – retorquiu Saul.

Ela vestia uma *T-shirt* muito larga e rasgada de uma banda de que ele nunca ouvira falar. O rosto parecia particularmente pálido. À luz do candeeiro de rua, ele conseguiu ver-lhe os contornos dos seios.

– Quer dizer que voltaste.

– Não sei o que isso significa, mas sim.

– O que é que queres?

– Ver-te.

– O que tu queres é saltar-me para cima. O soldado importante que volta da guerra cheio de tesão. Certo?

– Eu sei lá, só no fim é que sei o que quero.

Por algum motivo, aquela resposta fê-la sorrir.

– Entra pelos fundos.

E ele assim fez.

Quando estava em cima dela, e dentro dela, de olhos fechados, a agarrar-lhe nas coxas com as mãos, ouviu-a dizer:

– Se eu engravidar, é teu, entendido?

Naquele instante, ele pensou que ela queria dizer que o bebé seria dele e não de outra pessoa qualquer. Que não tinha estado com outro homem recentemente. Que ainda havia qualquer coisa entre eles. Que o passado era fiável.

Daí a uns meses, enquanto o bebé crescia, Saul estaria morto. Nunca chegaria a perceber que, naquela noite, ela não estava a falar do passado. Estava a explicar o futuro.

:::::

O velho relojoeiro estava a dormir na sua cadeira da sala quando Saul entrou, no

dia seguinte, às sete e meia da manhã. Ela pusera-o na rua cedo, para que os pais não soubessem que ele passara a noite lá em casa. Ela teimava que, como pagava renda, tinha o direito de fazer o que bem lhe apetecesse no apartamento do andar de cima, mas o pai usava o vocabulário de uma época diferente. Falava sobre o que acontecia “debaixo do seu teto” e que “nenhuma filha minha” ia “envergonhar a família”.

Não dava para conciliar aquela linguagem com o vernáculo de 1973, por isso era um diálogo de surdos, mas eles faziam o jogo, na esperança de que as consequências pudessem ser geridas. A gravidez mudaria tudo. Com a gravidez, já nada poderia ser gerido. Em parte, aquela dinâmica com os pais – se Rhea tivesse tido conhecimento dela – poderia ter explicado o que Rhea tanto queria saber, mas nunca viria a descobrir. Aquela mulher enigmática fora uma desconhecida para Saul e permaneceria uma desconhecida para Rhea.

Saul entrou silenciosamente em casa para não acordar ninguém. Levava o saco de lona verde pendurado no ombro esquerdo e teve dificuldade – como sempre – em tirar a chave da fechadura. O truque era rodá-la ligeiramente torta, no sentido dos ponteiros do relógio, e sacudi-la ao de leve.

Enquanto se debatia com a fechadura, o cheiro da casa chegou-lhe às narinas, deixando-o subitamente nauseado. Um pensamento que até aí nunca expressara assolou-o com a intensidade dos cheiros da sua infância.

Não sou capaz de fazer isto.

Nesse instante em que a sua mente conseguiu finalmente exprimir por palavras aquela sensação, o seu pai falou.

– Bem-vindo a casa.

A chave soltou-se da fechadura e Saul fechou a porta. Deu um passo para a direita e olhou para dentro da sala, que estava na mesma desde a última vez que ele ali estivera. O pai usava roupas sem forma e sem cor, e tinha o rosto abatido e cansado.

Saul pousou o saco ao lado do suporte dos chapéus de chuva e esticou os ombros. Inspirou fundo, sugando o passado para dentro dos pulmões, onde o passado não tinha lugar.

– Obrigado.

O pai não se levantou.

– Estás com bom ar – disse.

– É – respondeu Saul. – E estou bem.

– Tens fome? Queres um café?

– Não, acho que não.

– Achas que não ou não queres?

– Não sei qual é a diferença.

– Senta-te. – Sheldon apontou para o sofá, onde Mabel estivera enroscada com a revista.

A calma do pai era reconfortante, como se compreendesse o que podia ter acontecido no Vietname. Mas Saul nunca compreendera o que o pai fizera na

Coreia. Quando lhe perguntara, o pai limitara-se a dizer: “Fiz o que me mandaram”, o que não ajudara muito. Era mais importante, agora, descobrir o que poderiam ter em comum. O que é que o pai compreendia. O que é que era compreensível.

– Como é que estás? – perguntou Sheldon.

Saul afundou-se nas almofadas demasiado duras, mas ainda assim o seu encolher de ombros foi perceptível.

– Não sei. Ainda não estou aqui a cem por cento.

Sheldon fez um aceno de cabeça.

– Eu peguei na máquina fotográfica e pus-me a andar, quando regresssei. Talvez precisas de fazer qualquer coisa.

– Talvez.

– Pensaste um pouco?

– Ainda nem sequer entrei na fase de pensar. – Saul fez uma pausa e, depois, perguntou: – O que é que *o pai* pensa?

– Eu não penso.

– Não é uma questão de escolha. Eu vi coisas, pai. Eu fiz coisas. Não é possível enfiá-las numa caixa. Tenho de perceber o que aconteceu.

– Fizeste o que fizeste e viste o que viste, porque o teu país to pediu. Cumpriste o teu dever. Fizeste o que fazem os homens. E agora acabou. Tentas adaptar-te novamente à vida aqui e mais nada.

– Eu sei qual é o cheiro de pessoas a arder.

– E agora acabou.

– Ainda me está impregnado na roupa.

– Então, lava-a.

– A questão não é essa.

– Tem de ser. Sabes o que se passa por lá? Não há muitos como tu. Tens de sair do Vietname e regressar à América e retomar a tua vida.

– Há dezenas de milhares de tipos como eu.

– Judeus, não.

– Que porra tem isso que ver com o que quer que seja?

– Tem que ver com tudo. Lutámos que nem uns doidos na Segunda Guerra Mundial. Acotovelámo-nos uns aos outros para nos alistarmos. Mas na Coreia, já não fomos tantos. E agora? Todos os judeus estão na universidade. Na rua, a protestar contra a guerra. Lutam pelos direitos civis, ouvem *rock-and-roll*, fumam erva. Não estamos a ter o peso que devíamos. Estamos a enfraquecer. Estamos a perder o terreno que nós próprios abrimos a pulso.

– Pai. – Saul esfregou o rosto. – Pelo amor de Deus, pai. O que é que acha que se passa no Vietname?

– O que é que se passa? A América está em guerra. E em vez de defendermos o nosso país, estamos a falar como os comunistas.

– Pai. Pai, aquele país é um caos. Há maneiras diferentes de tentar melhorá-lo. E

além disso, já não temos nada para provar. Eu nasci cá. O pai nasceu cá. Os seus pais nasceram cá. Quer mais americano do que isso?

– Ainda há empresas em Wall Street que se recusam a contratar-nos. Há gabinetes de advocacia que não nos querem.

– No sul, ainda matam putos pretos.

– Este país ainda tem um longo caminho para percorrer, eu sei. Mas nós também temos um longo caminho pela frente. Caminho que temos de conquistar.

– O que é que lhe aconteceu na Coreia?

– Fiz o que me mandaram.

– A mãe diz que era funcionário de escritório.

– Isso é o que eu quero que a tua mãe diga.

– Portanto, basicamente, os homens não falam sobre o assunto. A quem é que conta? Ao Bill?

– O Bill também lá esteve.

– Mas não consigo.

– Não. Ele era das forças blindadas. Estava destacado noutra sítio. Conhecemo-nos depois. Na rua. Perto das lojas.

– Fala com o Bill?

– Falo com o Bill todos os dias. Não consigo tirá-lo da minha oficina. Tenho de trancar a porta para isso. E quando o faço, ele telefona-me.

– Talvez tenha uma paixoneta por si.

Sheldon resfolegou.

– Isso é o tipo de coisa que a tua geração diz.

– Acontece.

– Vocês pegam em coisas e transformam-nas naquilo que não são e depois teimam que têm razão e que todos os outros é que são cegos. É o mesmo que fazem os comunistas.

– Não sei quem são os comunistas, Pai.

– São os que andaram a disparar contra ti. Os que querem fazer de ti escravo da sua perspectiva do mundo. Os que puseram pessoas no Gulag por pensarem por si próprias. Por serem livres. Por não defenderem os imperativos do estado e da revolução.

– Andou toda a gente a disparar contra mim. Não sei porquê.

– Pareces o Mario a falar.

– Quem é o Mario?

– Não interessa.

– Quem é o Mario?

– Um amigo.

– Alguém que eu conheço?

– Morreu antes de tu nasceres. Não precisas de saber mais nada.

– Vi muita coisa, pai. Fiz muita coisa.

- Eu sei. Tens fome? Queres um café?
 - Acho que lhe quero dizer o que fiz.
 - Não quero saber.
 - Porquê?
 - Porque és meu filho, eis o porquê.
 - Quero contar-lhe porque é meu pai e porque talvez compreenda.
 - O teu país agradece-te, é só isso que importa.
 - O meu país não me agradece e isso não tem importância nenhuma. Tenho de descobrir como viver aqui.
 - Precisas de uma distração.
 - Como reparar relógios?
 - É assim tão mau?
 - Não podes reparar o tempo, pai.
 - Devias comer qualquer coisa. Emagreceste. Estás com ar adoentado.
 - E estou adoentado.
- Sheldon não disse nada.
- Onde é que a mãe está?
 - A dormir.

Saul levantou-se a custo do sofá e subiu as escadas, duas a duas. Sheldon não se mexeu. Ficou sentado dez minutos, à espera de que Saul voltasse. Depreendeu que Saul tivesse ido ver a mãe. Só passados muitos anos soube que Saul tinha simplesmente ido sentar-se no andar de cima. Espreitar por cima do corrimão como fazia em criança, para ver quem tocara à porta ou com que tipo de disposição o pai vinha do trabalho.

Quando Saul voltou para o andar de baixo, sentou-se à frente do pai, na poltrona de orelhas onde a mãe se costumava sentar a ler um livro ou a ver televisão.

- Como é que tem andado? – perguntou ao pai.
- Eu? Tenho andado a trabalhar muito. A cuidar da minha vidinha. A tentar não me meter em sarilhos.
- Sim, mas como é que tem andado?
- Acabei de te dizer.
- Em que é que pensava quando voltou da Coreia?
- Porquê?
- Porque eu também voltei de uma guerra e quero saber em que é que o pai pensava. Quero saber se é igual.
- Quando voltei da Corei, pensava na Coreia. Depois, refleti sobre o facto de andar a pensar na Coreia e percebi que era uma perda de tempo, por isso parei de pensar.
- Quanto tempo é que isso demorou?
- Não sejas um mariquinhas, Saul!
- O pai pegou numa máquina e foi para a Europa.

– Sim.

– O que é que encontrou lá?

– Tinham passado nove anos desde a Segunda Guerra Mundial. Tu sabes o que eu encontrei lá.

– Não foi lá só para tirar fotografias esquisitas às pessoas, pois não?

– Claro que fui. E tinha jeito.

– Detestava-os, não detestava? Todos aqueles antissemitas sem exceção, não era? Foi lá observar as almas deles com os seus próprios olhos. Documentá-lo, porque não lhes podia apontar uma arma e matá-los.

– Onde é que vais buscar essas coisas?

– Tive tempo para pensar no barco.

– Queres saber o que encontrei na Europa? Encontrei o silêncio. Um silêncio horrível, pavoroso. Não restava uma única voz judia. Nenhuma das nossas crianças. Apenas dois ou três parasitas mansos e em estado de choque, que não tinham partido nem sido assassinados. E a Europa limitou-se a fechar a ferida. Preencheu esse silêncio com as suas Vespas e Volkswagens e *croissants*, como se nada tivesse acontecido. Queres psicologia? Está bem. Provavelmente irritou-os eu mostrar-lhes que ainda ali estava. Para lhes arrancar uma reação.

– Que tinha isso que ver com a Coreia?

– Tudo! Deixou-me orgulhoso. Deixou-me orgulhoso por ser americano. Deixou-me orgulhoso por ter lutado pelo meu país. Lembrou-me que as tribos da Europa serão sempre apenas isso: tribos. Querem chamar-lhes nações? Força. Mas não passam de um bando de tribos tacanhas. A América não é uma tribo. É uma ideia! E eu faço parte dessa ideia. E tu também. Como é que tenho andado? Tenho andado orgulhoso por tu lutares pelo teu país. Por defenderes o sonho. O meu filho está a defender o sonho. O meu filho é americano. O meu filho tem uma espingarda na mão e enfrenta o inimigo. É assim que tenho andado.

Saul não respondeu de imediato. Sheldon não preencheu a pausa na conversa.

– Onde é que estão as fotografias? – perguntou Saul.

– Quais fotografias?

– As fotografias todas que tiraste.

– Estão no livro.

– Essas foram as que tu escolheste. Onde é que estão as outras?

Normalmente, o pai tinha a resposta pronta, disparava-a assim que tinha uma oportunidade. Desta vez, Saul apanhou-o desprevenido.

Sim, há mais fotografias. Fotografias importantes. Fotografias que nunca estão longe de mim.

– Sou o fotógrafo. Eu decido o que é uma fotografia e o que não é.

– Se não é uma fotografia, é o quê?

– Trabalhaste no barco?

– Quero ver as outras fotos.

– Não.
– Um dia?
– Eu não disse que havia mais fotografias.
– A mãe viu-as?
– Ela não passou tempo suficiente num barco para se lembrar de uma pergunta dessas.

– O que é que o fez voltar?
– Tu é que estiveste fora do país. Porque é que me estás a fazer tanta pergunta? Até parece que estou no *The Dick Cavett Show*.

– Tirou mil fotografias em cerca de meia dúzia de países. Depois, um dia, voltou para casa. Porquê?

– Porque a guerra tinha terminado e estavam todos mortos. Eu não podia voltar para a guerra e os meus amigos não iam sair dela, por isso cresci e andei com a minha vida para a frente.

– Qual guerra?

– Chega, Saul, por favor.

Saul tentou preencher as lacunas do que o seu pai não conseguia ou não queria exprimir.

– Eles não podiam voltar da Coreia – começou. – Mas o pai também se está a referir aos que partiram para a guerra, em 1941. Que o deixaram para trás na América. Assistiu a tudo quando era miúdo. Os amigos mais velhos dos seus amigos. O seu primo Abe. O pai era o mais novo e ficou para trás. E por isso alistou-se para ir para a Coreia.

– Saul – disse Sheldon, falando num tom mais calmo. – Eu não parti para a guerra errada. Eu parti para a guerra certa que se seguiu à de 41. Os comunistas mataram milhões de pessoas. Milhões e milhões. Quando me alistei, Estaline governava a União Soviética e estava a construir armas nucleares para usar contra nós. Só não pensamos em Estaline com o mesmo ódio com que pensamos em Hitler, porque, durante a guerra, fomos submetidos a uma campanha de propaganda em massa, a tentar convencer-nos de que o “Tio Joe”⁶ era um herói por nos ter dado uma segunda frente. Mas o “Tio Joe” tinha assinado um pacto secreto com Hitler e a Rússia só estava do nosso lado porque a Alemanha a atacou. Eles não foram a nossa frente a oriente. Nós é que fomos a frente deles a ocidente.

– A mãe disse que às vezes o pai chorava quando ela me pegava ao colo, em bebé.

– Estás a ir longe de mais.

– Porquê?

– Quem é que te ensinou a falar assim?

– As pessoas da minha idade conversam. Diga-me só porquê.

– Porque, quando olhava para a tua mãe contigo ao colo, aqui na América, via as mulheres na Polónia que abraçavam os filhos contra o peito nu, nas câmaras de gás,

e lhes diziam para inspirarem fundo para não sofrerem. Crianças que continuavam a sorrir para os seus carrascos, dando-lhes a mão na fila para a sua própria morte. E isso enchia-me de raiva.

– O pai voltou da Europa porque não podia fazer mais nada – disse Saul.

Sheldon assentiu com a cabeça.

– O que é que eu faço agora, pai?

– Estamos vivos por causa deste país. Com toda a sua loucura. Com a sua história. Com os seus problemas. Continua a ser o nosso campeão e o nosso futuro. Devemos-lhe as nossas vidas. Por isso, protegemo-lo do mal e ajudamo-lo a crescer como deve ser.

– Eu sei – disse Saul.

– E este país está em guerra.

– Eu sei.

– Não sei como podemos honrar os nossos mortos, se não protegemos o único lugar que nos deu abrigo. Se não nos esforçarmos por fazer dele um lugar melhor.

– Vou para o meu quarto.

– Está bem.

– Gosto muito de si, pai.

Sheldon limitou-se a fazer que sim com a cabeça.

Passado menos de uma semana, Saul partiu e, pouco depois, morreu. Deixara um bilhete sumário em cima da mesa da cozinha a dizer que se tinha alistado para uma segunda comissão e que ia ser destacado para a mesma equipa. Escreveria a dar notícias e gostara muito de os ver a ambos. Adorava os pais. Esperava que o pai se orgulhasse dele e aguardava com ansiedade o dia em que a guerra terminasse.

Capítulo 17

- Matei o meu filho, Bill. Ele morreu porque gostava de mim.
- Ele adorava-te.
- Lembro-me sempre daquela manhã como uma briga. Mas acho que não foi.
- Não. Ele não estava à cata de uma discussão. Ele não tinha um ponto de vista para defender.
- Não sei falar sem discutir.
- Faz parte do teu charme.
- O que é que eu devia ter feito?
- O quê, quando ele chegou e te começou a interrogar?
- Sim.
- Devias tê-lo abraçado e dito o que sentias.
- Eu *disse* o que sentia.
- Não, não disseste.
- Como é que sabes?
- Com quem é que achas que estás a falar?
- Então, o que é que eu sentia?
- Amor e alívio. Gostavas tanto dele que tinhas de manter a distância.
- Isso é conversa de miúda.
- Essa sensação... nas tuas mãos. A que te faz cerrar os punhos, às vezes. Sabes o que é?
- Artrite.
- Não lhe tocaste uma única vez. Nesse último encontro. Em tua casa, na sala. Ele estava ali mesmo. E tu não o abraçaste uma única vez. Não lhe tocaste nas mãos. Não encostaste a palma da mão à bochecha como fazias quando ele era bebé. Não encostaste a tua face à dele. Era isso que tinhas vontade de fazer. Era um rapaz tão bonito. Lembras-te? Irradiava eternidade. E tu não lhe tocaste. E não consegues tirar essa sensação das mãos.
- Qual sensação?
- O vazio. Falaste-lhe no silêncio, mas não lhe falaste no vazio.
- És um verdadeiro desmancha-prazeres, Bill, sabias?
- Já se vê o lago. É a tua oportunidade para esconderes o trator.
- Pois é.

....

Já percorreram cinquenta quilómetros. À esquerda, surge Rødenessjøen,

lentamente. É um pequeno lago em Østfold e é o destino planeado de Sheldon para esse dia. Estão na estrada há horas. O menino provavelmente tem fome e precisam ambos certamente de fazer chichi.

O que Sheldon tenciona fazer convém ser feito à noite, ao abrigo da escuridão. A hora em que a maior parte das ideias *farkakta* é analisada com mais calma e começa a parecer menos disparatada do que antes.

Com as costas doridas e as mãos hirtas, Sheldon encosta o trator na berma de uma rua sossegada, bordejada de árvores, e desliga o motor. Espera um minuto e só depois desce cautelosamente para o pavimento, a um metro de altura.

Paul dormita no bote. Não tirou o capacete viking e a mão direita segura na comprida colher de pau. O coelhinho de algodão mágico está a salvo debaixo de um dos bancos. Sheldon sorri e prefere não o acordar.

Afastando-se do reboque, repara na altura do trator. O cimo deve ficar a uns bons dois metros do chão. Só as rodas dão-lhe pelo meio do peito. Não é um objeto fácil de esconder: não dá para o tapar com um oleado laranja e esperar que ninguém dê por ele.

Trata-se de uma região agrícola. Sheldon não conhece as pessoas, a sua mentalidade, as suas rotinas diárias. Mas as características daquele espaço dizem-lhe qualquer coisa e desconfia de que não são tão estrangeiras como a língua. Provavelmente ali as pessoas conhecem-se umas às outras. Provavelmente só existe um punhado de escolas e servem uma grande variedade de crianças. As famílias devem conhecer os filhos umas das outras. Devem saber a quem pertencem automóveis e inclusive as cabeças de gado.

Não estão longe de Oslo e aquele não é um território desesperadamente rural. É, no entanto, um espaço onde as pessoas formam laços mais estreitos e falam não de “propriedades”, mas de terras.

Por isso, teria sido melhor agir pela calada da noite. Porque aquele é decididamente um lugar onde as pessoas repararão num trator que não seja dali. É também provavelmente o tipo de lugar onde falarão, se virem alguém conduzir um desses veículos para dentro do lago.

Uma vez mais, como aconteceu tantas outras vezes na vida de Sheldon, parece haver só um rumo a seguir. Enquanto Paul descansa no bote, Donny observa o seu veículo recreativo anfíbio e analisa a situação. O facto mais importante é que foi mandado parar por um polícia da região. Ele perguntou-lhe se era americano. Há duas boas explicações para isso. Uma – em que não acredita minimamente – é que o seu falso sotaque suíço-alemão não foi suficientemente bom para enganar o Barney Fife² ali da zona. Era impossível ele ter percebido que Sheldon era de Nova Inglaterra.

Impossível.

A outra explicação é mais inquietante, e mais plausível.

Para proteger Paul, Sheldon não ligou a televisão, por isso não sabe se a polícia de

Oslo emitiu um alerta de pessoa desaparecida em seu nome... partindo do princípio de que tal coisa existe por aquelas paragens. Mas é possível que o tenham feito e que Rhea esteja por detrás disso. Mesmo que não tenham, podem ter alertado outras esquadras sobre ele e o menino. É possível que o tenham mandado parar por encaixar num determinado perfil.

Por exemplo: “Velho estrangeiro com menino.”

Mas talvez tenha tido sorte. Talvez tenham dito: “Velho americano e menino desaparecidos.” Nesse caso, ele e Paul não encaixam no perfil.

Vá-se lá saber! Seja como for, tudo aponta para a mesma conclusão: o trator vai dar chatices e precisa de ir ao banho.

Volta para junto do bote e liberta-o do reboque em quatro pontos. Certifica-se com todo o cuidado de que não há nada a ligar o barco à estrutura de metal ou que o impeça de se desprender quando chegar a hora.

Satisfeito, liga novamente o trator. Quando a besta tosse e gargareja, Paul acorda. Sheldon apercebe-se disso, porque vê uns cornos prateados no espelho. Vira-se e acena-lhe com o braço. Paul retribui o gesto, para deleite de Sheldon.

Volta para a estrada e, mantendo-se em primeira, conduz lentamente, procurando um caminho secundário, paralelo, ao longo do lago. Rapidamente o encontra. Como o trator não tem direção assistida, virar tudo à esquerda é um desafio, por isso Sheldon inclina-se todo como um motorista de autocarro numa rua urbana. O trator realinha-se de imediato e, daí a nada, estão a avançar ao longo da margem ocidental de um pequeno lago.

Cinco minutos depois, surge uma bela clareira e Sheldon faz uma viragem à esquerda, afastando-se do lago, de seguida roda o volante todo para a direita, pondo-o bem de frente para a fase dois da Operação “Esconder o Trator”.

Está tudo a correr na perfeição. Agora, a única coisa que tem de fazer é conduzir o trator em cheio para dentro do lago. Se for suficientemente fundo, o trator desaparecerá debaixo de água, que é o seu lugar, e o bote desprender-se-á suavemente do reboque e vogará na superfície límpida e luminosa, onde Paul poderá ligar o motor e afastar-se sozinho, porque... Sheldon acabará no fundo do lago, ao volante do trator.

Pelos vistos, o plano não é lá muito perfeito.

Um pau daria conta do recado. Sheldon podia entalar o pau debaixo do banco, a carregar no acelerador. Provavelmente resultaria.

O problema – que é o mesmo com que se debate há três dias – é que tem oitenta e dois anos. Como é que vai subir para o bote em movimento? Avançando mais depressa do que ele? Atirando-se para dentro dele quando o vir passar? Mandando Paul pôr um braço de fora e içá-lo como um *cowboy* de *rodeos*?

Uma vez mais, a lógica dita a conclusão final: *vou ficar muito, muito molhado.*

Durante cinco minutos, Sheldon fica de pé a falar com Paul, o viking judeu balcânico dentro do bote. Estão ambos de mãos nas ancas. Sheldon aponta e

gesticula. Explica e faz desenhos na palma da mão. Faz caras interrogativas e explica as probabilidades.

Paul acena com a cabeça.

Sheldon sorri.

Vai correr tudo bem.

Por isso, liga o motor e entala o pau debaixo do banco – e se fosse cristão, teria feito uma cruz, ou beijado uma cruz – e lá vai a geringonça em direção à água.

Aquela história toda pode acabar mal. Alguém pode reparar e pensar que houve um acidente. A chegada de helicópteros e pessoal das televisões seria contra o espírito da operação. Como Sheldon não nada há trinta anos, podia afogar-se quando nadasse atrás do bote, o que também não seria propriamente ideal.

Se Bill aparecesse, talvez ele pudesse conduzir o trator. Mas Bill não aparece. O sentido de oportunidade do homem é egoísta e caprichoso.

No fim, as coisas até nem correm mal. Aliás, correm surpreendentemente bem.

Paul ri-se, emitindo o seu primeiro som desde a morte da mãe e, como se isso não bastasse, quando o bote se desprende do reboque, flutua um nadinha para *trás*, por causa das ondas feitas pelo trator. Entrando na água até aos joelhos, Sheldon consegue agarrar no cabo e puxar o bote para terra, onde, com um grau mínimo de dificuldade, iça a perna para o bote e atira-se para dentro dele.

O trator luta com a sua sepultura de água, mas em vão. Ergue-se uma nuvem de vapor do lago, que borbulha e arrotada, mas acaba por digerir a sua refeição inteirinha.

Sheldon fica deitado no fundo do bote, a arquejar. Levantando os olhos para o céu, apercebe-se, chocado, do seu cansaço. A sério, o que é que aconteceu? Nada de especial do ponto de vista de um jovem, mas, pelos vistos, para ele foi de mais.

– Os velhos deviam estar em melhor forma – diz.

Senta-se e olha à sua volta. A paisagem é realmente bonita. O lago faz-lhe lembrar East Pond, perto de Waterville, no Maine, onde Rhea costumava ir para a colónia de verão, no início dos anos 80. Tal como Rødenessjøen, East Pond tinha uma tranquilidade simples e banal. Não era de uma beleza avassaladora nem única. Não era um destino num itinerário serpenteante. Era um refúgio. E é disso que ele e Paul precisam mais do que tudo: irem a motor até ao canto nordeste e arranjar um lugar sossegado e seguro para passarem a noite. Será a sua ilha Jackson, onde Huck e Jim se conheceram e de onde partiram, quando o mundo começou a fechar o cerco sobre eles.

É esse o plano para já. Embora ainda seja cedo, quer instalar-se o mais longe possível do trator, caso alguém o tenha visto a livrar-se do veículo. Comerão as rações que levaram no saco e farão chichi na floresta, e Sheldon secará as suas meias e tentará tornar tudo confortável.

É surpreendente como a floresta seca pode ser acolhedora, quando se tem um certo saber. É especialmente agradável, quando não há coreanos à espreita no mato. Pela primeira vez desde há algum tempo, essa parece ser uma certeza bastante

razoável. Se conseguirem encontrá-lo ali, então é porque provavelmente merecem.

No dia seguinte de manhã, farão o resto do caminho à boleia. É um pouco arriscado, mas agora não há nada que os ligue a Oslo. Por isso, a menos que haja uma caça nacional a ele e ao menino, com sorte apanharão boleia para aqueles últimos noventa quilómetros.

Paul está com uma disposição muito diferente da de Sheldon. Continua ataviado com toda a pompa e cheio de energia. Bate com os pezinhos no bote e olha por cima da borda do bote para o trator ilegítimo, apontando e sorrindo. É uma pena ele não ter avós ali presentes para o verem assim. Os avós podem ser um excelente público.

Também são úteis quando um dos progenitores morreu, como no caso de Rhea, e se descobre que o outro é um inútil.

:::::

Rhea descobriu inevitavelmente que tinha de haver uma geração entre ela e os avós e, com vinte e poucos anos, foi em busca da mãe. Acabada de sair da faculdade – descarada, insolente e excitadíssima –, não parava de falar na Verdade. Encontrar a mãe tornou-se uma demanda e Rhea já tinha idade suficiente para enfrentar os seus perigos sozinha.

Ele tentara demovê-la. Disse-lhe que geralmente as pessoas não se perdem. Não são meias. Não ficam caídas atrás de portas, à espera de que alguém as encontre. Escondem-se. E não de toda a gente. Escondem-se de determinadas pessoas. Neste caso, dela. Explicara-lhe que a sua oficina de relógios antigos não mudara de sítio desde que abrisse e que bastava a mãe dela enviar uma carta ou telefonar. A ligação entre mãe e filha estava à distância de um telefonema. Mas só uma das partes podia marcar o código mágico para possibilitar a conversa e Rhea não tinha o código.

Ele sabia isso antes de ela ter idade suficiente para o compreender. Esmagar as esperanças dela era a única coisa humana a fazer. Mas a universidade e os estudos conseguem enfiar as ideias mais disparatadas em qualquer cabeça, até nas mais inteligentes, e Rhea teimou em concretizar essas suas ideias.

Correu tão mal como Sheldon esperava, talvez até pior do que Mabel previra, o que deixou Rhea numa posição que nunca teria podido imaginar.

Não importa onde Rhea a encontrou. Não importa o que ela levava vestido ou o que estivera a fazer momentos antes. O que interessa foi a expressão de profunda indignação no rosto gasto e sem alegria da mãe, quando abriu a porta e deparou com a filha adulta. A recordação desse encontro – o que tinham nas mãos, como estavam paradas, que cheiro perdurava no ar – desfez-se em fragmentos irrecuperáveis assim que acabou, porque as palavras que a mãe usou apagaram o resto. As suas palavras foram tão definitivas, tão claras, concisas e inequívocas que agarraram no coração de Rhea e destruíram todos os sonhos, todas as ilusões, todas as racionalizações que ela tinha criado e acalentado durante vinte anos, até nada sobrar do presente nem do passado, a não ser a dura realidade do novo mundo.

Eu tinha cortado contigo!

E assim sendo, Rhea afastou-se daquela porta e voltou para Nova Iorque, para estar com Sheldon e a avó.

Não falou sobre isso durante muito tempo. Só passados quatro meses é que Sheldon abordou o assunto, com um enviesado “Andas preocupada com alguma coisa?”.

Nos anos 90 já a loja mudara ao sabor dos tempos. Sheldon tinha em *stock* aquilo de que as pessoas gostavam, achando que essa era uma estratégia comercial relativamente forte. Durante a presidência de Clinton, com os preços das casas a dispararem em flecha e a definição de sexo na ordem do dia, as pessoas começaram a regressar ao estilo moderno dos anos 50. Sheldon corria todas as vendas de bens e acorria a todos os leilões com um olho afinado para a qualidade, a beleza e o preço. Quando Rhea tinha vinte e poucos anos, a loja estava recheada com cadeiras de cabedal Max Gottschalk, as madeiras e os aços delicados de Poul Kjaerholm, e as clássicas espreguiçadeiras e otomanas de Eames. Wall Street estava ao rubro, e o estilo retro, em força.

Rhea encontrava-se na loja, sentada numa cadeira dinamarquesa em forma de ovo, suspensa do teto por uma corrente. O que quer que lhe ia na mente estava prestes a eclodir.

– Porque é que o meu pai se sentiu atraído por ela? – perguntou finalmente.

– Ai, Rhea, isso é uma pergunta para a tua avó e não para mim.

– Eu pergunto-lhe mais tarde. Mas para já...

Sheldon encolheu os ombros. Já não havia mais nada de que ele a tivesse de proteger, só de mentiras.

– Não acho que ele se sentisse atraído. Acho que tiveram aquilo que nos anos 70 se chamava um caso, antes de ele ir para a guerra. Porquê? Porque ela era cheia de formas e extrovertida e divertida e tão claramente inadequada para ele que era aquilo de que o teu pai precisava. E, já agora, não foi a única com quem ele teve um caso. Quando o Saul voltou, acho que correu para o porto de abrigo mais próximo, por assim dizer. Porquê ela e não outra rapariga qualquer, não te sei dizer. As coisas perdem-se com o tempo. As histórias secam.

– Portanto, não fui fruto do amor.

– Essa pergunta denota autocomiseração e não é digna de ti. Sabes perfeitamente que a tua avó e eu te adoramos. A meu ver, ser concebida com indiferença mas criada com amor é melhor do que o contrário. Lamento que essa mulher seja uma decepção para ti. A sério. Mas não perdeste nada, porque não havia nada ali para perder.

– Nunca hei de ter filhos – ripostara ela.

Sheldon pousou o relógio Tudor Submariner que estava a consertar e franziu o sobrolho.

– Porque é que dizes uma coisa dessas?

- E se não gostar deles? Pelos vistos, acontece, certo?
- Não te aconteceria a ti.
- Como é que sabe? Talvez seja tudo uma questão hormonal. Dizem que tudo muda quando se tem um filho.

Sheldon falou numa voz triste, quando a corrigiu.

- Não é quando se tem um filho que muda tudo. É quando se perde um filho.

Rhea balouçou-se na cadeira e Sheldon disse: *Não balouces a cadeira* e ela parou.

De repente, saído do nada, pelo menos na perspetiva de Sheldon, Rhea perguntou:

- Porque é que já não vai à sinagoga?

Sheldon recostou-se na cadeira e esfregou o rosto.

- Porque é que me estás a castigar?
- Não estou. Gostava mesmo de saber.
- Nunca te obriguei a ir. Sou completamente justo.
- Quero saber porquê. Foi por causa do pai?
- Sim.
- Deixou de acreditar em Deus quando o pai morreu?
- Não propriamente.
- Então, o que foi?

Quantas conversas tiveram eles ali, naquele espaço? Naquele mesmíssimo sítio, ao longo de vinte anos? Todos eles? Era a sensação que tinha. Era como se não houvesse um apartamento no andar de cima. Uma cozinha. Uma sala ou um quarto. Sheldon sentava-se ali, ano após ano, a ser interrogado por várias mulheres. As antiguidades mudavam, as mulheres envelheciam, mas Sheldon estava sempre ali, a consertar relógios, a responder a perguntas. A única conversa que se lembra de ter tido em casa foi aquela com Saul.

- Sabes o que é o Yom Kipur? – perguntou ele a Rhea.

- É o Dia da Expição.

- Sabes como funciona?

- Pedimos perdão.

– Pedimos dois tipos de perdão – explicou Sheldon. – Pedimos a Deus para nos perdoar os pecados que cometemos contra Ele. Mas também pedimos às pessoas para nos perdoarem os nossos pecados contra elas. Fazemos este segundo pedido porque, segundo a nossa filosofia, só há uma coisa que Deus não pode fazer. Não nos pode perdoar pelo que fazemos às outras pessoas. Temos de lhes pedir perdão diretamente.

- Por isso é que não existe perdão para quem mata – disse Rhea. – Porque não podemos pedir perdão aos mortos.

- Exatamente.

- Porque é que deixou de ir à sinagoga, vô?

– Porque em 1976, o ano em que tu me apareceste à porta de casa e uma música sobre um navio afundado tocava na rádio, eu te levei ao templo, no Yom Kipur, e esperei que Deus nos pedisse perdão pelo que fez ao teu pai e Ele nunca pediu.

⁷ O xerife adjunto pouco expedito da série televisiva *The Andrew Griffith Show*. (N. da T.)

Capítulo 18

A noite correu bem. Encontraram um espaço seco e abrigado a uma curta distância da costa, longe da estrada e das casas. Foi uma pena não poderem acender uma fogueira, mas conseguiram safar-se sem ela.

Paul aceitou a tirar os cornos, mas recusou-se a abdicar do fato de cruzado mais invulgar do mundo. De todas as decisões que tiveram de tomar nesse dia, aquela pareceu a Sheldon a menos estranha.

Deitados muito próximos um do outro, Sheldon sussurrou:

– Acorda-me se ouvires alguma coisa. – E mergulharam ambos num sono descansado e maravilhoso.

Às seis da manhã, o sol estava tão alto que o calor os acordou. O ar fresco provavelmente tinha-lhes feito bem a ambos, mas dormir no chão não fora benéfico para Sheldon. Estava hirt, dorido e rabugento. Era como se o *rigor mortis* se tivesse antecipado. Pior ainda, não havia um pinga de café em parte alguma.

Rapidamente desmontaram o estaminé. Eram poucas as coisas que havia para arrumar e não tinham deixado muitos vestígios de pegadas na floresta. Pelos vistos, não estavam a ser perseguidos e, como tinham passado a noite sem serem apanhados pela luz de lanternas, provavelmente isso queria dizer que ninguém vira os derradeiros momentos do trator.

No espaço de uma hora, atravessam o mato de vegetação perene até chegarem a uma estrada suficientemente grande para que acalentem a esperança de ver passar automobilistas. Ao fim de cerca de meia hora de caminhada por essa estrada fora, Sheldon sente-se sem fôlego.

– Espera, espera. Preciso de descansar. – Sheldon senta-se na erva alta da berma da estrada. Paul, que vai à frente, vira-se para trás.

– Não envelheças – diz ele a Paul. – Se o Peter Pan aparecer, segue-o.

Paul está muito direito, com a sua colher de pau, o coelhinho de algodão mágico e o gorro de lã. Está com bom ar. Como deve ter qualquer menino.

Sheldon consulta o relógio. Tem os ponteiros brancos resplandecentes e teima que ainda só são oito horas da manhã.

– Vem cá – diz Sheldon. Faz sinal para que Paul se aproxime e o menino obedece. – Faz isto. – Sheldon espeta o polegar a pedir boleia.

Paul não percebe bem e o polegar inclina-se na direção da Alemanha, por cima do indicador espetado.

– É mais... mais na direção da Finlândia. Assim. – Estica o braço e endireita o polegar de Paul, enfia o dedo extra para dentro e depois inclina o todo, composto

pela mão e pelo polegar, para trás e na direção da estrada. – Ótimo. Esperemos que isto não seja um gesto obsceno por estas bandas.

Paul fica de pé a olhar para a estrada, uns minutos, e nada acontece. Entretanto, Sheldon recupera o fôlego e levanta-se novamente. Aproxima-se de Paul e diz:

– Muito bem, agora começamos a andar para trás. Se tivermos sorte, andamos para trás no tempo, até antes de ontem e de anteontem. Até antes de nasceres, recuamos, recuamos até pelo menos 1952, quando nasceu o Saul. Podíamos parar para almoçar em 1977. Em 1977, eu conhecia uma excelente casa de sandes.

Percorrem vários quilómetros numa estrada que serpenteia para norte. Há poucos sinais de civilização, excetuando a fita perfeita de estrada que corre lado a lado com a faixa verde de relva bordejando a floresta.

Sheldon enfiou dois lápis entre os lábios, dizendo que é uma morsa. Para divertir Paul, pôs-se a andar como uma. Daí a nada, porém, para.

– A grande morsa está com sede. A pequena morsa também tem sede? E a grande morsa precisa de fazer chichi outra vez. A grande morsa é velha e tem uma bexiga do tamanho de uma fava.

Sheldon faz o símbolo universal de um velho a beber uma cerveja de um trago.

Paul percebe e assente com a cabeça. Sim, diz ele, também gostava de ser um velho a beber uma cerveja de um trago.

– Muito bem. Está na hora de arranjarmos uma boleia. Chega de brincadeiras. Eis o que vou fazer. Vou fazer uma contagem decrescente a começar no dez e, quando chegar ao um, vai aparecer um carro a oferecer-nos boleia para um sítio qualquer que tenha uma Coca-Cola gelada, de garrafa. Está bem?

Sheldon faz que sim com a cabeça por ambos.

– Muito bem. Então vamos lá. – Para, olha para a estrada e começa a contar.

– Dez.

Paul detém-se e fita-o.

– Nove.

Nada acontece.

– Oito.

Um pássaro faz cocó mesmo à frente de Sheldon, o que suscita o riso em Paul, mas Sheldon espeta um dedo no ar e diz:

– Concentra-te. Sete.

Uma brisa fresca sopra do rio, acompanhada por uma nuvem arrepiante que faz Sheldon fechar os olhos um instante e esquecer abençoadamente o mundo.

– Seis.

Nada.

– Cinco.

Sheldon espeta o polegar mais alto e com mais confiança.

– Quatro.

Fecha os olhos e concentra-se. Canaliza todas as suas energias mentais. Para o

quê, não sabe muito bem. Tenta imaginar a equipa feminina sueca de voleibol a abrandar e a pedir direções para o Céu. Tem a certeza de que foi Bill quem lhe pôs essa imagem na mente.

– Três.

Uma sesta vinha-lhe mesmo a calhar naquele instante. Quem é que vai explicar ao menino que a mãe morreu? Quanto tempo mais devia esperar para ir à polícia?

– Dois.

Será possível o assassino saber da existência da casa de campo? Deve estar a escapar-lhe alguma coisa. *Estou a deixar escapar alguma coisa?*

– Um e meio.

Será que vão tentar ter outro bebé? Ou será que vão desistir? Será o fim da família?

– Um.

E então, senão na deixa exata, pelo menos a tempo, aparece um camião ao virar da curva, cheio de caçadores e respetivas espingardas, e abrandam até parar.

Um homem mal-amanhado, de quarenta e poucos anos, de *T-shirt*, pendura-se na janela do lugar do morto e, num tom simpático, diz qualquer coisa a Sheldon em norueguês. Paul parece prestes a falar, quando Sheldon tira os lápis da boca e diz, expansivamente e em inglês:

– Bolas, nem imaginam o prazer que é ver-vos. O meu neto e eu tivemos uma avaria há uns quilómetros. Estamos a tentar chegar a um chalé nos arredores de Kongsvinger. Por acaso podem dar-nos boleia, podem?

O homem mal-amanhado prepara-se para responder, quando Sheldon passa um lenço pela testa e diz:

– Sim, umas cervejinhas geladas, um vinho branco bem frio e um belo naco de porco. Era mesmo disso que eu precisava esta tarde. Aliás, tenho de passar pela loja de vinhos da povoação antes de ir para o chalé. Não estariam interessados num churrascozinho antes de voltarem para a floresta para irem caçar coelhos, estariam? Por falar nisso, não vejo rezes no camião. Não mataram nada?

Um homem grande, na caixa do camião, encolhe-se um pouco e faz uma carranca. O amigo sentado no banco em frente espeta um dedo na direção dele.

– O Tormod falhou a pontaria.

Tormod assente com a cabeça.

– Falhei.

– Coitado – diz Sheldon. – Tomara que tenha mais sorte da próxima vez. Então, que tal?

Aquele é o quarto dia. A coisa aconteceu e eles fugiram. Passaram a noite no hotel, dirigiram-se para a água, dormiram na casa azul junto do fiorde, atravessaram a terra e o lago de trator e bote, e acamparam na ilha Jackson. Agora estavam novamente a pé e, com sorte, no troço final.

É muito tempo para se estar a monte com uma criança. A qualquer instante, as

peças podem encaixar-se na mente de Paul e a enormidade do que ele viveu pode submergir-lhe a alma. Se fosse ao encontro do passado agora, poderia ficar inconsolável. E se isso acontecesse, o que é que Sheldon podia fazer? Paul deixaria de ser seu companheiro de viagem e passaria a ser refém. E isso não é coisa que os amigos façam.

Andar à boleia era perigoso. Mas a estratégia muda com as circunstâncias. E aquela era a hora de apanhar boleia e esperar que a polícia tivesse feito progressos na captura do assassino.

Sheldon senta-se o mais confortavelmente possível no saco de lona de alguém, na caixa da carrinha Ford F-150, enquanto ela desliza ao longo da estrada bem aparada, junto de laguinhos e charcos que aparecem e desaparecem. As colinas ondulam a cada curva. A estrada serpenteia e, depois, transforma-se em compridas retas que ladeiam terras agrícolas e floresta. Sheldon aspira o cheiro a relva cortada e a pinheiro para dentro dos pulmões.

– Devia ter passado mais tempo ao ar livre – diz ele ao rapaz de colete de caçador que vai sentado ao lado de Tormod.

Quando Sheldon se mudara para Oslo, no mês anterior, Lars dissera-lhe que as montanhas norueguesas formam uma cadeia contínua através do mar até à Escócia, Irlanda, aos Apalaches e daí até aos montes Berkshire do Massachusetts. Atravessam mares e oceanos, do tempo em que o mundo era feito de uma só placa e os continentes viviam juntos. Essa terra chamava-se Pangeia.

Sheldon não sabia se era verdade, mas sorriu para Lars pela sua gentileza.

Está sentado ao lado de um rapaz chamado Mads. Mads está a penar para acender um cigarro. Sheldon observa-o a queimar tenazmente uns oito ou dez fósforos até que se sinta direito e olha à sua volta, de olhos arregalados, em busca de paciência.

Sheldon sorri para si próprio e estala os dedos para chamar a atenção de Mads. Aponta para um lugar a meio da carrinha, diretamente atrás da cabina.

– Senta-te ali.

– Porquê?

– O ar desliza por cima da cabina e, a esta velocidade, cria um vácuo atrás dela. Ali não há turbulência. Podes acender o cigarro ali como se estivesses na cozinha.

Mads parece ter vinte e poucos anos, embora aqueles rapazes louros às vezes sejam mais velhos do que parecem. É ligeiramente mais leve do que os outros quatro homens e tem um charme desajeitado que Sheldon acha cativante. É o tipo de rapaz que facilmente se pode tornar ou um descontente ou um líder, dependendo dos ventos da fortuna.

Mads olha para o lugar atrás da cabina e avança para lá. Sentando-se, acende um fósforo e sorri quando a chama treme antes de o pontinho laranja chamuscar o tabaco e o papel branco.

– Fixe – diz Mads. – Como é que sabe estas coisas? É engenheiro?

Com a brisa amena a soprar à sua volta, Sheldon crava os olhos azuis em Mads

com uma expressão forçada de sábio eremita.

– Desenhei aeronaves de busca e salvamento para a polícia montada canadiana, de 1961 até 1979. Já alguma vez ouviste falar no naufrágio do *Edmund Fitzgerald*?

– Não.

– Ainda bem. Lago Gitche Gume. Ou pelo menos era assim que os chippewa lhe chamavam. Estávamos em novembro e sopravam ventos fortes. O navio estava carregado com vinte e seis mil toneladas de minério de ferro, mais do que o barco pesava vazio. Um vento ciclónico de oeste pôs o navio em perigo. Depois... depois aconteceu qualquer coisa relacionada com Wisconsin e Cleveland que já não me lembro o que foi. Por isso, descolámos de Whitefish Bay, mas os ventos ciclónicos fustigavam tudo e a chuva era gelada. Se o *Fitzgerald* tivesse conseguido percorrer mais quinze milhas, teríamos salvado aqueles vinte homens, mas o destino não quis assim. Não, não quis.

Mads acena com a cabeça e puxa uma fumaça do cigarro. Fica calado depois disso.

Sheldon esfrega as mãos uma na outra. Não tem frio, mas, na sua idade, a circulação nem sempre depende da temperatura. Só o facto de estar sentado pode ser suficiente para lhe deixar uma parte qualquer do corpo dormente. Uma parte que ainda tivesse sensibilidade à partida, claro.

O naufrágio do Edmund Fitzgerald era uma música de um tipo chamado Gordon Lightfoot. Tocava sem parar na rádio, em agosto de 1976, um mês depois de Rhea lhes ter batido à porta. Os mesmos quatro acordes repetiam-se sem cessar num hino pesaroso, monótono e ébrio. Um navio de carga tinha, de facto, naufragado no Lake Superior, em 1974, matando vinte e nove homens. A música chegou ao número dois das tabelas de êxitos, um ano depois. Entretanto, cinquenta mil soldados americanos tinham morrido na selva, incluindo o seu filho e Eli Johnson, e Sheldon não conseguia encontrar um único autocolante nas ruas de Nova Iorque, durante o bicentenário, a recordá-los.

Mas aquela maldita canção tocava sem parar, deixando os adolescentes desfeitos em lágrimas.

.....

Depois de ter sido atingida na cabeça, na véspera, Sigrid deixara os paramédicos examiná-la, mas recusara-se, recusara-se, recusara-se a ir ao hospital. Em vez disso, vomitou na casa de banho da esquadra, limpou-se e – assim que a encontrou – sentou-se com fingida dignidade à sua mesa.

Fez uma cedência aos paramédicos e dormiu no escritório, para poder permanecer sob uma certa vigilância, caso precisasse de ajuda de urgência. A esquadra esteve atarefada a noite toda e um agente em cada turno foi encarregado de ficar de olho nela.

Sheldon e Paul já estão na estrada há várias horas quando Sigrid finalmente se

senta no sofá, de manhã. À sua frente está um vulto grande e disforme, a emitir uns sons guturais e enjoativos, incómodos e estranhamente insistentes.

Como se atravessasse um mar de melaço, Sigrid dirige-se para a sua mesa e, de uma gaveta, tira um pedaço de alcaçuz salgado e enfia-o na boca.

A cada batida do coração, parece que tem um camião a embater-lhe na nuca.

– Ele ainda está detido? – pergunta.

– O tipo que te atacou? Sim. Ainda cá está.

– É ele o assassino?

– Achamos que não.

– Nesse caso, posso só bater-lhe na cabeça com um extintor?

– Infelizmente, não – responde o homem disforme, numa voz muito parecida com a de Petter.

– Não o alvejámos numa luta qualquer, pois não?

– Mais uma vez, infelizmente, não.

– Devíamos interrogá-lo.

– Devíamos abrir a caixa.

– Qual caixa?

– A caixa cor-de-rosa. A que está em cima da secretária. A que tu achas que pertence à mulher que foi assassinada.

– Sim. Boa ideia. Posso usar a minha arma. Onde é que está a minha arma?

– Não – diz a pessoa que, pelos vistos, é mesmo Petter. – Queremos usar a chave. Não queremos abrir simplesmente a caixa. Queremos saber se pertencia à mulher, por isso queremos usar a chave dela.

– Está bem. E se a chave servir na fechadura, fica estabelecida a ligação entre a chave, a caixa e a mulher.

– A ideia é essa.

– E isso pode explicar alguma coisa sobre o assassinio.

– Pode, sim. Temos esperança de que nos dê argumentos legais para determos o pai.

– Legais.

– A nossa missão é fazer respeitar a lei.

– E é assim que combatemos a criminalidade.

Petter sorri.

– Já estás melhor – constata.

– Destruir depois de ler.

– Não, não queremos destruir nada.

– O George Clooney alvejou o Brad Pitt em *Destruir depois de Ler*. Num armário. Eu sabia que aquele tipo estava enganado.

– Provavelmente não viu esse filme.

Sigrid muda de assunto:

– A lei norueguesa peca por defeito. Neste caso, pelo menos.

– O que é que queres dizer com isso?

– Por entre dores latejantes, ontem à noite, estive a ver as fichas deles. Nenhum deles, absolutamente nenhum, está na base de dados de Schengen.

– Não é de surpreender. Se não tiverem cadastro...

– Pois, é esse o problema dos crimes de guerra. A ausência de tribunais “capazes ou ativos” num país destruído pela guerra significa que não há julgamentos nem condenações, portanto não há registo no SIS, o que significa que não há praticamente motivos nenhuns para rejeitar o estatuto de imigrante a essas pessoas. O Tribunal Penal Internacional para a ex-Jugoslávia devia colmatar parcialmente essa lacuna, mas é uma lacuna muito, muito grande.

– Há muitas coisas que precisam de ser remediadas no mundo. Podemos abrir a caixa agora?

– Qual caixa?

– Aqui tens a chave.

Petter dá-lhe uma chavinha prateada com menos de dois centímetros de comprimento e o palhetão dividido em dois. A fechadura rudimentar destina-se simplesmente a deter irmãos, pais e outros bisbilhoteiros, o tempo suficiente para que a sua própria consciência os impeça de abrir a caixa.

Sigrid pega na chave.

– O problema é que toda essa falta de regulamentação permite que o refúgio da Europa esorra para dentro do nosso barquinho norueguês. Os políticos andam tão excitados com a ideia de unir a Europa, que lançam o barquinho ao mar antes de o casco estar remendado e pronto para a viagem. E isso significa que vai meter água e afundar antes de largarmos. E afundamos por causa do otimismo desmedido de um bando de pessoas que elegemos. E quem os tem de safar somos nós. Os polícias. Querem saber o que se passa de errado com a Noruega? Perguntem-nos. Nós sabemos.

– Estás muito lúcida. Podemos abrir a caixa, se fazes favor?

Sigrid pega na chave e aproxima-a da fechadura.

– É minúscula.

– Eu faço.

Petter segura na chave e vira a caixa para si. Enfia a chave na fechadura, levanta os olhos para Sigrid e roda-a.

A caixa abre-se.

– Pronto.

Petter abre a tampa e espreita.

– O que é isto? – pergunta.

Sigrid não tem a certeza. Abre a gaveta da secretária e tira um par de luvas de latex. Calça-as e tira o conteúdo da caixa.

– Cartas e fotografias.

– De quê?

Não sabe. As cartas estão escritas numa língua estrangeira. Servo-croata, talvez... quando ainda era a mesma língua. Talvez albanês. As fotografias são de uma aldeia. Do que em tempos fora uma aldeia.

Estão cuidadosamente ordenadas. Cada fotografia tem um papelinho por cima com o nome de uma pessoa, um lugar e outra informação que Sigrid não consegue decifrar. A primeira foto mostra uma pessoa numa pose banal do dia a dia. A uma mesa, a acenar. Nas outras fotografias, vê-se alguém junto de um carro. A transportar as compras. A pegar numa criança ao colo. A juntar folhas com um ancinho. Atividades rotineiras captadas em película de trinta e cinco milímetros e que geralmente guardamos em álbuns para nos lembrarmos de quem nós e os nossos entes queridos costumávamos ser.

Por baixo desta pilha, estão fotos do assassinio de cada uma dessas pessoas.

As imagens são grotescas. Algumas das pessoas foram alvejadas. Outras foram esventradas. Degoladas. Crianças atingidas a tiro na nuca. Baleadas na cara. Crianças demasiado pequenas para temerem os seus assassinos.

Sigrid tem nas mãos as provas de um massacre que alguém documentou e, depois, escondeu corajosamente e possivelmente lutou até à morte para proteger.

– Temos de contactar a Interpol, a Europol, o Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Ministério da Justiça e da Administração Interna. Temos de fotografar isto tudo imediatamente, para haver uma cópia de tudo. Começo a perceber o que poderá ter acontecido...

Vamos chamar toda a gente. Quero saber tudo o que aconteceu em Oslo, ontem. Coisas fora do comum. Precisamos de encontrar esta gente.

Com os agentes dispostos em círculo à sua volta, Sigrid beberica uma chávena de café apesar das ordens do médico, que insiste que é um diurético e que causará desidratação, algo que ela deve evitar naquelas circunstâncias.

É óbvio que o homem está enganado.

– Qualquer coisa – diz ela. – Seja o que for. Alguém telefonou para cá?

Tinham recebido alguns telefonemas: violência doméstica, bêbados, uma tentativa de violação. Nada que pareça relacionado com o caso.

– Portanto, estão-me a dizer que não recebemos nenhuma chamada sobre um velho americano acompanhado por um miúdo dos Balcãs. Emitimos uma descrição muito clara. Quero ter a certeza de que estou a ouvir bem. – Faz uma pausa. – Muito bem. Comecem a fazer telefonemas. Se a informação não vem ter connosco, começamos nós a pedi-la.

Quando Sigrid volta para o seu gabinete, um agente vai ter com ela, acompanhado por uma rapariga vestida à civil.

– Inspetora, penso que devia ouvir isto – anuncia o agente.

– Ouvir o quê?

– Inspetora Ødegård? O meu nome é Adrijana Rasmussen. – Hesita e, depois, acrescenta: – Mas o meu nome de nascença é Adriana Stojkovi. Nasci na Sérvia.

Andam umas pessoas muito más à procura de um menino e de um senhor de idade. E eu acho que eles correm perigo.

Adrijana fala norueguês com um sotaque de classe alta dos bairros chiques de Oslo. Tudo nela, à exceção das feições eslavas, apregoa as qualidades de um norueguês de gema. As roupas são sofisticadas, mas discretas, para não causar inveja nas outras mulheres. O cabelo foi cuidadosamente cortado e arranjado de maneira a parecer natural. Não tem um estilo suficientemente preocupado com a moda nem suficientemente rebelde para ser de Grünerløkka, mas também não está coberta de relógios e joias que não teve tempo de ganhar, por isso Sigrid depreende que vem de uma das boas famílias de Frogner.

Talvez de Skøyen ou St. Hanshaugen. Talvez da parte boa de Bislett.

Adrijana conta a sua história rapidamente e com tamanha confiança que irradia integridade e determinação. E um certo grau de imaturidade juvenil, também.

– Ele não é má pessoa – diz ela a Sigrid. – É boa pessoa. Mas é estúpido. Estúpido como uma porta. Estúpido, estúpido, estúpido...

– Sim, já percebi. O que é que ele fez?

– Bom, não voltou para casa ontem à noite, para começar. Fez-me perguntas sobre um velho e um miúdo e eu não sabia do que é que ele estava a falar e pedi-lhe para me explicar, mas ele não queria e disse que eu devia averiguar junto da “minha comunidade”... seja lá o que for que isso significa... por isso, irritei-me e disse-lhe que os sérvios são tanto “a minha comunidade” como os japoneses e então ele armou-se em todo-poderoso como se tivesse um conhecimento qualquer especial sobre a condição humana.

– Onde é que ele está, neste momento? – pergunta Petter, tentando agarrar-se a qualquer coisa de concreto.

– Agora? Neste preciso instante? Não faço ideia. Desapareceu. Por isso, depreendo que esteja com os amigos perigosos. O Gjon, o Enver, o Kadri...

– Enver Bhardhosh Berisha? Kadri...

– Sim, sim, esses. Conhecem-nos?

– Sim. Onde é que eles estão?

– Não sei. Mas o Burim disse que andavam à procura de um velho e de um miúdo. Parece que eles viram qualquer coisa. Acho que o velho está escondido com o menino. E acho que vocês precisam de os encontrar.

– Importa-se de ficar aqui uns minutos, se faz favor?

– Eu não fiz nada de mal.

– Não, não, não é isso. Estamos-lhe muito agradecidos por ter cá vindo, mas não se vá embora já. Preciso que os meus colegas lhe façam umas perguntinhas.

– Eu amo-o – diz Adrijana. – Ele é estúpido, mas é bom e meigo e é um idiota e comporta-se como um cachorro maltratado, mas...

– Compreendo – responde Sigrid. – Espere aqui um instante.

De volta à sala principal, abana os braços para chamar a atenção de todos. Quando

sente que já a tem, diz muito alto:

– Qualquer coisa. Seja o que for. Informações sobre o Horowitz. Gritem.

Um polícia discreto chamado Jørgen levanta a mão. Sigrid abre as palmas para indicar que está pronta para apanhar seja o que for.

– Falei com um agente de Trøgstad. Disse que, ontem, mandou parar um velho alemão. O homem conduzia um trator com um bote a reboque. Levava o neto com ele.

– Um velho alemão e um miúdo.

– Sim. Disse que se lembra claramente, porque o miúdo ia vestido de viking judeu.

– Viking judeu.

– Sim. Com uma grande estrela na camisola e uns cornos na cabeça.

– Um velho alemão a conduzir um trator com um viking judeu a reboque num bote e ninguém achou que valia a pena avisar-me?

– O comunicado que emitimos dizia que o velho era americano. Uma vez que este homem era alemão, ele não viu necessidade de avisar.

Sigrid senta-se na cadeira vazia mais próxima. Já não consegue identificar o ponto de onde emana a sua dor de cabeça. De manhã, tinha a certeza de que provinha da parte de fora do crânio. Agora, já não está tão certa disso.

Petter continua de pé. Diz:

– Parece que a rapariga tinha razão.

– Qual rapariga?

– A neta do Horowitz. Quando disse que ser judeu era um pormenor importante. Talvez devêssemos ter mencionado isso no comunicado.

– Achas? – Abanando a cabeça, Sigrid pergunta: – Seremos as pessoas mais ingénuas da Europa?

– Por acaso, fizeram um inquérito recentemente...

– Não quero saber.

– Se considerarmos o sítio onde o barco foi encontrado e traçarmos uma linha até ao ponto onde o trator foi visto, vemo-los a avançar para nordeste a partir de Drøbak.

– Em direção à casa de campo.

– Mais ou menos.

– Alguma notícia do trator?

Jørgen abana a cabeça.

– Avisem todas as unidades entre Trøgstad e Kongsvinger e digam-lhes para se meterem à estrada e procurarem o trator. E comecem pelas do norte e não pelas do sul, entendido? Fazemos o cerco a partir de cima e não de baixo.

Petter pousa uma mão no ombro de Sigrid.

Sigrid levanta os olhos para ele e sorri.

– Tens de admitir que a raposa velha nos está a dar um baile – diz Petter.

- Tiro-lhe o chapéu quando recuperarmos o miúdo são e salvo.
- Ele devia ter-nos entregado o miúdo.

Sigrid sabe que não é bem assim.

- Acho que a confiança não é o que melhor define este homem – diz.

Capítulo 19

Sigrid vai sentada no lugar do morto do Volvo V60 a grande velocidade. Levam as luzes a piscar e o rosto de Petter está sério. Telefonaram a Rhea e a Lars e ninguém atendeu. O rádio da polícia está ligado e a esquadra da zona foi notificada. As *Beredskapstroppen* foram convocadas de três pontos diferentes e vão convergir na casa de campo, e vão bem armadas e informadas. Sigrid assumiu o comando da operação e está tudo em suspenso até ela dar ordem para avançarem.

– Estamos numa situação delicada – diz Petter, ao fim de trinta minutos de silêncio na autoestrada.

– Eu tenho razão. O velhote está a caminho da casa de campo com o miúdo e aposto que o Enver e o seu clã estão à espera para deitar a mão ao miúdo, se é que já não o fizeram.

– Não temos certezas nenhuma disso.

A náusea persiste, mas Sigrid recuperou a capacidade de concentração. Está irritada e a raiva cura-a. Petter não está enganado, mas também não está certo.

– O homem e o garoto vivem no mesmo prédio – diz ela. – A caixa da mãe do miúdo estava debaixo da cama do homem. Ela foi lá com o filho para se esconder. Ele escondeu-os porque é o tipo de coisa que ele faria. Ouviu a vizinha em perigo e prontificou-se a ajudar. Mas aconteceu qualquer coisa. O Bardosh arrombou a porta e o Horowitz e o miúdo esconderam-se dentro do armário. O miúdo fez chichi mas, não sei como, os dois conseguiram fugir. O Bardosh e o gangue dele souberam disso, de alguma maneira, e andam à caça deles desde então. O Horowitz tem estado sempre um passo à nossa frente. Provavelmente está convencido de que eles não sabem da existência da casa de campo. E talvez não saibam. Mas talvez saibam. No fim de contas, o tipo cinéfilo andava à espreita no quarto do velhote. Se ficaram a saber da casa de campo, de certeza que mandaram alguém para lá. Não consigo apanhar a Rhea e o Lars ao telefone, por isso vou arriscar e partir do princípio de que não podem atender. Se estiver errada, assustamo-los com uma entrada de arromba e eu torno-me o alvo de chacota da polícia, durante umas semanas. Se estiver certa, vamos ao encontro de uma luta e, portanto, vamos bem armados. A menos – diz ela – que a luta já tenha acabado.

O limite de velocidade naquele troço de estrada é oitenta quilómetros por hora e Petter vai a cento e trinta. Devem chegar ao ponto de encontro em menos de uma hora, se o trânsito se mantiver ligeiro.

Sigrid tira uma chave do pescoço, abre o porta-luvas e saca de uma pistola Glock 9 mm. Solta o carregador e tira-o da arma, que pousa no colo. Depois, faz força com

os dedos nas balas para ter a certeza de que o carregador está cheio. Coloca-o entre as coxas e pega na pistola. Puxa a corredeja à retaguarda até fazer um clique e espreita para dentro da câmara para se certificar de que está vazia. Examina o espaço do carregador para ver se tem resíduos ou cotão. Satisfeita, coloca o carregador na pistola. Com um toque do polegar, liberta a corredeja para a frente, introduzindo a primeira munição, à americana.

Põe a segurança e enfia a arma no coldre.

Petter olha para ela e Sigrid fita-o também.

Vira a cabeça toda para ele e diz:

– O que foi?

– Nada – responde Petter.

O rádio crepita. Sigrid imagina a sala de operações na esquadra e o ecrã de computador que segue todos os veículos que convergem para a casa de campo.

É uma missão montada à pressa, e ela tem noção disso, mas os agentes das *Beredskapstroppen* estão prontos. Tal como ela, já viram as imagens por satélite das imediações do chalé e repararam que só há uma estrada. Terão verificado o ângulo do sol em relação a todos os pontos de abrigo naturais, para posicionarem as equipas de atiradores e de assalto. Os kosovares provavelmente estão armados. Há muitas armas ilegais no país e os criminosos estão cada vez mais arrojados, explorando esse ponto fraco mais depressa do que o estado consegue resolver o problema. Os kosovares também poderão ter encontrado as duas espingardas de caça registadas em nome de Lars Björnsson. A menos que Lars as tenha apanhado primeiro. Ou Horowitz. Nesse caso, todos estão armados e a situação é ainda mais volátil.

Sigrid tamborila os dedos ansiosamente nos joelhos e verifica a velocidade a que vão.

– Não dá para ir mais depressa?

– Dá, mas não convém – responde Petter.

Ela tamborila os dedos ainda mais depressa e olha novamente pela janela.

Ratos do rio. A carta do velhote era uma citação do *Huckleberry Finn*, o romance antiescravidão do americano Mark Twain, em que Huck e Jim, o escravo fugitivo, descem o rio Mississípi, fugindo à captura por crimes que não cometeram. Sigrid tinha-a procurado na Internet e aparecera de imediato no motor de busca. O erro de ortografia que Horowitz cometera em “sivilizar”, com um “s” em vez de um “c”, era um erro que identificava imediatamente o livro.

Sigrid continua a tamborilar os dedos nas pernas.

:::::

Provavelmente foi pena o que motivou os caçadores a darem boleia a Sheldon e a Paul até Glåmlia. Não devia ficar no caminho deles, embora fossem para norte. O trajeto demorou mais de uma hora e agora que acabou finalmente, Sheldon tem de encarar o seu maior receio.

A carrinha Ford aproxima-se de um Mercedes branco estacionado na berma de uma estrada de terra, atrás de um Toyota Corolla de meados dos anos 90.

Pondo-se de pé na caixa, Sheldon bate na parte de cima da cabina e grita para o condutor:

– Para a carrinha.

A carrinha para com um ranger de pneus atrás do Mercedes. A apenas um metro de distância, o carro parece uma pantera branca adormecida, à espera que lhe puxem pela cauda.

Sheldon pisa cuidadosamente o chão irregular da carrinha. Toca nos ombros de cada homem para se apoiar. No fim, desce para a estrada, dirige-se para o lugar do morto e entra.

– É aqui a viragem? – pergunta o condutor.

É uma boa pergunta. Sheldon olha para a estrada. Nunca ali esteve antes, só conhece a casa pela fotografia.

– Está a ver um Mercedes branco? – pergunta Sheldon ao condutor.

O condutor tem cerca de trinta e cinco anos e uma barba loura-suja a despontar-lhe no rosto bronzeado. É fumador e amante do ar livre. A pergunta não o surpreende. Olha pela janela e depois para Sheldon. Está habituado a esse tipo de pergunta vindo do seu avô. Responde com brandura.

– Estou, sim.

Sheldon não via um coreano há semanas. Nem um só nas sombras. E agora o carro branco está ali, no refúgio de campo da sua neta. Depois de todas as suas tentativas para se evadir, não só eles sabiam onde o encontrar, como ainda por cima chegaram primeiro.

Não sou de confiança. Tenho de entregar o menino.

– Estou tão desiludido que nem tenho palavras – diz.

– Posso fazer alguma coisa por si?

Sheldon pergunta-se exatamente o mesmo. O condutor parece um tipo habituado ao ar livre, mas não um homem duro. A pele rude e as mãos calejadas advêm de atividades de tempo de paz, como tirar as luvas no inverno para sentir melhor a espingarda; deitar-se na neve compacta com uma lanterna entre os dentes, para procurar o gancho para tirar o carro do amigo de uma vala; ir descalço até à sauna; deixar a corda escorregar demasiado cedo quando muda o rumo ao barco e queimar as mãos no mar.

A aproximar-se da janela da carrinha, como se estivesse à espera de que Sheldon chegasse, vem o seu amigo Bill.

Bill debruça-se para dentro da cabina e diz:

– Em que é que estás a pensar, Sheldon?

– Estou a pensar que, daqui para a frente, vou sozinho.

Sheldon sai da cabina e agarra-se à parte lateral metálica da carrinha, para se apoiar enquanto volta para a caixa aberta. Paul está sentado de pernas cruzadas, com

Mads e Tormod de cada lado. Há mais dois homens que Sheldon não chegou a conhecer como deve ser, sentados em cima do equipamento de caça.

– Algum de vocês tem namorada? – pergunta Sheldon.

Um dos dois homens que Sheldon não conhece levanta a mão, hesitante.

– Muito bem. Façam montes de sexo. Agora, quero-vos dizer uma coisa: vocês não podem ir comigo até casa. Não vos posso explicar porquê, mas tem que ver com o carro branco. Preciso que vocês levem o jovem Paul para a esquadra da polícia da povoação. E não parem por nada deste mundo. Não parem para tomar um copo. Não parem para fazer chichi. Não parem se um de vocês cair borda fora. Levem-no para a esquadra e deem-lhes isto. – Sheldon entrega ao rapaz que não tem namorada um papel com a matrícula do Mercedes, bem como a sua carta de condução, que tira da carteira.

– Digam-lhes que viram este carro. Digam-lhes que me viram a mim. Digam-lhes que este é o filho da mulher que foi assassinada em Oslo.

Reina o silêncio na carrinha.

– Apanharam isto tudo? Não consigo perceber quando é a que a vossa raça está a processar a informação e quando não está. Convosco é só olhares vazios. Preciso que compreendam bem. Perceberam ou não?

– OK.

Quem responde é o tipo grande que não conseguiu acertar no coelho.

– OK o quê? Repete.

Irá à polícia com o menino e a matrícula do carro e a carta de condução do velhote e dirá que é o filho da mulher que foi assassinada em Oslo.

– E digam-lhes para virem para cá. E para virem armados. Por falar nisso, preciso de uma espingarda.

Ninguém se mexe e ninguém responde.

– As espingardas são os paus de explosivos que vocês todos usam para assustar os coelhinhos. Preciso de uma. Com mira. Mira ajustável. A minha vista já não é o que era. E balas. Não se esqueçam das balas.

Continuam todos sem se mexer nem falar.

– OK, pessoal, qual é o problema?

– Não lhe podemos dar uma espingarda.

– E porque é que não podem? Têm espingardas de sobra.

Ninguém diz nada.

– Vocês acham que eu sou doido.

– É só porque é ilegal e já não andamos à caça.

– Falem por vocês – retorque Sheldon.

Sem pedir licença, abre o fecho de um dos sacos de caçador e remexe-o.

Tira munições que não lhe servem para nada e deita-as fora. Tira lanternas, assobios, um par de atacadores e um gorro de lã. Despeja tudo a um canto. Encontra uns binóculos e põe-nos na sua sacola.

– Hum, ó senhor...

– Preciso deles mais do que vocês. Se não me matarem, eu devolvo-os. OK?

O rapaz limita-se a fazer que sim com a cabeça. Que mais pode ele fazer? Se Sheldon fosse quarenta anos mais novo e bom da cabeça, talvez ele tivesse agido de maneira diferente, mas, naquelas circunstâncias, não havia outra resposta possível. Já tinham dito tudo quando se recusaram a emprestar a espingarda.

– Algum de vocês pesca? – pergunta Sheldon.

O outro caçador sentado ao lado dele levanta a mão. Fá-lo, porém, com relutância. Gosta muito da sua cana de pesca.

– Dá-me a linha. E despacha-te. Quem tem uma faca?

Ninguém responde.

– Todos vocês fracotes têm uma faca e eu sei que sim. Vá, deem-me uma.

Tormod, de lábio inferior visivelmente distendido, enterra a mão tão fundo no bolso que parece que vai extrair um órgão. Puxa de uma pequena faca com lâmina bloqueável e guarda de latão. Sheldon pega nela, sopesa-a e abre-a. Passa o polegar no gule da lâmina e, depois, levanta os olhos para Tormod e franze o sobrolho.

– Devias ter vergonha por andares com uma coisa destas e ainda por cima a tentares despachar, dando-a a um velhote. Agora, dá-me a faca a sério. Vá, depressa.

O que recebe é uma faca de caça Hattori com punho de mogno, guarda de latão e uma lâmina de dez centímetros.

Sheldon faz que sim com a cabeça.

– Agora, sim – diz.

De pé na terra macia, pega no maior saco de lona e esvazia o conteúdo para dentro da carrinha.

– Então, meu, pare lá com isso, sim? A única coisa que nós fizemos foi dar-lhe boleia.

Sheldon pega no saco e numa grande rede de pesca que encontra dentro dele, ignorando as queixas dos rapazes.

– Preciso de agulha e fio. Quem tem uma agulha? Não os deixo ir embora enquanto não me derem uma.

Com a sua coleção recém-adquirida de objetos, que parecem completamente aleatórios aos olhos dos caçadores, Sheldon obriga os rapazes a prometerem que levarão Paul, a matrícula e a sua carta de condução à polícia.

Olha para Paul, que continua sentado na caixa da carrinha, entre Mads e Tormod.

Sheldon ergue o braço para dizer adeus.

Paul não compreende e começa a chorar.

Sheldon tenta não fazer o mesmo.

Não tem coragem para ver a carrinha afastar-se. Paul está a olhar para ele. Se conseguirem ver-se um ao outro a ficarem cada vez mais pequenos e se Paul estiver a chorar, Sheldon não se conseguirá concentrar.

No fundo, não ver é a mesma coisa que não coçar. As consequências são as mesmas.

Daí a nada, o barulho do motor da carrinha esmorece e Sheldon está sozinho na bifurcação onde a estrada principal de terra batida se divide, um troço em frente e outro à direita, a seguir aos carros estacionados. O caminho de acesso à casa de campo é o da direita e leva, como um escuro trilho medieval, à toca de um dragão.

– O que é que fazemos agora, Donny? – pergunta Bill.

– Ainda aqui estás?

Bill encolhe os ombros.

– Estou sempre aqui.

– O que torna a tua inação ainda mais condenável.

– A polícia vai acabar por aparecer. Tens a certeza de que queres ir lá acima? A sério, para quê? O que é que achas que podes fazer?

Sheldon suspira e não discute. Sabe que é verdade. Tem fome e está cansado. Dói-lhe a cabeça. Sente-se pior da artrite e o único remédio que descobriu que ajuda – passas embebidas em *gin* – não está disponível.

Deixa Bill parado na bifurcação e dirige-se para o lado da estrada oposto ao do Mercedes e do Toyota. Agacha-se e olha para os carros com mais atenção.

– O que é que estás a fazer? – pergunta Bill, desta vez mais alto.

– Cala-te, Bill.

Sheldon baixa-se mais e, continuando descontente com a vista, cede finalmente a pôr-se de gatas no chão, esperando conseguir levantar-se depois.

– Sheldon, a sério...

– Cala-te, Bill.

Sheldon rasteja lentamente até ao carro amarelo e para quando encontra a primeira pegada. Parece de uma sapatilha e tem um símbolo estranho: um certo por cima do que parece ser uma pequena maçã. Fica a meio do sapato e felizmente destaca-se das outras pegadas que ele vê.

Outra marca, do lado do passageiro, corresponde a uma botifarra com os habituais losangos na sola e o tacão demarcado. Sheldon dá-lhe o epíteto de Puto Lenhador.

A Maçã e o Puto Lenhador desceram da carrinha Toyota. As pegadas estão a toda a volta do veículo e viradas em todas as direções. Talvez andassem a fazer tempo, à espera de qualquer coisa. São ambas demasiado grandes para serem de mulher e todas parecem demasiado pequenas para pertencerem a Lars.

No lado do condutor do Mercedes, também há um conjunto distinto de pegadas. São inconfundivelmente militares. Têm os ubíquos traços retangulares a orlarem a biqueira à volta de cinco trevos e um tacão grosso e alto. As botas podiam ser de qualquer exército, ou podem ter sido compradas numa loja de material militar. Mas Sheldon desconfia que não.

– O que é que estás a fazer, Sheldon?

– A aprender. Sou um velho, de gatas, e posso ser maluco, mas estou a aprender. –

Gira o corpo, lentamente, até ficar sentado a meio da estrada e limpa as mãos. – Três homens: O Sr. Maçã, o Puto Lenhador e o Lúcifer. O Lúcifer chegou primeiro. Saiu do carro e foi para a mata. A dada altura, voltou para trás e estabeleceu contacto com os outros dois. Depois, entraram todos na mata.

– Como é que sabes que estabeleceram contacto?

– Olha. – Sheldon aponta para a traseira do Toyota. – A pegada do Lúcifer sobrepõe-se à do Puto Lenhador. A forma da bota dele é clara, mas a ponta da do Lenhador está deformada. Isso significa que ele a pisou depois.

– Percorreste muito caminho com aquele miúdo para depois te despedires com tanta facilidade.

– Não foi fácil. Foi necessário. Agora, ajuda-me a levantar.

– Não posso.

– Porquê? Estás ocupado?

– Tu sabes porquê.

– Ah, está bem.

Antes do grande impulso para se pôr de pé, Sheldon tira a faca da bainha e fura os dois pneus do seu lado do Mercedes. Depois, usa a porta do automóvel para se levantar. Assim que está de pé, e por capricho, verifica se a porta está aberta, mas não. Lá dentro, vê bancos de vinil azul estalado e a manete das mudanças com os números gastos do uso.

Com cuidado, dirige-se para o Toyota e fura-lhe os pneus também.

Ninguém vai a lado nenhum. Isto acaba aqui.

Quando está satisfeito com a sua obra, guarda a faca na bainha e depois na sacola. Encaminha-se para o meio da estrada e pega nos restantes objetos que tirou aos caçadores e, em seguida, mete pela mata dentro como um velho atirador.

A floresta é densa e o solo irregular. Há pequenas elevações e desníveis, onde aflorações rochosas glaciares foram polidas por séculos silenciosos de chuva e vento. Uma abençoada brisa fresca, que se gerou na tundra siberiana, sopra baixinho, revigorante, sob a abóbada espessa dos choupos e dos carvalhos majestosos.

Sheldon caminha o mais silenciosamente possível até um enclave rochoso, invisível das duas estradas, e começa a trabalhar tão depressa quanto lhe permitem as mãos e os olhos cansados.

Tira a faca, espeta-a no saco de lona perto do fundo e rasga-o como uma mão experiente esventraria uma presa. Estende o saco aberto no solo, com o fundo virado para o outro lado. Pousando a faca, pega na grande rede de pesca e coloca-a em cima do saco de lona. Donny deixa margem para movimento e folga, depois corta a parte da rede que transborda do saco.

Inspira a brisa fresca e retém-na nos pulmões até sentir dor. Depois, solta o ar.

.....

Em New River, em 1950, passara horas no campo de tiro. O espaço não era

coberto pelo tipo de toldo que abriga os jogadores de golfe, enquanto dão as suas tacadas para o fundo de canais estreitos. No campo de tiro dos fuzileiros, os homens disparavam de uma pequena elevação e deitados na terra, ou no pó, ou na lama, ou na porcaria, dependendo da disposição da mãe natureza nesse dia. Quando estava muito calor, suavam e tinham comichões. Quando estava tempo de chuva, tinham ainda mais comichões. Se se contorcessem ou queixassem, arriscavam-se a levar com uma coronhada na parte de trás do capacete pela mão do instrutor de tiro, que era tudo menos cativante.

Respira simplesmente.

Corriam quinze quilómetros por dia, para tonificar o corpo e abrandar o metabolismo. Cortaram no açúcar e no café. Tudo para ensinar o coração a não bater. Lento, lento bate um metrónomo. Menos ar, menos inspirações, menos vida. Tudo para manter o atirador quieto, para manter o batedor de terreno em movimento, observando, registando, regressando.

Isso foi há cinquenta e nove anos.

É tudo mais claro agora do que na época. Rhea diria que se trata da invenção vívida de uma mente que envelhece. O mais provável, porém, é que seja a clareza que advém da velhice, do processo natural de libertar a mente de futuros imaginários e permitir que o presente e o passado ocupem o seu devido lugar no centro da nossa atenção.

O passado é palpável para Sheldon agora, da mesma maneira que o futuro o é para os jovens. Ou se trata de uma breve maldição ou de uma dádiva antes do esquecimento.

Respira simplesmente.

Num dia muito chuvoso, no campo de tiro, Hank Bishop estava à esquerda de Sheldon, a tentar atingir um alvo a duzentos metros por entre um ligeiro nevoeiro.

Hank Bishop, coitado, não era muito inteligente.

– Não consigo ver se acertei – dizia ele depois de cada tiro.

– Não acertaste – respondia Donny.

– Não consigo ver se acertei – dizia ele.

– Não acertaste – respondia Donny.

– Não consigo ver se acertei – dizia ele.

– Não acertaste – respondia Donny.

Esta conversa de surdos – de que Sheldon nunca se cansava – prolongou-se até que sucedeu uma coisa inexplicável e miraculosa. Hank refletiu, vá-se lá saber porquê, sobre os seus próprios atos, quebrando assim o ciclo e suscitando uma pergunta.

– Porque é que tens tanta certeza de que não acertei, Donny?

– Porque estás a disparar contra o meu alvo, Hank. O teu está ali. Olha... eu mostro-to.

Sob a chuva torrencial cada vez mais intensa, Donny abriu silenciosamente o

bolso do peito e tirou uma bala de ponta vermelha. Ejetou o carregador e pousou-o ao seu lado. Depois, tirou os últimos cartuchos da câmara e enfiou a bala tracejante.

Inspirou ao de leve, soltou o ar a meio, fez pontaria e premiu o gatilho.

O cartucho de fósforo vermelho rasgou o nevoeiro como uma pomba a arder por entre um túnel nos Alpes e enterrou-se no alvo de madeira de Hank. O impacto foi quase, quase no meio e a fila de fuzileiros desatou a aplaudir e a dar vivas, fazendo com que o instrutor corresse de uma ponta à outra da fila, dando coronhadas no capacete de todos os homens da brigada.

As balas luminosas não foram concebidas para penetrar o alvo, por isso aquela alojou-se na placa de madeira, que pegou fogo imediatamente, sibilando, e começou a arder de dentro para fora.

– Horowitz, seu idiota. Que merda de ideia foi a tua?

– Não fui eu.

– O Bishop é que não foi de certeza!

– Está bem, fui eu, mas o Hank não conseguia acertar no alvo e o meu já está morto e mais do que morto.

::::

Sheldon serve-se dessas mesmas mãos para coser. Trabalha o mais depressa que os seus dedos lho permitem. Enfia a linha de pesca na agulha e usa o cabo da faca como dedal para a empurrar de um lado ao outro do saco de lona, de modo a coser a rede ao tecido.

Tem consciência do tempo que passa, mas obriga a sua mente a não pensar no que poderá estar a acontecer na casa de campo.

Leva mais de meia hora, apesar da sua concentração profunda. Tem medo de que a agulha seja demasiado fina para aguentar tanta violência. O saco é feito de algodão grosso, mas felizmente tem a trama larga e Sheldon consegue passar a agulha por entre os fios grosseiros.

Assim que acaba, observa o seu trabalho. Está razoável, tendo em conta a escassez de materiais que tinha ao seu dispor. Agora, tem de terminar o camuflado com vegetação, ramos e pedaços de terra. Não quer usar só material das imediações, quer que a camuflagem se funda com o máximo de formas de vida que se encontram à sua volta. Quer tornar-se um só com a floresta, que o seu fato se torne uma parte viva e concreta do mundo em redor.

Quando termina, enfia silenciosamente a mão na terra macia, até onde está húmida, tira um punhado e esfrega-a no rosto e nas costas brancas das mãos. Esfrega terra nos sapatos e nas partes do saco de lona que ainda estão verdes. Quando está satisfeito com a obra, coloca o fato de camuflado por cima do corpo, com a cabeça na parte curva do fundo. Como toque final, perfura o fato à direita e à esquerda das clavículas e passa a alça do saco pelos buracos, que agora lhe assenta como uma capa de fidalgo. E, posto isso, está pronto.

- E agora? – pergunta Bill.
- Precisamente – responde Sheldon.

Capítulo 20

Era sempre melhor manter reduzido ao máximo o número de pessoas envolvidas numa operação. Na Sérvia, Enver tivera problemas com línguas desatadas. Planos que haviam sido feitos em quartos sombrios fora de horas tinham vindo à tona com demasiada facilidade e sido expostos.

“Línguas desatadas afundam navios”, dizia o provérbio.

Quando tinha vinte e poucos anos, tudo o chocava. A capacidade dos sérvios para a violência desmedida não só o enfurecia, como o baralhava. Como é que as pessoas podiam odiar desconhecidos com tanta intensidade? Enver nunca caiu por inteiro nessa ratoeira e orgulhava-se disso. A sua milícia só atacava quem estava ligado a crimes contra o seu povo. A sua motivação era vingar os mortos e restaurar a honra do seu povo. Não estava a cumprir uma qualquer ideologia maluca e não matava em nome de Deus. Estava satisfeito com as justificações dos seus atos.

O problema, para o fim, era que quase todos os homens sérvios eram assassinos e as suas mulheres harpias diabólicas, sussurrando atrocidades para lhes aferventar o sangue frio. Como é que as coisas podiam ter corrido de outra maneira? Os homens matam porque querem. Algo os faz querer. Mas a escolha é sempre deles e, com essa escolha, decide-se o seu destino.

O homem que atendeu o telefonema de Enver era muito conhecido no ELK. Era conhecido de Kadri. Era um homem banal, de estatura média e sem força nem velocidade especiais. Não havia nenhuma maldade em particular no seu comportamento, nem crueldade nos seus apetites. Não bebia em excesso e não justificava os seus atos, embrulhando-os em palavras caras e história e emoção. Não se entregava a teorias da conspiração para criar laços com outros homens.

Quem o conhecia não falava muito com ele, porque havia pouco para dizer e ainda menos para ouvir. Quando se falava dele, porém, havia um ponto que era unânime. Todos estavam convencidos de que ele já não tinha alma. Era um morto-vivo. Chamavam-lhe Zezake: o Preto.

O Preto é a proteção de Enver. O seu guarda-costas. O seu soldado. Foi enviado para a Noruega para esconder Enver dos sérvios e para ficar perto dele e o ajudar.

Para ser a sombra de Enver.

O Preto é um cidadão exemplar em Oslo. Só atravessa a estrada quando o semáforo fica verde para os peões. Faz pisca-pisca antes de virar. Segura a porta para as mulheres passarem com cadeirinhas de bebé, na United Bakeries. Nunca resmunga por causa das filas enormes nas caixas do Vinmonopolet.

Os sérvios sabem que ele ali está, mas os noruegueses provavelmente não. Viaja

discretamente, com documentos falsos. Aluga quartos e vai mudando de casa, sem deixar nada para trás. É um fantasma e sabe como se deslocar pela Europa fora com a destreza dos criminosos.

Os kosovares e os albaneses estão bem organizados e mobilizados em Oslo. Não constituem uma população numerosa e muitos deles conhecem-se. Ajudam-se uns aos outros e uma maneira de o fazer é zelando pelo Preto, para que o Preto possa zelar por Enver.

E, agora, ele tem uma tarefa para cumprir. O Preto recebeu o telefonema de Enver e prontificou-se a fazer o que Burim e Gjon não foram capazes. A sua missão é recuperar o miúdo, pela simples razão de que o instruíram nesse sentido e é isso que ele faz: seguir ordens. Foi ao mercado negro comprar uma pistola Colt 1911 de calibre .45, velhinha, mas funcional, e uma velha Winchester de repetição com a coronha de madeira. O antigo proprietário da espingarda gravou uma suástica na coronha. O Preto comprou-a, não por causa das suas inclinações políticas, mas pelo preço reduzido e a forte probabilidade de o dono querer esquecer a transação.

A espingarda tem uma mira de ferro e leva cinco cartuchos. O Preto testou-a nas colinas dos arredores da cidade e achou-a fiável e precisa.

Mandaram-no pegar nas armas e ir sozinho para a casa de campo. Enver deu-lhe a morada. Ele encontrará o caminho por si só.

O Preto não sabe que os caçadores levaram o menino, mas sabe qual é a aparência do menino e o seu nome verdadeiro.

O seu treino em operações especiais ensinou-lhe a encher sempre o depósito de um carro ou carrinha antes de chegar ao destino da missão, para ter o veículo pronto quer para a viagem de regresso, quer para uma fuga apressada. Por isso, quando para na estação de serviço de Kongsvinger, fica surpreendido ao ver o menino pelo parabrisas. Tem um pedaço de carne seca na mão e está de pé entre cinco rapazes noruegueses.

O Preto avança discretamente junto da bomba de gasolina e passa com o Fiat devagar à frente do minimercado onde o menino está parado com a carne na mão. Abre o porta-luvas e tira uma pasta de plástico vermelho-vivo. Dentro da pasta, está uma série de fotografias do menino. A fotografia de passaporte. Umas quantas fotos de vigilância. Fotos dele com e sem a mãe. Com o cabelo mais curto e mais comprido. Com um gelado de cone.

O Preto pega nas fotografias e compara-as com o menino. O menino vê o homem dentro do pequeno carro a olhar para ele e fixa-o. Não há qualquer sinal de reconhecimento. Nunca se viram antes.

O Preto percebe de imediato que aquele encontro fortuito muda os planos, modifica a posição das peças no tabuleiro de xadrez. O assalto à casa de campo tinha um único objetivo em mira: encontrar o menino. Se o menino já foi encontrado, não há necessidade de atacar a casa.

O seu rosto mantém-se impassível enquanto pondera.

O Preto tira um telemóvel do bolso do casaco e liga a Enver. Como sabe que é fácil intercetar chamadas, só usa cartões pré-pagos. Sabe que o telefone pode indicar a sua localização e inclusive ser usado como microfone pela polícia, que tem a capacidade de ativar o telefone à distância sem ele o saber e é por isso que deita fora o cartão SIM sempre que telefona a Enver.

O telefone toca e Enver atende:

– O que foi?

– Encontrei o puto.

Faz-se silêncio por um instante.

– Tem-no?

– Não. Mas daqui a nada, sim.

– E o velho?

– Não vejo velho nenhum.

– Com quem é que o puto está? Com a polícia?

– Não. Está com uns veraneantes da zona. Caçadores. Ou talvez sejam pescadores.

– Pega no puto.

– Levo-o para a casa?

Enver suspira ao telefone. Se tivesse recebido aquele telefonema na noite anterior, a resposta teria sido não. Enver, Gjon e Burim teriam voltado para os seus veículos e ido ao encontro de Preto num local qualquer, trocado de carro e Enver teria rumado para a fronteira sueca por uma estrada secundária sem vigilância, usada pelos traficantes noruegueses de álcool e tabaco.

Mas o telefonema não aconteceu na véspera. Está a acontecer nesse momento.

– Sim. As coisas já estão em movimento. Trá-lo para cá quando acabares o que tens a fazer. E traz as armas. Não vamos demorar muito.

São cinco, mais o miúdo. Têm todos vinte e muitos anos ou trinta e poucos. Observa-os a sair do minimercado com compras. Cada um leva um saco e o miúdo caminha ligeiramente atrás deles. É estranho, o filho de Enver. Toda a gente sabia que ele vivia com a mãe e que a mãe era estranha, uma mentirosa que, segundo se dizia, se prostituía para ganhar a vida. Fizesse o que fizesse, porém, fazia-o pelo filho. Não se sabia ao certo porque é que Enver decidira mudar o esquema e tirar o miúdo da Noruega. Mas os motivos que levam as pessoas a agir como agem é uma pergunta que já não atormenta o Preto.

Portanto, ali está ele, seguindo silenciosamente um grupo de homens sobre os quais não tem qualquer informação. O que estará o puto ali a fazer sem o velho? Não lhe vem uma única ideia à mente. O velho deve estar dentro da loja a comprar qualquer coisa ou a urinar. É o que fazem os velhos. Decide esperar que o velho reformado apareça.

Mas não aparece. Em vez disso, os cinco rapazes e o miúdo metem-se na carrinha e ligam o motor. E depois arrancam.

O Preto segue a carrinha, que sai da estação de serviço Esso e mete por uma estrada secundária, asfaltada e sossegada. Veem-se uns quantos carros na estrada, mas não em número suficiente para proteger os homens. As probabilidades estão a favor do Preto.

A floresta é menos densa nos arredores da povoação. Ervas castanhas e amarelas bordejam a estrada e espreitam através de velhos buracos e brechas. O tempo está ameno, e a superfície da estrada, seca.

O Preto mete a terceira e ultrapassa a carrinha. O condutor, de rosto enrugado, olha para ele quando, por um instante, os dois veículos avançam paralelos um ao outro. Depois, o instante passa. Quando o pequeno Fiat está a uma distância equivalente a cinco carros, o Preto trava a fundo e a traseira do carro rodopia.

O condutor da carrinha também trava a fundo e para com uma chiadeira de pneus, mesmo a tempo de evitar a colisão com o Fiat. O Preto salta do carro, do lado oposto ao da carrinha. Põe-se atrás do Fiat, a olhar por cima do tejadilho prateado e ferrugento. Num gesto fluido, saca da Winchester, enfia um cartucho baixando a alavanca num ângulo de quarenta e cinco graus, e faz pontaria ao condutor.

O menino não está na cabina; está sentado na caixa da carrinha com três dos rapazes. O Preto sabe isso, porque os observou enquanto os seguia.

É melhor assim, facilita-lhe o trabalho.

O Preto dispara a espingarda na direção da janela da carrinha, atingindo o condutor na cara. O sangue espirra para o para-brisas. O outro homem que vai na cabina, e que claramente não está habituado à guerra e às suas respostas necessárias, está petrificado no banco como os animais que indubitavelmente caça. O Preto faz pontaria, aciona novamente a alavanca da Winchester e mata-o.

Ouve um alvoroço na traseira da carrinha, seguido de passos nas ripas de aço. Agacha-se e espreita por entre as rodas de ambos os veículos para ver se desceram da carrinha e estão a tentar fugir. Sabe, por experiência, que se correrem diretamente na direção oposta à da carrinha, não os conseguirá ver e terá de se mexer para a esquerda ou para a direita para recuperar a linha de mira necessária para disparar.

Não vê pés, mas está convencido de que daí a pouco os verá.

Quando se levanta novamente para espreitar por cima do tejadilho do carro, vê um rapaz gorducho com o cabelo louro-sujo a segurar numa espingarda por cima da cabina da carrinha. Tem os braços a tremer. Antes que o Preto tenha tempo para fazer pontaria, o homem dispara.

A bala passa pela cabeça do Preto suficientemente perto para ele a ouvir e deixa-lhe no ouvido um zumbido e um tinido horríveis.

A seguir, fixa o alvo e dispara contra o homem. Falha ligeiramente a pontaria, uma vez que o tiro parece ter atingido o tipo no rosto um pouco mais abaixo do que ele tencionava. Mas o alvo cai e desaparece de vista e, nesse momento, é só isso que lhe interessa.

Agacha-se novamente e, desta vez, vê mesmo os pés deles.

Os pés mais pequenos do menino estão à direita e a correr com um dos homens. O outro rapaz foge na direção da mata, à esquerda. É possível que escape, porque o Preto tem de fazer uma escolha. Se der um passo para a direita para avistar o rapaz com o miúdo, deixará de ver o outro indivíduo. Se, por outro lado, se deslocar para a esquerda, poderá atingir o que vai a fugir para a floresta, mas depois terá de perseguir os alvos. E não quer perseguir os alvos.

Com passos firmes e lesto, põe-se atrás do Fiat, vê o rapaz a correr com o miúdo e consegue alvejá-lo. Mas o tiro é baixo e atinge-o ao fundo das costas. O homem contorce-se e grita no chão. O menino para de correr e vira-se de frente para o Preto.

Está a chorar, mas felizmente fá-lo em silêncio. O choro incomoda o Preto, que, por esse motivo, tem feito um esforço concertado para se manter longe de crianças. É o único som – além de gatos a uivar de fome à noite – que ainda lhe toca num ponto sensível.

Corre para a frente, para ultrapassar a carrinha e ter uma vista total da estrada. O outro homem fugiu, de facto, para a mata. Na sua juventude, o Preto era capaz de ter puxado da .45 e polvilhado a floresta de tiros aleatórios, mas já não faz esse tipo de coisa.

O Preto avança agora devagar. Não há nenhuma pressa imediata. A sua preocupação é que o sobrevivente tenha telemóvel e chame a polícia. Toda a gente na Escandinávia tem telemóvel.

Posta-se ao lado do menino e baixa os olhos para ele. Passa o polegar por baixo do olho do menino, limpando uma lágrima. Quando o Preto perscruta o rosto da criança, isso lembra-lhe o que já não vê quando se olha ao espelho.

O que foi alvejado nas costas é Mads. Ainda está vivo, embora já tenha o olhar vazio. Não é preciso dar-lhe um tiro na nuca. Tanto pode morrer em breve como não. Seja como for, a vida dele não é significativa comparada com a do que fugiu.

O que, sim, é significativo é o som que vem da carrinha atrás dele.

O Preto vira-se de frente para a carrinha e fica genuinamente surpreendido quando vê o gordo a apontar-lhe uma espingarda. Perdeu uma parte do rosto, mas está claramente capaz de empunhar uma arma.

O Preto pousa a Winchester e saca da pistola. Quando faz pontaria, sente, no entanto, uma dor súbita no joelho. Baixa os olhos e vê que o miúdo lhe bateu – com toda a força – com uma espécie de pau com um lenço atado na ponta.

E, nesse instante, ouve um tiro de espingarda.

A bala de Tormod atinge o Preto, arrancando-lhe um pedaço do cimo da coxa. Mas falhou a artéria femoral, o que é uma sorte, porque isso o teria matado. Foi, tendo em conta o estado de Tormod, um esforço corajoso. É também o derradeiro, porque, apoiado num joelho, o Preto usa as balas da pistola que não disparou na direção da floresta para matar Tormod.

O Preto diz ao menino, em albanês:

– Vem comigo – mas o menino não se mexe. Mais estranho ainda, não reage de

todo. É como se não falasse albanês. Por isso, o Preto repete a frase, desta vez em inglês e, de novo, o menino fica imóvel. Confuso, mas determinado, o Preto agarra na camisa do menino entre as omoplatas e arrasta-o para o carro.

Pegando na espingarda, coxeia até ao Fiat, a sangrar da perna. Abre o porta-luvas e usa a agulha e o fio do seu estojo de primeiros socorros para se coser. Enfaixa a perna e bebe um grande gole de água do cantil guardado debaixo do lugar do morto. As lágrimas do menino estancaram. Talvez esteja em choque. Seja como for, não tem grande importância.

O Preto não consegue genuinamente compreender quando e porque é que as emoções começam e terminam, se metamorfoseiam umas nas outras. Isso já nem suscita dúvidas nele. Deixa de haver mistérios quando a alma está morta. Apenas problemas.

Quando Enver atende, o relatório do Preto é sucinto.

– Tenho o puto comigo. A polícia vai encontrar o chalé. Daqui a nada estou lá. Estou ferido. Estejam prontos para partir.

– Estamos prontos – responde Enver.

O Preto tira o cartão SIM do telemóvel e parte-o ao meio. Substitui-o por outro.

Satisfeito, fecha a porta do lado do condutor e liga o carro. Em menos de dez minutos deverá estar na estrada que leva à casa de campo.

Capítulo 21

Donny avança silenciosamente, um passinho de cada vez, adentrando-se na mata. O seu equilíbrio já não é o que era, por isso tem mais dificuldade em manter-se firme sobre um pé enquanto pousa o outro no sítio certo. Ainda está suficientemente longe da estrada para achar seguro continuar de pé, mas quando se aproximar mais, rastejará, unindo-se ao solo.

Bruscamente, detém-se.

Junto da rua particular que leva ao prado e à casa em si, capta um vislumbre metálico de lado, numa ravina. Está em terreno plano, agora, e em vez de se aproximar, recua para uma pequena elevação e deita-se.

Sem fazer gestos largos, tira os binóculos do cinto e leva-os aos olhos. Por hábito, não usa o dedo do gatilho para ajustar o foco, para evitar ficar com uma esquirola da roda de focagem.

Sheldon não entende muito de motos, mas consegue reconhecer o símbolo no depósito de gasolina. É a inconfundível roda azul e branca da BMW e o depósito amarelo-vivo significa que é a moto de Lars.

Está caída, inerte, na ravina, virada para a estrada principal e de costas para a casa, como se tivesse sido apanhada a sair da propriedade.

Sheldon não vê ninguém perto dela. Ninguém morto nem ferido. As rodas não estão a rodar. Não consegue ouvir o motor a bater nem a gemer.

O que quer que vai acontecer já está em marcha.

Não é o esforço físico que o vai matar e, sim, a descarga de adrenalina. O coração bate mais depressa e uma fina camada de suor frio já se lhe formou na testa, ameaçando-o com uma constipação, uma pneumonia ou a morte. A brisa fria que há apenas minutos era uma bênção traz um futuro sem vida.

Sheldon mantém os binóculos encostados aos olhos e perscruta o terreno à sua esquerda. A floresta e a luz desfocam-se até ele captar um ligeiríssimo vislumbre de vermelho. É um vermelho que foi em tempos a cor de um carro desportivo ou de um pôr do sol intenso. Já se esbateu e é agradável. Torna a casa de campo parte integrante, mas sempre distinta, da floresta envolvente.

Dali não consegue ver nenhuma janela. Não consegue ver a sauna. E é aí que Moisés e Aarão se escondem.

Convencido de que está sozinho, avança mais depressa. Sabe que o olho humano está mais afinado para o movimento e só depois é que processa a cor. Não somos caçadores. Fomos concebidos como presas e os nossos sentidos controlam-nos como presas. O seu sargento de instrução foi muito claro sobre isso.

Quando vemos movimento, as nossas pupilas dilatam-se e fixamo-lo como idiotas. A adrenalina lateja-nos no coração. Entramos em pânico e preparamo-nos para fugir, mas não fugimos. Porquê? Porque não somos velozes e não temos dentes que valham alguma coisa e não temos garras e somos maus nadadores e mal conseguimos trepar e não temos nem metade da inteligência que julgamos. Somos comida. Mas a minha tarefa é transformar-vos de comida em fuzileiros! Não fazem ideia de como essa tarefa é difícil. Seria mais fácil transformar chumbo em ouro! Transformar a minha mulher na Rita Hayworth! E se não estou envolvido em nenhuma dessas missões inúteis mas potencialmente gratificantes é única e exclusivamente porque o Corpo de Fuzileiros dos Estados Unidos não me paga para isso. Paga-me doze cêntimos por semana para vos transformar de presas em predadores! E sabem como é que a presa em fuga e assustada se torna o predador? Sabem? Eu digo-vos como! Parando. E virando-se. E decidindo matar. Agora, vou ensinar-vos a fazer isso. Tu! Horowitz, o que é que acabei de dizer?

Meu sargento! Comer ou ser comido, meu sargento!

Precisa de avançar no terreno e encontrar a sauna, mas sem deixar que o inimigo o veja. Já o fez antes. Mas foi há quase sessenta anos.

Agora, os seus olhos deixam entrar apenas um quarto da luz que os de um jovem.

Uma queda e os seus ossos partem-se.

Os registos altos do espectro do som são uma mera recordação.

O que é que consegue ouvir? Uma folha a estalar debaixo dos calcanhares de um inimigo? Uma arma a ser engatilhada? Um pássaro a levantar voo, indicando que não está sozinho?

Já não é um caçador. É um sonhador. Um espécime moribundo. Um homem inútil.

– Estou vestido como um arbusto.

– Pois estás, Donny. Não era essa a ideia?

– Quem é que estou a querer enganar? Será só a mim próprio?

– Tens a certeza de que foste atirador? E não um funcionário de escritório, como disseste à Mabel?

– Nesse caso, como é que eu sabia fazer o fato de camuflagem?

– És esperto, Sheldon. Podes ter aprendido sozinho.

– Vai muito além disso. Estamos a falar de memória muscular. Sei como pisar. Sei como olhar. São memórias que fazem parte de mim. Mas isto não tem só que ver com aquilo de que me lembro. Tem também que ver com aquilo de que *não* me lembro.

– O que é que queres dizer?

– Que não me lembro de fazer trabalho nenhum de escritório.

– Seja como for, Sheldon, aqui estás tu. E o que é que vais fazer quanto a isso? É essa a única pergunta persistente na vida.

– Vou procurar as espingardas.

– Bom, se é isso que vai acontecer, então devias despachar-te.

O terreno desce abruptamente para um vale comprido e pouco profundo, antes de se erguer na direção da casa. A terra está húmida e fresca por baixo das folhas, é mais fácil encontrar apoio firme para os pés. A luz ainda é forte e o sol nórdico está alto no céu, lançando sombras curtas. Sheldon reconhece o vale como uma depressão aluvial criada por um glaciar ou um rio há muito, muito tempo. É útil saber isso, porque significa que o vale se prolonga em duas direções e Sheldon pode usar esse conhecimento da terra em seu proveito. Significa que a sauna não estará no sítio onde se acumulam as águas das cheias. Não está aqui nem do outro lado do prado. Estará em terreno mais alto. Terreno mais seco. Estará atrás da casa.

Vou descrever um arco largo e distante para aceder à casa.

Um homem mais jovem poderia ter feito um trajeto mais próximo da casa, da qual ele se aproxima pela esquerda e a centenas de metros por dentro da mata. Um homem mais jovem poderia ter-se preocupado com Rhea com tanta intensidade que se teria armado apenas com a faca pequena e servir-se-ia somente dela. Mas Sheldon não é um homem jovem. Não consegue dominar ninguém com a sua força. Sentado, mal consegue enfiar a faca num saco de lona.

Quando olhamos para dentro de uma floresta para identificar a origem de um som, olhamos para os espaços entre. Entre as árvores por onde a luz brilha. Entre os ramos para vislumbrar o céu azul, ou o forro cinzento e prateado dos céus. Os nossos olhos procuram a luz e buscam qualquer coisa que nos afaste das trevas da natureza.

E, portanto, Sheldon move-se por entre as sombras. Mantém-se colado à base das árvores. Deita-se várias vezes, durante alguns minutos, nos pontos onde a terra é irregular e funde-se com o chão da floresta. Usa os joelhos e os cotovelos para se apoiar, porque já não tem força suficiente no peito para manter o corpo frágil acima da terra muito tempo.

Quanto tempo passou?

Cerca de uma hora. Quarenta minutos para fazer o fato de camuflado e outros vinte em movimento. Será possível? Parece muito mais do que isso.

Ficaria com frio ali, se não estivesse tanto calor debaixo da lona. Devia estar de luvas. Sempre lhe disseram isso. O couro é o melhor material. Os pilotos de corridas e os cavaleiros usam luvas para absorver o suor e manter um aperto firme nas rédeas. Trabalhadores de metal e madeira usam-nas. Jardineiros e alpinistas usam-nas.

Um as mãos tão macias, sussurrara-lhe Mabel, uma vez.

Agora já não. Agora têm calos e cicatrizes. Têm sangue e estão sós. Já raramente se têm uma à outra como companhia. Tornaram-se indiferentes uma à outra. Já quase não há nada para aplaudir.

A maior parte dos homens da sua brigada cortavam o dedo indicador das luvas e depois punham-no no dedo, solto. Assim, podiam perdê-lo e ficar com um dedo frio, o que acontecia, mas raramente. Usar luvas era importante e todos os homens o sabiam. Era a melhor maneira de manter as mãos flexíveis e quentes. Os soldados

protegiam as mãos da mesma maneira que os cirurgiões protegem as deles. Da mesma maneira que os violinistas e os pianistas não tiram comida quente do forno.

Os homens tiravam o dedo de couro só mesmo antes de matarem.

Sheldon olha para trás para o terreno que já percorreu. Fica impressionado consigo próprio. O hábito tende, de facto, a fazer o monge. Um soldado ergue-se de costas mais direitas, de farda. Um médico age com mais autoridade, de bata branca. O atirador rasteja mais baixo. É mais sorrateiro. Aproxima-se mais.

A casa vermelha move-se como o sol ao longo do horizonte. Sheldon perseguiu-a através daquele céu florestado e eis que finalmente ela se detém à sua extrema direita. É maior do que ele esperava. Sempre a imaginara como uma cabana de uma só assoalhada, de pinho tosco, com um telhado íngreme. Uma espécie de arrecadação ou casota do cão, numa tundra varrida pelo vento e que nunca degela. Uma fotografiazinha no frigorífico no seu caminho para ir buscar o café gelado.

Na realidade, é maior. Sheldon deduz que o chalé térreo tem dois quartos e um sótão. Talvez uns cento e vinte metros quadrados. Fica ligeiramente acima do solo, de modo que há espaço para rastejar por baixo dele. Provavelmente foi concebido assim para o manter seco em tempo de neve invernale e chuvadas primaveris.

Dois degraus levam à porta da rua. Sheldon está demasiado longe para conseguir ver pegadas, mas nem precisa de verificar. As pegadas de Lúcifer mostram que ele voltou para o Toyota vindo da floresta, mas o Sr. Maçã e o Puto Lenhador só abandonaram o local uma vez.

Não podem ter ido para mais lado nenhum. Encontram-se lá dentro.

Estando a moto caída no chão, a única coisa que Sheldon pode esperar é que Rhea e Lars também lá estejam.

Mais um pouco e... será que é aquilo? Examina o local com os binóculos. O cimo é direito. Claramente feito pelo homem. É uma estrutura qualquer, a cerca de cem metros da casa. Sheldon rasteja por cima de murta e ramos caídos de vidoeiro. Evita um texugo morto e fica grato por não haver ali corvos que se assustem e traiam a sua presença.

Sim, ali está ela, a sauna que imaginara. Um só quarto com um telhado, suficientemente grande para albergar meia dúzia de pessoas e secar a lenha. Uma concha no interior para molhar as pedras com água fria e gerar vapor. Onde corpos de pele clara fervilham até ficarem vermelhos empolados, como as faces de uma meretriz depois de uma pinocada.

Sheldon chega à sauna pelas traseiras, deixando que ela eclipse o chalé. Põe-se de pé pela primeira vez e sente a dor disparar-lhe pela coluna acima.

A porta fica na outra ponta, de frente para o chalé, mas há uma janelinha nas traseiras, por onde ele pode espreitar, se se endireitar todo.

Está escuro lá dentro, mas não negro como breu. A porta tem uma janela redonda que deixa entrar luz suficiente para que ele consiga perscrutar o interior da cabana. Um banco corre ao longo de três dos lados e, na parede da esquerda, há um segundo

banco, mais alto. Os assentos estão gastos e embora não haja lenha a arder, sente-se o cheiro a madeira. Faz-lhe lembrar quando era jovem e cheio de garra. A sensação assola-o como uma diversão indesejada. Tenta reprimi-la de imediato, mas as recordações que advêm de cheiros são as mais difíceis de afugentar.

Será este um espaço onde um homem guardaria armas? Claro que não. É pouco provável as munições pegarem fogo à temperatura relativamente baixa a que os humanos assam, caso contrário no Médio Oriente não haveria armas. Mas o calor pode empenar madeiras delicadas e forçar o metal a expandir-se o suficiente para afetar a precisão de um instrumento sofisticado.

Então, onde é que estão as espingardas?

Sheldon olha fixamente pela janela das traseiras durante mais uns minutos, mas não lhe vem nenhuma ideia à mente.

– Como é que vai isso?

– Bill?

– Sim.

– Não consigo encontrar as armas.

– Onde é que procuraste?

– Bom, espreeitei aqui por esta janela.

– Estou a ver que foi uma busca meticulosa. Mais vale desistires.

– Está bem, meu raio de sol, tens alguma ideia brilhante?

– Na verdade, a ideia é tua. Se a sauna é demasiado quente, então não podem estar na sauna.

– Portanto, estão do lado de fora da sauna.

– Boa conclusão.

Estão junto da madeira!

Sheldon caminha para a esquerda e espreita à esquina. Consegue ver a casa e tem quase a certeza de que ninguém em casa o consegue ver a ele. Mas, tal como Bill sugerira, existe uma pequena arrecadação, mais pequena. Sem janelas. Tem cerca de dois metros e meio de altura e menos de dois metros de largura por um de comprimento. É mais um armário do que uma arrecadação. Naquelas bandas, tendo em conta que a propriedade não é uma quinta, o pequeno edifício só podia ser uma arrecadação para lenha e ferramentas. É um espaço completamente banal, que não chama a atenção de ninguém.

É um bom sítio para se guardar uma arma, conclui Sheldon. Pode arrefecer um pouco, mas é menor o risco de uma arma se estragar por causa do frio do que de ser roubada, se estiver dentro da casa principal. Também há sempre o risco de acidente. É por isso que Sheldon nunca teve uma arma, quando voltou da Coreia, a menos que a velha arma pirata com que Saul costumava brincar na loja de antiguidades também conte.

Bill, por sua vez, tinha um antigo mosquete militar, por isso, quando os dois se punham a brincar, ninguém trabalhava.

A porta da arrecadação tem como sistema de segurança um cadeado antiquado Master Lock revestido de borracha encarnada. O cadeado está aberto, o que é particularmente útil. O U invertido foi posto na posição de fechar, mas não foi trancado. Não vale de nada tentar perceber porquê. Tem de entrar. Só espera é que ninguém lá tenha entrado antes dele e levado aquilo de que precisa.

A dobradiça da porta fica do lado direito, portanto ela abre na direção da casa. Sheldon entra na arrecadação e fecha a porta atrás de si. O interior está escuro e quente. É tão pequena que, pela primeira vez desde há dias, ele sente o seu próprio cheiro. O seu corpo fede, está coberto de terra e fungos, e sujo de excremento de pássaros e minhocas. Todas as partes do seu corpo se fundem com o solo... todas, menos os olhos azuis, que absorvem os raios de luz intensa que se infiltram nas brechas do telhado.

Vê um ancinho e três pás de tamanhos diferentes. Vê um pincel com as cerdas duras por ter sido negligenciado e uma corda que em tempos foi boa, mas que esteve demasiado tempo perto de uma botija de gás e agora é pouco fiável. Vê alvos de tiro ao arco e material de pesca. E por cima dele, espetado numa prateleira, um estojo de couro com metade do comprimento de uma espingarda.

Sheldon levanta o estojo e tenta evitar que arranhe na prateleira, enquanto o puxa para fora. É mais pesado do que parece. Ou talvez ele esteja mais fraco.

Quer sair dali imediatamente, mas sabe que uma espingarda sem munições não lhe serve de nada. Se o apanhassem ali, podiam matá-lo sem o mínimo esforço. O risco é demasiado grande, porém, de sair e montar a espingarda e depois voltar para a arrecadação. Tem de fazer tudo ali dentro.

Tentando não derrubar nada, pouisa o estojo suavemente no chão poeirento, à escuta de qualquer barulho vindo do exterior. O estojo é velho e tem um fecho com código na frente, com três rodas de números. Nos anos 60, um código muito comum era 007, em homenagem a Sean Connery, e Sheldon experimenta-o, mas em vão. O código de fábrica geralmente é 000 e tenta-o também, igualmente sem sucesso.

– Assim, ficamos aqui o dia inteiro – comenta Bill.

– Porque é que é sempre o Bill? Porque não a Mabel? Ou o Saul? Ou o Mario? Ou alguém por quem passei numa autoestrada? Porque é que me apareces vestido como o irlandês bêbado da loja de penhores ao lado da minha?

– Pensei que gostasses dele.

– E gostava e tenho saudades. Por isso é que me irrita que te faças passar por ele. Desististe de queimar sarças, foi? Agora queres ser irlandês?

– Não falamos há muito tempo. Tenho saudades das nossas conversas.

– Continuo sem nada para te dizer. Se alguém aqui tem de falar e explicar umas coisas és tu, por isso põe-te a andar, estou ocupado.

Sheldon vira o estojo silenciosamente para si, para ver as dobradiças. Enfia a lâmina da faca debaixo de uma delas. Inserindo uma pedrinha debaixo da lâmina, cria uma alavanca e, então, faz força no cabo, arrancando a dobradiça.

Repete o gesto para a segunda dobradiça, que também salta sem dificuldades.

Resiste à tentação de olhar para o relógio.

Sabendo que vai ranger ligeiramente, levanta a tampa do estojo. Para espanto seu, só tem uma espingarda.

– Qual das duas és tu, a Moisés ou a Aarão? O defeituoso ou o irmão que chega à Terra Prometida?

Sheldon tira-a do estojo e sopesa-a. Há décadas que não mexe numa espingarda. Não fazia tenções de pegar numa outra vez para o resto da vida. Mas ali, com o seu camuflado improvisado, no chão da arrecadação poeirenta, lembra-se de quem foi em tempos, com uma confiança e uma clareza que lhe faltavam há anos.

A espingarda é uma Remington modelo Seven com um cano de cinquenta centímetros, que Donny preferia que fosse de cinquenta e cinco, para ser mais precisa. As munições deviam estar guardadas à parte, mas Lars confiava claramente no esconderijo e no estojo trancado. Há cinco cartuchos .308 Winchester, que parecem familiares à vista e ao toque, porque têm aproximadamente o mesmo tamanho do que os 7,62 mm NATO. São o tipo de cartucho em forma de gargalo sem bordos que ele costumava disparar – a um ritmo de trezentos por dia – em New River.

A Remington, porém, é uma espingarda de tiro simples e de ferrolho, daquelas que pai e filho poderiam ter. Nada de muito sofisticado. Apenas uma boa arma para caçar veados numa floresta cerrada, com a coronha em nogueira e uma mira Bausch & Lomb.

Donny monta a arma, abre o ferrolho e puxa-o para trás. É suave e está bem oleado. Com o dedo, verifica a câmara para ter a certeza de que está vazia, depois enfia um cartucho e empurra o ferrolho para a frente, com firmeza mas silenciosamente. Tranca o ferrolho.

Com a patilha de segurança posta, tira os restantes quatro cartuchos do estojo e guarda três deles no bolso do peito do casaco, por baixo do camuflado. Coloca o último cartucho atrás da orelha direita.

Sheldon verifica a arrecadação uma última vez, para ver se lhe estará a escapar alguma coisa: uma pista, ou a outra espingarda. Vê alvos de papel e engodos para patos, umas raquetes de neve e um par de esquis, uns quantos cordões estranhos com pontas coloridas, pendurados num gancho, um tubo vazio daqueles que se usa para guardar projetos de arquitetura e duas velhas raquetes de ténis.

Pondera as vantagens de fechar e guardar o estojo da espingarda e decide que vale a pena perder esses segundos adicionais a fazê-lo. Não está habituado a trabalhar em situações de crise como aquela, não está habituado às pressões de uma crise de reféns. Enquanto atirador, trabalhava sozinho ou com um batedor. Largavam-no num lugar e ele fazia o caminho – geralmente ao seu próprio ritmo, com toda a calma – até ao objetivo, onde se instalava. Não corria de um lado para o outro como um polícia nervoso sem saber o que fazer, como está a acontecer nesse momento.

Camuflado e armado, o porte de Donny muda. Para de transpirar e já não sente pontadas na região lombar. Até as mãos parecem mais soltas.

Mas, depois, o objetivo altera-se.

Enquanto avança da arrecadação para a casa, vê duas figuras a atravessarem o prado em direção à porta da rua.

Uma é alta e a outra baixa. A alta está a puxar ou a arrastar a mais baixa. Estão a mais de cento e cinquenta metros de distância, por entre as árvores e os arbustos.

Há quanto tempo não bebe água? Terá sido de manhã? Não, foi na carrinha.

Mantém-se de costas dobradas, enquanto se esgueira pelo caminho até à casa.

É um ângulo mau. Um ângulo péssimo. Está a avançar na perpendicular a um eventual alvo, dando ao inimigo tempo mais do que suficiente para detetar o seu movimento. Estão a convergir para o mesmo ponto. Donny está mais perto e poderá chegar à casa mais depressa, mas não terá tempo para se instalar. Estará completamente exposto. E não faz ideia de quem são as duas figuras.

E eis que surge uma pequena dádiva dos céus. Das franjas da Lapónia vem uma brisa ártica, que transporta os cheiros a zimbro e a neve. A brisa restolha as árvores que rodeiam Donny, num rodopio de movimento e zumbido protetores.

A cinquenta metros da casa, a vegetação começa a tornar-se menos densa e ele sabe que chegou a hora. Deixa-se cair de bruços e rasteja para a esquerda, trocando o caminho por uma zona onde o terreno é uns centímetros mais baixo, porque a terra é menos compacta do que a do carreiro. Deita-se e ajusta o camuflado.

Verificando o vento e o ângulo da luz, Donny põe-se em posição.

Coloca a espingarda a postos e verifica a mira.

Seria bom ter um batedor naquele instante. Hank nunca foi bom atirador, mas quando lhe tiraram a espingarda e o destacaram como batedor, descobriram que era inesperadamente eficaz. Por um lado, porque era bem-intencionado e ingénuo e por isso fazia o que lhe mandavam, mas também porque, ao contrário de Mario, não era suficientemente inteligente para questionar o que fazia. Hank tinha jeito para avaliar a trajetória de uma bala e sugerir onde posicionar o atirador. E apesar de ser um palhaço, era estranhamente silencioso quando trabalhava.

Mas Hank não está ali e Donny tem de escolher a posição de tiro sozinho.

A figura alta é um tipo qualquer de casaco de cabedal preto, que segura numa espingarda de repetição por alavanca no seu ponto de equilíbrio, mesmo à frente da carcaça.

A baixa é Paul.

Sheldon fecha os olhos com força. Com tanta força que a grelha de cones e bastonetes forma um mosaico nas suas retinas e lhe reconfigura o cérebro.

Pisca os olhos e depois pisca-os de novo, para ter a certeza. Mas, sim, o menino ainda ali está.

Portanto, agora há uma escolha a fazer e, seja ela qual for, será sempre um fiasco. Se atingir odesconhecido que está com Paul, talvez consiga puxar o menino para o

mato e escondê-lo debaixo do camuflado até a polícia chegar. Mas se o fizer, estará a sacrificar a sua neta e Lars a quem quer que esteja dentro da casa. Os outros homens ouvirão o tiro. Encontrarão o corpo. Vingá-lo-ão.

Sheldon faz pontaria a Paul e observa o rosto dele através da mira. Paul esteve a chorar e tem o rosto vermelho e inchado. O azul-forte das galochas destaca-se contra o amarelo fresco da relva estival do prado. Paul já não tem o gorro com os cornos. A Estrela de David parece menos um ato cómico de desafio e mais um alvo ou uma provocação. Os seus passos denotam resistência e o seu rosto, raiva, enquanto antes não existia nada disso. O menino atingiu os seus limites. E continua sem saber que a mãe morreu.

Sheldon não pode deixar de se perguntar o que terá acontecido aos caçadores.

A oportunidade de tiro é cada vez mais fácil. Estão a caminhar na sua direção. Na direção da casa. Donny solta a patilha de segurança e coloca o centro da mira entre os olhos do homem. O olhar dele não traduz maldade. Está calado e não parece nada frustrado com a resistência de Paul. Arrasta o menino para onde o quer levar.

Donny baixa a mira para o centro do peito do homem. Não conhece a arma. Não sabe como é que a munição responde, se a mira está bem alinhada e se o cano foi limpo. O melhor que pode fazer é disparar contra o centro do corpo e esperar que as suas mãos não se mexam, que a arma reaja e que Paul virá ter consigo quando o chamar.

Ou, para ser mais preciso, esperar que Paul corra para si quando ouvir um nome que não é seu, gritado numa língua que não fala, por um homem com uma espingarda na mão, disfarçado de arbusto.

Este não é um bom plano.

Donny respira. Inspira fundo e solta o ar devagar dos pulmões. Inspira novamente, desta vez não tão fundo, e solta o ar até meio. Sem Hank para o ajudar, verifica o vento uma última vez. Mede o passo da sua presa e calcula a distância até ao alvo e o tempo que a bala demorará a percorrer essa distância, para que atinja o coração no momento certo da passada.

Estando Sheldon em equilíbrio e em posição, o tempo é substituído pela eternidade.

Encontrando a sua forma, ele recupera a postura.

Há um momento de calma.

E nesse momento de calma, Donny prime o gatilho.

Capítulo 22

– Conduzes como uma velhinha – diz Sigrid a Petter, quando ele passa pela estação de serviço da Esso, a meio de Kongsvinger. Tem a mão na testa e fixa a estrada como que desejando que deslize mais depressa debaixo das rodas do Volvo.

Já ouviram o anúncio na radio: houve um tiroteio numa pequena estrada secundária perto da estação de serviço.

- Vou o mais depressa que posso. Não estou habituado a conduzir assim.
- Tiveste de passar um teste.
- Mas não voltamos a ser testados.
- Vou pôr isso no meu relatório.
- Não é preciso seres desagradável.
- Estou ansiosa.
- Pelo menos, tinhas razão – comenta Petter.

É um comentário estranho para se fazer e não serve de consolo. Os carros-patrolha chegaram à estrada secundária há apenas cinco minutos. Havia um sobrevivente com um ferimento de bala nas costas, que se encontra em estado crítico e está a ser transportado de helicóptero para Oslo. Uma automobilista que ia na estrada parou e, passados os momentos iniciais de terror, ligou para a esquadra da polícia. Sigrid foi notificada minutos depois.

Sigrid tira uma garrafa azul de água Farris de debaixo do banco e bebe um longo gole, enquanto Petter serpenteia por entre o trânsito da povoação. Ela imagina o chalé e a paisagem envolvente: a estrada de terra batida que leva ao carreiro de acesso à casa e o campo estendendo-se diante desta.

- Como é que vêm? – pergunta ela a Petter.
- As tropas?
- Vêm de helicóptero?
- Vieram de helicóptero até onde puderam sem que as ouvissem. Vão fazer o resto a pé.
- Onde é que estão agora?

Petter não olha para ela. Os seus olhos perscrutam a estrada, não vá aparecer alguma criança a correr atrás de uma bola ou um carro a passar num cruzamento com o seu condutor distraído a ler mensagens no telemóvel.

- Perto – responde.

....

Ouve-se um clique... um clique distante, mas familiar. É o som de uma

espingarda a disparar em seco. O Preto já ouviu esse som antes. Se for feito demasiadas vezes, pode danificar o percutor, por isso não o faz com frequência. Mas, ao longo dos anos, com tantas armas nas mãos de jovens inexperientes que as manuseiam como se fossem brinquedos, ouviu esse barulho inúmeras vezes.

O som veio da floresta. Não é o estalar seco de um galho. É diferente do esmagar longo de uma folha ou da pancada abafada de um osso. É distinto. Metálico. Cortante. É um som de guerra.

Para e segura no menino com firmeza. Não está paralisado de medo. Está a tentar identificar a origem do som. O Preto gostava de o ouvir outra vez, para saber de onde vem.

Está a vinte metros dos dois degraus que levam à casa vermelha, que se ergue, incongruente, dos tons poeirentos da terra do final do verão.

Quando ele para, o menino também se detém. Está carrancudo e oferece resistência ao seu captor, mas apenas como forma de proteção, como um animal que, de repente, e sem provocação imediata, se vira contra a corrente que o prende e começa a mordê-la com um rosnar grave. O menino não está interessado em saber porque é que pararam. O que ele quer é libertar-se e fugir.

Existem sons – regra geral, palavras, mas não exclusivamente – que anunciam o final dos dias, o momento em que sabemos que tudo está irremediavelmente perdido, para sempre. O anúncio da morte de um ente querido é um desses sons.

O som de um percutor a bater na parte de trás de uma bala que não dispara é outro desses sons.

É o som da falsa esperança. Uma história que termina.

Para qualquer outra pessoa, o som da espingarda de Sheldon a disparar em seco é um clique ligeiro e estridente. Para Sheldon, é sonoro como uma moeda lançada para dentro de uma piscina vazia, a meio da noite. Percorre quilómetros. Anuncia ao mundo onde ele está. O que está a fazer e porquê.

O seu alvo parou de andar. Ouviu claramente a arma a disparar em seco. O menino não conhece o som e portanto fica impassível, mas o homem conhece-o. Está-lhe estampado no rosto. Não há que enganar. Virou-se e perscruta a mata.

Donny devia ficar calado. Devia ficar quieto. É assim que o atirador sobrevive quando é impossível fugir. Deve confiar na sua posição. Confiar na sua camuflagem e esperar que o alvo passe. A maldita espingarda está obviamente estragada.

Moisés. O defeituoso.

Sheldon, porém, não o faz.

O mais silenciosamente possível, levanta o ferrolho e puxa-o para trás até sentir a fricção da bala. Se puxar com demasiada força, o cartucho será ejetado e voará para a sua direita, aterrando nas folhas e fazendo ainda mais barulho. Por isso, leva a mão esquerda à culatra e puxa a alavanca do ferrolho para trás, até a ponta da bala ficar inclinada para fora.

Deitando a bala falhada no chão, tira a que pôs atrás da orelha e recarrega a arma.

Ferrolho para a frente e para baixo. Sem patilha de segurança. Faz pontaria de novo e – sem a pausa, sem a memória, sem a dúvida – dispara.

Ei-lo de novo. O clique distinto de uma espingarda a disparar em seco. Que coisa mais estranha. Estará alguém a brincar com ele? O Preto olha novamente para a floresta. Mais fundo, agora. Para o interior da mata, onde um atirador poderá estar escondido. Junto da base das árvores. Já o fez antes. Mas não vê nada. Ninguém no mato.

Também não ouve pássaros.

– Vamos, recomeça a andar – diz ele ao miúdo, em inglês.

Puxa o menino para a frente, para a casa, e sobe os dois degraus até à porta. Não bate. Roda a maçaneta e põe o pé na entrada escura, onde distingue a forma de um rosto familiar, enquanto os seus olhos se adaptam à luz.

– Não estamos sozinhos – diz ele a Enver.

Depois, entra com o menino e fecha a porta nas suas costas.

E assim, de repente, Sheldon fica novamente sozinho. Todas as pessoas de quem gosta estão dentro da casa vermelha à sua frente, que é impenetrável como uma fortaleza antiga. Ele é um velho judeu flácido e inútil, coberto de merda, deitado no duro solo cristão de uma terra que nunca o conheceu, nunca conheceu os seus sonhos, nunca ouviu as suas canções.

Nada resta naquelas mãos, naquele corpo. Nenhum objetivo. Nenhuma função que possa executar.

Iludi-me no meu derradeiro ato.

Lembra-se da água fria do mar Amarelo – as areias douradas do Gobi à superfície – a infiltrar-se no barco a remos, enquanto ele remava com a força de um guerreiro helénico. Lembra-se da sua determinação em servir uma causa que o transcendesse. O sucesso que em tempos sentiu, e a honra discreta de receber uma medalha do seu país. Agora, naquele dia de verão, entregou os seus entes queridos às mãos de assassinos. A sua neta e o marido encantador. A vizinha. O filho da vizinha.

Que tolo que fui por pensar que podia fazer alguma coisa. Que podia provar que era maior do que o meu próprio destino. Foi isto que matou o meu filho. Fingi que era um homem de ação. Mas não passo de um sonhador.

Lembra-se de uma anedota. Um judeu virtuoso morre e vai ao encontro de Deus. Aproxima-se d’Ele e diz: “Posso fazer-te uma pergunta?” Deus vê o desconcerto no rosto do homem e tem pena dele. “Podes.” Por isso, o homem pergunta: “É verdade que os judeus são o teu povo eleito?” Deus pondera a pergunta. “Sim”, responde, “é verdade.” O homem faz que sim com a cabeça, abre os braços e diz: “Então, importas-te de escolher outra pessoa, para variar?”

Sou um velho tolo e não fiz nada, a não ser mal aos outros. Lamento muito. Não há palavras para exprimir o quanto lamento.

– Estás a falar comigo? – pergunta Bill.

– Porque é que haveria de estar a falar contigo?

- Nada, queria só saber.
- Não quero falar contigo. Não tenho nada para te dizer. O perdão que quero não é o teu.
- Está bem.
- Não me sinto à vontade com a ideia de Deus ser irlandês.
- Não és a primeira pessoa a dizê-lo.
- Não quero morrer sozinho.
- Isso não vai acontecer, Sheldon.

Sheldon rasteja ao longo do carreiro que vai da sauna até à casa. À esquina do edifício, levanta-se. Sabe bem pôr-se de pé. Sujo e desfeito, arrasta os pés até à porta por onde Paul e o seu captor desapareceram. Com a mão direita, saca da faca e agarra-a com força. Não tem medo. Sabe que por detrás daquela porta está a sua própria morte. Lá dentro, está o que resta da sua família. Lá dentro, está a mulher radiosa que ainda no outro dia tinha um bebé a crescer na barriga, prometendo uma nova geração naquela família. Nesse dia, ele sentou-se como um rei no seu trono, num reino nórdico, e tagarelou sobre tempos idos.

Chama-se a isso demência, Sheldon, dissera-lhe Mabel.

E assim é, minha rainha. Assim é.

Diante da porta, sorri o seu último sorriso e ergue-se o mais direito e alto que consegue.

Inspirando fundo, Sheldon Horowitz roda a maçaneta da porta e abre-a.

:::::

– Aqui, aqui, vira aqui – diz Sigrid, com a cabeça a arder, mas já sem latejar.

Petter guina o volante. O Volvo está na mesma estrada que, há apenas algumas horas, os caçadores tinham percorrido na sua carrinha e na qual tinham discutido com o velhote por causa de linha de pesca e agulha.

– Desliga os faróis – sussurra ela, como se se pudesse ouvir a sua voz com o som do motor a gasóleo a trabalhar. – Para atrás do Mercedes.

Pelo rádio, anuncia a sua localização. Sabe que toda a gente na esquadra está à espera de notícias. Mas não há notícias. Por isso, não há mais nada para dizer.

– Queres que bloqueie a estrada?

– Quero que sigas pelo carreiro de terra batida até onde o carro puder ir.

– Não temos tração às quatro rodas.

– Não, e daí?

– Acho que não devíamos ser os primeiros a lá chegar – diz Petter.

– E eu acho que alguém tem de ir para lá já – riposta Sigrid. – Segue aquele carreiro até deixar de haver carreiro... ou carro – diz Sigrid. – É uma ordem.

Petter mete pelo carreiro que Lars usa para a moto. Põe o carro em primeira e troa caminho acima. O carro abana e salta. Ele condu-lo como se fosse um carro de *rally*. Estão a avançar a bom ritmo, ambos a pensarem a mesma coisa. É Sigrid quem o diz

em voz alta:

– Se a porra dos *airbags* dispararem neste Volvo, eu invado a Suécia, juro que invado!

– Ali. Ali em cima. Dá para o prado que vimos no mapa.

– Não vejo ação nenhuma. Vês alguma ação? Onde é que os tipos se meteram?

– O rádio calou-se. Não posso meter-me por entre as árvores.

– Então, nada feito. Vamos a pé.

.....

O interior da casa está escuro. Sheldon leva a espingarda avariada enfiada debaixo do braço esquerdo, como um conde britânico pegaria numa caçadeira depois de uma boa caça aos patos. Na mão direita, tem a faca. No vestíbulo, vê botas, cachecóis, gorros, casacos, canas de pesca e uma caixa de velas. Mais do que isso, não dá para ver. Também não importa. Já não é o meio físico à sua volta que importa. Ele já não é Donny, o rapaz soldado das verdes colinas do oeste do Massachusetts, que viria a tornar-se um nova-iorquino, um marido e um pai falhado. Já não é o homem que foi durante a guerra. O homem que lutou para encontrar o seu lugar. Agora, ali, vestido como um tolo entre os loucos, torna-se o homem que precisa de ser.

Enfrentando a escuridão, anuncia alto e bom som, para que ninguém dentro de casa tenha dúvidas sobre o que está a ser dito:

– Sou o general Henrik Horowitz Ibsen. E vocês estão cercados!

Capítulo 23

Na sala, perto da cozinha que liga ao vestíbulo, Gjon recebe a pistola do Preto e está a inspecioná-la, quando o general se anuncia. Burin sua por todos os poros, agarrado à faca. Enver olha para dentro da cozinha, incrédulo.

Enver fala com Zezake em albanês.

– Disseste que não estávamos sozinhos.

– Tinha razão.

Enver solta um resmungo. O Preto continua a segurar na sua espingarda. Enver tem a faca presa no cinto.

– Queres que vá tratar-lhe da saúde? – pergunta o Preto.

– Fica com a miúda. Podemos precisar dela como trunfo.

– O que é que queres que façamos?

– Eu, eu vou para a Suécia com o meu filho. Tu – diz ele – e tu e tu vão ficar aqui bem firmes e certificar-se de que eu lá chego.

O suor de Burim pinga-lhe para os olhos e, quando ouve Enver dizer isto, só lhe apetece chorar como um bebé no pescoço de Adrijana e retirar tudo, retirar todas as discussões e protestos estúpidos que fez na vida. Dizer-lhe que ela tinha razão em tudo. Dizer-lhe que correu tudo horripelantemente mal e que ele nunca tinha percebido que nada daquilo era um jogo nem nunca o fora. Parecera-lhe simplesmente... surreal. Sim, como um sonho ou uma alucinação. Estava a pisar um universo que não compreendia e nunca quisera que nada daquilo acontecesse. Que nada chegasse àquele ponto.

– Eu vou! – diz Burim, e antes que qualquer um dos três homens possa dizer seja o que for, precipita-se para a cozinha.

Dá a volta à mesa da cozinha em cinco longas passadas e, quando vê Sheldon, deixa-se cair de joelhos à frente dele e, levantando os olhos, suplica em inglês:

– Deixe-me ir. Por favor. Deixe-me ir.

– Dá-me a tua arma.

– Não estou armado.

– A rapariga está bem?

– Está. Por favor, deixe-me ir.

– Onde é que ela está?

– Chhh. Está na sala. Por favor. Deixe-me ir. Por favor.

– Está bem. – E Sheldon afasta-se para o lado.

Burim põe-se de pé e olha para trás. Está dentro de casa há muito tempo. Os seus olhos estão mais do que adaptados à luz. Vê mais do que sombras. Vê o mal

encarnado que está ao virar da esquina. Irá para casa. E pedirá desculpa por tudo o que fez.

Abre a porta, salta os dois degraus e corre. Corre com toda a energia que tem no corpo jovem. Corre com medo e com determinação. Corre para a estrada de terra batida ao fundo do prado, onde derrubaram o norueguês e a americana da moto, na noite anterior, quando eles tentavam fugir. Irá ao centro da vila apresentar-se à polícia. Pedirá perdão e aceitará o seu castigo, e tentará tornar-se o homem que Adrijana sempre quis que fosse.

Sigrid e Petter já saíram do Volvo e encaminham-se para a casa, quando veem um rapaz agarrado a uma grande faca a correr para eles com a convicção do diabo. Vai direito a eles, cada vez mais perto. Sigrid empunha a sua Glock e faz pontaria.

Em norueguês, grita:

– Alto ou disparo.

Mas Burim não fala norueguês.

– Alto ou disparo – avisa ela, uma segunda vez.

Mas Burim, demasiado assustado para parar, não para. Nem sequer sabe que leva uma faca na mão, por isso não lhe passa pela cabeça deitá-la para o chão. Não consegue sequer imaginar que ali está.

Sigrid dispara e Burim cai.

Sheldon verifica o relógio, quando ouve o tiro lá fora. São duas e vinte da tarde, o que não significa absolutamente nada para ele. Que importância é que isso pode ter?

Esse pensamento já lhe tinha ocorrido uma vez, quando Saul tinha doze anos. Estavam a meio do verão, em Nova Iorque. Qualquer coisa empolgante – não para Sheldon, mas para Saul e os amigos – estava prestes a acontecer em Union Square e ele tinha de sair porta fora naquele *preciso instante*.

Mas houve qualquer coisa que chamou a atenção de Sheldon. Também eram aproximadamente duas e vinte da tarde e Mabel estava a começar a tratar do jantar, enquanto Sheldon engraxava todos os sapatos pretos que havia em casa.

A coisa que lhe chamou a atenção foi um relógio no pulso de Saul, que não era o pulso onde o relógio devia estar. Lembrando-se disso, enquanto dobra a esquina que dá para a sala do chalé, para ver a neta, Sheldon não se consegue lembrar de que tipo de relógio se tratava. O que é estranho, porque fizera um alvoroço por causa dele.

– Ei. Onde é que vais? – perguntara a Saul.

Saul detivera-se, derrapando no chão, e lançara-se numa tal torrente de palavras que Sheldon percebeu que o que quer que ele estava a dizer só podia ser verdade e arrependeu-se de imediato de ter perguntado, porque, sinceramente, que importância é que aquilo tinha?

Interrompendo-o, levantara a mão e dissera:

– Sim, sim, OK. O que é que levas aí no pulso?

Saul baixara os olhos como se a pergunta fosse uma rasteira qualquer.

– Um relógio.

- O meu relógio.
- Sim, e daí? Uso-o montes de vezes.
- Mas, ainda assim, tens de pedir autorização.
- Uso-o montes de vezes! Peço sempre autorização e o pai diz sempre que sim.

Posso ir agora?

– Calma aí. É importante perguntar. Todas as noites, a seguir ao jantar, eu pergunto à tua mãe se ela quer que eu lave a louça. Ela diz sempre que sim, mas eu pergunto na mesma.

– Isso não é a mesma coisa.

– Porquê?

– Sei lá porquê, mas não é. Posso ir agora?

Saul. O meu filho. Deu-me a volta aos doze anos. Mas não o fez no momento crucial da sua vida.

Sheldon entra na sala.

Estão à sua espera. Três homens: aquele que Sheldon não conseguiu matar, um que ele nunca viu e o outro do Mercedes branco. Sheldon olha para os sapatos deles.

– Os meus homens cercaram-vos – diz Sheldon. – Rendam-se. Soltem o homem, a mulher e a criança. Talvez sobrevivam.

Enver examina o rosto dele intensamente. Sheldon sente-o a tentar penetrar o seu próprio olhar intenso. Está a tentar estabelecer uma ligação por detrás das camadas de tecido e mato e bravata. E por mais próximo que Sheldon esteja de levar a sua farsa avante, há uma coisa que ele não pode disfarçar: a idade.

– Estou a reconhecer-te – anuncia Enver.

– E eu reconheci-te mesmo antes de nasceres.

É só nesse momento que Rhea acredita nos seus ouvidos, e só mesmo nos seus ouvidos. Embora ele esteja mesmo à sua frente, ela não o reconhecera à vista. E também não o teria reconhecido, se ele ali estivesse de roupão e chinelos, com a caneca de café em punho, porque é impossível ele ali estar. Ele ali existir, naquele mundo, naquele instante.

– Vô?

– Rhea – diz ele.

Lars não está ali e Sheldon teme que esteja morto.

O menino, fisicamente ileso, encontra-se de pé a um canto. Como sempre, está demasiado traumatizado para falar.

– Vô! – grita ela.

Enver vai partir agora com o miúdo. E antes de o fazer, vai matar o velho.

Sheldon dá um passo atrás, cambaleante, quando Enver avança. Sheldon deixa cair a espingarda e ergue a faca para um derradeiro ataque. Quer cravar a lâmina no pescoço de Enver, mas falta-lhe a força. As leis arbitrárias do tempo levaram-lhe as suas últimas defesas.

Com bravura, lança-se contra o peito de Enver. Mas falha.

O golpe de Enver é duro e experiente. Corta Sheldon da carótida esquerda até ao peito.

Sheldon leva a mão direita ao pescoço e cambaleia para trás, para dentro da cozinha, contra a mesa.

Cumprida a missão, Enver agarra no menino – que agora grita – e, metendo-o debaixo do braço, leva-o pela porta dos fundos. Os gritos do menino são ensurdecedores e Enver grita com ele em albanês para que se cale. Para que pare de berrar. Para que acabe com aquilo senão apanha. Mas o menino não se cala.

Não se cala, quando Enver o arrasta para a moto-quatro estacionada nas traseiras da casa, que está à espera para os levar para a Suécia.

Não para de gritar, quando capta um vislumbre de um homem de farda preta com uma pequena espingarda preta.

E não para de gritar, quando vê Lars Björnsson emergir como um fantasma de detrás de uma possante faia com um arco e lançar uma flecha em composto de carbono para o coração do monstro.

Sheldon já não tem a certeza do que vê ou ouve.

A vida – seja lá o que for aquela vida – está a esvair-se. É possível que Rhea se tenha posto de pé de um salto e empurrado o homem que Sheldon não conseguira matar contra uma janela e, de alguma maneira, o peito dele tenha explodido como se balas silenciosas lhe tivessem penetrado o tórax vindas do lado de fora da janela. E sem emitir um único som, o terceiro homem – que estivera parado, em silêncio, a um canto, de pistola na mão – caiu sem vida no chão.

É possível que ela tenha corrido para ele e o tenha posto de pé, puxando-o para a porta da rua, chamando-o: “Vô, vô.”

É possível que, juntos, tenham caído porta fora e se tenham esparramado no chão frio, o sangue dele escorrendo para a terra.

O que é certo, porém, é que a luz à volta dele era resplandecente e maravilhosa.

:::::

Aparece uma mulher. Está fardada e tem um rosto bondoso. Deve ser uma enfermeira, depreende ele. Vê homens de fato escuro a correr à sua volta. Talvez sejam auxiliares hospitalares. Esta enfermeira sorri-lhe. É o sorriso quente e afetuoso de alguém que tem boas notícias.

A Mabel deve ter dado à luz. O parto deve ter terminado.

Sheldon estica a mão e toca suavemente na face de Sigrid.

– O meu filho. Ele está bem? Está bem de saúde?

– O seu menino está bem, Sr. Horowitz. Está impecável.

Agradecimentos

Este livro foi escrito em 2008, em Genebra, Oslo e Fornalutx. O final veio-me à mente instantes antes de o meu filho, Julian, nascer, nesse mês de abril.

Não sei muito bem até que ponto este livro foi escrito por mim e o quanto foi escrito pelo próprio Sheldon. Portanto, aqui lhe deixo o meu agradecimento pela ajuda toda que ele me deu. O que não significa que tenha sido fácil trabalhar com ele...

Fui buscar os termos *snarf* e *twerp* à entrevista que Kurt Vonnegut deu à *Paris Review*, em 1977. Desconfio de que ele teria ficado deliciado.

O farol de Palmi-do, em Inchon, na Coreia, foi construído em 1903. Em 2006, foi considerado obsoleto e substituído por um moderno, mas a torre diminuta, de oito metros, ainda se ergue à sombra da sua grande irmã.

Excecionalmente, foi na Noruega que este livro saiu pela primeira vez, em 2011, publicado em norueguês, apesar de ter sido originalmente escrito em inglês. A história sofreu algumas alterações depois disso. Considero que a edição em língua inglesa é a definitiva.

Em 2012, sessenta e sete anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, o governo norueguês apresentou finalmente o seu pedido oficial de desculpas ao povo judeu pelos seus atos durante a Ocupação.

O meu especial agradecimento a Henry Rosenbloom e a Lauren Wein pela sua ajuda a nível editorial.

Agradeço, do fundo do coração, à minha mulher, Camilla, graças a quem tudo é possível e tudo tem sentido. E à minha filha, Clara: já és uma fonte de inspiração.

Table of Contents

[Ficha Técnica](#)

[PRIMEIRA PARTE](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[SEGUNDA PARTE](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[TERCEIRA PARTE](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Agradecimentos](#)